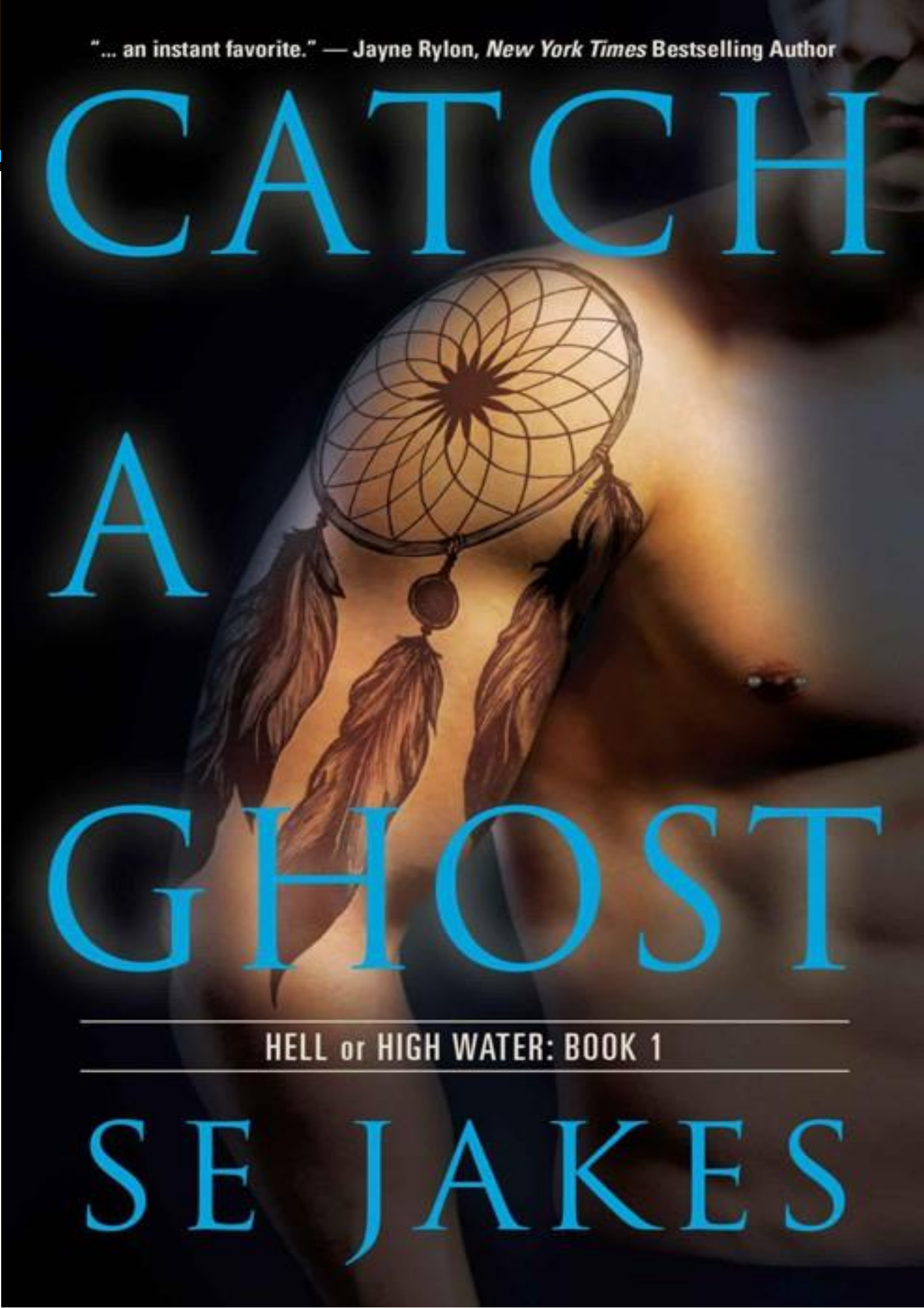
"... an instant favorite." — Jayne Rylon, *New York Times* Bestselling Author

CATCH A GHOST



HELL or HIGH WATER: BOOK 1

SE JAKES



Todo mundo sabe que Prophet, ex-SEAL da Marinha, ex-espião da CIA, dor no rabo em tempo integral - trabalha sozinho. Mas seu chefe na Extreme Escapes, Ltd. acaba de designar à Proph um novo parceiro e um caso assombrado por fantasmas do passado de Proph. De repente, ele tem que enfrentar os dois de frente.

Tom Boudreaux - agente que falhou no FBI, xerife falido, crente em má sorte em tempo integral - está se perguntando por que o chefe de uma firma contratante privada o perseguiu para lhe oferecer um emprego. Ainda assim, ele está determinado a ter sucesso dessa vez, apesar de ter sido associado a Prophet, o agente mais bem-sucedido, letal e irritante da EE, em um caso que ressuscita seu próprio passado doloroso.

Juntos, Prophet e Tom devem encontrar uma maneira de derrubar os assassinos no perigoso mundo das lutas subterrâneas na gaiola enquanto lutam contra sua própria atração perigosa. Quando eles se pegam no fogo cruzado, esses dois solitários devem confiar um no outro e trabalhar juntos para escapar de seus fantasmas... ou pagar o preço



TRADUÇÃO



SEKHMET

KM

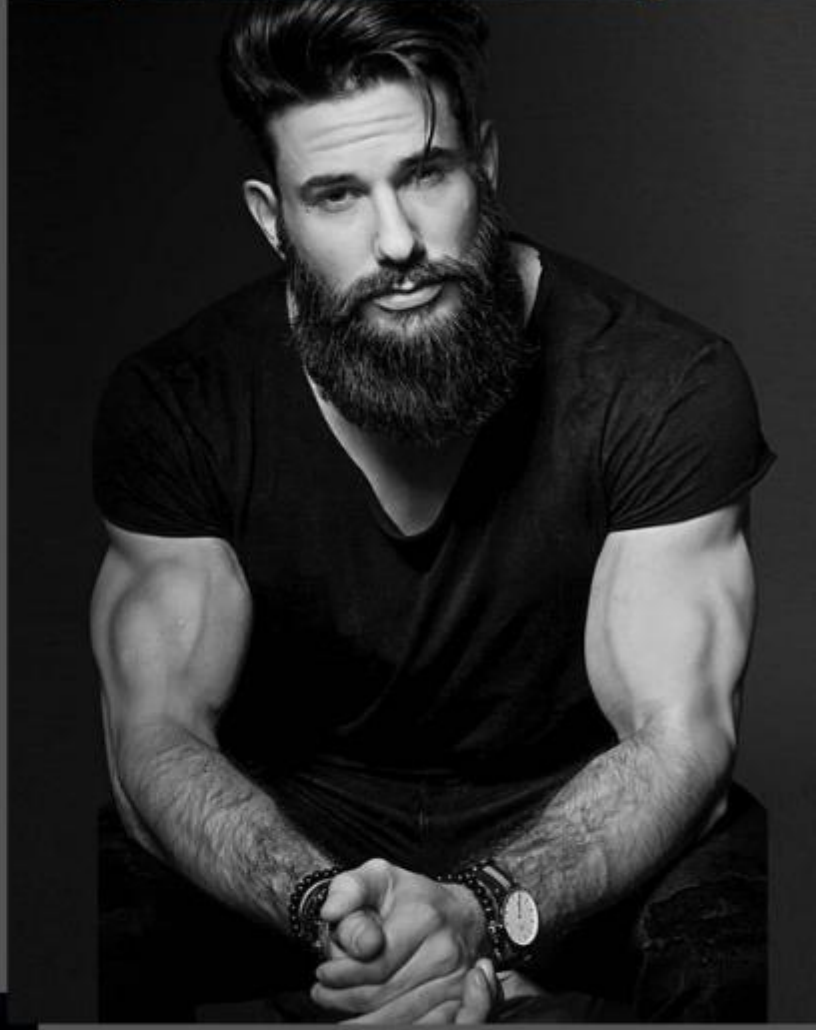
REVISÃO E ARTE



KAVARR

TODO SANTO TEM UM PASSADO E TODO PECADOR TEM UM FUTURO.

Oscar Wilde





VOCÊ NÃO SABE PARA QUE ESTÁ VIVO ATÉ SABER PELO QUE VOCÊ GOSTARIA DE MORRER.

Martin Luther King Júnior.

Kardia Mou



Para JH, porque tudo começou com você.



PRÓLOGO

O e-mail criptografado foi enviado para o endereço de e-mail particular de Tom Boudreaux. Ele não podia rastrear suas origens, mas depois de assistir ao vídeo anexo, ele estava apostando que não tinha vindo de nenhum dos homens que ocupavam os cargos principais.

A filmagem era datada há uma década. A qualidade era granulada e um pouco escura, mas estável, provavelmente feita por uma câmera montada fixa em um ângulo levemente inclinado para capturar o que parecia ser o interrogatório de um prisioneiro militar.

O tiro de abertura mostrava uma pequena sala, cortada ao meio por uma mesa. Dois homens sentavam-se em cada lado. O rosto do primeiro homem estava sombreado - propositadamente, talvez - e ele estava vestido com uniformes de batalha. Diretamente em frente a ele estava sentado um homem mais jovem, com o rosto à vista, os pulsos algemados, a corrente passando por um anel de metal preso à mesa à sua frente.

Seu cabelo era loiro e cheio de suor e sangue. Seu nariz parecia quebrado; seus olhos já estavam machucados embaixo. Seu peito estava nu, exceto por suas dog tags[1] e algumas fitas enroladas em torno de suas costelas. Havia contusões suficientes em seu corpo para derrubar a maioria dos homens.

---

1 



Mas não esse aqui.

Ele não se mexeu no assento nem parecia desconfortável ou assustado. Em vez disso, ele ouviu as perguntas do interrogador em silêncio, e com o que poderia ser realmente um traço de diversão.

— Por que você estava na fronteira?

— Quem te mandou?

— Você é um espião?

A certa altura, o prisioneiro começou a cantarolar, cantando baixinho, palavras de uma música que Tom não conseguia identificar.

O interrogatório parecia ser para foder sua mente. Mas esse cara - que parecia ter talvez dezenove anos, ou próximo disso - era melhor em foder do que ser fodido, e isso deixou o interrogador irritado. Ele bateu na mesa, repetindo as perguntas, e o jovem manteve sua rotina de cantar/cantarolar. Desta vez, Tom entendeu algumas das palavras - *mundo e vida* - e percebeu que os dois homens eram americanos.

Talvez seja apenas uma sessão de treinamento? Tom sabia que eles poderiam ser brutais, especialmente para os operadores das Forças Especiais.

O interrogador falou, uma explosão baixa e curta - Tom não conseguiu captar, não importando o quanto ele ouvia com atenção, não importava quantas vezes ele rebobinara - antes de estender a mão pela mesa e arrancar as dog tags do jovem, forte o suficiente para puxar seu corpo para frente antes que a corrente quebrasse.

— Nós sabemos que você matou um homem inocente. Ninguém virá para te ajudar.



O interrogador jogou as placas ao redor da sala. Tom não podia ver onde elas pousaram, mas ele ouviu o tilintar sinistro quando atingiram o chão.

O sangue de Tom gelou quando algo nos olhos do jovem mudou. Não tinha nada a ver com as palavras do interrogador. Não, aconteceu quando as tags foram jogadas fora.

Os próximos movimentos levaram apenas alguns momentos. O rapaz conseguiu levantar a mesa com os pulsos ainda presos a ela, derrubou o interrogador no chão e prendeu-o no pescoço com uma perna de mesa. A câmera ficou bloqueada por alguns segundos enquanto outros homens corriam para a sala, todos gritando.

Quando os homens limparam o espaço da câmera, Tom viu o jovem se recusando a se mover, mesmo com armas apontadas para a cabeça. Seus joelhos estavam sobre a mesa e ele estava equilibrado apenas o suficiente para que o interrogador pudesse respirar. Mas se ele se inclinasse para a frente, mesmo um pouco...

Nenhum dos homens estava apressando-o, provavelmente com medo de que ele se movesse e quebrasse o pescoço do interrogador. O jovem virou a cabeça para a câmera, com os dentes à mostra num rosnado feroz, e então o vídeo foi interrompido abruptamente.



CAPÍTULO UM

Um mês depois.

Prophet não gostava de ficar quieto, achava quase impossível fazê-lo a menos que fosse uma situação de vida ou morte - e isso tinha que ser literalmente vida ou morte e não alguma ameaça estupida do tipo *fique parado ou mato você.*

Agora, ele deveria estar sendo um bom garoto de escritório. Fazendo papelada, o que o irritava de qualquer maneira, mas mais porque ele estava usando não um, mas dois gessos. Maldito seja. Ele olhou para os moldes azuis que cobriam suas mãos e antebraços, logo abaixo dos cotovelos, e lutou contra a vontade de bater na mesa. Ele tinha feito isso uma vez antes - tinha rachado ao meio, mas tinha sido um tipo diferente de gesso. Estes poderiam aguentar uma granada e eles não abririam, graças aos truques do Doc.

Havia algumas marcas em um de onde ele tentou vê-lo com sua faca, mas isso acabara de tornar as pontas um pouco mais nítidas e a coisa toda mais irritante do que tinha sido, o que já era bastante desagradável. Embora ainda não fosse tão irritante quanto a papelada.

Ele planejava corrigir essa situação assim que o escritório esvaziasse um pouco - com um fósforo, uma lata de lixo e um alarme de fumaça desativa-

O telefone tocou. Ele olhou para aquilo como se isso o fizesse parar. O serviço de mesa não era seu forte, e esse era um dever de mesa



sério. Foi parcialmente por causa de seus ferimentos - embora ele tenha se machucado antes - mas principalmente por causa do que ele considerou uma pequena infração em sua última missão.

Obviamente, seu chefe discordou que invadir um prédio protegido por vinte guardas e um sistema de alarme de última geração, sem esperar pelo apoio, e com um ladrão que não tinha tecnicamente, como naquela missão, sido um funcionário da Extreme Escapes, foi uma infração menor (embora ele gostaria de salientar que todos os mocinhos tinham vivido, muito obrigado), mas o inferno, Phil Butler tinha conhecido ele por tempo suficiente para perceber que nada com ele tinha a ver com as regras.

Como o maldito telefone não calou a boca, ele finalmente respondeu: — Sim, — e então alguém gritou no ouvido dele. *Oh, inferno não, ele não fez isso*. Ele desligou e começou a tocar de novo quase imediatamente. Ele diminuiu o volume e começou a desenhar em seu gesso, destacando o número que ele tinha conseguido no bar na noite passada, antes de Phil entrar no escritório de Prophet - sem avisar e sem bater - e jogou arquivos em sua mesa.

— Ah, vamos lá, cara. — Prophet olhou para eles. — Eu terminei estes.

— Não completamente.

— Eu pensei que o benefício de trabalhar aqui era não ter que fazer essa merda, — ele reclamou, mas Phil apenas sorriu. Porque Phil estava cuidando dele, ele sabia, para assumir a EE. Mas o velho não era tão velho, e ele não ia a lugar nenhum por um tempo.



Além disso, Prophet achou que deveria ser grato por ainda poder fazer merda como papelada.

— Termine e comprarei o almoço para você. — Disse Phil.

Prophet começou a acenar, em seguida, empurrou para trás em sua cadeira, que voou, parada apenas pela parede.

— O que você quer?

— Você é tão desconfiado.

Prophet apontou um dedo para ele.

— Porque você só compra o almoço quando está fazendo merda. O jantar é reservado para alguém que está morrendo.

Phil apertou os lábios, apertou o polegar e o indicador na ponta do nariz - o clássico “eu estou tentando me segurar então não mando Propheta a merda” - e disse: — Você terá um parceiro.

— O que?

Phil falou mais alto.

— Você terá um...

— Eu te ouvi. São os olhos, não os ouvidos.

— Ei, você fez uma piada.

Prophet não podia nem começar a amaldiçoar o homem por isso. Ele estava muito perturbado com a coisa do parceiro.

— Porque agora? Faz um ano.

— Eu sei. Você não é o homem mais fácil de fazer parceria.

— Então, por que tentar? — Prophet aterrou.



— Porque estas são minhas regras.

— Você é dono deste lugar - você pode mudar as regras quando quiser.

— Verdade. — Phil esfregou o queixo com dois dedos enquanto contemplava as palavras de Prophet, depois sorriu. — Tente esta nova regra novamente - quando você não puder encomendar material de escritório.

— Isso não vai funcionar.

— Tem que funcionar.

— Este não é outro dos seus casos de caridade de cadeia, é? — ele perguntou, e Phil encolheu os ombros. — Ah, vamos lá. Quem é ele? Algum idiota fresco das Forças Especiais, pensando que ele é algum fodão?

— E isso o diferenciaria de você, como?

Prophet apontou para ele.

— Bom, Phil. Vamos, responda a maldita pergunta.

Phil admitiu, inclinando-se sobre a mesa enquanto dizia: — Mais recentemente, ele foi xerife em uma das paróquias de Nova Orleans. Ele é ex-FBI também.

Prophet gemeu, colocou a testa na mesa e bateu levemente várias vezes. — Eu não sei o que é pior - a parte Cajun[2] ou a parte FBI. Não

[2] são os descendentes dos acadianos expulsos do Canadá e que se fixaram na Luisiana, um estado do sul dos Estados Unidos da América. Esta população tem uma cultura própria, em especial uma variedade de música popular e de culinária que já ultrapassaram as fronteiras daquele país.

temos ninguém aqui que seja um criminoso de carreira? Eu poderia pelo menos aprender algo útil.

— Só Blue - e ele já fez uma parceria, — afirmou Phil. — E estamos sendo um pouco dramáticos, não?

— Não, — Prophet ficou sem palavras. — Olha, eu vou fazer um trabalho com ele, mas essa coisa de parceiro permanente...

— Você sabe porque eu estou fazendo isso.

Prophet endireitou-se.

— E daí? Esse cara vai ser como meu cachorro do Seeing Eye[3]? Porque eu poderia apenas pegar um cachorro de verdade, você sabe. Economizaria muito tempo e dinheiro para todos.

— Sim, isso daria muito certo ao saltar de aviões.

— Estou bem por enquanto, Phil. Eu não estaria aceitando missões se não estivesse.

— Eu sei. Eu recebo seus relatórios médicos.

— E quando eu não estou...

— Eu me preparo para todas as eventualidades. — Disse Phil, ecoando o que o Prophet dizia a ele diariamente. — E eu não estou discutindo isso com você. Essa coisa de parceiro é definitiva.

Prophet sabia que não deveria continuar discutindo. Ele esfregou suas bochechas com as pontas dos dedos, percebeu que precisava se barbear. Ele olhou para o suor encharcando sua camiseta que usava

[3] é uma escola de cães-guia localizada em Morristown, Nova Jersey, nos Estados Unidos.



porque ele veio direto do treinamento, sem se preocupar com coisas como um banho. Ou sapatos.

— Tudo bem, — ele murmurou. — Mas não espere que eu goste dele.

Phil entregou-lhe outro arquivo que ele havia guardado debaixo do braço.

— Nova missão intel. E eu nunca sei o que diabos esperar de você de qualquer maneira. Ele estará aqui em breve.

— Como assim em breve?

Mais uma vez, Phil beliscou o nariz e foi embora, amaldiçoando-se em voz baixa. Prophet tinha esse efeito em todos, ele supôs.

Não havia tempo para tomar banho ou trocar de roupa. Mas inferno, ele não estava querendo impressionar. Talvez o cara pensasse que ele parecia um morador de rua e exigisse outro parceiro.

Deu o maior suspiro e saiu do escritório com o novo arquivo operacional para invadir o armário de suprimentos na área comum, procurando por seus lápis favoritos. Porque quando ele era forçado a atuar em uma mesa, ele queria seus suprimentos favoritos. Ele estoques demais?

Aparentemente sim. E agora ele não podia nem pedir mais.

Ele pegou uma caixa de clipes de papel para tentar consertar a copiadora comum. Ele abriu um dos painéis que continha o suprimento de tinta, tirou o cabelo dos olhos com impaciência. Muito longo para a maioria dos empregos, talvez até mais do que ele realmente gostava, mas ele usava assim porque podia. Um lembrete diário de sua liberdade da



burocracia que o atrapalhara no passado. Mas a coisa era, ele não podia escapar do futuro que se aproximava dele como um meteoro trazendo um golpe mortal.

Ficar cego não precisa ser uma sentença de morte.

Para ele, ele se perguntou se seria.

Ninguém sabia, exceto Phil. Prophet havia dito a ele na esperança de que Phil não o quisesse para EE, que ele parasse de cortejá-lo e simplesmente fosse embora.

Isso não aconteceu, obviamente. Phil se certificara de que ninguém mais na EE soubesse, exceto Doc, e assegurou que o seguro de Prophet na EE cobrisse o especialista que ele agora via.

Dependeria de Prophet quando e se contasse a alguém na EE, e ele nunca faria isso. Não precisava de ninguém o tratando de forma diferente. Especialmente um novo parceiro.

Pensou em sair para almoçar, mas queria ver se o cara era pontual. Se ele não fosse, Prophet gritaria com ele. E se ele fosse, provaria que ele era algum tipo de beija bunda de Phil.

Uma sensação de mau presságio tomou conta dele e ele tentou sacudi-la, mas não conseguiu. Outra espiada no relógio, e ele olhou para baixo a tempo de ver Phil levar um homem ao seu escritório de canto.

Bem na hora.

Idiota.

Para se distrair, encostou-se à copiadora e folheou o novo arquivo da missão que Phil lhe dera. Ele e seu novo e irritante parceiro estavam prestes a voar para a Eritreia. EE mantinha uma segunda base de

operações lá. Na maioria das vezes, era estritamente recon, o que significava que você esperaria que algo acontecesse, checaria duas vezes por dia, e então talvez, se você tivesse sorte - ou azar - fosse mandado para fazer alguma coisa.

Ainda assim, Prophet sempre conseguiu encontrar alguns problemas lá. Era quente. Corrupto. E ele precisaria de muitas armas e dinheiro para pagamento. Camisas e doces para as crianças. E facas. Talvez outro machete[4] porque da última vez que ele esteve no país, quebrou o dele. Uma viagem infernal, sua lembrança era um cotovelo que doía quando chovia e uma cicatriz na nuca do cara que tentara cortar sua cabeça.

Com o próprio facão de Prophet. Então talvez ele desistisse da ideia de ter outro.

Elliot esteve no escritório da Eritréia, nos últimos três meses, enquanto se curava de uma ferida de bala. Prophet supôs que ele estava sendo enviado para curar também, e provavelmente para se relacionar com seu novo parceiro.

Filho da puta.

Ele olhou para o homem que saiu do escritório de Phil. O cara era quase tão alto quanto Doc, o que o colocou no alcance de um metro e noventa e cinco. E ele era largo, com cabelo escuro, mas homem, o chip em seu ombro era visível da porra da lua.

Prophet olhou para baixo em seus gessos e suspirou. Apertou nas bordas deles. Perguntou-se se ele entrasse em um pronto-socorro e reclamasse sobre a dor, se eles os tirariam para ele, então lembrou que

---

[4] facão



ele foi banido dos dois ERs mais próximos. Ele tirou o celular do bolso e procurou ERs no Google, a mais de 30 quilômetros de distância, sinalizando algumas opções viáveis, até que uma sombra caiu sobre ele.

Sem dúvida o homem gigantesco. Ele levou seu tempo olhando para cima e, quando o fez, estendeu uma das mãos fodidas.

— Eu sou Prophet[5].

— Sério?

— Por quê? Qual o seu nome? Jesus?

O cara não deu um sorriso. Um de seus olhos era verde, o outro, na maior parte marrom, e dava a ele uma aparência ligeiramente desequilibrada, como um cachorro alemão de pelos curtos que Prophet um dia possuíra. Mas cara, aquele cachorro sabia rastrear.

— Sou Tom Boudreaux. — Ele ignorou a mão estendida e Prophet a puxou de volta. Vi Phil pairando a poucos metros de distância. O que Phil achou que ele faria, daria um soco no cara bem no meio do escritório?

— Prazer em conhecê-lo, Tommy, — ele disse, sorrindo, e o cara revirou os olhos para ele e isso não seria divertido? Prophet esfregou os dedos na nuca. Cortar a cabeça com um facão seria mais divertido do que isso, mas ele se forçou a ser semi-humano. — Qual é o seu passado?

— Eu não digo às pessoas coisas assim a menos que elas me comprem primeiro o jantar. — O sotaque era profundo Cajun. As palavras arrastadas e o tom ritmado e fácil de sua voz fizeram com

[5] Profeta. uma pessoa considerada como um professor inspirado ou proclamador da vontade de Deus.



que Prophet quisesse lhe dar uma mão, principalmente porque sempre fora um sotaque irresistível. Em qualquer um, menos esse cara.

Ok, um pouco sobre esse cara. Fodendo o idiota da albufeira.

Mas aposto que ele pode definitivamente acompanhar.

— Cara, qual é a sua área de especialização? — Prophet tentou novamente.

— Qual a sua?

— Olha, eu não estou entrando em uma competição de mijo com você.

Tommy estreitou os olhos para ele.

— Não queria um parceiro?

— Nunca.

— Impressionante. Que bom que tiramos isso do caminho. Porque nem eu.

— Entendi, Tommy.

— Tom, — o homem disse uniformemente.

— O que eu disse.

— Isso vai dar certo, — disse Phil, mais para si do que para eles. — Ouçam, idiotas, todo mundo aqui trabalha com um parceiro. Não fodam isso ou eu vou foder. Vocês dois.

Prophet não duvidou - o ex-fuzileiro naval não tinha nem um metro e oitenta, mas ele era robusto e musculoso. E Prophet havia aprendido há muito tempo que ser maior nem sempre equivalia a ganhar, o que era bom para ele.



Não que ele fosse pequeno, mas um e oitenta era um anão nessa terra de gigantes com mais de um e noventa e cinco.

— Eu tenho merda para fazer, — ele disse a Tommy, virou-se para ele e foi a copiadora. A bandeja de papel nem sequer abriu, então ele bateu o molde algumas vezes, e a maldita coisa começou a trabalhar pela primeira vez em dias. — Eu deveria receber algum tipo de bônus por isso, — ele disse a Phil.

— Eu tenho um bônus para você, bem aqui, — Phil atirou de volta.

— Você não está falando sobre ele, certo? — Prophet apontou para Tommy. — Porque não.



CAPÍTULO DOIS

Conhecer o homem do vídeo não deveria ter sido tão malditamente inesperado.

Você realmente perdeu seu toque, Boudreaux. Você está fora do seu jogo.

Tom esperava que ele recuperasse tudo em breve. Como andar de bicicleta. Embora ele se sentisse mais como se tivesse acabado de cair de uma e ter sido atropelado no processo.

Por que diabos alguém lhe enviou aquele vídeo de seu novo parceiro - como alguém sabia que Prophet seria seu novo parceiro há um mês - era a questão mais urgente.

Não dizer a Prophet sobre isso era o melhor curso de ação até que ele descobrisse a resposta. Ele já tinha a prova de que Prophet era um maníaco - um letal, ambas as coisas talvez vindas da necessidade.

Ou talvez ele tenha apenas nascido desse jeito.

Ele era um par de centímetros mais baixo que Tom e mais magro. E não havia dúvida de que o homem tinha guerra em seus olhos. Tom não sabia se a população em geral podia vê-lo, ou se pararam na mão robusta, do jeito que ele parecia como se tivesse literalmente rolado para fora da cama... e não se estivesse dormindo.

Mas se você observasse de perto, veria que o olhar dele engolia áreas inteiras, que ele espreitava, em vez de simplesmente se mover. Que ele não perdia nada.



O homem era problema. Aqueles olhos o tinham trancado e carregado, e Tom teria se sentido menos conspícuo nu em um carro alegórico no meio do Mardi Gras. Ele não se assustava facilmente, mas isso poderia facilmente se tornar o maior problema que ele teve em sua vida, e isso era dizer alguma coisa.

Enquanto observava Prophet se afastar, Tom passou a mão pela nuca e depois xingou porque estava espelhando o homem.

— Isso foi bem, — disse Phil enquanto escoltava Tom para um grande escritório em frente ao dele.

— Esta é a parte em que você me diz que ele vai mudar?

— De jeito nenhum.

Pelo menos Phil Butler era um homem honesto. Cinco minutos antes de conhecer Prophet, Phil disse a ele: — Somos mais do tipo de empresa descubra do seu próprio jeito. Eu não tenho tempo para te explicar sobre seu parceiro ou missão.

Tudo o que Tom conseguira de Phil foi a idade de seu parceiro - trinta e um para os trinta e seis de Tom - e o fato de que Prophet era provavelmente um dos melhores agentes que Phil já vira, facilmente. Ele usou palavras como altamente qualificado, capaz e muita experiência de campo.

A EE tinha a reputação de fornecer aos seus agentes tudo o que precisavam, inclusive o que Phil gostava de chamar de liberdade criativa. Eles também deram a ele muito treinamento no último mês. Ele teve seu traseiro chutado por vários agentes para que ele aprendesse tudo, desde novas técnicas de mão e armamento até



demolições e explosivos. Foi um curso intensivo, um que Phil disse a ele que continuaria entre suas missões.

— O que mais eu preciso saber sobre Prophet ? — Tom perguntou a ele agora. — Nome verdadeiro, talvez?

Mas Phil ignorou sua pergunta, dizendo-lhe: — Você pode trabalhar aqui ou em casa. A maioria dos operários raramente vem a menos que haja uma reunião. Apenas conheça sua inteligência para sua primeira missão. Os detalhes estão no seu e-mail seguro. — Phil apontou para o laptop em uma mesa vazia antes de sair da sala.

O e-mail. Certo. Ele abriu o novo computador e descobriu que seu primeiro nome aparecia, junto com uma lista de senhas para ele redefinir. Ele fez isso rapidamente, ansioso para verificar se ele poderia obter seus e-mails seguros, sabendo que ele os leria quando estivesse fora deste lugar e longe do maníaco. Ele imaginou que se ele pode lidar com os Cajuns, ele poderia lidar com qualquer coisa. Ele poderia estar seriamente errado.

Alguém bateu brevemente na porta ainda aberta. Ele se virou para ver a mulher que havia encontrado antes - Natasha, do sistema de apoio - e fez sinal para ela entrar. Ela era alta e magra, e ele tinha a sensação de que seu tipo de corpo desmentia suas capacidades. Phil disse a ele que até mesmo a equipe de apoio sabia como se virar.

Natasha cuidaria dos computadores quando eles estivessem em missões. Pegando suprimentos. E agora, ela poderia ser sua melhor amiga aqui, porque ela perguntou:

— O que você quer saber? — com um pequeno sorriso brincando em seus lábios.



— Qualquer coisa.

Ela olhou para trás e se aproximou, em vez de fechar a porta. Sussurrou conspiratoriamente:

— Ele está trabalhando aqui há anos. Eu acho que ele foi o primeiro recruta de Phil quando ele começou a EE, mas seu arquivo está longe de ser encontrado. Novos parceiros sempre pedem por isso. Ele também é ex-Forças Especiais - SEALs, eu acho.

— Ah, foda-se.

— Certo. E acho que ele também esteve na CIA.

Pior. Muito pior. Ele queria bater a cabeça contra a mesa, e ela pareceu sentir isso.

— Ele não é tão ruim assim, Tom.

Sim, tudo bem.

— Qual é o nome verdadeiro dele?

Natasha sorriu largamente desta vez.

— Por que você não pergunta a ele?

Porque eu realmente não me importo.

— Eu vou. — Ele fez uma pausa. — Espere - vocês não se conhecem, certo?

Natasha deu de ombros.

— Eu te dei mais do que você vai ganhar dele em um ano.

Ainda não o impediu de fazer a pergunta que ele de todas as pessoas não tinha o direito de perguntar.

— Por que ele não pode manter um parceiro?



— Se isso ajudar, todos querem mantê-lo. Ele é quem desiste.

Agora isso foi interessante.

— Ele mataria você por me dar isso.

— Eu sei. Mas ele estragou meu pedido de suprimento duas vezes. Eu o avisei.

Tom não pôde deixar de rir quando ela saiu pela porta. Talvez houvesse esperança para este lugar ainda.

Foi só quando ele foi fechar a porta que ele percebeu que a coisa do outro lado da grande sala era uma escrivaninha. Coberta com uma lona de algum tipo.

Prophet chutou a porta aberta segundos depois, o que explicava as marcas pretas dos dois lados. Ele estava carregando uma lata de Coca-Cola e uma caixa de rosquinhas lançadas precariamente em cima de arquivos. Tudo isso foi jogado na mesa de Tom.

— Estamos compartilhando um escritório?

— Tecnicamente, você está compartilhando meu escritório, — Prophet apontou.

— Você vai ser um idiota o tempo todo em que estivermos trabalhando juntos?

Prophet sorriu.

— Eu sou o que eles rotulam de 'não bom com autoridade', Tommy.

— Ótimo. E é Tom.

— Mas você não é uma figura de autoridade, então enquanto você não agir como um idiota, não deveríamos ter um problema, certo?



— Sério, vou matar você, — Tom disse a ele, depois murmurou: — Se não puder esconder bem o corpo, valerá a pena ir para a cadeia.

— Eu ouvi isso, — Prophet disse por cima do ombro dele quando ele saiu da sala com os donuts.

— Eu disse para você ouvir.

Então ele estava preso com um idiota que era ex-Forças Especiais - e um possível prisioneiro de guerra, de acordo com o vídeo misterioso - e a CIA tinha dado ao mercenário louco permissão para vagar pela terra atirando nas coisas e acumulando destruição em seu rastro.

E ele resgata as pessoas também. Ajuda aqueles que não podem se ajudar, lembrou-se Tom. Porque este trabalho pagava bem, claro, mas as missões não eram frívolas e nunca eram contra os interesses dos Estados Unidos.

Sim, então o bastardo é um paradoxo ambulante.

Ele faria parceria com o cara para este trabalho, se provaria a Butler e depois pediria para trabalhar com alguém novo. Por tudo que ele sabia, Prophet, o Grande, faria a mesma coisa.

Quão ruim poderia ser?

Ele abriu o e-mail que encontrou e olhou para o bilhete que apareceu, revelando sua primeira viagem.

Para a Eritréia.

Com Prophet

Em um pequeno escritório.

Por três meses.



Então sim, era ruim. Realmente, realmente maldito, filho da puta horrivelmente ruim.

Então ele viu o e-mail real, que começava com: Prophet compartilhará os planos da missão com você.

Ok, certo.

Porque Prophet, é claro, não seria encontrado em lugar algum.

Não havia mais nada que lhe ajudasse a não ser um - o que levar para a missiva de viagem prolongada e um - não traga sua própria cláusula de armas. Ele bateu a tampa do computador, pegou o notebook e saiu dos escritórios da EE para sua Harley. Talvez um longo passeio tornasse tudo melhor.

Ele tinha que seguir em frente, porque não havia nada para o que voltar. Às vezes, não ter escolha tomava todas as decisões, por mais que parecessem ruins, mais fáceis.



CAPÍTULO TRÊS

Nenhuma arma sua bunda. Prophet nunca viajava sem alguma coisa, não dava a mínima para o fato de que o escritório da Eritreia tivesse C-4 suficiente para explodir o país e mais um pouco. Ele gostava de algo em sua própria pessoa em todos os momentos, e a faca de cerâmica passava com facilidade. Sua bolsa de viagem estava sempre lotada, uma em casa e outra aqui no escritório. Agora ele trancou algumas das armas que não arriscaria e preparou-se para não fazer nada além de preparar-se até a decolagem. O que deveria ter sido hoje à noite, no que dizia respeito a ele, mas sempre havia imprevistos.

Seu novo parceiro foi para casa. Mandou um email para ele e disse que ele o encontraria no avião, como se Prophet desse a mínima. Pediu os planos da missão, que Prophet relutantemente mandou Natasha entregar a ele. Eles não mandavam merda por e-mail quando não precisavam, não importa o quão seguro. Um mensageiro e, em seguida, a prova era queimada do modo como Phil aprendera a fazer as coisas, e ainda era a preferência do homem.

Também era sua preferência ter EE afastada das cidades mais ocupadas. É por isso que o escritório principal da EE era uma casa grande localizada várias horas fora de Manhattan. Tempo moderado durante boa parte do ano, fácil acesso aos pequenos aeroportos locais e também aos principais aeroportos internacionais. Dez funcionários de apoio trabalhavam no turno diurno de forma rotativa - o mesmo com a equipe da noite - e, em qualquer dia, havia alguns agentes circulando pelos corredores. E, supôs, Phil Butler estava sempre presente.



O escritório também contava com uma equipe de suporte de plantão de vinte e quatro horas, caso precisassem de apoio. EE era um emprego de vinte e quatro horas e sete dias por semana, e todos os que trabalhavam aqui tratavam-no com seriedade como se fossem agentes de campo. Porque os operários no campo dependiam daqueles homens e mulheres por trás das mesas.

Phil tinha sido um verdadeiro idiota com sistema de parceiros ultimamente. Sim, era mais seguro para a maioria, mas Prophet havia deixado a equipe para trás. Não se importava de ser o apoio de alguém, mas ele seria condenado se confiasse em alguém assim.

Teria que começar a confiar em alguém em breve, como Phil gostava de lembrá-lo.

Em vez de ir para casa, ele ficou em um dos quartos nos andares superiores do prédio de escritórios. Ele examinou o arquivo quatro vezes. Não precisava do mapa para dizer-lhe merda sobre a área, não como o maldito cara novo, e tanto quanto Prophet queria voltar ao campo, ele poderia pensar em um zilhão de outros lugares que preferia ir.

Ele andava de um lado para o outro como um leão furioso, puxando alternadamente os gessos. Parecia que cada um pesava quinhentos quilos, e Doc se recusara a tirá-los para a missão.

— Você pode atirar com gessos - use as duas mãos. Ou use uma faca. Ou deixe o seu parceiro cobrir você, — foi tudo o que o Doc havia dito. E, caramba, para o inferno, ele sabia que Prophet não precisava de um parceiro, poderia fazer um bom trabalho mano a mano e lidar com os gessos sozinho, uma habilidade aprendida por necessidade. E quando



Prophet disse isso a ele em seu tom mais descontente, Doc respondeu com facilidade: — Então você não precisa realmente do gesso, não é?

— Então, isso é como uma lição de vida? Porque eu não gosto disso, — Prophet disse a ele, e Doc apenas grunhiu.

Por volta de uma da madrugada, ele tomou banho com sacos de plástico nas mãos e braços, o que tornou muito mais difícil para lavar qualquer coisa, pegou o livro de bolso de Shogun da sua mesa para enfiar em sua bolsa junto com seu computador, pensou sobre sair para tomar uma bebida, e decidiu pela lanchonete em busca de comida. Encomendou o suficiente para colocá-lo em um coma de comida confortável, e flertou com a garçonete que era quarenta anos mais velha e continuava apertando sua bochecha.

Ele abriu seu laptop, conectou-se usando o Wi-Fi seguro de seu telefone e então inseriu o código de vigilância no programa privado que permitia que ele checasse seu apartamento. Tinha sido ligado seis meses antes para que ele pudesse monitorá-lo sem ter que pisar lá. Ele era no segundo andar com espaço aberto. Já fora um prédio industrial e comprara os dois últimos andares. Os dois últimos pertenciam a um financista internacional, que Prophet supunha ser um fantasma. E Prophet presumiu que o cara, chamado Cillian - e sim, ele já fizera piada com o nome dele - sabia o que ele era também. Eles cuidavam um do outro e do prédio, mas na verdade nunca se encontraram cara a cara.

Ele nem sabia que Cillian tinha comprado o maldito lugar até que ele recebeu uma mensagem do cara tarde da noite.



Espero que você não se importe, mas tomei várias medidas de segurança que você não tinha considerado. Aqui está o link para seus alarmes e câmeras.

Normalmente, você pergunta se alguém se importaria antes que você fizesse algo assim, ele respondeu.

É melhor pedir perdão do que permissão. Eu ouvi que esse é o seu lema.

É um bom lema quando sou eu que faço coisas que não devo fazer. Bons alarmes, no entanto, Prophet havia concedido.

Desde então, eles fizeram check-in com frequência suficiente. Flertaram, na verdade. E Prophet até considerou sexo por mensagem uma vez, quando ele ficou entediado na Eritreia, mas houve um bombardeio do lado de fora da porta quando as coisas ficaram quentes. Meio que arruinou o momento todo.

Desta vez, Cillian tinha ido embora a uma semana, de acordo com sua última mensagem. Não havia nada fora do lugar, exceto que ele roubou sua lâmpada de volta.

Prophet nunca tinha visto Cillian sem seu disfarce de empresário abotoado. Sabia que o cara era moreno e limpo. Ex-SAS[6], a julgar pela maneira como ele se comportava.

Era uma postura muito distinta.

---

[6] Serviço Aéreo Especial (em inglês: Special Air Service; sigla: SAS) é uma força especial do Exercito da Grã-Bretanha, conhecida pela sua alta capacidade em condições extremas. É considerada a primeira "SOF - Special Operation Force" e criadora das operações tipo "Destrua e Fuja". Dentre diversas forças especiais, a SAS é uma das mais respeitadas do mundo, pelo fato de ser quase uma unanimidade, assim mantendo uma influência tão grande no Ocidente como a Spetsnaz GRU da Rússia no Oriente.



Ele digitou: **Você pegou a lâmpada**.

Depois de alguns segundos, Cillian respondeu, **imagino que você soa indignado quando diz isso.**

Você invadiu meu lugar.

Várias vezes. E estamos tendo um pouco de memória seletiva que você invadiu meu lugar para roubá-la primeiro?

A vida corre mais suavemente na memória seletiva. Ele decidiu não contar a Cillian que o sofá seria sua próxima aquisição. **Eu estou saindo por um tempo.**

Novo caso?

Novo caso. Novo parceiro. Por que ele digitou isso, ele não sabia.

Cillian era muito afiado para deixar passar. **Você nunca mencionou um parceiro antes.**

Eu tive vários.

Eu imagino.

Parceiros de trabalho, Cill. Mente fora da sarjeta.

É mais divertido lá. Você e eu sabemos disso.

Prophet sorriu com a verdade nisso.

Então, você teve vários parceiros, mas nunca mencionou nenhum deles antes. *O que é sobre ele?*

Porra, ele foi longe.

Pode ser um permanente. Isso é o que está sendo ameaçado de qualquer maneira.



E como ele é?

Dor no rabo.

Não imagino que ele não esteja dizendo a mesma coisa sobre você. Houve uma longa pausa e depois, ***devo correr. Alguém apenas tentou me matar.***

Não consigo imaginar o porquê.

Prophet fechou o notebook para ter a última palavra e continuou comendo.

Seu celular tocou um pouco depois das duas. Ele fazia malabarismos com três telefones: o da EE, um privado que Phil não conhecia e, portanto, não conseguia identificar, e um terceiro que apenas uma outra pessoa no mundo inteiro tinha o número. Uma pessoa que amarrava Prophet ao seu passado tão completamente que o jugo poderia sufocá-lo se ele pensasse nisso com bastante força.

Mas esta noite, Prophet notou que estava quieto naquela frente. Como deveria ser. Como precisava ser. Ele não queria nenhum fantasma saindo da tumba.

Era o telefone da EE, o toque criado especificamente para Butler - Nazareth's, *Hair of the Dog* - e ele pegou no primeiro toque.

— A missão mudou.

— Para o quê?

Phil fez uma pausa.

— Eu não queria te contar pelo telefone, mas estou a caminho de sair do país e não queria deixar passar. Eu tenho más notícias. É sobre Christopher Morse.



— Ele está ferido?

— Ele está morto, Proph. — Prophet fechou os olhos quando as palavras de Phil o atingiram como um soco físico. Como se Phil soubesse, ele parou momentaneamente antes de continuar. — A polícia encontrou seu corpo em uma lixeira há alguns dias, mas não havia identificação. Eles tiveram que usar registros dentários, então ele já foi autopsiado.

Se ele tinha sido autopsiado, eles suspeitavam de um crime.

— Como ele foi morto?

— Você terá que obter essa informação do relatório do legista. Ele está dizendo para mim agora que ele tem uma identidade positiva.

Porra. Prophet fechou as mãos, o melhor que pôde, na mesa do restaurante e pensou nas velhas cicatrizes sob seus gessos, feitas com arame farpado enrolado em torno de seus braços e mãos, tornozelos e pés, cicatrizes que sempre o lembravam de quem - quem deixou para trás.

Não é sua culpa, Proph, sua equipe havia dito. Mas ele nunca acreditaria nisso.

Phil pigarreou.

— Você quer checar isso, certo? Ou devo enviar outra pessoa?

— Eu vou. — Disse Prophet, bem ciente de quão oca sua voz soava.

— Leve Tom.

— Eu posso fazer isso sozinho.

— Você não deveria ter que fazer isso. Faça o que for preciso para dar aos pais de Christopher alguma paz. Eu vou dar a Mick o outro

caso. Natasha vai soltar o arquivo para você a qualquer momento. Ela sabe onde te encontrar.

Porque Phil insistiu em chips GPS em todos os seus telefones e outros dispositivos. Assim Phil poderia encontra-los remotamente se um agente decidisse acoberta-los.

— Ok.

— E Prophet ?

— Sim?

— Mantenha a porra dos gessos.

Phil desligou, mas Prophet amaldiçoou-o de cima a baixo, mesmo assim. Cinco minutos depois, ele tinha o arquivo de Natasha, junto com novas passagens de avião para as cinco da manhã.

Ele pensou seriamente em não ligar para seu novo parceiro e apenas ir sozinho, mas ele não precisava ouvir a merda de Phil sobre isso. Além disso, uma missão com o fodido Tommy, Prophet teria a desculpa para se livrar dele.



O telefone tocou no meio do sonho de Tom sobre um telefonema e Prophet. Ele pegou seu celular enquanto checava a hora.

Três da manhã.

— Esqueça o arquivo. — A voz de Prophet, áspera, mas não do sono. Como Tom sabia a diferença - assistir ao vídeo cerca de trinta vezes

desde a tarde - e por que ele se importava era outro assunto inteiramente diferente. — Nós fomos realocados. Indo até você em vinte minutos.

Ele desligou. Tom não questionou como o homem sabia onde ele morava ou seu número de celular particular. Com Prophet como parceiro, ele supunha que a privacidade era coisa do passado.

Com isso em mente, ele se certificou de que a senha do seu computador estivesse definida, e ele o fechou com força.

Ele já estava com tudo empacotado, então usou seu precioso tempo para preparar café e depois pulou no chuveiro com água fria para mantê-lo acordado. O sono foi interrompido por sua incapacidade de sacudir as imagens de vídeo de Prophet de sua mente.

Como agente, costumava receber informações misteriosas e muitas vezes confidenciais regularmente. Mas aquilo foi anos atrás. Antes de receber o vídeo de Prophet, o e-mail mais importante que ele recebeu foi um convite para a confraternização anual dos bombeiros.

Ele salvou uma cópia do arquivo de vídeo em um pen drive, e escondeu o original entre seus arquivos de computador, junto com o e-mail original. Talvez EE tivesse maneiras de descobrir o que ele não sabia. Muita coisa mudou nos cinco anos em que ele havia saído do FBI. No começo, ele tentou manter a velocidade, mas tentar manter a mão no mundo que ele estava tentando parar não funcionou. Ele finalmente quebrou os laços completamente e voltou para seus velhos hábitos, que incluíam mais backdoor hacking[7] e correções do tipo “faça você mesmo” do que o protocolo jamais havia permitido.

[7] O backdoor é um recurso utilizado por diversos malwares para garantir acesso remoto ao sistema ou à rede infectada. Para esse fim, os códigos maliciosos podem explorar falhas críticas



O FBI não o queria de volta. A paróquia não o queria como xerife.

Mas Phil Butler entrou e ofereceu a ele uma chance. Uma chance com o diabo de um maníaco como parceiro. Prophet era impulsivo. Imprudente. Letal. E com certeza, no vídeo, ele esteve sob o que poderia ter sido uma situação de prisioneiro de guerra, mas tê-lo encontrado em uma situação sem risco de vida não mudara a opinião de Tom. O cara poderia colocar Tom em problemas muito facilmente, ou pelo menos não ser capaz de puxar Tom de volta de sua própria marca especial de impulsividade.

Tom sabia que ele tinha que estar em seu melhor comportamento maldito, se Phil disse isso ou não. Phil estava testando-o, e com razão. Mas mais do que isso, isso também era sobre ele e seus próprios demônios pessoais, e sua capacidade de conquistá-los. Se ele realmente quisesse voltar, teria que se segurar com firmeza e não ser embalado por um parceiro cujo estilo incluía construir uma bomba em seu escritório.

O que Phil estava pensando com essa parceria?

Quando Tom terminou com o banho, ele se enxugou enquanto entrava na cozinha. Serviu seu café. Estimulado com o copo até a boca e disse:

— Ainda tenho doze minutos.

— Vinte foi um palpite, — Prophet ofereceu.

Tom virou-se para a sala escura e viu seu novo parceiro sentado na única cadeira do quarto, com uma perna virada para o lado. Ele usava

---

não documentadas existentes em programas instalados, falhas características de softwares desatualizados ou do firewall, para abrir portas do roteador.



uma bandana verde enrolada na cabeça, cobrindo o cabelo completamente, e jeans que pareciam ter visto dias melhores.

— Como você ignorou o alarme?

— Não conto meus segredos. Por que você vive como um transiente?

Seu apartamento era metade de um antigo vitoriano. Uma mulher idosa era dona da casa e morava do outro lado. Ela tinha ajudantes 24 horas por dia e sua propriedade cuidava dos aluguéis. Phil montou tudo e Tom ficou grato. O lugar era velho, mas impecável. Aquecedor. Ar condicionado. Uma cozinha boa e tv a cabo. Uma garagem para sua motocicleta agora, e para o carro que ele compraria quando voltassem para os meses de inverno no norte do estado de Nova York.

Ele tinha duas malas, dez caixas e sua Harley. Essa era a sua vida.

— Onde está o resto da sua merda?

— Tentando minimizar minha pegada de carbono.

Prophet revirou os olhos.

— Cajun hippie.

— E acabei de chegar aqui.

— Faz duas semanas.

Como Prophet sabia disso? E o que mais ele sabia?

Você perguntou sobre ele - o que faz você pensar que ele não fez o mesmo?

Tom se recusou a mostrar fraqueza. Um homem como Prophet podia sentir isso.



— Por que você tem tanto tesão por mim? — Ele perguntou.

— É o meu trabalho. Qual é o seu?

— Ser seu parceiro.

— Isso tudo, Cajun? Porque eu estou começando a pensar que mentir para mim é uma coisa ruim.

Provavelmente era, e ele estava chateado com Phil por colocá-lo no meio.

— Disseram-me para mantê-lo seguro.

Prophet assentiu lentamente no escuro.

— Eu sabia que Phil iria te encher com algumas besteiras assim. Disseram-lhe para me manter longe de problemas - há uma grande diferença entre problemas e segurança.

— Com você, duvido.

Tom não sabia por que ele disse isso, como se já tivesse algum tipo de familiaridade com o homem. Prophet pegou também, parou. Mas tudo o que ele disse foi:

— Você não sabe nada sobre mim. Você vai se arrasar mais ou o que?

Tom conhecia várias coisas malditas, algumas apenas por pura observação - como o fato de que Prophet poderia ter uma carreira como ladrão e que ele era uma pessoa generalizada, de todo propósito - mas ele deu de ombros e bebeu seu café no caminho para seu quarto para se vestir. Era estranho não mais ter um uniforme de qualquer espécie. Ele supostamente se vestir como um civil era um uniforme em si, já que ele estava oficialmente disfarçado.



Se Phil lhe disse para manter Prophet longe de problemas, o que ele disse a Prophet sobre você?

Ele não achava que ele queria saber. Em vez de se concentrar nisso, ele pegou seu equipamento, mas congelou quando ouviu Prophet fazendo aquela coisa de cantarolar. A mesma melodia do vídeo - estava tão claro que ele não poderia tê-lo confundido. Ele ouviu por alguns minutos. Pensou em contar ao homem o que ele havia recebido.

Ao invés disso ele terminou o seu café, desligou a máquina e seguiu Prophet, que se ofereceu para ligar o alarme.

Tom deixou.

Prophet dirigiu um modelo antigo de Blazer que rodava como se tivesse algo extra sob o capô. O interior foi cuidadosamente mantido - as únicas coisas fora do lugar eram as etiquetas de identificação no chão sob os pés de Prophet. Havia duas xícaras de café para viagem nos porta-copos, além de um saco de fast food que Tom não iria comer.

— Onde estamos indo?

— O necrotério.

— Nós tivemos que levantar às 3 da manhã e fazer as malas para isso? — Tom perguntou em torno de um bocado de sanduíche de café da manhã quando Prophet rasgou a estrada.

— No Texas.

— Você sabe quanto tempo vai demorar de carro?

Prophet suspirou.

— Estamos tomando um avião. Você pode ler os arquivos no vôo.



Tom terminou o sanduíche e amassou a embalagem enquanto olhava o velocímetro.

— Isso acontece com frequência - o caso mudar?

Prophet se virou para encará-lo com um sorriso.

— E aqui eu pensei que você seria capaz de rolar com qualquer coisa, Cajun.

Nunca, ele queria dizer. Mas em vez disso, ele apontou para os gessos de Prophet.

— O que aconteceu? Você socou seu último parceiro?

Prophet voltou sua atenção para a estrada.

— Engraçado, Cajun.

— Então, por que Butler tem um tesão por parceiros? — Ele perguntou, porque a coisa dos parceiros de ódio - junto com odiar um ao outro - era algo que eles realmente tinham em comum.

Prophet suspirou, como se Tom fosse a pessoa mais chata do planeta.

— Ele acha que a EE deveria ser como outras agências a esse respeito, que a parceria impede que os operários percam o limite, desonestos, enlouquecidos. Esse tipo de merda. — Ele acenou com um braço para dar ênfase, mal ficando pendurado no volante com os dedos na outra mão enquanto o Blazer avançava para 90 quilometros por hora. — A EE não tem as mesmas regras que a CIA, o FBI ou até os militares, o que eu tenho certeza que você já sabe, mas Phil é um defensor dessa merda de parceiro. Não há como fugir disso. Não por muito tempo, de qualquer maneira.



Tom não sabia por que perguntara sobre parceiros. Ele *definitivamente* não queria falar sobre seus antigos parceiros em particular. Aquele assunto sempre fazia seu intestino doer, então ele balançou a cabeça e esqueceu.

Ele concordou em trabalhar na EE, porque assumiu que uma empresa privada contratava pessoas independentes. Capazes e dispostos a trabalhar sozinhos. Ele estava errado sobre isso, mas ele também ficou imediatamente impressionado com Phil Butler. E ele estava disposto a fazer qualquer coisa para voltar ao jogo.

— O que exatamente você faz? — Prophet olhou para ele, seus olhos cinzentos da cor de uma tempestade iminente. — Eu não posso fazer parceria com alguém a menos que eu saiba o seu negócio. Temos que ser capazes de trabalhar juntos de forma eficaz.

— Você nem quer um parceiro, então quem você está enganando?

— Estamos presos um ao outro. Você tem minha vida em suas mãos. E vice-versa. É hora da cooperação.

Tom sabia que esta seria uma via de mão única, mas isso não importava - ele não teria a vida de Prophet em sua consciência.

— Eu deixei o FBI cinco anos atrás. Eu era um agente de campo, não um jóquei de mesa.

Mas Prophet se concentrou em apenas uma coisa.

— Deixou?

— Foi pedido que eu me esquecesse disso. Uma grande foda em um caso. Eu me demiti em vez disso.

— Deixe-me adivinhar - foi tudo um erro. Não foi sua culpa.



— Foi tudo minha culpa.

Prophet olhou para ele com algo parecido com respeito. Se admitir o fracasso era o suficiente, bem, inferno, Tom tinha uma chance.



CAPÍTULO QUATRO

Sempre que havia um tumulto na segurança, geralmente era culpa de Prophet, por isso foi estranho ver um já em andamento enquanto ele caminhava em direção à área com um refrigerante do tamanho de sua cabeça. E ele estava quase terminando com a maldita bebida. De alguma forma.

— O que está acontecendo? — ele perguntou ao agente da TSA, que encolheu os ombros, checou sua identificação e deixou-o passar. Era um momento estranho para um vôo, então o terminal do aeroporto estava silencioso. Exceto por Tom, que acenava com os braços enquanto falava com o segurança.

Prophet ouviu as maldições de Tom no que Prophet assumiu ser o francês Cajun, e caminhou para resgatar seu parceiro.

Quem na verdade deveria estar mantendo Prophet longe de problemas.

Ele queria filmar isso e enviar para Phil. Melhor ainda, colocar no YouTube. Mas no momento em que ele chegou perto - porque ele argumentou sobre manter o refrigerante com a segunda agente, contando a ela sobre a hipoglicemia e o fato de que era apenas três gramas de refrigerante e muito gelo, e perdeu, e droga alguém lhe devia por isso - Tom tinha desaparecido.

Ele puxou o distintivo do Air Marshal que conseguiu para emergências como essa - e também porque estava mais do que qualificado para ajudar se houvesse algum problema em um voo - e perguntou à guarda feminina:



— Aquele cara está comigo. Qual é o problema?

— Ele foi escolhido aleatoriamente para uma revista. Encontramos seus piercings, e agora ele está se colocando na máquina de raios X, — ela disse cansada, como se tivesse visto tudo isso antes. E Prophet só podia dar de ombros em solidariedade enquanto observavam Tom subir na esteira rolante e deitar-se de costas.

Ela fez sinal para Prophet segui-la. Quando o raio-X de Tom veio através da máquina, Prophet quase mordeu a língua. Piercings visíveis nos mamilos e piercings ligeiramente mais borrados no seu pau. Jesus, ele não esperava isso.

Ele engoliu em seco e um segundo agente disse: — Puta merda. — E então Tom saiu, sorrindo para Prophet e os agentes.

— Eu disse que eles estão presos. — Disse Tom, começando a abrir o zíper da calça jeans. — Quer que eu te mostre?

Prophet não sabia com qual deles ele estava falando, mas ele assumiu que era a segurança. Para seu crédito, a guarda feminina simplesmente disse:

— Na verdade, sim, senhor. Eu não serei a sortuda de hoje, mas você ainda precisará de uma revista completa.

Tom revirou os olhos e disse:

— Claro que estou a sua disposição.

— As mulheres gostam disso? — Um agente masculino perguntou a Tommy.



— Os homens gostam mais, — Tom disse a ele, o que confirmou a Prophet que o puxão físico que ele sentia em relação ao homem não tinha sido sua imaginação. Sotaque do caralho.

— Cada um com sua coisa, — o agente masculino disse, enquanto Prophet rangia os dentes. — Por que você simplesmente não tirou as malditas coisas?

— Por que você não se cala? — Tom o cortou, e oh sim, isso estava indo bem e eles nem estavam no avião ainda. Enquanto Prophet colocava sua bolsa na segurança e passeava pelo detector de metais, Tom entrou em um quarto particular com dois guardas masculinos e saiu cinco minutos depois, os homens balançando a cabeça e Tommy ainda zangado com o mundo.

— Você está com ele? — um deles perguntou, e Prophet assentiu. — Boa sorte com isso.

Um dos agentes femininos da TSA enfiou algo no bolso da calça jeans de Tommy, apesar da afirmação anterior de Tom. E então ela sorriu.

Ignorando Tom e sua putaria, Prophet liderou o caminho pelo aeroporto até o avião que estava quase terminando de embarcar. Ainda era na classe econômica, o que sempre era uma droga. Mas a econômica do Texas era muito melhor que a da África.

— Querida, por favor, um pouco de cafeína, — disse Prophet para uma das comissárias de bordo quando ele passou pela pequena sala que abrigava os carrinhos de bebidas. — Coca-cola ficaria bem. Várias delas. Latas cheias, não os aquelas merdas pequenas.



Ele recebeu duas latas cheias assim que se sentou. Ele abateu uma imediatamente e abriu a outra. Encontrou Tommy olhando para ele.

— Acho que você não é uma pessoa matinal.

— Eu não conto as quatro da madrugada como manhã, — Tom disse irritado, e esticou o corpo dele o máximo que pôde para que sua camisa subisse um pouco. Ele não se incomodou em arrumar nada depois da revista, e parecia desgrenhado e diferente do que tinha sido no escritório na tarde de ontem. E apertado no pequeno espaço. — Eu vou dormir.

Talvez Tom quisesse, mas o cara era muito nervoso para isso. Não com raiva por mais tempo. Mais como distraído.

— Assustado por voar? — Prophet perguntou.

— Sim, claro, — Tom disse, mal ouvindo enquanto ele ligava os fones de ouvido. Prophet deu de ombros e desistiu.

O vôo estava bastante cheio, mas a pessoa do assento do meio não apareceu. Uma vez que as portas se fecharam e o avião estava se movendo em direção à pista, Prophet aproveitou a oportunidade para esticar as pernas no espaço. Tom estava mudando de posição, incapaz de se acomodar. Ele estava com os olhos fechados e os fones de ouvido com cancelamento de ruído da Bose, provavelmente esperando que eles pudessem bloquear seu parceiro.

Boa sorte com isso. Phil sempre disse que Prophet poderia levar Madre Teresa aos seus limites.

— Eu tomaria isso como um desafio pessoal, — Prophet tinha dito a ele, e Phil tinha feito o aperto na ponta do nariz enquanto murmurava alguma coisa.



O anúncio do capitão interrompeu seus pensamentos. Atraso no asfalto... back-up na pista, terceiro na linha, ou alguma merda assim. Outras pessoas gemeram e o avião diminuiu um pouco, mesmo quando o piloto assegurou que não demoraria muito.

Pensou em se dirigir ao cockpit para checar as coisas - na metade do tempo, ele acabou conhecendo o piloto ou descobriu que tinham alguém em comum - mas decidiu não fazer. Principalmente porque ele ainda estava jogando Air Marshal, mas também porque Tommy ainda estava decididamente nervoso.

Ele se preparou para relaxar, talvez dormir um pouco, quando seu radar de aviso interno disparou. Ele sempre teve mais consciência situacional do que a maioria, mas o treinamento que ele recebeu o levou a níveis que às vezes o deixavam louco.

Ele estava se virando em sua poltrona casualmente, tentando avaliar o que estava acontecendo, quando Tom abriu os olhos, tirou os fones de ouvido e disse:

— Algo está errado.



— Pessoal, nós estamos prontos. Comissárias de bordo, por favor, prepare-se para a decolagem.

Tom estava preparado para Prophet, no mínimo, lhe dar algum tipo de comentário espertinho. Mas o homem olhou diretamente para ele e disse:

— Perigo, ou alguma outra coisa?



Talvez tenha sido a primeira vez que um parceiro lhe perguntou isso, na verdade, levou-o a sério, e ele não sabia o que fazer com aquilo. Então ele disse:

— Outra coisa, — então Prophet ficou de pé e olhou por cima dos passageiros que estavam se sentando novamente, descendo pelos corredores dos banheiros, sendo levados para a seus lugares pelas comissárias de bordo.

— Até onde os seus instintos costumam acertar? — Prophet perguntou, meio ajoelhado, meio em pé em seu assento, segurando o encosto de cabeça enquanto se concentrava nos passageiros ao seu redor. — Porque eu estou supondo que não queremos estar no ar para o que está prestes a acontecer.

— Não, — Tom respondeu, ainda atordoado com a reação de Prophet.

As comissárias de bordo estavam a caminho, e Prophet disse algo sobre distraí-las enquanto Tom fazia as coisas. Ele sabia que seu tempo era limitado, então ele começou a andar, como se ele fosse algum tipo de bastão de adivinhação humano, porque às vezes isso funcionava.

Ele parou ao lado de uma fileira de três assentos no corredor de saída de emergência. No assento mais próximo a ele estava um cara grande com uma barriga grande.

Ataque cardíaco. Mas não ele.

Seu olhar se desviou para a direita, para a mulher magra no banco da janela que dormia, o telefone pronto para cair de sua mão. Ela era jovem, mas...



— Ela? — Prophet perguntou em voz alta atrás dele quando um alarme disparou em algum lugar no avião, fazendo com que as comissárias de bordo corressem para longe, e o telefone caiu da mão da mulher para o chão.

— Ela, — Tom disse quando seu rosto empalideceu. Ele se moveu para ficar na frente dela enquanto Prophet gritava pela aeromoça e um médico.

— Ela está dormindo, — Big Belly[8] disse.

— Desde quando? — Tom perguntou enquanto colocava os dedos no pulso do pescoço dela.

Big Belly deu de ombros.

— Nós estávamos conversando. Ela acenou com a cabeça. Imaginei que ela estava enviando uma mensagem de que não queria conversar. E não foi muito convincente, — acrescentou ele.

— Nem tudo é sobre você, — disse Prophet, enquanto Tommy tentava acordar a jovem.

Ela tinha talvez vinte e oito anos, um pouco pálida, mas foi a repentina falta de cor em torno de seus lábios que o alarmou.

— Eu preciso de O2, — ele disse a Prophet em voz baixa. — E vá até a bolsa dela - preciso do nome dela.

— É Kelly, — Big Belly ofereceu. — Ela está morta?

— E você se pergunta por que ninguém quer você, — disse Prophet quando Tommy tentou acordá-la com mais força, chamando seu nome e sacudindo-a um pouco até que ela abriu os olhos.

---

[8] Tipo de lixeira



Prophet entregou a ele a máscara de oxigênio que ele havia pedido - a comissária de bordo ligou o tanque portátil - mas antes que Tom a colocasse nela, ele perguntou: — Você tem um problema cardíaco?

— Sim, — ela sussurrou. — Comprimidos na minha bolsa.

Prophet, é claro, já havia encontrado e estava procurando os comprimidos de nitroglicerina, enquanto Tom a deixava respirar fundo na máscara.

— Você vai ficar bem. Os paramédicos estão a caminho, — Tom disse a ela. — Isso acontece muito?

— Ultimamente, sim, — ela disse.

— Aqui. — Prophet entregou-lhe a garrafa e Tom leu a receita, sacou uma pílula e ajudou Kelly a colocá-la sob a língua.

— Quão rápido essas coisas funcionam? — Prophet perguntou.

— Muito rápido, — Tom disse, sem tirar os olhos de Kelly. Ela agarrou a mão dele em algum momento, e ele apertou-a tranquilizadoramente quando a cor começou a retornar às suas bochechas.

Prophet alcançou entre eles, entregando-lhe o telefone que ela havia deixado cair.

— Obrigado, — ela disse através da máscara. — Eu quero ligar para o meu pai. — Ela soltou a mão de Tom e começou a discar. Alguns segundos depois, ela estava conversando com alguém e dizendo: — Sim, acho que não posso ficar no avião. Você pode enviar alguém para me buscar?



— Os paramédicos estão aqui, — a aeromoça disse a Tom, e ele se levantou e atravessou o corredor onde Prophet já estava. — Estou tão feliz por você estar a bordo para ajudar. Você é médico?

— Sim, um médico, — disse Prophet, antes que Tom pudesse dizer não, e então ouviu o som alto dos paramédicos e seu equipamento atrás dele. Eles tinham suas malas e uma maca projetada para se encaixar no corredor, e ele e Prophet trocaram de lugar com eles para permitir o acesso ao paciente.

— Se nós esperarmos muito mais tempo estaremos lidando com a imprensa e a polícia, — Prophet murmurou em seu ouvido sob as vozes com as perguntas sobre ser médico.

— Por quê?

— O nome no frasco de comprimidos - ela é filha do senador Greenley, — disse Prophet, e Tom reprimiu um gemido, mesmo quando desligou o telefone, virou-se e fez sinal para ele.

— Você está bem? — Tom perguntou.

— Agora eu estou. Mas como você sabia? — ela perguntou quando Big Belly gritou:

— Ei, vocês são heróis.

— Temos que ir, — ele olhou para Prophet. Ele estava ao telefone, conversando com alguém e apontando ao mesmo tempo para Tom pegar suas malas.

Tom se afastou dos paramédicos e da mulher, com um sorriso e uma sacudida de cabeça para a coisa do herói. Ele moveu-se pelo corredor, ignorando os passageiros que estavam tentando falar com ele por causa do seu recém status de herói, e foi pegar as malas dele e de



Prophet. Eles teriam que sair antes que os funcionários da emergência a levassem para fora ou a fuga deles seria interrompida.

Ele virou-se com as malas e chegou à primeira classe antes de ser parado.

— Sinto muito, senhor, mas não podemos deixar você sair do avião, — a comissária de bordo disse a Tom.

— Você vai deixá-la sair do avião, — protestou Prophet, subindo pelo corredor atrás dele.

Ela olhou para ele como se ele tivesse cinco cabeças e um déficit mental, o que Tom estava bem convencido de que ele tinha, e disse:

— Porque ela quase teve um ataque cardíaco.

— Eu também acho que estou. Ai, — ele disse seriamente, uma mão sobre o coração.

— Senhor, eu não acredito em você.

— Por que você me chama de senhor? Esse cara, ele é bem mais velho que eu. — Prophet apontou para Tom, então disse “ai” mais algumas vezes. — Encontre minhas pílulas.

— Eu acho que você esqueceu, — Tom forneceu. — Nós realmente precisamos tirá-lo deste avião.

Outro alarme de incêndio começou a soar. E depois outro. As pessoas começaram a pular, e a aeromoça que estava discutindo com eles foi forçada a se concentrar nos passageiros que estavam ansiosos com a possibilidade de que algo estivesse errado com o avião. As portas já estavam abertas para os paramédicos, e Prophet empurrou Tom para

fora e para baixo das escadas quando a voz do piloto veio pelo alto-falante, chamando todos para permanecerem sentados.

— Obra sua? — Tom perguntou enquanto eles contornavam o outro lado do avião, seus ouvidos ainda soando dos alarmes.

— Me agradeça depois.

Eles estavam no asfalto, e Prophet assumiu a liderança, andando atrás da ambulância e carros de bagagem para onde os aviões particulares estavam estacionados. Tom seguiu, bem ciente de que provavelmente estava sendo levado a fazer algo completamente ilegal.

Prophet agarrou-o e puxou-o para uma baía que estava cheia de malas. Tom acabou pressionado contra o homem, que simplesmente o segurou no lugar com um braço forte nas costas e disse-lhe para ficar quieto.

Ele levantou a cabeça e encontrou-se a centímetros de distância do rosto do Prophet. Seu pulso disparou, e não foi da grande ajuda com o que acabaram de fazer. Ele estava muito perto de Prophet e seu corpo estava ameaçando responder de uma forma que acrescentou mais uma razão à lista de por que esse cara poderia ser perigoso para ele. Felizmente, as sirenes o estavam distraindo, porque Prophet não o estava deixando ir.

— Eu não vou correr para o asfalto.

— Não posso ter certeza de nada depois daquela cena que você fez na segurança.

— Foda-se. — Ele inclinou a cabeça, então ele estava olhando para o pescoço de Prophet.

— Esse tipo de merda acontece ao seu redor?



— As vezes.

Prophet grunhiu algo que soou como *uma merda de vodu Cajun*, e Tom não se incomodou em dizer a ele quão perto da verdade ele estava.

— Você tem essas premonições frequentemente?

— Elas não são ... premonições exatamente.

— Isso é uma vergonha. Eu estava pensando em alugá-lo e ganhar algum dinheiro extra.

Tom apertou os lábios e não disse nada, o medo muito familiar que ele tinha descoberto se estabelecendo em seu estômago. E Jesus, chegou cedo desta vez.

— Então, se não são premonições, o que diabos são?

— Eu nunca os nomeei.

— E isso acontece com você o tempo todo?

— E se eu disser sim?

Prophet se inclinou para mais perto, se isso fosse possível.

— Eu diria que é melhor você ser bem rápido ao me avisar quando seu instinto começar a gritar. Porque você se reteve hoje por dez minutos antes de abrir a boca.

Sua cabeça disparou, quase acertando Prophet no queixo, e ele olhou para aqueles olhos cinzentos para se certificar de que o homem estava falando sério.

— Você me entendeu, parceiro?

Oh sim. Ele balançou a cabeça em vez de dizer isso, então perguntou:



— Como diabos vamos sair daqui?

Ele ouviu a discagem telefônica do Prophet. Quando Natasha atendeu, ela disse:

— O que você fez agora?

— Ah, não seja assim, Natasha. Não foi minha culpa que uma mulher quase teve um ataque cardíaco.

— Nunca é.

Tom esperou que Prophet o entregasse, mas isso não aconteceu. Em vez disso, pressionado contra seu novo parceiro no escuro, esperando não ser preso, percebeu que talvez isso pudesse funcionar.

Talvez.



— Você vai fazer uma cena novamente com a segurança? — Prophet perguntou quando ele desligou com Natasha, deslizando o telefone de volta no bolso, o pequeno espaço, tornando impossível não tocar Tom de alguma forma.

— Você continua mencionando isso. Deve ter gostado do que viu.

Prophet bufou uma risada.

— O que você disser, Cajun.

— Você percebeu que sua mão está no meu bolso, certo?



Não, ele não tinha. Malditos deslizes. Mas ele deixou a mão onde estava, só para ver se isso incomodava Tom... ou se realmente o incomodava.

O corpo de Tom era todo um ângulo rígido contra o dele. No espaço apertado, Prophet obteve a resposta que procurava. Tom sentiu-se confortável ao ser pressionado contra um homem assim e ainda desconfortável o suficiente para que Prophet soubesse que o zing da atração era mútuo. Ele soube desde o segundo que ouviu o sotaque de Tom e se forçou a agir da maneira oposta, imaginando que se fingisse que não suportaria o cara que seu corpo decidiria concordar com seu cérebro.

Como de costume, seu pau tinha outras ideias.

Foder um parceiro nunca é uma boa ideia.

Ter um parceiro também não era.

Ele tirou a mão e colocou o telefone no bolso desta vez. Esperançosamente.

A coisa mais interessante que ele tinha acabado de aprender sobre o seu parceiro, além da atração e do material psíquico, era o fato de ele estar certo. Este homem era um rastreador nascido. Mesmo parado completamente imóvel, ele estava avaliando tudo ao seu redor. Prophet estava fazendo a mesma coisa, mas não estava tão quieto. Ele se pegou balançando o pé algumas vezes. Bateu os dedos contra a parede atrás deles. Nada disso os entregaria, mas a quietude não era seu forte, não como Tom, que ele tinha certeza de que nascera assim. Para Prophet, veio de uma necessidade nas forças armadas.



E ele tinha certeza de que Tom notaria e mencionaria em três, dois...

— Você pode ficar quieto? — Tom perguntou, sua mandíbula cerrada de um jeito que Prophet reconheceu. A maioria das pessoas que lidava com ele uma vez ou outra usava essa expressão. Ele não precisava ser psíquico para saber que o nariz beliscado viria em seguida.

Ele começou a assobiar “I Shot the Sheriff”, que lhe rendeu um olhar sujo.

— Acho que estamos livres para ir, Cajun.

— Você realmente vai continuar me chamando assim? — Tom perguntou. —Concedido, eu acho que é melhor que Voodoo.

— Vou encontrar um jeito de combinar os dois, — garantiu a Tommy, que apenas grunhiu quando se afastou e desapareceu como um fantasma.

Bom movimento, parceiro.



CAPÍTULO CINCO

Doze horas depois de terem começado a viagem, estavam em um escritório do médico legista de Houston. Prophet estava sentado calmamente na sala de espera, encostado na parede, de olhos fechados.

Tom não sabia como, porque ele o viu percorrer um saco inteiro de Twizzlers vermelhos na última hora. Ele imaginou que Prophet estaria todo empolgado por causa do doce. O homem já estava cada vez mais no limite quanto mais perto chegavam do necrotério, e qualquer progresso que tivessem feito entre eles rapidamente se desintegrara.

Prophet só tinha olhado para as fotos e o relatório do legista antes de anunciar para quem quisesse ouvir:

— Isso é inútil para mim - eu preciso ver o corpo.

Tom pegou o arquivo de volta.

— Achei que você diria isso.

— Bem, vamos rotular você Hotline Psíquica e acabar com isso.

Tom quase mordeu a língua tentando não insultar Prophet, o que provavelmente irritou Prophet mais do que qualquer outra coisa. Tom não conseguia descobrir se o cara estava fazendo isso para propositadamente ter uma reação dele, ou se isso era simplesmente como ele operava no dia-a-dia. Era como tentar se equilibrar na areia movediça - no final, era mais fácil desistir e se deixar levar por baixo.

Ele olhou através do relatório do legista agora, silenciosamente concordando com Prophet que era inútil. Listava a causa da morte do homem caucasiano de vinte e quatro anos de idade chamado



Christopher Morse como contusões cerebrais maciças consistentes com uma fratura craniana, o que significava que estava sendo tratado como um homicídio ativo. As imagens detalhavam as várias contusões que a vítima recebera, mas havia pouca especulação sobre se haviam sido feitas antes ou depois da morte, ou se algumas delas haviam sido causadas por ele ter sido jogado na lixeira quase vazia. Se o legista era incompetente ou tinha tratado isso como a morte de um garoto de rua que ele não achava que alguém iria prestar especial interesse, Tom não sabia, mas quando ele saiu, ele parecia ao mesmo tempo apologético e nervoso.

— Eu entendo que vocês são investigadores particulares, contratados pela família, — ele disse para Tom e Prophet.

— Seu relatório está incompleto, — foram as primeiras palavras de Prophet para ele.

— Nós gostaríamos de ver o corpo, senhor, — Tom disse rapidamente, dando uma olhada em Prophet enquanto os dois puxavam seus distintivos de IP para mostrar ao legista, que agora estava encarando Prophet. Phil os preparara bem para toda e qualquer eventualidade, e mentir para o bem maior andava de mãos dadas com esse trabalho.

— Se você não acreditar nisso, nunca vai durar aqui, — Phil havia avisado Tom.

Eles seguiram o legista pelo corredor até uma sala com prateleiras de metal ao longo da parede oposta. O legista puxou uma gaveta perto do meio e descobriu o corpo. Ele se afastou porque Prophet o apossou, não lhe dando escolha.



Tom se moveu para o outro lado do corpo enquanto Prophet olhava para o cara e engolia em seco. Pôs a mão na bochecha e murmurou algo em uma língua que Tom não reconheceu, mas ele entendeu a essência. Prophet conhecia esse cara. Então tudo isso era pessoal.

Mesmo com as massivas contusões faciais, era óbvio que Christopher Morse era um jovem bonito. Seu cabelo loiro estava desgrenhado e teria pendurado abaixo das orelhas. Ele foi listado como tendo um metro e oitenta e noventa quilos, a maioria dos que pareciam ser músculo sólido.

Suas contusões pareciam consistentes com ter sido espancado por punhos, especialmente ao longo de sua caixa torácica.

— Ele tem uma fratura craniana no lado direito da cabeça, — apontou o médico legista. — A maioria das contusões foi feita antes de ele morrer. Alguns são consistentes com tortura.

— Talvez você possa colocar isso na porra do relatório. — A voz do Prophet era um grunhido perigoso que fez o legista dar um passo para trás.

Tom aproveitou a oportunidade para olhar as mãos da vítima. Elas tinham sido limpas de sangue, mas havia hematomas e cortes nas juntas.

— Elas foram amarradas? — ele perguntou ao legista.

— Encontramos alguns resíduos, sim, nos nós dos dedos e dentro da palma da mão. Mas sem fita. — Tom olhou para Prophet, mas o homem não estava escutando.



Em vez disso, Prophet tocou a testa do menino e sussurrou algo enquanto olhava entre o corpo e o relatório, e Tom o encarou até que Prophet disse:

— Se você quiser encontrar outra carona até o hotel, continue encarando, — ele disse antes de sair do quarto.

Tom suspirou, fez ao legista mais algumas perguntas antes de devolver o arquivo e pegar as cópias que a secretária fizera para ele. Prophet não estava na área de espera externa. Tom o encontrou no banco do motorista do carro alugado, a música a um nível ensurdecedor.

Ele a abaixou depois de fechar a porta, depois bateu de lado quando Prophet virou a esquina sobre o que poderia facilmente ter sido duas rodas.

— Ele estava lutando antes de morrer.

— Realmente, — Prophet disse em que provavelmente era sua melhor voz de duh.

— Ele estava usando fita adesiva nas mãos, mas a julgar pelo quanto estavam machucadas, ele não usava luvas de boxe. As marcas são consistentes com o tipo de luta ilegal por gaiolas que é popular nesta área do país. Os circulos começaram no Texas e se espalharam para Louisiana rapidamente. Os ferimentos de Christopher também são consistentes com isso.

Prophet lançou lhe um olhar, como se estivesse surpreso que Tom tivesse usado seu nome. Surpreendido e apreciativo.

— Chris está morto - como isso é consistente?

— Eu já vi crianças sendo mortas brigando assim antes - os ferimentos coincidem. O maior círculo promissor acabou na Quinta



Ala. Caras que comandavam as lutas costumavam jogar as crianças que morriam no pântano. — Ele puxou um cartão azul do bolso e o estendeu para o Prophet, que o pegou e o virou. — Eu tirei do saco de provas depois que você saiu. O legista disse que estava no bolso de trás do jeans. Ninguém pensou em investiga-lo.

— Porque está em branco.

— Não. Apenas impresso em tinta invisível. É um convite. — Ele puxou os links para os fóruns em seu telefone, que explicava os cartões e sua codificação por cores para cada liga, e para lutadores contra membros da audiência, e leu para Prophet enquanto ele dirigia.

— Ok, então é a cor certa para esta liga e para um lutador.

— O legista disse que ele tinha múltiplas fraturas curadas, e que a maioria delas era recente, mas quando eu o pressionei, ele admitiu que havia encontrado outras que de anos atrás. Ele disse que parecia que Christopher estava lutando há muito tempo. E você precisa me dizer o que diabos está acontecendo com este caso.

As palavras de Tom saíram com mais força do que ele pretendia. Deve ter impressionado Prophet o suficiente, porque ele estacionou em um McDonald's ao invés de entrar no estacionamento do hotel. Ele tamborilou as mãos no volante, mantendo o tempo com alguma batida dentro de sua cabeça antes de falar.

— Sim, eu conheci Christopher. Sim, é por isso que acabamos neste caso. — Prophet falou uniformemente, apesar de parecer que ele poderia explodir a qualquer segundo.

— Quem é ele?



— Eu conheço a família dele. Eu servi com o irmão dele. — Ele fez uma pausa. — John não voltou para casa. Christopher tinha doze anos na época - foi duro no começo, depois foi para o fundo alguns anos depois. Foi suspenso, depois expulso e teve que ser educado em casa. Ele encolheu, tomou remédios, mas nada ajudou. Quando ele tinha dezesseis anos, ele apenas fugiu. Se o que você está querendo dizer, talvez ele tenha se jogado em gaiolas ilegais lutando como forma de escapar de sua agressão. E eu não espero que você entenda isso.

Tom entendia, mais do que Prophet poderia saber. Mas tudo o que ele fez foi acenar com a cabeça e dizer ao seu novo parceiro: — Se você não me contar uma merda assim, então eu não sei o que está te guiando. Como você disse anteriormente, eu não posso fazer parceria com alguém a menos que eu saiba qual seu negocio.

— E agora você sabe. Então, estamos bem para seguir em frente?

Tom reprimiu o sarcasmo, mas apenas por causa da conexão pessoal de Prophet com Christopher.

— Sim. Desde que você conhece a família, você acha que algum dos ossos quebrados poderia ter sido de abuso infantil?

Prophet sacudiu a cabeça.

— Não. Eu teria reconhecido. Esta família - eles eram perfeitos.

— Ninguém é perfeito, Prophet. Não importa o quê, precisamos conversar com os pais de Christopher.

— Não. Eles não sabem de nada. Eu não vou arrastá-los pela merda de novo.

— Então eu vou.



Prophet mal se moveu, mas Tom se viu pressionado contra o assento, Prophet meio sobre ele, o braço jogado sobre a garganta de Tom.

— Você não vai incomodar essa família. Eles passaram pelo inferno.

Ele piscou, olhando nos olhos do homem. Eles estavam perto o suficiente para ele ver algumas manchas de azul salpicadas entre o cinza, ameaçando romper a tempestade. Seu corpo estava pesado contra o de Tom, e Tom piscou para o jovem Prophet do vídeo com aquele olhar enlouquecido em seus olhos.

Mas o homem que segurava a garganta tinha total controle e seus olhos estavam quase serenos.

— Eu acho que eles irão querer fazer o que for preciso para encontrar quem matou Christopher, — ele conseguiu, a voz estrangulada, tentando imitar uma calma que ele não sentia.

— Seus pais não viram ou ouviram falar dele há anos.

— Você falou com eles?

— Não recentemente.

— Então eu não compro essa de que eles não sabem de nada.

— Eu faço.

— Essa é a sua consciência falando.

— Você quer comparar consciências, Voodoo? — Prophet rosnou.

— Na verdade não. Mas eu obviamente posso identificar um culpado a um quilometro de distância. Agora saia de mim.



Prophet sibilou e soltou-o com um empurrão de volta. Tom sentiu-se trêmulo, mas permaneceu olhando para frente, como se tudo estivesse bem. Ele sabia que tinha conseguido o seu caminho quando Prophet latiu o endereço que Tom tinha visto na carteira de motorista de Christopher no GPS.

Prophet sabia o endereço de cor, depois de todos esses anos.



A casa era pequena e bem cuidada nos subúrbios de uma cidade do Texas que ficava mais perto do necrotério do que onde Christopher fora encontrado. Prophet não falara uma palavra no passeio de quinze minutos, e a tensão no carro era palpável. Prophet estacionou, correu para fora do carro e estava na metade da caminhada antes que Tom saísse. Achava que era melhor se ele fosse o primeiro a fazer o contato.

O Prophet estava quase na porta quando uma pequena mulher loira a abriu, colocou as mãos na boca e abraçou Prophet como se ele fosse um filho perdido há muito tempo. Havia uma tensão óbvia entre eles, porque Prophet a abraçou de volta com muito menos entusiasmo.

Tom os esperou, deixou-os falar um com o outro em voz baixa antes de Prophet se virar para reconhecer que ele existia. Mas Prophet já deveria ter falado sobre ele, porque a mulher disse:

— Sr. Boudreaux, eu sou Carole Morse.

— Por favor, me chame de Tom.



— Tommy, — Prophet interrompeu, e Carole Morse revirou os olhos para ele e acenou para os dois. Ela estava chorando - seus olhos tinham uma vermelhidão aquosa e a pele ao redor deles estava inchada.

— Sente-se, Tom. Venha me ajudar, — Carole disse a Prophet e eles desapareceram na cozinha. Tom deu uma olhada no prato coberto na mesa da cozinha. Porque é isso que as pessoas de luto faziam - cozinhavam e cozinhavam porque não havia mais nada a fazer. Para Carole, a tristeza parecia ser algo escondido atrás de portas fechadas na calada da noite, quando ninguém mais estava por perto para vê-lo. Para mostrá-lo, especialmente em torno deles, seria desrespeitoso de alguma forma.

Ela o lembrava tanto da mãe dele.

Ele virou-se para a lareira, olhou através das fotos da família e percebeu que Prophet deveria ter ficado aqui muitas vezes. Havia muitas fotos de um Prophet mais jovem com os braços ao redor de um cara que deve ter sido John. Prophet parecia guardado nessas fotos, talvez até mais do que ele era agora.

Ele olhou para cima quando ouviu vozes levantadas por detrás da porta fechada da cozinha - a de Prophet e a de Carole - mas durou apenas um momento e depois ficou quieto de novo.

Quando eles voltaram da cozinha, Tom se virou da lareira e sentou no sofá em frente a Prophet e Carole. Ela empurrou uma limonada sobre a mesa de café para ele - caseira, doce, azeda e perfeita.

— Isso é ótimo, obrigado.

Seu rosto se iluminou por um momento enquanto ela dizia:

— É o favorito de Prophet.

Ela se virou para ele. Era estranho vê-la sendo mãe, porque embora respeitosamente ele permitisse, obviamente não estava feliz com isso, nem com ela. Era sutil e Carole provavelmente não percebeu. Mas Tom fez, e ele fez uma anotação mental para perguntar a Prophet sobre isso mais tarde.

— Lamentamos incomodá-la durante este período difícil. — Tom disse a ela.

Carole assentiu, juntou as mãos.

— Christopher está desaparecido há tanto tempo. Nós estamos de luto por anos. — Ela parou, como se incapaz de dizer mais nada. Os dois homens permaneceram em silêncio até que ela limpou a garganta e disse: — Eu não sei o quanto posso ajudá-lo. Meu marido não está aqui. Ele aceitou um emprego ontem para uma entrega no México. Disse que ele não pode ficar sentado porque continua pensando. O funeral começa amanhã à noite.

— Tudo bem, eu prefiro falar com você, — Tom disse, ignorando o olhar de Prophet. — Você esteve em contato com Christopher?

Ele esperava que Prophet lhe dissesse para calar a boca, mas, em vez disso, o homem perguntou a Carole: — Quantas vezes Christopher lhe enviou dinheiro?



Carole pediu licença depois de meia hora para atender um telefonema, provavelmente mais condolências. Prophet andou um



pouco pela sala, tentando acalmar sua agitação. Estar nesta casa novamente por outro motivo não bom estava agarrando-o. Ele não esteve aqui desde muito antes de ele e John serem capturados. Talvez tenha sido um feriado ou uma licença aleatória, mas todas essas visitas foram poucas e distantes entre si. Esmagado pelas lembranças, seu peito doía e sua garganta se apertou. Correr para fora da maldita casa seria a coisa mais inteligente a fazer.

Mas em algum lugar ao longo da linha, ele deixou de ser inteligente.

— Você sabia que ela estava em contato com ele desde o momento em que pegamos esse caso, — disse Tom finalmente. — O que significa que você provavelmente sabia que ele estava lutando em gaiolas. E você me deixou falar sobre isso.

— Sim.

— Bem. Eu passei no seu teste?

Prophet ignorou isso.

— Saber que Carole estava em contato com Chris não ajuda nada. Nós já sabíamos onde ele estava lutando, que é a um quarteirão de onde ele foi encontrado no lixo. Estou apostando que ele fez um bom dinheiro. Ele era um garoto grande. Forte. John ensinou-o a treinar, e o velho era um boxeador semi-profissional da Marinha. Se ele estava fazendo isso há anos, ele provavelmente fez inimigos...

Ele parou e encolheu os ombros. Ele caminhou até a escada, deu alguns passos para olhar as fotos que subiam até a parede. Tom se juntou a ele e observou as medalhas militares. E mais fotos de Prophet.

— Você morou aqui.



Prophet olhou em volta.

— As vezes. Quando as coisas estavam ruins.

Estar aqui ... ele tinha dezesseis anos de novo, e uma grande parte dele queria isso. Olhando para trás, dezesseis foi fácil. Pelo menos em comparação com tudo o que veio depois. Dezesseis anos era ele e John, lutas e liberdade.

Mas dezesseis levaram a dezessete. De certa forma, dezessete salvaram-no e em outros...

— Há tantas fotos aqui de você quanto o resto da família, — Tom destacou.

— Eu sou fotogênico. E eles gostavam de mim.

— Deus sabe por que, — foi a resposta de Tommy, e isso realmente fez Prophet sorrir. Ele estava feliz por estar de costas para o homem, para que ele não pudesse ver. — John se alistou com você?

— Sim. A sra. Morse queria que ele tentasse um ano de faculdade e fingisse ir para a escola, mas se alistou comigo em vez disso. Disse que ele sempre soube que a merda seria muito mais divertida. — Sua mão roçou o Coração Púrpura pendurado na caixa de sombra.

— Você tem um desses?

— Natasha disse que eu servi, certo? Peça cinco de uma vez...

— Ela disse que foram duas vezes.

— A mesma coisa —, Prophet dispensou, mas Tom balançou a cabeça, e Prophet odiou que o homem já soubesse o quão meticulosamente preciso ele era quando isso era importante. — Então você?



Ele poderia estar se referindo ao caso, à EE, à parceria, mas a resposta de Tom veio sem hesitação.

— Eu estou dentro.

— Besteira.

— Eu lhe contei minha história; Eu queria ter certeza de que estava pronto para isso. Não queria estragar tudo por um parceiro.

— Então não faça. — Ele olhou entre Tom e uma foto de John atrás dele.

— Nós devemos ir.

— Ela quer que a gente fique para o jantar.

Não havia nenhuma maneira que ele pudesse fazer isso, não na mesa de John com Tommy, e não por tantas outras razões que ele não sabia quando ele pensou que este lugar era seu lar.

— Não.

— Você pode ir - eu vou pegar o jantar e voltar ao hotel.

— Nós temos merda para fazer hoje à noite. — Ele pensou em Christopher no necrotério. — Nós temos muita merda para fazer hoje à noite—, ele repetiu para seu próprio benefício, ignorando a maneira como Tom olhou para ele. Correção: ignorar o modo como o olhar de Tom o fazia sentir, tentando dizer a si mesmo que não era nada, que Tommy Boudreaux não conseguia enxergar através dele. E Prophet na verdade, não gostou dessa sensação estranha.



CAPÍTULO SEIS

Tom conduziu o carro na direção da estrada, surpreso que Prophet lhe tivesse jogado as chaves. O homem sentou ao lado dele, brincando com o rádio, olhando no porta-luvas. Brincando com os espelhos.

— Você percebe que eu estou dirigindo? — ele perguntou.

— Você não está usando os retrovisores corretamente, — Prophet insistiu.

Antes de deixarem Carole Morse, ela mandou Prophet para o andar de cima e pediu que ele instalasse um ar condicionado. E ela puxou Tom para o lado, disse-lhe:

— Cuidado com esse menino. Não deixe que ele se machuque.

Ele queria perguntar como deveria cuidar de alguém que não queria que ninguém se aproximasse dele, mas de alguma forma, ele imaginou que ela sabia que poderia ser uma tarefa impossível. Sabia e amava-o de qualquer maneira, o que fez Tom querer pelo menos tentar honrar seu pedido.

— Eu vou, senhora.

— Bom. Porque se você está mentindo para mim, eu vou te caçar. Não pense que não posso.

Ela era a segunda pessoa em tantos dias ameaçando-o para cuidar de um homem que parecia muito bem versado em cuidar de si mesmo. O que diabos eles sabiam que ele não sabia?

— Carole é uma boa mulher.



— Ela disse para você cuidar de mim, não é? — Prophet perguntou.

— Como você sabe?

— A o ar condicionado que ela me pediu para instalar já estava posto. — Prophet sorriu com tristeza quando ligou o GPS a um motel no centro da cidade. Uma voz de mulher disse a Tom onde ele poderia ir e ele imediatamente desligou.

— Eu sou bom com as direções, — ele explicou.

— Por causa de todo o vodu?

— Você vai encontrar uma boneca que se parece muito com você com um alfinete no seu...

Ele olhou para o colo de Prophet antes de dizer a palavra, mas Prophet o deteve com a mão levantada.

— Ok, ok, cara, nem brinque sobre essa merda. — Ele se mexeu em seu assento. — Agora preciso verificar se tudo está funcionando corretamente.

Tom apenas riu. Foi bom fazê-lo, mas parecia enferrujado como o inferno. Os últimos anos tinham realmente feito um grande número nele.

Mas quanto mais eles dirigiam, mais silencioso e menos inquieto Prophet ficava. Foi estranho. Desconcertante, e ele não podia acreditar que ele sentia falta do sarcasmo.

Você não sente falta - significa apenas que algo está errado.

Pelo menos ele estava meio certo. Porque durante todo o check-in, Prophet deixou Tom assumir a liderança. Ele reservou dois quartos

contíguos no segundo andar, um dos quais era uma suíte, porque achava que precisariam de mais espaço.

Ele não estava se sentindo generoso o suficiente para dar a Prophet a suíte, no entanto. Era melhor assim, forçaria o homem a entrar em contato com ele.

Ele hesitou, depois abriu a porta do seu lado dos quartos contíguos e bateu. Prophet abriu o seu lado, e Tom recuou e disse:

— Eu percebi que isso era pessoal. Eu só não entendi como...

— Salve isso. Eu gostava mais de você quando você estava sendo um idiota.

— Eu era o idiota? E você está realmente admitindo gostar de mim?

Prophet soltou uma risada, mas nenhum humor alcançou seus olhos. Tom só tinha lidado com ele sendo alto e insolente, então ele não sabia como lidar com o homem quieto e temperamental ao lado dele.

Não é meu trabalho lidar com ele.

Mas talvez fosse, e não só porque Phil pediu para ele. Ok, mandou.

— Que tal o jantar?

Prophet sacudiu a cabeça.

— Vamos lá - há um restaurante do outro lado da rua. Eu vou pegar comida.

— Você pode fazer o que quiser. Tom

— Ok, é isso.

Prophet piscou.



— Está me deixando louco. Me chamando pelo meu nome certo. Isso é uma besteira completa e você sabe disso.

Prophet apenas deu de ombros.

— É tudo o que tenho agora.

Ele entrou em seu quarto, fechando a porta atrás dele. Tom esperou e depois abriu a fechadura na porta de Prophet e foi atrás dele.

— Saia do meu quarto.

— Não, — Tom disse, sentindo-se um pouco idiota agora que ele estava realmente aqui.

— Eu não preciso de você se preocupando como uma maldita mãe.

— De acordo com Phil, você precisa.

— Se você está aqui porque Butler quer que você seja minha mãe, então definitivamente dê o fora.

— Essa não é a única razão.

— Dê o fora.

— Me obrigue.

— Bem. Fique. Faça o que você quiser. Me veja dormir se essa é sua torção.

— Isso não é minha torção.

Quando Prophet começou a se despir, Tom descobriu rapidamente que o homem poderia ser e, apesar de amaldiçoar a si mesmo, para baixo e para os lados, ele ficou no maldito quarto. Recuar nunca foi o seu forte, e Prophet não estava realmente prestando atenção nele de qualquer maneira.



Talvez essa fosse a parte mais chata - Prophet estava tirando a roupa, indo para o chuveiro, nu, e ele não parecia dar a mínima que Tom estivesse assistindo.

Sim, o homem obviamente tinha sido criado por lobos. O que diabos significava que Tom estava atraído por ele?

Significa que você é atraído por idiotas.

Quando Prophet estava no chuveiro, Tom voltou para seu próprio quarto, mas deixou as portas abertas entre eles.

Ele pegou seu laptop e sentou-se à pequena mesa, murmurando:

— Se você não vai trabalhar nessa merda, eu vou, — e Prophet respondeu.

— Eu ouvi isso do chuveiro.

— Fodidos ouvidos de cachorro.

— Foda-se você.

Tom digitou foda-se para que ele conseguisse a última palavra, e então começou a fazer a pesquisa que estava querendo fazer desde o necrotério. Depois de meia hora e muita água quente pelo ralo - e cantarolando aquela mesma maldita canção -, Prophet saiu do banheiro com uma nuvem de vapor atrás dele e uma toalha pendurada no quadril. Ele usou outra toalha para secar o cabelo e andar por aí falando sozinho enquanto tirava as roupas da bolsa.

Ele pegou o olhar de Tom pela porta aberta e perguntou:

— O que você está fazendo - postando no seu blog?

Tom resistiu ao impulso de dizer qualquer coisa. Além disso, dar a Prophet o dedo era mais fácil, e então ele voltou à sua busca pelos

registros policiais de Houston para o relatório inicial de investigação sobre o caso de Chris, sabendo que Prophet iria ler sobre o seu ombro de qualquer maneira.

E ele fez. O homem não tinha nenhum senso de espaço ou propriedade pessoal - ele se inclinou sobre Tom e pingou em cima dele e do teclado.

— Você pode não fritar meu notebook? — Tom perguntou, empurrando-o de volta, mas Prophet não respondeu, apenas rolou para baixo e leu em voz baixa, depois se afastou e foi procurar suas roupas.

Tom observava com o canto do olho, viu Prophet usar jeans velhos que pareciam confortáveis como o inferno - sem cueca - e uma camiseta macia e gasta de um velho concerto do AC/DC. Enquanto pegava seus tênis, ele disse:

— Ótimo trabalho na investigação.

Tom se levantou e entrou no quarto de Prophet.

— Você vai conseguir lidar com esse caso?

— Deixe isso em paz, Tommy. — Prophet agarrou sua jaqueta de couro preta e se dirigiu para a porta. — Não me espere.

— Você vai sair? Por que você está fodendo com a nossa janela de oportunidade? Aquela mulher que acabamos de deixar se importa com você. Eu imaginei que isso poderia fazer com que você não parasse de trabalhar neste caso até chegar ao fundo dele. Se não fosse por você, pelo menos por ela. — Era uma coisa de merda para ele dizer e ele sabia disso.

— Eu não vou ficar aqui embaixo do seu olhar perspicaz, isso é uma maldita certeza. — Com isso, Prophet bateu a porta em qualquer conversa, e Tom se irritou com ele por meia hora enquanto pesquisava



academias na área antes de trocar para um moletom e camiseta. Deixou a carteira e a arma para trás e dirigiu-se a academia que ele identificara como a mais provável para lhe dar um convite para uma luta na gaiola.

Era aberta vinte e quatro horas, um buraco sujo na parede que você tinha de comprar, mas tinha todo o equipamento e círculos necessários para treinar boxe e mão-a-mão. Havia algumas sessões brutais de prática acontecendo.

Por que ele estava fazendo isso? Ele não devia a Prophet.

Mas você deve a Phil por lhe dar essa chance.

— O que for preciso, — ele disse a si mesmo enquanto colocava as fitas nas mãos e se dirigia para a parte principal do ginásio para ser notado.

— Quer treinar? — Um cara perguntou imediatamente. Ele era grande e largo, um par perfeito para Tom. Mas ele tinha que jogar isso da maneira certa - não poderia parecer muito bom. Ele seria convidado para os jogos na gaiola porque achariam que perderia, mas não poderia ser completamente espancado.

Ele deixou seu sotaque se aprofundar quando concordou e respondeu algumas perguntas pessoais do treinador, projetado para que eles não fossem processados se ele caísse morto.

Tom fizera isso muitas vezes em sua juventude, em um ambiente muito menos estruturado, a fim de se mostrar duro para uma comunidade que jamais o aceitaria. Ele imaginou que ser aceito não importava, contanto que eles parassem de fodê-lo depois que ele provasse a si mesmo em luta após luta. E, na maior parte, eles pararam. Fisicamente, de qualquer maneira.



A luta sempre o levava de volta àquele lugar familiar de violência. Phil o escolheu porque sabia o quanto Tom lutou ao crescer? Porque sua adolescência não era algo que ele colocava em seu currículo.

A luta começou devagar, mas aumentou quando Tom acertou o outro cara com força no ouvido. O cara veio para ele como um touro, e ouvir seu punho bater na carne com um tapa forte foi mais satisfatório do que deveria ter sido. Seu temperamento explodiu, e ele odiava que tivesse muita raiva excessiva para trabalhar fora, porque lutar sempre trazia lembranças de merda com isso de qualquer maneira. Sua reação imediata foi sempre de não desistir até que o outro não estivesse se movendo, mas desta vez, ele se forçou a se conter.

Não foi fácil, porque ele estava chateado com Prophet, e foi isso que ele imaginou enquanto lutava. Mas mesmo que ele quisesse torcer o pescoço de seu parceiro, ele não tinha uma vida inteira de raiva reprimida contra o cara, então ele foi capaz de se segurar o suficiente.

O cara acabou em cima dele, e Tom poderia ter lutado contra ele, tentou sem entusiasmo, mas ele sabia que o desempenho lhe daria a entrada no clube da luta. O sangue escorrendo por sua bochecha valeu a pena, especialmente quando um dos gerentes da academia se aproximou dele em silêncio no quarto dos fundos.

Ele estava enxaguando o rosto, verificando se precisaria de pontos, quando ouviu:

— Você luta em um dos círculos da Louisiana?

Tom olhou para o cara, mas não disse nada, então continuou:



— Tudo bem, garoto. Nós temos o mesmo tipo de ligas aqui. Você precisa de um gerente?

Ele pressionou uma toalha no corte, forte o suficiente para acabar com o sangramento.

— Tenho um. Eu fiz algumas lutas na costa leste, mas nada como aqui.

O cara assentiu. Movimento certo.

— Diga a ele que você tem um show. O pagamento é bom. — Ele entregou a Tom um cartão em branco e deu um endereço. — Meia-noite amanhã - você será bem antes da atração principal.

— Mesmo? — ele perguntou com a sugestão certa de ingenuidade.

— Sim. As pessoas adoram ver um novato sendo espancado antes de ganhar dinheiro.

Bingo.

— Bem, eu odiaria desapontá-los.

Ele os colocou na porta da frente. Caberia a Prophet chutar o resto delas.



CAPÍTULO SETE

Por que você está fodendo com a nossa janela de oportunidade?

Primeiro de tudo, foda-se o nosso, e segundo, porque ele queria ser alguém em qualquer outro lugar, mas Prophet tinha feito promessas. Seu parceiro poderia continuar sua pesquisa - palavras no papel nunca emocionaram Prophet tanto quanto encontrar evidências reais ao vivo.

Estava mais frio do que ele se lembrava, enquanto espreitava bairros que ele e John costumavam percorrer quando eram adolescentes, mas a primavera no Texas sempre era imprevisível. Quando ele era mais jovem, a imprevisibilidade, juntamente com a fraqueza dessa área, pareciam certas para ele.

Ainda parecia. Nada havia realmente mudado. A faixa de bares ainda estava lá, alguns com nomes diferentes. Lojas de sexo. Jogos de azar. Clubes de MC e gangues. Você tinha que ter cuidado onde andava quando era um jovem garoto sozinho. Christopher definitivamente teria cometido alguns erros, não importava o quanto ele tentou aprender com John e Prophet.

Prophet e John tinham sido crianças, apesar de tudo - crianças estúpidas, engraçadas, do tipo que encarava o mundo. Christopher nunca teve realmente essa chance, não com seu irmão mais velho desaparecendo.

Você não esteve lá para ele também.



Ele disse a si mesmo para calar a boca, deslizou por um beco lotado, corpos escovando o dele.

Tudo muda e nada muda.

Ele pagou seu caminho para o prédio onde as lutas estavam prestes a começar. Elas começavam às dez e terminavam bem depois da meia-noite, e ele observou primeiro, balançando, torcendo contra os corpos. Ele trouxe uma garrafa de uísque com ele e bebeu enquanto observava.

As crianças que lutaram pareciam mais jovens do que ele se lembrava. Os lutadores de sua idade estavam todos zangados como o inferno. Foi fodidamente deprimente como qualquer coisa.

Ele olhou para um programa e cutucou o cara ao lado dele.

— Eu pensei que Christopher fosse lutar hoje à noite.

— Ele foi morto algumas noites atrás. Saiu nos jornais e tudo mais.

— Não merda?

— Sim. Todo mundo aqui estava muito chateado. Eles até fizeram uma homenagem a ele ontem à noite antes das lutas. Você conhecia ele?

Prophet sacudiu a cabeça.

— Apenas ouvi os rumores.

— É uma vergonha. Ele era um bom garoto. Respeitado. Para ser morto em um assalto aleatório... — O cara parou e foi distraído pela ação dentro do ringue.

Prophet foi para os quartos dos fundos. Eles estavam vazios, já que os lutadores esperavam no fosso com seus gerentes, e ele abriu a fechadura no escritório do gerente do clube. Ele checou o computador



primeiro, desabilitou a câmera de segurança, apagou sua imagem e deu a si mesmo uma folga de cinco minutos, executando a filmagem antiga em um loop.

O escritório era bem organizado, com um arquivo para cada lutador. No arquivo de Chris, ele encontrou vários recibos de uma pensão, de um quarto e um número de telefone anotados em cada um deles.

Esfregou a dor no peito ao pensar em Chris morando em um quarto de motel de merda. Mas depois que ele não achou nada mais útil, ele deixou o clube e fez a penitência dele indo para aquele motel. O quarto de Chris ainda estava trancado, provavelmente do jeito que ele havia deixado, porque a polícia não sabia onde ele estava morando. De acordo com o relatório, eles perguntaram ao gerente do clube e a vários amigos de Christopher e ninguém sabia de nada.

Então eles estavam cobrindo para ele, mas a questão era por que, porque não havia nada aqui de alguma importância, nada incriminador, nenhuma droga ou álcool.

Nenhum celular. E nenhum foi encontrado no corpo de Chris. Todo mundo tinha um maldito celular hoje em dia.

Ele verificou sob o colchão e encontrou dinheiro lá - algumas centenas que, com uma contagem rápida, totalizaram quase quatro mil. Ele embolsou o dinheiro para Carole, junto com um recibo de celular pré-pago, e o que parecia ser uma chave para uma caixa postal. Ele checaria com os lugares locais pela manhã.



E então ele parou quando viu algo com o canto do olho. Foi um breve momento, a figura era borrão quando passou, e Prophet fechou os olhos e rezou para que, quando os abrisse, não visse o fantasma de John.

Ele abriu os olhos e examinou cautelosamente a sala.

Vazia.

E agora tentava se convencer de que fora um truque de luz ou as lembranças que a morte de Christopher forçara a borbulhar para a superfície.

Ele saiu do quarto sem olhar para trás, certo de que, se o fizesse, veria John reclinado na cama com seu BDU[9], um cigarro pendurado na boca e as botas empoeiradas. Ele fechou a porta atrás de si e foi para a cena do crime, que ficava a poucos quarteirões, e ainda estava fechada com à fita amarela da polícia.

Nada, exceto por algum sangue no chão que fez o peito de Prophet doer novamente.

— Sinto muito, Chris, — ele sussurrou na noite, e a sensação de desamparo que o atingiu foi demais para suportar.

Ele seguiu alguns quarteirões, na direção oposta do hotel. E de Tom.

O sangue de Prophet vibrou. Ele precisava lutar ou foder, ou talvez lutar e foder ao mesmo tempo. E ele sabia que não iria ficar em seu quarto de motel sem estragar alguma coisa. Ele não podia permitir isso agora. Não até que descobrissem o que havia acontecido com Christopher.

---

[9] Uniforme de batalha



Ele sempre acreditou em olho por olho. E ele entenderia, não importava o custo.

A porta com a bola oito ainda estava lá, mesmo quinze anos depois, a meio caminho entre o quarto de motel de Chris e o prédio onde a luta aconteceu. Prophet desceu o beco atrás de três caras que eram obviamente regulares. Eles passaram direto pelo gigante que guardava a porta, mas ele estendeu a mão para parar Prophet.

— Clube privado, filho. Precisa de uma associação.

— Filho? — Prophet levantou uma sobrancelha e o gigante levantou uma sobrancelha para trás. — Eu comprarei. — Ele mostrou um rolo de dinheiro e deu um pequeno movimento para o lado para deixá-lo entrar.

— Se você não encontrar o que está procurando lá, volte aqui. — O gigante sorriu quando seu olhar varreu Prophet da cabeça aos pés.

— Vou manter isso em mente. — Prophet disse a ele, e andou pelos corredores estreitos que pareciam bater ao ritmo da música techno. Ele contornou o bar e a pista de dança, foi em direção ao labirinto de corredores na parte de trás do clube que cheirava a uísque, fumaça e sexo.

Havia apostas de pôquer aqui - altas - mas não era isso que ele queria. Se ele pudesse foder seu caminho através da linha de homens no quarto dos fundos, ele faria isso, e inferno, elas eram três ou quatro lá no fundo. Na meia-luz, a maioria deles parecia muito bom também.

Ele caminhou, encontrando um local contra a parede. Antes de se virar, havia três homens se aproximando dele. Eles não fizeram nenhuma pergunta, não disseram uma palavra - um deles apenas puxou



seu cabelo, puxou-o para perto ao mesmo tempo em que empurrava Prophet contra a parede. Normalmente, Prophet teria aberto a cabeça do cara. Hoje à noite, ele apenas se deixou ser levado.

O primeiro homem chupou seu pescoço enquanto os outros dois o cercavam de ambos os lados. Um deles colocou a mão na garganta de Prophet, segurando-o no lugar. Um deles o mordeu, outro arranhou. O primeiro cara caiu de joelhos e abriu o jeans de Prophet. Quando ele acariciou o pênis de Prophet, os outros se concentraram em seu pescoço, seu peito... em dizer-lhe o que eles iam fazer com ele.

— O que diabos você está esperando? — ele perguntou asperamente. O sujeito entre suas pernas enrolou uma camisinha nele e começou a chupá-lo, e de repente ele se sentiu preso em vez de excitado pelos outros dois. Ele os afastou, não se importando o quão putos eles estavam, não querendo lidar com nada mais do que a sensação da boca quente em seu pênis.

O rosto de Tom brilhou em sua mente naquele maldito segundo, e isso não era um bom sinal. Especialmente quando ele tentou e falhou em não gozar enquanto pensava em seu parceiro. O orgasmo explodiu através dele, quase o deixando de joelhos, o sorriso de Tom dançando diante de seus olhos fechados. Ele inclinou a cabeça contra a parede por um segundo e tentou respirar quando o cara tirou o preservativo para ele.

Muito complicado pra caralho. Tudo isso.

E, quando o orgasmo desapareceu, ele se sentiu culpado e saiu antes que o cara de joelhos levantasse. Nos dias de hoje, ele estava sempre tentando foder seu passado - talvez seu futuro também -



lembrando e esquecendo tudo ao mesmo tempo. E nada disso funcionava. Isso nunca aconteceu.



CAPÍTULO OITO

Tom andou pelo estacionamento do motel logo após uma da manhã. Seu nariz latejava, mas parou de sangrar e nada foi quebrado. Ele treinou por um tempo, atirando a merda com alguns dos ratos de academia, criando sua história de capa para a luta na hora, incluindo a parte sobre seu gerente babaca. O que era o papel de Prophet.

Ele sabia que veria a maioria daqueles homens na arena subterrânea.

No meio do caminho para o motel, ele começou a sentir aquela sensação de ser seguido e não foi capaz de ignorar. A adrenalina da luta o deixou abalado, mas tinha raspado a raiva e o deixado capaz de perceber essas merdas como se estivesse sendo seguido novamente.

Em vez de ir direto para o quarto, parou na máquina de refrigerante. Ele colocou a o dinheiro, apertou o botão e se abaixou para pegar seu refrigerante. Outra mão chegou lá primeiro, e ele olhou nos olhos de Prophet.

O homem esteve fodendo. O cheiro de fumaça e uísque não fez nada para mascarar o cheiro do sexo, e mesmo que isso não fosse óbvio, a expressão no rosto de Prophet era. Ele estava fumando um cigarro - um enrolado à mão - e Tom viu arranhões na lateral do pescoço. E uma mordida um pouco mais abaixo, e maldição tudo para o inferno...

— Problema, Tommy? — Prophet imitou seu sotaque, conseguindo fazer parecer bom.

— Enquanto você estava fodendo, eu estava trabalhando.



— Eles não dão pequenas estrelas douradas na EE como fazem no FBI.

— Eu não estou mais no FBI.

— Talvez eles os coloquem em calendários no bayou[10]? — Prophet perguntou. Tom passou por ele com força suficiente para desequilibrar Prophet, graças ao uísque que o homem absorveu, e subiu as escadas. Prophet se recuperou rapidamente, seguiu-o.

— Então sim, você leu meu arquivo. Grande coisa, — Tom jogou por cima do ombro.

— Não, eu não fiz. Mas eu poderia ter descoberto toda a maldita coisa sobre você.

— Por que você não fez?

— Nenhum ponto.

Isso definitivamente era uma tentativa de conseguir mais informações, mas Tom manteve a boca fechada. Ele não ia ser incitado a revelar como um garoto do Bayou tinha tido uma chance no FBI. Como uma estrela brilhante tinha fodido tudo deixando a ideia de uma maldição entrar em seu caminho.

Ele tinha azar.

Na caminhada até o segundo andar, Prophet ficou em silêncio. Foi só quando Tom abriu a porta do seu quarto e Prophet o seguiu para dentro, ele pegou Tom pelos ombros e estudou o corte em sua bochecha.

— Você estava lutando.

---

[10] uma palavra usada para descrever qualquer pantano na Louisiana; usado apenas por pessoas que acreditam que "cajun" é uma etnia real.



— Eu estava em uma academia. — Quando o Prophet não disse mais nada, ele entregou-lhe o cartão em branco.

— Você lutou enquanto estava se exercitando?

Tom revirou os olhos.

— É nosso convite gravado. Amanhã à noite. Não podemos perder esta oportunidade.

— E você vai lutar? — Prophet perguntou em dúvida, apontando para o corte. — Porque aparentemente, você não é tão bom nisso.

— Eu fiz isso de propósito.

— É o que todos dizem quando perdem. Cara, tenho certeza de que ser xerife te manteve em forma e tudo-

— Xerife adjunto. E você poderia matar alguém. Você teria que segurar muito mais do que eu. Eu estive fora do jogo por muito mais tempo. Além disso, eles reconheceriam seu treinamento militar.

— E? Tenho certeza que há outros ex-militares lá.

— Não muitos - não mais. Os caras que eu conheci hoje na academia me disseram que pararam de tomar muitos deles porque são muito imprevisíveis. Eles vão te ver chegando a uma milha de distância. Além disso, você não pode lutar com eles. — Ele apontou para os gessos de Prophet... — não com isso, — ele supôs.

— Eu posso cortá-los!

— Você não pode.

— Mas você sim. — Prophet entregou-lhe uma faca no bolso, mas Tom sacudiu a cabeça.



— Não farei isso. Você tem ossos quebrados.

— Um, é apenas uma fratura, — Prophet zombou. — Eu já tive muitas antes. — Ele saiu do quarto de Tom, fechando a porta entre eles.

Deixar Prophet tirar o gesso e lutar seria a coisa mais inteligente que Tom poderia fazer. Ele não teria se importado de ver Prophet no ringue. O homem se movia como um predador elegante, silencioso. Fazia tudo com uma economia de movimentos que revelava seu treinamento, mas só se você soubesse o que estava vendo.

Bem, provavelmente era o treinamento militar, mas talvez ele tivesse nascido assim, letal como o inferno. Alguns tinham.

Ele pensou nisso enquanto empurrava uma cadeira sob a porta principal e tomava banho, deixando a água quente em seu corpo cansado e dolorido. Ele se enrolou em uma toalha e foi para a cama quando uma batida curta na porta ao lado de fora o fez apontar a arma - que ele levou com ele para o banheiro - no que acabou sendo o peito de Prophet.

O homem nem esperou que Tom dissesse para entrar.

Você invadiu sua privacidade primeiro.

— Relaxe, Cajun - eu te trouxe uma coisa. — Prophet estava carregando uma grande caixa de donuts e o cartão-chave de Tom.

— É essa a sua ideia de um pedido de desculpas? E eu nem gosto de donuts.

Prophet pegou a caixa, pegou uma rosquinha e a mordeu.

— É a intenção que conta, certo? — ele perguntou, sua boca cheia de rosquinha de geléia açucarada.



Tom supôs que deveria estar grato por seu parceiro lobo feroz ter pensado que qualquer tipo de pedido de desculpas fosse necessário. Talvez fosse. Mas honestamente, ele não tinha certeza sobre o que Prophet estava se desculpando. Por sair mais cedo? Por sair e literalmente foder em vez de trabalhar? Por contar a Tom que tinha lido o arquivo dele? Por fazer alternadamente Tom se sentir como se tivesse uma chance com um parceiro e, em seguida, batê-lo de volta à realidade?

Mas talvez esse fosse o seu plano. Porque manter Tom desequilibrado era uma boa maneira de Prophet se certificar de que Tom não visse como ele estava afetado.

De repente, Tom se sentiu melhor.

— Sim, é, eu acho.

Prophet olhou para a cadeira debaixo da porta.

— O que você não está me dizendo?

— Eu senti como se estivesse sendo seguido da academia.

— Como a mesma sensação que você teve no avião?

— Sim. Você não?

— Eu sempre sinto que alguém está me seguindo. — Deixou os donuts, entrou no quarto e voltou com fios e equipamento de vídeo.

Tom observou-o trabalhar em silêncio durante quinze minutos, arrumando as portas e janelas com câmeras. Ele colocou um pequeno monitor na mesa de cabeceira de Tom.

— Você pode ver alguém se aproximando.

— Obrigado.



— Qual é o próximo? — Prophet perguntou enquanto ele pegava um segundo donut. Essa dúzia não duraria muito.

— Eu configurei você como meu gerente. Eles não se importarão com a antiga coisa militar se você não estiver lutando.

— Isso não é uma boa ideia, Tommy. Você vai se machucar.

— Eu acho que você gostaria de me ver me fodendo.

— Não, eu gostaria de ser o único a fazer isso.

Embora soubesse que Prophet falava menos do que significava, havia algo suspeitamente parecido com respeito em seu tom, e fez Tom perceber que alguma coisa havia mudado entre eles para melhor. E por causa disso, por um breve momento, ele pensou em contar a Prophet sobre seus parceiros, alertando-o sobre a má sorte, antes que eles se adiantassem. Mas daria ao homem mais munição contra ele - e ele poderia insistir para que Tommy fosse retirado do caso.

— Eu acho que isso é muito pessoal para você.

— Estamos autorizados a trabalhar casos pessoais. Phil entregou este caso para mim.

— E me disse para cuidar de você, — Tommy o lembrou, e Prophet emitiu um som e acenou para ele. — Vamos, Proph. Nós dois sabemos que esta é a maneira mais rápida e eficaz.

— E a mais perigosa.

— Bem, sim. Nada sobre este trabalho é seguro, parceiro.

— Então fazemos isso do meu jeito.

Na EE, não havia posse ou segurança. As pessoas ficavam ou falavam com Phil - isso estava no contrato. Apesar da personalidade de



Prophet, ele tinha que estar fazendo algo certo para ter estado por aí por tanto tempo. Tinha que valer a pena ouvi-lo, e Tom seria estúpido para não tentar aprender com ele.

— Certo, tudo bem. Apenas me diga, porém, esse é um caso típico de EE?

— Não. Aquela primeira designação - a viagem da Eritreia - é típica. Você passaria tempo lá comigo para que eu pudesse te ajudar a acelerar e te treinar mais. Das verdadeiras missões que assumimos, eu diria que oitenta por cento são postos de trabalho - um dia de trabalho, no máximo dois. Alguns exigem meses de configuração e vigilância - Mick lida com muitos deles. E depois há as missões semanais - elas são tipicamente as mais perigosas.

— São essas a quem você é principalmente designado?

— Eu acho que você vai descobrir se Phil mantiver você por perto.

Ele estava começando a odiar quando Prophet tinha a última palavra.

Ele pensara que o trabalho de mercenário era entrar e sair, um golpe rápido, um resgate rápido.

A EE tinha seu próprio conjunto de regras e procedimentos, principalmente estabelecidos para garantir a segurança de seus agentes. Phil era um defensor de check-ins e atualizações, mas isso era feito com o apertar do botão de um telefone ou com uma mensagem código. Phil também monitorava seus agentes através de seus telefones EE, algo que o departamento não faria porque seria considerado uma invasão de privacidade.



Phil disse a ele que não dava a mínima para a privacidade de Tom quando lhe entregou o telefone. E esse foi um pequeno preço a pagar, porque, quando o empurrão vinha, a EE permitia-lhes muito mais liberdade com seus métodos e regras em geral.

Na verdade, eles estavam definitivamente entrincheirados em um caso em que as regras pareciam ser a última coisa na mente de qualquer um.

— A propósito, fui ao ringue onde Chris lutava, — Prophet disse a ele. — Tenho uma chave para uma caixa postal e um número de telefone. Se for dele, talvez possamos encontrar uma conta de telefone ou algo assim e extrair esses registros.

— Espere, você esteve lá, no ringue de luta? Esta noite?

— Há um maldito eco aqui? Sim, o ringue. Esta noite. Você pode usar suas habilidades tão especiais para ajudar? — Prophet imitou a digitação e Tom mostrou lhe o dedo.

— Deveria ter sabido.

— Eu gosto de ser subestimado.

Tom olhou para ele.

— Não, você não gosta, na verdade. Me dê o que você tem.

Prophet entregou-lhe uma cópia impressa e a chave. Tom começou a digitar, o Prophet permaneceu estranhamente silencioso, e dez minutos depois, Tom disse a ele que eles tinham uma correspondência para uma caixa postal na cidade, mas o número era de um telefone descartável.



— Pelo menos nós temos algo. Vamos verificar a caixa assim que eles abrirem. — Prophet ligou para o telefone celular do motel - não obteve resposta, mas deixou uma mensagem pedindo uma ligação de volta para o seu número e prometendo uma recompensa, sem perguntas. — Vale a tentativa, certo?

— Certo, — Tom disse, porque era isso que parecia que Prophet queria que ele dissesse.

Prophet olhou para ele por um longo segundo.

— Acho que é hora de colocarmos as cartas na mesa sobre o que achamos que aconteceu com Chris.

Tom assentiu, imaginando se aquilo ia para os dois lados. Mas isso não o impediu de dizer o que ele pensara desde o começo.

— Acho que ele foi morto lutando em uma partida de sangue.

Prophet assentiu lentamente como se Tom tivesse confirmado sua própria intuição.

— Luta de sangue é igual a desejo de morte.

Às vezes. Mas principalmente, era uma luta até que um deles caísse e não voltasse a levantar. Não havia nocaute.

— Parece que ele ficou confuso depois que seu irmão morreu, — Tom ofereceu, e fingiu que não viu os punhos do Prophet se apertarem. Ainda assim, ele se preparou para um soco que nunca veio.

Em vez disso, Prophet disse a ele:

— Ele vinha fazendo isso há anos. De repente, ele concorda com uma luta de sangue? Não faz sentido. Porque ele não tinha que fazer isso - ele era um lutador do topo. Ele estava arrecadando dinheiro - mais do

que eu encontrei, mas, novamente, ele estava enviando para sua mãe há anos. Ele também era um favorito da multidão. Lutas de sangue são diferentes.

Tom passou a mão pelos cabelos.

— Isso significa que eu tenho que ser convidado para uma.

— Não. Porra nenhuma.

— Tem outra ideia?

Prophet soltou um suspiro frustrado.

— Vamos acabar com isso na primeira luta, ok? Porque Phil vai me matar se eu te matar.

— Bem.

— Você pode atirar com uma maldita arma?

— Um pouco, — ele disse, seu sotaque profundamente atado com sarcasmo.

— E você rastreia.

— Como você sabe disso se não pesquisou sobre mim?

— Seus olhos.

Tom lançou-lhe um olhar.

— Você conhece o conhecimento Cajun?

— Não apenas Cajun.

— Então qual é a sua especialidade?

— Natasha não te contou isso?

— Pelo contrário, quero ouvir de você.



— Eu sou bom em uma grande variedade de coisas. Melhor? Construindo e detonando bombas. Eu posso construí-las de qualquer coisa.

Então eles poderiam rastrear alguém ou qualquer coisa e destruí-lo. Eles eram uma boa equipe, no papel.

— Você gostou da CIA?

— Eu durei menos de um ano. O que você acha?

— Talvez eles não gostassem de você.

— Um bom. E não, eles não fizeram.

— O FBI também não gosta muito de mim. — Isso não era inteiramente verdade - ele deixara por conta própria ao invés de ver o psiquiatra e tirar a licença recomendada, e eles não tinham ficado felizes em deixar seu treinamento ser desperdiçado. — Por que você deixou a CIA?

— Eles queriam que eu matasse pessoas. Eu estava com medo, — Prophet parecia não saber o que dizer, mas depois disse: — Eu não gosto de fazer trabalhos assim. Eu preciso de um motivo. Acho que devo isso, considerando o que me pediram para fazer a maior parte do tempo.

Foi a coisa mais honesta que Prophet disse a ele.

— Obrigado por me dizer.

— Disponha. — Mas suas bochechas coraram como se ele não estivesse acostumado a compartilhar nada ou ser agradecido. Ele se mexeu um pouco na cadeira e disse: — O sol está quase nascendo.

— Quer pegar o café da manhã aqui?



— Vamos tentar o jantar. Veja se podemos ter uma pista sobre quem está seguindo você.

Prophet acreditou nele. Ele soltou um suspiro suave de alívio, e foi só então que se lembrou que não estava vestido.

Prophet parecia ter notado isso ao mesmo tempo, mas apenas disse:

— Antes de lutar, tire os piercings.

— Merda. — Tom olhou para as barras de prata que passavam por cada mamilo. É claro que os piercings em seu pau seriam mais difíceis e não poderiam ficar assim por muito tempo. Ele apontou para a frente de sua toalha. — Talvez eu só use um protetor.

— Não pode.

— Um suporte de atleta, então. Não é como se ele fosse lutar com meu pau.

Prophet deu de ombros.

— É o seu pau.

— Foda-se. — Tirar os piercings da escada de Jacob[11] era uma dor no rabo. Eles começariam a fechar rapidamente quando ele tirasse, e então ele precisaria colocar piercings menores após a luta.

Que ele não tinha.

— Tenho que encontrar um lugar de piercing.

[11] Este é um termo reservado para as pessoas que têm mais de metade do pênis perfurado horizontalmente para baixo no inferior próximo a cabeça, e o número de piercing é geralmente cerca de 4-8 em uma fileira.



— Há três quadras para cima, — Prophet ofereceu. — É melhor você chegar lá e voltar o tempo suficiente para comer e dormir antes de hoje à noite. Você tem que estar lá às nove.

— O que, agora você é meu guarda-costas?

— Por enquanto, sou seu parceiro.



Prophet suspeitava das tatuagens. Agora, de perto e pessoal, ele tinha visto as marcas tribais, todas em tons de cinza ao longo dos ombros e costas de Tom e ambos os bíceps, com algumas arrastando em seus antebraços. Mas nem todas eram linhas. Havia alguns símbolos ali, engenhosamente misturados. Você tinha que observar para notar, como um tipo de coisa de “Onde está Wally”. E Tom estava vestindo uma camisa, impedindo Prophet de fazer exatamente isso.

Parecia que elas iam debaixo da toalha de Tommy também, mas Prophet não estava prestes a fazer isso para checar. Apesar ...

— Nem pense nisso, — avisou Tommy, puxando jeans e soltando a toalha ao mesmo tempo.

— Eu só estou curioso.

— Então faça as suas.

— Você não parece o tipo de tatuagem, Tommy.

— De que tipo eu pareço?



— No começo, o tipo realmente chato. Mas pode haver esperança para você.

— Caramba, valeu.

— Fraca esperança, — Prophet corrigiu, com ênfase na palavra fraca.

— Podemos ir.

Ele avaliou Tom por um longo segundo. O cara estava no limite e com um pouco de dor. E precisava dormir.

— Você quer que eu pegue as coisas para você?

— Você não saberia o que conseguir.

— Como você sabe? — Ele olhou para a virilha de Tom e de volta para cima. — Não posso simplesmente perguntar a alguém: 'Ei, o pau dele está furado e ele precisa de coisas'?

Tom revirou os olhos.

— Sim, isso vai funcionar. Vamos. — Ele olhou por cima do ombro. — Você vai conseguir um piercing?

Prophet franziu a testa e balançou a cabeça.

— Medo de dor?

— Não preciso de nada extra para me identificar.

— Você está sempre olhando por cima do seu ombro?

— Tenho uma recompensa por minha cabeça em quatro países. E bilhetes de estacionamento pendentes e violações em movimento em sete estados. Incluindo o Texas. Você vem, Cajun? — foram as últimas palavras de Prophet antes de ele sair pela porta.



CAPÍTULO NOVE

Prophet acordou Tommy e o levou para o prédio que abrigava a luta clandestina às 21h. Se você aparecesse mais tarde, seria desclassificado e eles perderiam tempo. Os homens na porta registraram os dois, pegaram o cartão de convite e levaram Tom para pesar e medir enquanto Prophet permanecia, misturando-se à multidão nos corredores.

Algumas pessoas se lembraram dele da noite passada, assentiram, apertaram sua mão.

Prophet passou algum tempo registrando seu lutador, usando uma de suas muitas identidades falsas. Os pagamentos eram todos em dinheiro, mas havia formulários para assinar, dizendo que os donos do ringue - que era ilegal - não podiam ser processados.

Ele balançou a cabeça enquanto assinava. Os formulários pareciam exatamente os mesmos de quando ele e John lutaram aqui, mas ele ainda não tinha reconhecido ninguém na porta ou atrás das carteiras daquela época. E estava ainda mais lotado esta noite. Provavelmente porque um novato estava lutando. Notícias como essa se espalhavam rapidamente por aqui.

Ele tinha evitado os quartos dos fundos na noite passada, mas estar dentro deles, inferno, era como voltar no tempo. Nada - tudo - havia mudado, e ele estava mais desequilibrado do que ele achava que seria. Ele se mexeu irritado. Seus gessos estavam quentes e coçando. Algumas mulheres o tinham parado enquanto ele estava

conversando com os outros gerentes e tinha escrito seus números sobre eles. Alguns homens também, embora mais sub-repticiamente.

Prophet passou as mãos sobre um dos números, um cara chamado Dale que parecia estar preparado para qualquer coisa, e descartou a ideia de ligar para ele. A noite passada não resolveu nada. O sexo nunca resolvia nada.

Desde quando você tornou um desmancha-prazeres sobre sexo?

Depois de uma hora de investigar mais, sem resultados, ele foi procurar Tommy. Ele estava em uma das salas privadas ao longo do lado esquerdo do corredor. O vestiário aberto passava pela direita.

Prophet observou-o silenciosamente da porta parcialmente aberta. Ele usava apenas shorts, e desta vez Prophet aproveitou a oportunidade para olhar. Ele era bem construído. Em forma. Havia cicatrizes que Prophet esperaria ver em um ex-agente especial, e a cabeça de Tommy estava baixa, como se ele estivesse em algum tipo de transe, como se isso fosse o que ele precisava fazer para se preparar.

Ele não parecia estar tendo um momento de dúvida, mas sim, um momento para se controlar.

Ele era um homem se preparando para machucar alguém.

Tommy parecia mais jovem. Este não era necessariamente um jogo de homem jovem embora. Era sujo, dissimulado, e às vezes ser mais velho e mais sábio era melhor.

As perguntas que Tommy lhe fizera mais cedo ainda tocavam em seus ouvidos. Claro que isso era pessoal demais. E Tom tinha todo o direito de perguntar se era. Mas Prophet ainda estava zangado por não

poder lutar, e embora não fosse culpa de Tommy, no coração de Prophet, ele não estava disposto a separar os dois.

Se nada mais, Prophet se orgulhava de sua capacidade de ser irracional. Todo mundo estava sempre falando sobre como ser legal, calmo e centrado era a melhor maneira de ser. Prophet descobriu que o exato oposto funcionava na maior parte do tempo.

Tommy levantou a cabeça e olhou para ele, e Prophet se perguntou a quanto tempo Tommy sabia que ele estava ali.

— Vou lutar contra o adversário do campeão. De repente, eu sou o evento principal do caralho. — Sua voz era uniforme, mas havia uma tensão subjacente.

— Sortudo. — Prophet entrou, fechou a porta atrás dele. — É porque você é um gigante.

— Existe um elogio aí em algum lugar?

— Eles dizem que quanto maior você é, mais facil você vai cair. Todo mundo gosta de assistir quando os grandes caras caem.

— Ótimo.

— Você é um lutador com trinta e cinco anos de idade. O campeão tem trinta e sete anos, então você está na faixa etária certa.

— Eu não teria pensado nisso. Eu acho que não sei tanto sobre isso quanto eu pensava.

— Eles têm algumas orientações que seguem para os lutadores mais jovens, que geralmente os eliminam mais rapidamente do que os caras mais velhos. — Explicou Prophet, feliz que o homem pudesse admitir que precisava de ajuda. — Se eles têm vinte e três ou menos, eles



são classificados por divisão de peso, mas só lutam contra outros dentro de uma determinada faixa etária. Mas se alguém passar por esses caras, eles te levam para caras como você. Rápido.

— E as regras? Eu ouvi dizer que não há nenhuma.

— Você ouviu direito.

— Então quem decide o vencedor?

Quando Tommy decidira entrar na luta, ele não se importou com as regras ou consequências. Agora, porém, parecia que era tudo em que ele conseguia pensar, e Prophet achou melhor ser honesto e ver se seu parceiro desistiria.

— Três juízes determinam quando é hora de encerrar a luta. Cair não defini isso.

— Como isso é diferente de uma luta de sangue?

— Em uma partida de sangue, o perdedor é aquele que está inconsciente.

— E as pessoas pagam para ver isso? — ele perguntou com desgosto.

— Não é tão diferente da luta final que as pessoas pagam para ver na tv. A multidão - a maioria deles nunca fez nada ilegal em suas vidas. Isso os faz sentir como se fossem fodões. Traz para fora o lado primordial de todos.

— Quase parece que você aceita isso.

— Se as pessoas mantivessem seu próprio código de moralidade, isso não seria um problema.

Tom apertou os lábios por um momento, depois disse:

— Eu só pensei que estaríamos fazendo alguma coisa...

— Maior? — Prophet perguntou, e sem esperar, disse: — Salvar vidas é sempre grande.

— Não há ninguém para salvar, Prophet.

Levou toda a paciencia que Prophet não tinha para dar um soco em Tom.

— Há sempre alguém para salvar.



E ele fodeu de novo. Tom fechou a boca, pegou a fita e começou a envolver as mãos até que Prophet quebrou o silêncio.

— Você está fazendo isso errado.

Ele se adiantou e pegou a fita de Tom. Ele desfez o que Tom havia começado e envolveu seus dedos rapidamente, mas com cuidado. Tom tinha colocado como se estivesse colocando luvas - Prophet o envolvel rapidamente, em um padrão diferente que Tom provavelmente não seria capaz de reproduzir.

Mesmo com os gessos, Prophet era surpreendentemente ágil, segurando as mãos de Tom no lugar. Ele estava entre as coxas de Tom e a coisa toda era estranhamente íntima. E mesmo que Prophet estivesse atendendo a ele, Tom podia ver que o homem estava claramente em outro lugar. Mas ele olhou para cima quando terminou e disse:

— Tudo feito, Tommy, — e assim, ele estava de volta.



— Obrigado. — E antes que ele pudesse perceber, perguntou: — Quem é Dale?

— Só um cara que conheci aqui.

— E por que ele escreveu um número no seu gesso?

Prophet deu de ombros.

— Ele deve ter me achado gostoso, — ele disse facilmente, mas houve um leve rubor em suas bochechas por alguns segundos.

Tom sentiu um roer antinatural de algo em seu intestino. Não poderia ser ciúme. Tinha que ser preocupação. Sim, preocupação pelo parceiro dele.

— Apenas tenha cuidado.

— Sempre tenho, Tommy. — Ele fez uma pausa e Tom se perguntou se ele ia dizer algo mais sobre o assunto. Mas ele não fez.

— Não pode ser como uma briga de bar ou você vai quebrar ossos em sua mão. — Prophet levantou seu gesso como um exemplo. — Pense em movimentos sujos. Coisas como palma da mão aberta. Não profissional. Pense em como você lutou antes que alguém realmente te ensinasse.

— Lutando por sua vida, — ele se ouviu dizer em voz baixa.

Prophet encontrou seu olhar.

— As pessoas estão apostando contra você.

Ele tinha ouvido isso antes.

— O que você acha?

— Se você foder isso, eu vou ter que te machucar.



Tom fechou as mãos em punhos, a fita se estendendo surpreendentemente bem.

— Você adoraria isso.

— Eu iria. — Prophet enfiou a mão no bolso e agarrou a mão de Tom novamente. Antes que Tom pudesse perguntar, Prophet havia amarrado uma pulseira de couro ao redor do seu pulso. Amarrou-a e escondeu sob outro pedaço de fita.

— Para que serve isto?

— Para mim, — foi tudo o que o Prophet disse a ele quando ele saiu da sala, mas Tom não havia notado Prophet usando-a. Ele passou os dedos pela fita, imaginou que havia uma história por trás disso. Talvez ele descobrisse algum dia, mas por enquanto ele simplesmente deixou passar e seguiu Prophet até a área principal de aquecimento.

Estava lotado esta noite. O som viajou para cima dentro do espaço abaixo das vigas de metal, criando um eco que fez a sala parecer como um estádio com seu nível de ruído.

Ele observou os outros lutadores na canaleta de retenção. Alguns pareciam oprimidos. Um usava fones de ouvido e se afastou. Tom tinha certeza de que ele estava chapado. Mas nenhum deles era o homem que ele estava escalado para enfrentar.

Ele não chegou a vê-lo até que ele estivesse no ringue sendo apresentado à multidão. Ele ouviu algumas zombarias em seu nome, mas não prestou atenção. Não podia. Bloqueando toda a merda e preparado para uma luta.



O homem chamado Ivan, que entrou no ringue com ele, era um gigante. Careca e gordo, e se ele suasse, seria difícil agarrar-se a ele.

Por um nanossegundo, Tom desejou ter pensado em treinar seu corpo, mas depois rejeitou a ideia. Mas ele estava feliz por ter tirado os piercings. Isso tudo seria como um pornô extremamente interessante que ele tinha visto, menos a nudez e o vencedor fodendo o perdedor. Pelo menos ele esperava que a última parte não acontecesse, porque ele não tinha interesse em Ivan.

Merda, não é hora para fazer piadas, Tommy, ele disse a si mesmo em sua melhor imitação de Prophet.

Ele pensou sobre por que Prophet colocou a pulseira de couro em seu pulso, antes de afastar sua mente de qualquer coisa, além de não ter sua bunda chutada. Seu foco se estreitou para visão de túnel; a única coisa na frente dele era o homem que ele tinha que bater para a satisfação dos juízes, a fim de passar para a próxima rodada.

Ivan se inscreveu para isso e não é um espectador inocente, disse a si mesmo. Ele não podia voltar atrás de qualquer maneira, não quando os portões trancaram com um forte estrondo que ecoou no súbito e inesperado silêncio. O apito soou segundos depois. Não havia cumprimento inicial de juntar os punhos, sem aperto de mãos. Era força brutal, o grunhido de corpos batendo juntos, os sons de punhos na carne.

Ele encontrou Ivan no meio, bateu contra ele, derrubando o homem, batendo nele na parte de trás de seus joelhos. Sua vantagem provavelmente não duraria muito, mas ele não podia se preocupar com isso. Ele socou e deu uma cotovelada e chutou, perdendo o controle de

todo o resto, até que os gritos se desvaneceram e seu mundo se estreitou apenas com os punhos e o rosto de Ivan.

Não demorou muito para ele cheirar o sangue. Não sabia se era dele ou de Ivan ou parte de seu frenesi mesclado. Ele não poderia se importar.

Ele também cheirava o medo, e misturava-se com o cheiro do ringue, suor, tudo em seu nariz. O cheiro azedo de derrota e desespero, a fome da multidão, seus gritos animalescos, tudo misturado em seus ouvidos até que fosse apenas uma batida em sua cabeça, o ritmo que ele precisava para lutar.

Seus pés deslizaram ao longo do tapete, seu corpo seguindo de cór. Melhor assim, ser destacado, observá-lo como um observador externo. O homem tentou alcança-lo - Tom empurrou para trás e depois girou, o punho se conectando com o rosto.

A idade não importa nessas ligas - apenas até onde você está disposto a ir - com que esforço você está disposto a lutar.

Ele estava disposto a ir todo o maldito caminho, especialmente depois que Ivan acertou seus ouvidos. Tom balançou a cabeça em uma tentativa de se livrar do zumbido, e isso fez o grande homem sorrir e chamá-lo de “maldita boceta”. E isso fez com que Tom perdesse sua merda.

Maldita boceta... garoto, é melhor você endurecer...

Bon à rien. Bad loque[12].

[12] Bom pra nada. Maldito azarento.



O passado o chamava, e ele não se lembrava de nada depois disso. Ele apenas continuou se movendo. Batendo. Gritando. Pode ter sido horas ou minutos, não importava. Ele não fez nada além de lutar.

Ele viu os lábios de Ivan se movendo, viu ele tentar se levantar. Tom pulou em seus ombros, mantendo-o no chão.

— Afaste-se, — alguém estava latindo em seu ouvido, e ele foi arrastado de volta por vários pares de mãos, seus pulsos puxados para o ar, aplausos enchendo suas orelhas.

Sua raiva ainda estava aumentando, mas ele precisava ver Ivan, para saber a extensão do dano. Seu próprio corpo estava entorpecido demais para saber se ele estava ferido, até que a adrenalina desabasse, mas ele não se importava. Ele perguntou ao homem ao lado dele sobre Ivan, tentou se soltar, mas uma parede de pessoas estava bloqueando-o. Eles provavelmente pensaram que ele queria machucar Ivan ainda mais, e ele não podia culpá-los. Ele avistou uma maca antes de ser forçado, empurrado para uma sala de treinamento e quase perdeu o equilíbrio quando a porta fechou e trancou atrás dele. Ele se conteve e se arrastou até a mesa.

Eles trancaram a porta por sua segurança, nada mais. Disseram-lhe isso no início da luta, mas ainda lhe deu uma sensação esmagadora de claustrofobia.

Pareceu horas, mas provavelmente apenas mais perto de minutos, quando ele finalmente ouviu vozes. Altas. Quando as mãos o tocaram, ele estava de pé, batendo alguém em uma parede.

— Tommy. Tom.



Prophet. Ele se concentrou, descobriu que estava pressionando Prophet contra o concreto com o corpo, uma mão envolvendo o pescoço do homem.

Os olhos cinzentos de Prophet estavam surpreendentemente não zangados. Ele supôs que Prophet poderia jogá-lo longe, mas ele não o fez.

— Tommy, você está bem?

Ele estava? *Absolutamente não*. Ele soltou Prophet, e então Prophet o estava levando de volta para a mesa. Segurando-o, embora ambos fingissem que não era o caso. A adrenalina deixou seu corpo de repente. Dolorosamente.

Ele estava em melhor forma do que quando esteve no FBI. A paróquia o mantivera ocupado com pedidos constantes por todas as coisas diferentes, desde disputas domésticas até varreduras de drogas e ladrões de túmulos, mas não era o tipo de ocupação que ele ansiava. Ele ficou o tempo que pôde, até que Phil se materializou como algum tipo de anjo da guarda e o salvou de apodrecer em seu inferno auto-imposto.

Exercite-se. Pegue bandidos. Beba moonshine caseiro. Enxague, repita, jogue sua vida fora.

Ele não podia deixar seu pai ganhar. Não dessa vez.

— Ei, Cajun. — Prophet estava estalando os dedos para ele.

— Você faz isso assim de novo e eu vou quebrá-los, — ele disse irritado, e Prophet realmente pareceu satisfeito. Se foi a ameaça ou o fato de que ele havia forçado Tom a fazer uma ameaça, Tom não podia ter certeza.



Era como sair de algum tipo de estado de fuga, exceto que ele se lembrava.

E você estava preocupado que Prophet iria estragar sua chance de um retorno.

Prophet estava passando as mãos pelo rosto de Tom, procurando por ossos quebrados. Tom colocou as mãos nos pulsos de Prophet e os manteve imóveis por um momento.

— Como está Ivan?

Prophet deslizou os braços para fora do aperto de Tom.

— Você ganhou, Tommy. Isso é tudo que você precisa saber.

Bon à rien.

Bad loque.



CAPÍTULO DEZ

A briga foi feia. Brutal. O homem na gaiola com Tom estava sem sangue e dinheiro. Tom era mais alto, o homem chamado Ivan mais amplo, mas no final, não importou.

Tom tinha sido como um maldito tsunami no ringue, um vulcão adormecido que parecia totalmente seguro até explodir a porra do telhado do lugar. Se ele fez ou não propositalmente, foi um convite para a luta de sangue - que era onde os tipos mais agressivos e fora de controle eram os mais adequados - não era algo que Prophet queria se aprofundar.

Foi rápido. Sujo. E Prophet entendeu o que Tom quis dizer com treinamento profissional. Fazia muito tempo desde que Prophet tinha realmente lutado em uma briga sem ter que confiar em seu treinamento para subjugar as pessoas com facilidade e rapidez. Ele teria se destacado como um polegar colorido.

Não que Tommy não tivesse. E Tommy havia vencido a preferência do público. Normalmente, isso lhe renderia vaias e vaias, mas foi uma luta tão digna que a multidão ainda cantava seu nome.

Cajun. Cajun. Cajun.

Tom levantou a cabeça, finalmente ouvindo.

— Você é um completo idiota, — ele murmurou, e Prophet não podia negar isso. Mas pelo menos o Tom que ele conhecia estava quase de volta, aquele olhar vago desaparecendo de seus olhos.



O nariz de Tom estava machucado, não quebrado. Uma bochecha estava inchada, o lábio inferior sangrando. Prophet precisaria checá-lo ainda mais, mas parecia que ele ficaria bem. Ele pegou alguns dos suprimentos que guardavam nos quartos - bandagens de borboleta, peróxido, gaze - e atendeu primeiro ao rosto de Tom.

Tom ficou parado, a energia finalmente drenada de seu corpo.

— Estou com problemas?

— Eu acho que nós dois podemos estar. — Os demônios de Tom surgiram durante essa luta. Se ele sabia que poderia acontecer, Prophet não tinha ideia.

— Eu não o teria matado. — Disse Tom deliberadamente, como se soubesse o que Prophet estivera pensando.

— Eu sei.

— Como?

— Porque você poderia tê-lo matado com suas próprias mãos em um movimento. — O que Tom fez foi mais primitivo. Pessoal.

— Você vai contar para Phil?

— O que? Que você ganhou uma luta?

Tom esfregou a nuca e gemeu.

— Foda-se, Proph, — foi tudo o que ele disse sobre isso, e então. — Nós devemos sair daqui.

— Eu ainda não recebi meu dinheiro.

— A sério?

— Não, Tommy. Eu acho que o seu medidor de piadas foi arrancado na luta. Vamos. — Ele se moveu para ajudar Tom a sair da mesa no momento em que dois idiotas de aparência gorda encheram a porta. Tom endureceu, seus punhos cerrados. Ele engoliu em seco e seu olhar vazio voltou. — Fique legal, T. Eu cuido disso. Você entendeu?

Ele esperou até que Tom encontrou seus olhos e assentiu antes de se virar para os homens. Ele manteve a mão na coxa de Tommy para centrá-lo quando disse:

— Meu lutador venceu - recebo meu dinheiro?

— O chefe quer falar com você.

— Dinheiro primeiro. — Ele virou as costas para os homens para enfrentar Tom, murmurando: — Eles foram embora?

Depois de uma batida, Tom assentiu.

— Bom. — Ele franziu a testa. — Você está com dor.

— Sim. Minhas costelas na maior parte.

— Você também bateu a sua cabeça. — Foi o que pareceu ter começado o frenesi de Tom. — Você tem um bom humor em você, Cajun.



Tom não respondeu, porque o que diabos ele poderia fazer, além de concordar, então ele apenas sentou em silêncio, deixando Prophet limpar seu lábio e sentir em torno de suas costelas para ver o quanto ele estremecia, e tentou não deixar a culpa correr através dele.



E mais uma vez, Prophet estava lá fisicamente com ele, mas seus olhos tinham o mesmo olhar distante que eles tiveram antes. Prophet já havia feito isso antes, se importar com alguém assim e, provavelmente, aqui, neste clube. Talvez, sem dúvida, Prophet tivesse lutado também, mas neste papel, ele era o protetor feroz. E Tom sinceramente nunca havia se sentido protegido assim em toda a sua vida. Por mais desconfortável que fosse, Prophet era quase hipnótico, esfregando-o, checando contusões e entorses, cuidando de suas mãos e costelas, tratando os cortes.

Prophet estava confortável aqui.

— Você lutou aqui, — ele disse finalmente.

— Sim. Há muito tempo. — Ele tirou a fita com um removedor que deixou a pele de Tom intacta. Tom estava preparado para apenas arrancá-la, mas literalmente colocar-se nas mãos capazes de Prophet foi a melhor decisão. — Eles virão atrás de você.

— Sempre foi assim?

— É muito dinheiro agora. As lutas são gravadas, mostradas no YouTube, — Prophet respondeu sem responder, algo em que ele era proficiente.

— Você sabia que eu iria machucá-lo?

— Sim. Eu só não sabia se seria de propósito.

— E?

Prophet olhou para ele.

— Eu ainda não sei, Tommy.



Tom viu o gerente na porta atrás de Prophet e ficou tenso quando o cara rosnou:

— Esse babaca fodeu meu lutador.

Prophet parecia calmo, deu-lhe o mesmo olhar de antes, e Tom se forçou a relaxar.

— Ele tem um temperamento. — Prophet deu de ombros, virando-se a meio caminho de Tom, mas ainda fazendo Tom se sentir protegido. — PTSD ou alguma merda assim. Ele chutou o traseiro do seu cara, justo e limpo, e eu quero o meu maldito dinheiro.

— Ele não parou ao pedido do juiz.

— Agora temos regras?

— Ele não pode voltar aqui.

— Muitos outros lugares para levar nosso dinheiro. — Disse Prophet. O homem deu um passo à frente, bateu o rolo de notas na mão de Prophet e saiu.

— Nós vamos ser atacados no estacionamento. — Disse Tom resignadamente.

Prophet enfiou as notas no bolso da frente da calça jeans.

— Eu sei.



O convite para a luta de sangue viria quando eles estivessem do lado de fora. Foi assim que Prophet se lembrou de trabalhar todos esses



anos atrás. Os meninos com quem ele brigou falavam sobre isso em voz baixa. Os lutadores que foram para a luta de sangue não eram autorizados a voltar às lutas regulares, mesmo como membros da plateia. Havia todo tipo de rumores sobre o que aconteceu com eles: paralisados, fugindo da cidade. Mortos. Prophet sempre supôs que não era nada tão dramático quanto isso. Talvez os caras que desapareceram tivessem sido ameaçados para ficar longe ou pagos o suficiente para não terem que lutar novamente. Mas, quem diabos sabia?

Tommy estava vestido agora com o capuz na cabeça, as mãos presas no bolso da frente do velho moletom da Universidade de Louisiana. Prophet o guiou para fora. Alguns caras esperavam por eles, chamaram Cajun. Mas ninguém chegou perto dele, como se todos estivessem com um pouco de medo dele.

Tommy parecia ter um pouco de medo de si mesmo também.

Antes de chegarem na metade do caminho para o carro, um cara baixinho que parecia ter tido seu nariz quebrado muitas vezes, se esgueirou por trás de um velho furgão de serial killer.

— A multidão amou o seu garoto, mas ele pode ser um pouco demais para esse local.

— Você acha? — Prophet empurrou Tommy para frente e, felizmente, ele obedeceu.

— Tenho uma oferta para você.

— Não estamos interessados em lutar aqui novamente.

— Aqui não. — O cara deslizou-lhe um cartão. — Isso é diferente. Seu cara pode continuar chutando os idiotas e ninguém vai pará-lo. O dinheiro é maior. As apostas são maiores.



Prophet olhou para o cara, imaginando se ele teria sido o único a dar a Chris o mesmo discurso, e por que Chris teria se apaixonado por isso. Chris tinha ficado fora de controle no final, como Tommy?

— Onde e quando?

— Cross Street, amanhã. Venha às dez, a luta é às onze. Ninguém além de você e seu lutador. — O cara apertou sua mão, e Prophet lutou contra o desejo de desinfetar as mãos. Ou dar um soco nele. Tom poderia se forçar a entrar no ringue amanhã, mas não era inteligente. O cara não dava a mínima para os lutadores - e o pensamento de que ele poderia estar envolvido na morte de Chris fez os punhos de Prophet se apertarem.

Ele tentou se acalmar, contando em sua mente, mas contar até dez, merda, nunca funcionou. Isso realmente o deixou mais furioso.

— Você está dentro? — O cara perguntou.

Prophet abriu a boca para dizer: *Não, não estamos*, quando Tom disse:

— Estamos dentro.

— Vai ser bom, — o cara disse com um sorriso.

— Foda-se, — Prophet disse a ele, mas Tom acenou para o cara mesmo quando Prophet o arrastou para longe.

Eles quase chegaram ao caminhão quando isso aconteceu. Os homens - talvez cinco deles - saíram correndo do beco onde obviamente estavam à espreita.



Ele queria dizer a Tom para não lutar, mas Tom não teria escutado. Ele já estava correndo em direção a eles como se ele fosse uma bola de boliche e eles os pinos.

Prophet agarrou um deles, bateu-o contra o capô do caminhão. Fixado ele, queria perguntar-lhe se ele era um dos caras que tinha batido Chris até a morte. Mas a maneira como ele caiu, a maneira como Tom derrubou os outros, disse a Prophet que eles não eram capazes desse tipo de violência.

Eles tinham sido ordenados pelo chefe para fazer isso, mas eles eram mais seguranças do que lutadores. Prophet reconheceu um cara que estava saindo com Ivan no quarto dos fundos também. Ele veio direto para Tom, mas Prophet o deteve batendo mais uma vez o corpo dele contra o capô do carro mais próximo.

— Tom, deixe-os ir, — ele ordenou. Tom estava meio sentado em um deles - dois outros já haviam fugido e outro estava amarrotado no chão.

Tom olhou para ele - aquele longo e distante olhar, e não, o cara ainda não estava de volta de onde quer que essa luta o tenha levado.

— Pelo menos recebemos o convite, — Tom disse finalmente, deixando Prophet tirá-lo do chão e dando ao sujeito uma chance de correr. Tom encostou-se a Prophet, que andou meio a meio e voltou para o carro.

— Eu não vou deixar você lutar de novo.

— Não vai deixar? Isso é ótimo. — Tommy empurrou-o para longe. — Isso é o que nos foi atribuído. Eu estou fazendo meu trabalho.



Prophet parou de discutir, porque era inútil. Eles tinham vinte e quatro horas até a luta. Sempre havia a chance de alguém tentar matar Tommy antes disso.

Quem sabia que esse seria o pensamento mais reconfortante do dia?



CAPÍTULO ONZE

Tom sabia que lutar novamente o transformaria, fazendo com que ele voltasse ao lutador que ele era em sua juventude. Talvez ele até quisesse. Pelo menos aquele Tom lutava por algo.

A onda de sangue nas orelhas dele ainda não tinha desaparecido. Se qualquer coisa, ficou pior no caminho para o hotel. Seus ouvidos estalaram quando ele subiu os degraus, e ele empurrou Prophet para o seu quarto, tirando a roupa enquanto se dirigia para o chuveiro.

O spray era como agulhas quentes ao longo de sua pele machucada e raspada. Ele rosnou enquanto se forçava a ficar embaixo, esfregando violentamente com o sabão. Ele lavou o cabelo, ficou o tempo que pôde, até que percebeu que ainda era capaz de sentir o cheiro do ringue e não tinha nada a ver com o quão limpo ele estava.

Ele se envolveu em toalhas - uma ao redor de sua cintura e outra ao redor de seus ombros e saiu do banheiro para encontrar seus piercings na bolsa sobre a mesa.

Merda. Ele tinha esquecido tudo sobre eles. Ele pegou a bolsa e abriu-a.

— Você vai fazer isso agora? — Prophet perguntou. Ele estava sentado na pequena mesa como se estivesse esperando por Tom, assistindo a filmagem da câmera de segurança.



— Os buracos começam a fechar rapidamente. — Ele enfiou a barra rapidamente através de seu mamilo esquerdo, sibilando a dor leve, o que o deixou duro.

E Prophet assistiu a coisa toda com total e absoluto interesse.

— Cara, isso deve ter doido.

— Esse é o ponto. — Sua voz era áspera, suas mãos tremiam e, em conjunto, sua cabeça começava a pulsar. Ele se recusou a dizer a Prophet sobre isso.

Mas Prophet estava ao lado dele, levando os piercings restantes dele.

— Eu vou fazer isso.

— Não.

— Por quê?

Porque eu vou ficar duro se você me tocar.

— Bem.

Prophet tampou o piercing que Tom já tinha colocado. Então ele puxou o outro mamilo em direção a ele e deslizou o piercing para dentro, tapando-o habilmente enquanto Tommy observava. Ele não se incomodou em esconder sua ereção através da toalha.

Ele sabe que você já está duro.

— Ok? — Prophet perguntou, e Tom só pôde assentir sim. — Toalha.

Tom deixou cair. Queria dizer algo como, *tenho que estar duro para os piercings entrarem*, mas ele não podia. E Prophet não parecia se importar, e ele não sabia o quanto deveria estar insultado sobre isso.



— Você tem certeza? — Tom perguntou.

— Sim. — Prophet olhou para ele, e ele não queria fazer disso uma grande coisa, então ele agarrou seu pau, posicionou-o contra seu estômago, e deixou Prophet deslizar os piercings para dentro. Ele tentou ignorar o fato de que Prophet tinha caído de joelhos e que sua boca estava a centímetros do pau de Tom, mas ele não podia deixar de assistir, fascinado, quando Prophet enfiou os piercings, esperando por Tom para recuperar o fôlego entre cada um.

Quando Prophet terminou com todos os cinco, Tom puxou a toalha em torno dele e foi para a cama. Ele sentou-se contra os travesseiros, e Prophet observou-o em silêncio por alguns instantes antes de dizer:

— Você está todo fodido. Como se sente?

— Muito bem. — Ele não protestou quando Prophet se adiantou com uma pomada e depois uma bandagem de pressão. Então gelo. Em toda parte. Sacos dele em seus ombros. Dois em suas costelas e mãos. Outro para sua bochecha e nariz.

— Continua tudo bem?

— Não consigo sentir nada, — ele mentiu.

— Entendo. É normal quando você faz merda estúpida.

Não houve julgamento em seu tom.

— Parece que você já fez isso.

— Toda a minha vida, — Prophet concordou agradavelmente.

— Eu gostava mais de você quando você era um idiota.

— A maioria das pessoas concordaria com você.



Sua cabeça começou a doer. As lutas sempre desencadeavam suas enxaquecas, como se seu corpo se lembrasse das respostas emocionais e físicas e o cobrasse em espécie.

Ele não se importou, acolheu a dor e a mágoa, abraçou-a como um velho amigo enquanto tentava ignorar Prophet. Ele queria que Prophet saísse do seu quarto para que ele pudesse ter sua privacidade, sua...

Vida? Sim? Qual delas, T?

Ele disse a si mesmo para calar a boca. Fechou os olhos e se afastou.

Pareceu segundos depois, quando ele acordou com a dor batendo contra a sua têmpora direita.

— Deveria ter sabido, — ele murmurou.

— Cajun, sente-se.

— Não.

— Teimoso. — Prophet puxou-o para sentar, apoiado nos travesseiros. — Deitar-se quando você tem enxaqueca não é bom.

— Como você sabe?

— Minha mãe tinha.

— Está me chamando de garota?

— Cajun, eu tenho te chamado assim desde que nos conhecemos.

— Eu vou chutar o seu traseiro. — Ele disse fracamente.

— Sim, não sabia que você tinha tal temperamento, — Prophet demorou.

— De onde tirou isso?



Prophet bufou.

— Vamos tomar esse remédio para enxaqueca.

— Eu não acredito que você leu meus arquivos médicos.

Prophet pareceu ofendido.

— Isso seria invasão de privacidade. Eu olhei através de suas malas.

Ele teria revirado os olhos, mas isso teria doído muito.

— Não preciso de nada, — ele conseguiu responder antes de entrar no banheiro, ajoelhar-se e vomitar.

Ele sabia o que seguiria. Primeiro a dor, com a qual ele podia lidar, e depois a náusea, que ele odiava. O doutor da EE tinha insistido para que Tom lhe contasse cada pedacinho da história médica, e graças a Deus ele tinha, porque ele havia dado remédio para Tom. Medicina que ele não estava usando porque não conseguia parar de vomitar o tempo suficiente para toma-la.

Depois de alguns minutos, ele perguntou:

— Me dê as pílulas?

Prophet entregou-lhe o supositório em vez disso.

— Não vai continuar tomando analgésicos sem isso. — Disse o Prophet de maneira razoável. E ele estava certo. A enxaqueca surgira depressa demais e ele estava forte demais. — Tem certeza de que não é uma concussão?

— Ele não me bateu forte o suficiente.



— Forte o suficiente para te chatear, — Prophet disse a ele, e sim, foi quando Tom se lembrou de realmente perder sua merda. O soco na orelha.

Maldita boceta.

— Cale a boca, — ele disse a Prophet. E as vozes em sua cabeça.

— Não até que você me deixe te ajudar.

O show inteiro para Prophet, não mostrar fraqueza não estava indo bem.

Ele se levantou e sua cabeça girou. Ele se inclinou contra o ombro de Prophet sem querer, mas quando ele tentou se afastar, o homem o segurou lá com uma mão gentil na parte de trás do seu pescoço.

— Fique. Está tudo bem.

Mas não seria, não de manhã. Não quando Tom não estivesse drogado e Prophet tiraria sarro dele novamente, ou pior, seria um idiota maior para ele.

Não quando ele tinha mais lutas antes de acabar com esse caso.

— Estou bem, — ele murmurou. Empurrou para trás e viu estrelas. Porra, porra de enxaqueca.

— Você é teimoso, T. — Tom engoliu quando Prophet traçou seu lábio inferior com o polegar. — Por quê?

— Não confio em ninguém.

— Sim, eu entendo isso. — Os olhos de Prophet lhe disseram que ele realmente entendia, honesta e verdadeiramente, e isso tornou um pouco mais fácil afundar-se em seu ombro. — Por esta noite, T. eu cuido de você. Somos parceiros



— Você não quer um parceiro.

— Você quer que eu comece a cantar 'Você não consegue sempre o que quer'?

— Não. Por favor. Minha cabeça dói.

— As pessoas pagariam um bom dinheiro pelo meu canto.

— No inferno, talvez.

— Espertinho. Você tem que me deixar te ajudar.

— Não. Eu consigo.

— Porra. Não você não consegue. Você quer que eu te segure e coloque a força, porque eu vou.

— Você não pode.

— Por quê? Forçar um supositório?

Prophet não ia desistir, e porra, talvez isso pudesse ser mais humilhante. Mas não foi. Tudo o que ele podia fazer era se encolher de lado no chão do banheiro e deixar Prophet ajudá-lo. Prophet usou uma luva e um pouco de lubrificante, inseriu a medicação rapidamente e facilmente. Profissional. Sem brincadeiras. Nada além de um pano com água e álcool para a testa, goles de cerveja de gengibre e uso de pontos de pressão para aliviar a dor e, finalmente, quando o medicamento antinausea entrou em vigor, Prophet o ajudou a voltar para a cama.

— Tudo bem, T. Eu tenho você, — Prophet disse a ele novamente.

Eu tenho você.

Tom se perguntou por que diabos isso de repente importava tanto.



Demorou cerca de quinze minutos para Tommy começar a cochilar. Prophet deus as pílulas para ele antes disso, e eles ficaram quietos. Enquanto Prophet observava, o corpo de Tom, que estava mais tenso do que um tambor na posição semi-direita, começou a relaxar. Primeiro, ele deixou as pernas para baixo de onde elas foram puxadas até o peito. Então seus braços relaxaram e, finalmente, ele virou de lado.

O homem era bonito daquele jeito pensativo. Desalinhado agora, o que ele não tinha sido há alguns dias atrás, quando chegou a todos abotoado e pronto para o trabalho. Ele parecia mais um Federal, mas agora ele parecia...

Ele estava bonito.

Durante a luta, ele estava com raiva. Impressionante.

— Com quem você estava lutando hoje à noite, T? — ele murmurou para o homem adormecido, grato por não obter uma resposta. Porque ele realmente não queria saber. Porque então ele poderia precisar retribuir.

Nenhum de seus parceiros foi estúpido o suficiente para ser pessoal com ele, e com isso, ele não quis dizer nu. Até mesmo Mick, um homem que parecia conhecê-lo tão bem quanto qualquer um, sabia que Prophet e as perguntas pessoais não se misturavam.

Tom poderia perguntar a eles, poderia empurrar o e forçar com coisas como visitar Carole e perguntar sobre a carreira de Proph na CIA,

mas o fato de Tom parecer tão fodido, se não mais, do que Prophet, era como algo importante.

Como se sentisse o olhar de Prophet nele, os olhos de Tom se abriram. Após um segundo piscando, ele disse:

— Você ainda está cuidando de mim.

— Eu disse a você que eu faria.

— Eu não sabia que você tinha tais instintos maternais.

— Foda-se você, Cajun. Você sabe, eu poderia ter outros nomes piores para a sua luta, e não pense que eu não estava planejando isso. Cajun quente. Papai do voodoo...

Tom gemeu.

— Eu já estou com dor - não é suficiente para te fazer feliz?

— Sempre poderia ser mais feliz, — ele disse. — Merda, eu acho que vi isso em um talk show. Eu preciso voltar para a guerra ou algo assim.

Tom bufou. Ficou quieto por alguns minutos e depois murmurou:

— Não sou fraco.

— Não, você não é.

Tommy pareceu satisfeito com aquilo, fechou os olhos e deixou que Prophet segurasse o ponto de pressão na tenra teia de pele entre o polegar e o indicador. Aquele local aliviava dores de cabeça, e Prophet ficaria sentado aqui assim a noite toda, se isso significasse ajudar Tommy.

Ele se perguntou como, em um período tão curto de tempo, seus papéis foram invertidos. Phil não teria ficaria feliz com isso.



Ou talvez isso fizesse parte do plano de Phil.

Idiotas. Ambos. Prophet não precisava parar no meio da missão para cuidar de seu parceiro. Ele poderia cuidar de si mesmo - sempre teve, sempre fez - mas isso de cuidar e outras merdas tinha parado para ele há muito tempo atrás.

Em pequenas doses, ele poderia fazer isso, como quando ele ajudou Mick em missões. Mas Mick era capaz de lidar com sua merda na maior parte do tempo. E eles se conheciam há anos.

Ele conhecera Tom há dois dias e já o chamava de Tommy a maior parte do tempo - e Tommy não o estava corrigindo - enquanto cuidava do maldito homem. Ele não queria ser mãe de ninguém. Foi por isso que ele saiu de casa há muito tempo e parou de cuidar das pessoas.

Não de John, no entanto.

Não, não John. E se John ainda estivesse por perto, talvez Prophet ainda estivesse cuidando dele. E talvez ele estivesse ressentido com isso agora.

Você se ressentiu. Você está apenas fingindo que não porque...

Ele reprimiu seus pensamentos, recusou-se a deixá-los se materializar ainda mais.

Tom virou-se então, murmurou algo sobre dor e Cajun e má sorte, colocou a mão no peito de Prophet. Ele disse algumas outras coisas em francês Cajun, e Prophet amaldiçoou e empurrou a mão do homem.

Tom a substituiu imediatamente, agarrou a frente da camisa do Prophet com um punho para se puxar para mais perto. Desta vez, Prophet não resistiu, apenas amaldiçoou novamente em voz baixa, e observou Tom respirar.



Como ele poderia parecer tão pacífico depois que tudo o que aconteceu esta noite foi inacreditável. Prophet não estava em paz depois da violência - nunca esteve, nunca seria. Ele era uma bola rolando de energia, adrenalina e raiva, e esta noite ele teve que reprimir isso por toda essa merda de carinho.

Ele odiava isso.

Tom suspirou e esfregou a bochecha contra a camisa de Prophet.

Sério?

Uma vez que Tom pareceu se acomodar - ainda o tocando - Prophet ligou para o restaurante e pagou a um dos garçons para que ele entregasse seu pedido para que ele pudesse abastecer. Ele se soltou do aperto de Tom por tempo suficiente para pegar a sacola, pagar o garçom e trazê-lo, mas Tom ficava inquieto sempre que saía da cama, parecia estar procurando por ele. Então Prophet ficou perto. Comeu durante a noite, assistiu a filmes. Tommy foi medicado. Passou por cima da estratégia. Cochilou intermitentemente, mas pelo menos isso era bom para o curso.

Mick mandou uma mensagem para ele - algo sobre Blue caindo do lado de um prédio para se divertir. Ele pensou em mandar uma mensagem de texto e pedir a Mick e Blue para ajudá-lo. Para assumir.

Mas ele não fez.

Em vez disso, ele tentou ficar acordado. Um minuto, ele estava assistindo a terrível bondade de The Expendables, e no seguinte, ele não sabia o que diabos estava acontecendo.



Ele piscou rapidamente, mas seu corpo permaneceu imóvel. Ele estava preso em areia movediça e ele se recusou a entrar em pânico. Tinha que se orientar.

Ele escutou novamente. Vozes altas. Ele apontou sua arma para os sons.

A sala se inclinou como uma caravana, o primeiro sinal de que isso não era real, que ele não estava onde pensava que estava.

Concentre-se. Os sons ... não no fogo de artilharia ou o inimigo. Ainda assim, ele não abaixou sua arma. Esquadrinhou a sala escura, a luz bruxuleante da TV iluminando o homem na cama...

Tommy.

Texas.

Chris está morto. E isso não era uma zona de guerra.

Ou era?

Porra. Ele enterrou o rosto no braço, enxugou o suor e forçou a respiração a regular. Porque ele ouviu gritos, o tipo que você só ouviu quando alguém estava morrendo. Seu primeiro instinto foi cobrir as orelhas, mas isso não era real, então não ajudaria.

Tom resmungou alguma coisa.

Prophet colocou a arma de volta sob o travesseiro e tentou se acomodar na cama. Seu corpo tremia um pouco, como sempre acontecia quando ele saía desses flashbacks, e ele se concentrou em Tommy para que ele não tivesse que olhar ao redor da sala e avistar o fantasma em uniforme de batalha.



Ele precisava ficar ao lado de Tom, porque ele não queria que seu novo parceiro - tão fodido quanto era - visse Prophet igualmente.

Grande equipe que você juntou aqui, Phil.

Tom imediatamente fez contato com ele novamente. No início, Prophet pensou que Tommy poderia simplesmente voltar a dormir com o rosto em seu peito, mas então o homem se moveu para que ficasse face a face. Ele murmurou algo que Prophet não pegou, antes de puxar o Prophet e beijá-lo. Como realmente beijá-lo, não se importando com o lábio cortado, a boca aberta, a porra da língua e os beijos de zero a sessenta que fizeram Prophet beijá-lo de volta.

O rosnado erótico de surpresa de Tom espalhou o calor pelo corpo inteiro de Prophet. Ele engasgou na boca de Tom, um bufo suave, e suas mãos subiram para varrer o cabelo de Tom, contra seu couro cabeludo, meio gentil, meio puxando mais forte quando Tommy respondeu arqueando sua pélvis contra a de Prophet.

Um gemido retumbou em seu peito, e ele foi embora quando Tom acariciou sua língua contra o céu de sua boca antes de foder com sua língua de volta.

Ele rolou Tommy de costas e deitou em cima dele. As mãos de Tom agarraram seus quadris, os gessos de Prophet embalando a cabeça de Tom.

Porra, ele amava beijar. Porra era obviamente ótimo, mas beijar era realmente como você poderia descobrir como derrubar alguém da melhor maneira possível.

Ele ainda estava fora abalado com o flashback, mas isso estava aterrando-o. Fazendo ele sentir.



Esse beijo poderia arruiná-lo.

— Queria te beijar... no aeroporto, — Tom disse a ele contra sua boca.

— Eu queria ver mais de seus piercings.

— Você viu todos eles, de perto e pessoal. — Tom se chocou contra ele, e Prophet o beijou de novo e de novo, e os beijos de Tom eram uma combinação de promessa e conexão.

— Porra. Com sono, — Tom murmurou contra sua boca.

Tommy.

Tom, ele disse a si mesmo severamente enquanto se afastava, como se isso fizesse alguma diferença.

Tom, cujas mãos subiram o corpo de Prophet para tirar a camisa, acariciar seu rosto, depois se aproximou de seus olhos antes de parar, parendo incerto.

— Prophet, estou drogado, — ele disse baixinho. — Seus olhos...

Prophet se forçou a não congelar.

— Sim, meu querido T. Drogas estão fodendo com seu voodoo.

— Sim, — Tom ecoou, sua testa franzida em concentração, como se ele estivesse desesperadamente tentando se lembrar do que ele estava falando. Entre as drogas e o sexo, Prophet asseguraria que isso não acontecesse.

Quando ele trouxe a boca de volta para Tommy, uma parte dele estava de volta aos dezessete anos, beijando um homem diferente, mas uma parte maior sabia exatamente quem ele estava beijando. E ele não se incomodou em parar.



Tom adormeceu sob ele. Prophet ficou grato e ligeiramente ofendido. Ele lutou contra o sono o máximo que pôde e, quando acordou, não houve flashbacks. Apenas a mão de Tom em seu pênis.



CAPÍTULO DOZE

Tom teve um sonho extremamente vívido de ter beijado Prophet. Então Prophet o beijou de volta, rolou por cima dele, segurou-o.

Ele tocou seu rosto e jurou que tinha queimadura de barba. Seus lábios estavam inchados, o outro latejando um pouco mais do que deveria, e o queixo de Prophet também estava vermelho.

Mas se Prophet não estava dizendo nada, o que isso significa? Porque se realmente tivesse acontecido, o homem estava deitado em cima dele, e não o contrário.

— Melhor? — Prophet perguntou cautelosamente, e sim, Tom estava com sono e drogado e, surpreendemente, sem sentir dor.

— Melhor. — A dor de cabeça ainda estava lá, espreitando por trás da névoa narcótica, mas ele não tinha os meios para se importar. Ele se moveu um pouco e então percebeu por que Prophet parecia tão estranho.

Sua mão estava entre as pernas de Prophet, apenas descansando ali, como se pertencesse lá. Ele tirou a mão do algodão macio da calça jeans, e murmurou:

— Porra. Desculpe, — enquanto também percebia que Prophet estava duro.

— Está bem. Você estava muito inquieto. — Prophet se aproximou e agarrou-lhe outra toalha com gelo para sua cabeça, colocou-a delicadamente onde Tom estava segurando a outra enquanto dormia.



— Você foi legal quando tomei os remédios, — ele disse a Prophet.

— Isso definitivamente são os remédios falando.

— Não.

— O que?

— Você estava me acalmando.

— E você está usando palavras muito grandes, — Prophet resmungou.

Tom bufou, levantou-se e foi mijar. Ele lavou-se e escovou os dentes também, então perguntou a Prophet se eles tinham alguma cafeína. Ele estava um pouco instável, não sabia se era dia ou noite lá fora, e cara, o que Doc lhe dera era bom.

— Aqui. — Prophet apertou uma lata de Coca-Cola em suas mãos, e ele bebeu. Quando ele terminou, ele viu Prophet espirrando água no rosto, usando a pia que ficava do lado de fora do banheiro. Ele observou-o se enxugar e depois apenas olhar no espelho, um olhar distante em seus olhos que Tom não estava certo de que gostava.

— Algo errado? — ele perguntou.

Prophet pareceu voltar a realidade.

— Nada, cara. Estou tudo bem.

— Não, você não está.

— Não, eu não estou. Mas eu vou ficar bem de manhã.

— É de manhã, — Tom respondeu. — Eu acho que é.

Prophet bufou.

— Obrigado pela atualização.



— Desculpe.

— Por quê? Me corrigir?

Tom encolheu os ombros.

— Que você teve que ajudar alguém que você nem queria como seu parceiro em primeiro lugar.

Ele viu os arranhões, o chupão desbotado no pescoço do homem e não gostou. Ele estava alto o suficiente agora dos remédios para não pensar demais nas coisas. Ele era uma grande bola de desejos e Prophet estava em sua mira. Ele passou a mão pelas costas nuas de Prophet antes que ele pudesse se conter, e o homem parou. Tom não se importava - ele queria tocar Prophet por dias agora. E Prophet não o parou, apenas observando-o cuidadosamente no espelho.

Tom encontrou seus olhos.

— Gostou do que está vendo? — Prophet perguntou, sua voz um ruído silencioso, mas perigoso, fortemente atado com sarcasmo.

Mesmo assim, Tom respondeu a ele seriamente.

— Sim.

— Isso é porque você está vendo dois de mim.

Tom riu porque não conseguiu evitar. Soco bêbado, ele podia ver porque eles chamavam isso.

— Malditos remédios... me deixam ...

— Cansado?

— Com tesão, — ele corrigiu com um sorriso. Engoliu em seco, mas cara, os remédios eram como um maldito soro da verdade.



— Acho que esse segredo está fora da bolsa.

— Você tem segredos também.

— Isso não deveria ser um segredo?

Tommy apontou um dedo para ele.

— Não. Não quando estou drogado.

Prophet sorriu, aquele sorriso preguiçoso e sonolento que fez Tom querer foder com ele e se virou no pequeno espaço que Tom lhe deixara. E Tom não se mexeu.

Prophet não fez qualquer tentativa de afastá-lo também. Em vez disso, ele se abaixou e passou a mão pelo braço de Tom em direção ao seu pulso, aquele com a pulseira de couro.

— Você não tirou isso.

— Nem você.

Prophet brincou com a pulseira, espaçando um pouco, e Tom o queria de volta nessa realidade, com ele. Colocou uma mão sobre Prophet, que disse:

— Você fala enquanto dorme.

— Eu disse alguma coisa interessante?

— Você colocou sua mão no meu pau.

— E isso te excitou? — Tom perguntou.

— Lutas sempre me deixam duro.

— Então minha luta te excitou?

Prophet deu-lhe um sorriso torto.



— Eu não sou tão fácil, Tommy.

Tom acariciou uma das mãos entre eles, indo até o cós do jeans do Prophet - e eles estavam próximos o suficiente para que se Tom desse um puxão, eles estariam colados - e então levou a mão para a parte de trás do pescoço do Prophet.

— Achei que você pudesse ser.

Ele passou seus lábios contra o ombro do Prophet, e o homem estremeceu, mas não se moveu. Ele não cedia facilmente, e essa era a melhor parte.

Eventualmente, Tom se preocuparia com as consequências. Mas havia distância suficiente entre agora e depois para que ele permanecesse o mais próximo que pudesse de Prophet.

Prophet correu os dedos pelos cabelos de Tom, em seguida, colocou a mão em sua bochecha.

— Esta é a pior ideia que já teve, — ele murmurou, e Tom concordou com um aceno de cabeça. Ele ainda segurava Prophet na nuca e puxou o rosto do homem para o dele, inclinando-se para um beijo.

Prophet não ofereceu resistência. Deixe Tom puxá-lo para perto, esmagar sua boca contra a de Prophet em um beijo quente e duro. Tom forçou sua língua dentro da boca de Prophet, e depois do que pareceu uma eternidade, a língua de Prophet tocou a dele.

Prophet ainda segurava o pulso de Tom, e era como se ambos estivessem suspensos assim, Tom tentando puxar Prophet para mais perto e Prophet tentando manter o comprimento de um braço entre eles.

Foda-se isso. Tom não ia suportar isso. Ele puxou o braço do aperto de Prophet e empurrou-o contra a pia.

O beijo começou duro e ficou tenro e, em seguida, áspero novamente, enquanto lutavam por algum tipo de posição, qualquer domínio. Ele rapidamente cresceu para *"santa foda, eu não posso parar agora"*. Duro e macio, e acendeu seu corpo inteiro no fogo, e oh santa Mãe Maria, ele estava afundando duro.

Mas ele se certificaria de que Prophet fosse mais duro.

Exceto que ele tinha que ter certeza que ele estava certo sobre isso. Que Prophet não estava apenas deixando-o fazer isso por causa das drogas... ou por alguma outra razão estúpida, como querer dizer a Phil que Tom o atacara.

Ele recuou, estreitou os olhos. Precisava saber se isso era real, ou se Prophet o estava provocando de novo, do jeito que ele amava. Mas com base no rubor nas bochechas de Prophet, o pulso rápido, as pupilas dilatadas, Tommy sabia que ele não estava brincando.

Sabia com certeza quando Prophet estendeu as mãos e as colocou na cintura de Tommy e puxou-o para perto tão rápido que foi pau duro para pau duro, combinando com a chama e provocando um colapso totalmente espetacular. Épico. Memorável.

Isso ia matá-lo, de um jeito ou de outro.





O pênis de Tom encostou no dele. Prophet ainda usava jeans, Tom usava shorts, e essa era uma péssima ideia.

Realmente, literalmente uma péssima ideia.

Mas Tom estava observando-o atentamente. De alguma forma, essas drogas conseguiram torná-lo mais perceptivo em vez de menos, o que não era o modo como deveria estar funcionando.

— Vamos voltar para a cama, — ele disse a Tom. — O que você acha que vai acontecer então?

— Eu vou foder você.

— Talvez eu queira te foder? — Prophet perguntou.

Tom ergueu a sobrancelha e Prophet amaldiçoou suavemente, lembrando-se.

— Você insistiu em colocá-lo por mim, — Tom lembrou-o com um sorriso.

— Foda-me.

— Sim, estou tentando, Proph. — A voz de Tom era baixa mas firme. Como se ele não fosse aceitar um não como resposta.

Prophet reprimiu um comentário inteligente, com medo de que ele não fosse capaz de retirá-lo. Em vez disso, ele tentou encarar Tom. Mas o homem parecia ser impossível de se enervar.

Essa coisa toda era confusa e complicada e repleta de uma miríade de questões, além do fato de que Prophet não sabia se realmente gostava de Tommy, e tinha certeza de que Tommy também não gostava dele.

Mas as drogas estavam trabalhando sua magia em Tom, e ambos estavam obviamente com tesão e alimentados pela adrenalina da luta.



Esta pode ser uma maneira eficaz de se livrar de um parceiro, pensou Prophet.E isso fez seu estomago se agitar um pouco, mas ele não parou para se perguntar por que, não quando Tom esmagou suas bocas e os empurrou para trás ao mesmo tempo, terminando com seu corpo pesado em cima de Prophet na cama.

Prophet permitiu isso. Concedeu a ele a sensação de que ele estava no controle quando, na verdade, ele não estava. De modo nenhum.

Seus gessos estavam atrapalhando - ou pelo menos foi o que Tom disse quando empurrou os braços de Prophet sobre sua cabeça. E então ele se abaixou para tirar o jeans de Prophet e seu próprio short em alguns movimentos rápidos. Ele estava movendo as coxas de Prophet, colocando-o em posição...

— Tommy, caramba. — Prophet ouviu a frustração em sua própria voz, mesmo quando ele permitiu que Tommy o maltratasse. — Não sou feito para...

— Estar na parte de baixo? — Tommy perguntou com um sorriso torto. — Você pode gostar disso.

Ele queria morder:

— Duvido, — mas ele não podia. Sua respiração saiu por seu nariz em um suave bufar, o corpo ficando tenso quando o sangue se transformou em um rugido quente que ameaçava sua sanidade. Ele estava caindo aos pedaços. Mas inferno, se ele ia fazer isso, este era o caminho certo a seguir.

A mão de Tommy roçou suas pálpebras e depois demorou um segundo a mais, e o movimento teria sido imperceptível para qualquer

outro, mas não para Prophet, e ele precisava dizer a Tommy para nunca mencionar o que seu maldito traseiro cajun tinha visto. Novamente.

Mas talvez ele não precisasse. Tommy pareceu perceber, talvez lembrando as palavras anteriores de Prophet. Ele ainda estava nervoso.

Porque ter Tommy sabendo disso seria a pior coisa que Prophet poderia pensar.



Tom atacou Prophet já que não sentia dor. E ele aproveitou completamente o fato de que as mãos de Prophet eram mais desajeitadas do que jamais seriam por causa dos gessos. Concedido, ele ficou surpreso que Prophet estivesse lá de costas, com os braços acima da cabeça - agora ele estava apenas observando, um pouco cauteloso, mas ele estava tão bonito.

Se preparando para atacar? Poderia ser, mas Tom não acreditou nisso. Ele se abaixou, beijou o homem novamente, e Prophet não fez objeção, beijando-o de volta com fervor.

— Você pode se mover, Proph, — Tom murmurou contra sua orelha depois de afastar sua boca.

Em resposta, Prophet virou a cabeça para que Tom pudesse acariciar sua bochecha. O que ele fez.

Não continuaria assim - Tom sabia disso. Mas enquanto Prophet estivesse flexível - e nu - Tom não teria nenhum problema em tirar proveito dele.



Ele tiraria qualquer vantagem que pudesse conseguir.

Ele se afastou um pouco de Prophet para passar as mãos pelo peito do homem, seus dedos se desviando ao longo da pele marcada - ele catalogou um buraco de bala, dois cortes de faca, pequenas cicatrizes que ele não conseguiu distinguir - e então ele apertou um mamilo entre os dedos e Prophet pulou.

Tom queria ver isso de novo e de novo. Ele tocou o mamilo e mordeu o outro ao mesmo tempo, esfregando a coxa levemente contra o pênis de Prophet, e sim, o homem levantou os quadris da cama em resposta.

Porra, o cara ficaria bem com piercings. Tom inclinou-se, chupou e mordeu o mamilo novamente, murmurando:

— Se você fosse meu, eu faria você perfura-los, apenas porque eu posso, — baixo o suficiente para que Prophet não pudesse ouvir, enquanto mordia e chupava-os novamente, e o corpo do Prophet estremecia.

Quando ele olhou para cima, com o mamilo ainda em sua boca, Prophet perguntou:

— Isso é tudo o que você sabe? — Ele tentou parecer entediado, mas suas bochechas estavam vermelhas, os olhos brilhando com excitação.

— Isso é um desafio?

— Foi você quem começou isso.

Isso não era inteiramente verdade, mas Tom não queria discutir. Ele queria foder. Duro, rápido, e talvez isso fosse culpa das drogas, mas ele estava além do carinho.



Ele queria ver Prophet perder ainda mais a cabeça.

Ele arrastou sua língua para baixo na pele quente de Prophet, sacudindo, mordendo, lambendo enquanto tomava o caminho mais direto para levá-lo entre as pernas de Prophet.

Ele traçou a linha magra e musculosa do quadril do Prophet com a língua. Prophet tinha um gosto doce, como se os donuts e doces que ele comia corressem por seu sangue.

Prophet permaneceu estranhamente submisso, observando Tom com uma expressão que fez Tom tremer, poderia tê-lo derrubado se estivesse sóbrio. Mas agora, ele era o rei do maldito mundo e Prophet era todo dele, estendido como um sacrifício.

— Você fez isso com seus outros parceiros? — Prophet perguntou de repente.

Tom esfregou a nuca na coxa de Prophet, e o homem deu um pulo.

— Nunca. Você?

Prophet balançou a cabeça, olhando para o teto. Oh não, Tom não aceitaria nada disso. Ele apertou um dedo ao longo do períneo de Prophet, substituiu-o com a língua. Prophet gemeu, levantando os quadris e lá, a atenção estava em seu devido lugar.

Ele queria lembrar de tudo isso, o cheiro da pele de Prophet, o peso de seu pênis na mão. Mais do que isso, ele queria que Prophet se lembrasse disso, queria inseri-lo em seu cérebro e em seu corpo.

O pênis de Prophet era longo e grosso e implorando pela boca de Tom. Prophet sibilou quando Tommy chupou antes de levá-lo até a metade do caminho.



— Tommy. — E era isso. Aquela palavra, mas o tom de voz quase fez com que Tom se aproximasse mais da cama.

Ele sugou o pênis de Prophet profundamente em sua garganta, e Prophet arqueou-se para ele, fodendo sua boca com vários impulsos fortes de seus quadris. Tom o deixou por alguns instantes e depois o deteve com firmeza, prendendo-o pelos quadris.

— Mais, — Prophet disse quando Tom o chupou, segurando suas bolas. Tom passou a língua diretamente na veia na parte inferior de seu pênis, pressionando firmemente por um tempo.

Seus olhos nunca deixaram o rosto de Prophet, nem mesmo quando o homem fechou os olhos.

Tom ia enlouquecer Prophet - fazer cada coisa que ele gostasse.

— Porra, se você continuar fazendo isso... — Prophet se perdeu na metade da frase e gemeu quando Tom passou a língua em torno da cabeça de seu pênis, sondando, pressionando, deixando-o louco. Ele queria que Prophet gozasse quantas vezes pudesse nesta noite. Ele queria apreciar o controle que lhe foi dado agora, porque ele não tinha tido mais cedo, e Prophet sabia disso.

Agora que os papéis estavam invertidos, ele não perderia sua vantagem.

— Sádico, — Prophet disse quando Tom se moveu de volta.

— Você diz isso como se fosse uma coisa ruim. — Tom puxou seu corpo de volta para cima de Prophet, então eles estavam peito a peito. Seus dedos cavaram no quadril de Prophet enquanto ele balançava sua pélvis contra a dele.

— Idiota. Vou gozar, — advertiu Prophet.



— Não, você não vai. — A excitação o estava desgastando, deixando-o ligeiramente desequilibrado e desesperado para perder o controle. — Ainda não, Proph. Vou te foder bem gostoso.

Ele flexionou seus quadris novamente, uma lenta e tortuosa moedura de pau contra pau. Os braços de Prophet permaneciam sobre a cabeça, os dedos se curvaram em punhos tanto quanto podiam.

Prophet o tocaria se eles não estivessem lá, ou os gessos eram apenas uma desculpa conveniente para permanecer um pouco submisso?

— Quão gostoso? — Prophet perguntou. Sua respiração vinha em ofegos rápidos. Ele parecia, de alguma forma, como um maldito anjo.

Tom deslizou um joelho entre as pernas de Prophet, separando-as, forçando-as com o corpo.

Ele tem medo de me machucar.

Porque Prophet estava reagindo - todos os sinais estavam lá, além do pau duro. O suor, a respiração rápida, os dedos apertados em torno das extremidades dos gessos.

Todo esse tempo, Tom estava preocupado exatamente com o oposto. Mas ele tinha um homem inquebrável debaixo dele. Ele rosnou ao pensar em Prophet tentando protegê-lo, se inclinou e o beijou novamente. Os beijos ficaram quentes, molhados, seus corpos se arqueando um contra o outro, deslizando juntos em uma confusão quente, pegajosa e suada de prazer. Prophet começou a se esfregar contra ele.

Ele queria que Prophet implorasse.



Ele manteve a boca em Prophet, com seus beijos frenéticos quando ele empurrou para cima em um cotovelo e agarrou o lubrificante. As coxas do Prophet se abriram para ele facilmente e ele deslizou um dedo lentamente dentro dele.

— Você não precisa flertar, T. Eu não sou uma garota.

— Isso significa que eu não tenho que comprar o jantar depois?

— Não, eu definitivamente vou querer o jantar. — Prophet fez uma pausa. — Talvez eu seja uma garota.

— Eu realmente espero que eu me lembre disso quando tudo isso acabar.

Prophet bufou, depois gemeu quando Tom acrescentou um segundo dedo e torceu.

— Sim, é isso. Porra.

Prophet tentou agarrar-se a algo e quando percebeu que não podia – realmente não podia -, Tom levantou sua mão, depois a outra, para que Prophet pudesse agarrar a parte de baixo da cabeceira da cama.

— Não solte, — Tom disse a ele. Prophet olhou para ele, seus olhos ligeiramente atordoados, já que Tom não tinha parado de fode-lo com os dedos, propositalmente deixando Prophet no limite.

Tom recuou, retirando com relutância a mão para abrir o preservativo para que ele pudesse rolar cuidadosamente sobre seu...

— Piercings, — disse Prophet, com a testa franzida.

— Foi você quem os colocou de volta. Não se preocupe - você vai curtir muito —. Ele passou a língua sobre o mamilo de Prophet, em seguida, mordeu o novamente.



— Porra.

— Vai chegar em breve.

— Foda-se, — Prophet respondeu enquanto seu pênis esfregava no estômago de Tom. Tom recuou para colocar o preservativo, e Prophet ignorou o pedido de Tom para não soltar a cabeceira da cama, e virou-se para o estômago.

Tom esperava por isso, embora estivesse desapontado. Ele poderia ter insistido para que Prophet ficasse de costas, melhor ainda, poderia ter virado o homem, mas ele permitiu que Prophet se acomodasse em seus cotovelos e joelhos, lançando-se com um baque surdo.

Ele fez uma anotação mental para pensar nisso mais tarde, analisar enquanto Prophet dormia. Se ele dormisse.

Sim, esse era o objetivo - foder tanto Prophet que ele dormiria como um bebê.

Ele se moveu de modo que estivesse com seu peito nas costas dele, coxa com coxa, o contato como uma pose de luta livre. Ele mordeu o pescoço de Prophet, na junção com o ombro, o suficiente para deixar uma marca quando entrou nele.

Prophet sibilou com a intrusão, mas Tom não parou. Um lento e suave impulso através da dor faria o corpo de Prophet render-se a ele.

— Relaxe, Proph, — ele disse, mais uma exigência do que um pedido, e a tensão nos ombros de Prophet se dissipou quando Tom segurou seus quadris, balançando contra ele.

— Porra. Porra, — foi tudo que o Prophet disse quando Tom não lhe deu tempo para se recuperar. Ele não precisava disso, não do jeito



que Tom o abriu, pressionando-o, segurando-o empalado em seu pênis. — Tommy...

Era assim que ele deveria soar quando dizia *Tommy*.

Prophet empurrou de volta contra ele com força, uma vez, duas vezes, o que permitiu que Tom afundasse dentro dele mais rápido. Ambos amaldiçoaram ao mesmo tempo - Tom em francês cajun - e acalmaram como se suas vidas dependessem disso.

E então Prophet se sacudiu, estalando os quadris e forçando Tom a se mover em seu ritmo.

— Porra, Proph, —. Prophet riu, mas foi uma boa risada. Ele soou livre. Feliz.

— Você está certo - os piercings são bons.

Prophet era quem estava alto agora. Tom conseguiu recuperar o controle mudando para um ângulo que fez Prophet endurecer e dar um gemido baixo.

— Sim, Tommy, assim.

Uma de suas mãos estava no ombro de Prophet enquanto balançava seus quadris para trás e para frente, a outra estava no pênis vazando de Prophet. Prophet estava combinando impulso com impulso, a cabeça contra a cabeceira da cama, que por sua vez batia na parede, a cama ameaçando se romper. O corpo inteiro de Tom foi reduzido a seu batimento cardíaco.

— Tommy!

Ele não sabia por que ele não queria que Prophet o chamasse assim antes. Agora, ele não queria que Prophet o chamasse de outra forma. Tom acelerou, sua respiração saindo como suspiros.

— Goze.

— Você primeiro, — disse Prophet. — Eu tenho ... Mais ... auto... controle.

Tom recuou. Abrandou. Prophet arqueou, tentando fazer isso acontecer mais rápido, mas sem sucesso. Tom inclinou-se, atingiu sua próstata rapidamente, três vezes seguidas, depois recuou com golpes mais curtos que fizeram Prophet gemer mais alto e cair, seus ombros batendo no colchão, braços esparramados na frente dele quando ele começou a perder o controle.



Prophet esperava a virada da agressão da luta para o sexo, a sobra de adrenalina. Mas, embora Tom não fosse gentil, o que era algo que Prophet nunca tolerou, era como se Tom fosse capaz de separar aspectos de si mesmo. Ele lutou, ganhou - agora era hora do prêmio.

Ou talvez ele tivesse simplesmente dado fim a luta.

Mas Prophet esteve ao redor de homens com temperamento ruim o suficiente para saber melhor. Tom não tinha acabado sua luta com Ivan naquele ringue. Talvez ele não estivesse lutando contra Ivan.

O passado estava se aglomerando neste caso de todas as direções. Prophet podia lutar, que era o que ele fazia melhor, ou podia

se deixar afogar nele. Ele fechou os olhos e se deixou levar, de volta ao passado, a uma cama diferente, com um menino oscilando à beira da masculinidade. Ele poderia fingir tão facilmente.

A mão de Tom se moveu de seu pênis para o mamilo, apertando-o com força, trazendo-o de volta.

Se você fosse meu, eu faria você perfura-los. Apenas porque posso.

Ele estremeceu e Tom disse:

— Pare de se afastar.

Droga. Maldito homem Cajun Voodoo sabia de tudo?

Ele estremeceu sob as grandes mãos que o manipulavam. Elas estavam fazendo mais do que apenas procurar por uma foda rápida - os toques eram persistentes, como faixas quentes ao longo de sua pele.

Seu pênis doía quando Tom o tocou, os dedos cravando em sua pele, como se Tom quisesse que Prophet se lembrasse dele, lembrasse disso.

E foda-se, ele faria. Sabia disso já, porque seu corpo queria mais.

Ele não sabia por que ele precisava tanto disso. Tommy empurrou contra ele, os piercings rolando dentro dele nos lugares certos, sua mão no pênis de Prophet.

O clímax de Prophet era como uma tempestade se formando, rodopiando furiosamente, estrondosamente rápida e descontrolada, parte ira, parte beleza, misturada com um pouco de dor, e oh foda-se, sim. Tom manteve um fluxo constante de conversa suja. Talvez fossem as drogas, mas Prophet não acreditava nisso. Era uma mistura de



francês inglês e cajun e o orgasmo de Prophet foi longo e prolongado, deixando-o naufragado, enfraquecido, incapaz de parar de estremecer.

Tom gritou quando gozou segundos depois, bombeando dentro dele, ainda com força e Prophet jurou que podia senti-lo gozar através do preservativo. Foi sujo e bagunçado. Atrevido. E quando a mão de Tom pegou em seus cabelos, forçando-o a virar a cabeça e olhar para o rosto de Tom, Prophet permitiu. Não conseguia fingir que não tinha forças para desviar o olhar.

Tom estava forçando-o a assistir, reconhecer. Não afundar no passado, por conforto ou auto-flagelação.

Tommy parecia disposto a cuidar dele, além de tomar conta. Prophet não podia ficar muito confortável com isso, não podia aproveitar, porque então...

Porque então.



CAPÍTULO TREZE

— O que você está fazendo? — Prophet perguntou, sua voz áspera por falta de sono ao invés de sonolento. Durante a última meia hora, ele parecia estar descansando com os olhos ligeiramente abertos, enquanto Tom tentava descer do alto do sexo que se transformou a droga pós-enxaqueca.

Tom se perguntou o que diabos Prophet temia quando fechava os olhos. Mas sabia melhor do que perguntar. Mas ele não foi capaz de resistir a pegar um marcador para desenhar no gesso de Prophet. O homem não tinha notado até que Tom estivesse bem próximo de encobrir os outros números de telefone nos gessos. Prophet olhou entre os gessos e Tom, deu um pequeno sorriso, mas não se queixou.

— Volte a dormir, — ele disse a Prophet, embora ele ainda estivesse nebuloso também, naquele lugar entre sonho e realidade, onde seu corpo se sentia bem e ele não tinha certeza se isso era real. Onde ele ainda estava alto o bastante para não dar a mínima para que ele estivesse fazendo algo que nunca faria se não estivesse drogado.

Mas Prophet se inclinou para vê-lo desenhando a estrela náutica que espelhava a que Tom havia tatuado em seu coração. Ele tinha chegado longe o suficiente para que não desse ver o número de telefone de Dale por mais tempo.

— Bonita estrela.

— Achei que você apreciaria isso.

— Eu sei que você cobriu o número.



— Bom.

— Que bom que eu sei ou bom que você cobriu? — Prophet perguntou.

— Sim.

— Você está fodido da cabeça, Tommy.

Tom resmungou, continuou desenhando. Ele estava cobrindo o que restava dos números agora, hipnotizado pela maneira como ele era capaz de conectar tudo. Era disso que ele mais gostava no trabalho que fazia - havia padrões em tudo, nos crimes, no bem e no mal, na vida em geral. Às vezes ele sentia como se pudesse seguir esses caminhos para sempre.

Às vezes, ele temia que eles o levassem de volta para o inferno.

Eles já não haviam levado?

— Você desenhou suas próprias tatuagens também? — A voz de Prophet tirou-o do devaneio.

— Algumas delas. — Tom esboçou os nomes, usando alguns símbolos tribais, uma caveira e qualquer outra coisa que o inspirasse. Arte tendia a hipnotizá-lo e ele gostava de ser capaz de seguir sua mente sem ter que pensar sobre isso.

— Onde você os fez?

— Tenho um amigo no negócio.

— Um ex?

Tom franziu a testa.



— Mais ou menos. — O homem que o tinha tatuado era realmente a última pessoa que ele queria pensar ou falar, especialmente agora. — Você não tem nenhum ex?

Prophet riu.

— Se eu tivesse, você sabe que todos estariam atrás de mim. Com espingardas.

— Só homens ou as mulheres também?

— Faça sua aposta. Posso foder com alguém por trabalho, T. Não me diga que não. Mas para minha vida pessoal, os homens me servem. Sempre tem.

— Nenhuma pergunta? Sem angústia?

— Não sobre isso.

Ele respondeu isso tão facilmente. Mas só porque parecia que Prophet o deixara entrar não significava que o homem realmente o tinha deixado entrar. Tom não estava tão alto que não soubesse a diferença real.

Prophet se aproximou para localizar o apanhador de sonhos no ombro e no bíceps de Tom. Tom lutou contra o impulso de estremecer ao toque, mas parou o que estava fazendo. Ele poderia deixar Prophet traçar suas tatuagens o dia todo.

— Você tem pesadelos, Tommy?

Tom não respondeu, porque não parecia ser uma pergunta. Em vez disso, ele perguntou:

— Você quer que eu desenhe um?



Prophet olhou para ele e, depois de um segundo de hesitação, encolheu os ombros como se não importasse. Mas importava.

Tom esboçou o lado direito de Prophet, já que ele havia coberto a esquerda com marcas tribais e o crânio. Ele começou com o círculo, uma marca difícil na superfície e no ângulo, mas ele conseguiu, preenchendo-o com uma aparência semelhante ao dele. E então ele desenhou as penas cuidadosamente, então elas se enrolaram no braço de Prophet como um abraço.

Pode ter demorado minutos ou horas, mas Tom ficou com os olhos marejados quando terminou. Ele olhou para cima e viu Prophet estudando-o.

— Funciona? — Prophet perguntou.

— Você nunca sabe o quanto as coisas podem piorar, — Tom disse a ele.

— Você é sempre assim, ou são os remédios?

Tom riu.

— Definitivamente, nem sempre. Quanto tempo eles têm que ficar?

— Quem diabos sabe. Eu acho que Doc fez isso apenas para me torturar. Ele me disse que na próxima vez que eu tira-los sem permissão, ele os colocaria com papel rosa. Como se isso fosse me impedir. Como se eu tenho medo de rosa—. Ele fez uma pausa. — Ok, eu estou com um pouco de medo de rosa. Mas eu usaria apenas luvas compridas ou algo assim.

Houve silêncio - confortavelmente - quando Tom terminou. Ele fechou a caneta, flexionou a mão que estava rígida de desenhar. Ele

também tinha chegado perto de Prophet, movendo-se ao lado dele para obter o ângulo certo sobre o gesso, seu quadril roçando o pênis de Prophet. E agora o seu próprio tinha uma necessidade mais premente do que encobrir números de telefone.

A luz atravessou o rosto do Prophet. Ele parecia mais relaxado, menos em guarda do que jamais estivera. Mas de alguma forma ainda letal.

Sempre letal.

Prophet virou-se de costas, braços sobre a cabeça novamente, jogados esparramados no travesseiro. A ereção de Tom cutucou a coxa de Prophet enquanto ele pensava sobre Prophet amarrado, e Prophet balançou a cabeça.

— Você tomou Viagra em vez de remédios para enxaqueca?

— Talvez, — Tom murmurou, passando a mão no pênis de Prophet, que também estava duro de novo. — Você se importaria?

A resposta de Prophet foi entre um grunhido e uma risada. Tom passou o polegar pela cabeça, girando levemente, incapaz de resistir a inclinar-se para sugar a cabeça.

Prophet inalou agudamente, enfiou os dedos no cabelo de Tom. Ele fechou os olhos e gemeu quando Tom acariciou seriamente, levantando os quadris da cama numa imitação de gato, deixando Tom assumir o controle dele novamente.

— Acha que não tive o suficiente?

— Pensei que você precisasse dormir.



Os olhos de Prophet se abriram enquanto ele estudava o rosto de Tom.

— Você vai me colocar para dormir assim.

— Vou tentar, — Tom disse a ele, sua mão bombeando o pênis do Prophet lentamente, depois mais rápido quando o homem se recusou a desviar o olhar. Ele não conseguia ler a expressão do homem, não até que sua boca baixou e seus olhos brilharam.

— Sim, assim. — A voz de Prophet estava rouca, o corpo tenso. A mão dele se esticou para segurar o bíceps de Tom, aquele com o apanhador de sonhos.

Tom o pegou o olhando quando ele gozou.



CAPÍTULO QUATORZE

Prophet dormiu um pouco, melhor do que antes, mas ele atribuiu isso aos orgasmos, não ao apanhador de sonhos. Ainda assim, ele não conseguia parar de olhar para ele, tanto o no braço de Tom quanto o de seu gesso.

Já passava das cinco da manhã. Antigos hábitos de acordar durante a madrugada eram difíceis de quebrar e muito arraigados para ele se incomodar em tentar.

Tom não estava inquieto agora. Seu rosto estava esmagado no travesseiro que ele estava segurando, quase embalando, todo enrolado.

Saia enquanto pode. Porque Prophet não conseguia se lembrar da última vez que ele realmente acordou ao lado de alguém quando não estava em uma trincheira ou em uma casa segura. E isso não tinha sido tão perigoso quanto essa merda.

Ele rolou para fora da cama, seu cérebro já tentando formular um plano, tanto para lidar com o que havia acontecido e com o que estava por vir, especialmente no que dizia respeito a luta de sangue. Ele abriu seu computador e encontrou duas coisas - um e-mail de alguns caras que ele conheceu na platéia que conheciam Chris, querendo se encontrar com ele hoje, e uma mensagem instantânea de Cillian dizendo a ele que ele estava vivo e para não tentar nada com seu sofá.

Sem promessas, ele digitou quando se sentou na cama ao lado de um desmaiado Tommy, e em um minuto conseguiu uma resposta:

Como é seu parceiro?



Ótimo de cama, pensou Prophet. Mas digitou:

Mesma merda.

Você fez uma pausa.

E?

Quando você pausa, significa que você está pensando em uma mentira.

— Tem que estar brincando comigo, — ele murmurou.

Vá assustar outra pessoa. Talvez eu seja um cara lento.

Onde ele está agora?

Prophet virou a cabeça para a forma propensa de Tom.

Dormindo.

Perto de você?

Não.

Agora você digitou muito rápido. Suspeito.

Foda-se, Cill.

Envolvendo-se com um parceiro...

Nós não estamos envolvidos.

Você o fodeu.

Prophet digitou:

Não.

Muito rápido. Ele é bom?

Sim, no trabalho.



Há. Para registro, eu sou excelente em ambos.

Você também nunca está em casa.

Dê-me uma razão para estar, Cillian digitou, depois se despediu imediatamente, permitindo que esse último pensamento permanecesse na cabeça de Prophet.

Acho que vou foder isso em pouco tempo, pensou Prophet, depois se perguntou por que diabos ele se sentia culpado por flertar com um homem que nunca conhecera, e depois amaldiçoou porque a razão estava deitada na cama ao lado dele.

Então ele tomou banho, vestiu-se, ligou o alarme para alertar Tom de intrusos se ele acordasse antes que Prophet voltasse com comida. Ele tinha que sair de lá, pegar um pouco de ar, algum espaço, e ele atravessou a rua para o restaurante.

Uma vez lá, ele sentou-se no balcão com um café enquanto esperava pela encomenda e se perguntou o que diabos ele estava fazendo fodendo seu parceiro.

Ele culpou o caso. Sobre o fato de que ele começou a ver o fantasma de John. Ele costumava sonhar com John. John estaria ensinando Prophet, e ele acordaria, e pareceria que tinha sido tão real.

Agora, o homem estava falando com ele pessoalmente.

— Só porque você está vendo meu fantasma não me torna morto.

John, debruçado do outro lado do balcão, usando seu antigo uniforme do deserto, a sujeira em sua bochecha e a mesma expressão de puto com o mundo que sempre usava em público.

Em particular, Prophet era capaz de limpá-la do seu rosto. A maior parte do tempo. Agora, ele disse a John:

— Foda-se você e sua lógica de enigma do fantasma.

A garçonete que estava entregando a comida olhou para ele, mas não pareceu incomodada, simplesmente balançou a cabeça.

— Neste lugar, todo mundo fala sozinho.

Ele olhou de volta para ver John sorrindo.

— Não posso ir lá de novo, amigo. Eu quase me perdi. Quase pedi tudo.

— Tente com mais afinco, — John sugeriu nas palavras imortais de seu CO[13] antes que desaparecesse.



Tom acordou sozinho e dolorido em mais lugares do que ele pensava ser possível. Sua cabeça tinha a pulsação persistente da ressaca de uma enxaqueca. Ele se mexeu cautelosamente, já que seu corpo ainda doía de seus vários ferimentos no clube de luta. Felizmente, as persianas estavam todas fechadas, então a sala estava banhada pela escuridão, apesar da hora do início da tarde indicada pelo relógio.

Nenhum lugar para ir, além de ficar aqui. Nada a fazer, a não ser os problemas antes da luta de hoje à noite.

A porta abriu e fechou, e ele ouviu Prophet dizendo:

---

[13] Comandante oficial



— Não atire. Eu tenho café da manhã.

Tom não notou que ele havia puxado sua arma, um hábito antigo enraizado no FBI que estava ressurgindo com este caso. Ele olhou para Prophet e, em seguida, abaixou a arma lentamente e colocou-a na mesa ao lado dele. Prophet assentiu com a cabeça, adiantou-se e desembalou as sacolas de comida gordurosa que Tom não tocaria em um dia normal.

Pós-enxaqueca, ele não conseguia o suficiente.

— Como você sabe sobre a comida do café da manhã?

— Você murmurou sobre isso em seu sono.

Ele se perguntou o que mais ele disse, e decidiu que talvez ele não quisesse saber.

Prophet não ofereceu mais nada, apenas vasculhou a sacola e entregou um pouco da comida para Tom, que se recostou nos travesseiros e comeu os biscoitos de café da manhã e batatas fritas e engoliu o café quando esfriou. Ele estava ficando meio humano novamente. O sono e o tempo cuidariam do resto, mas a irritabilidade que sempre acompanhava suas enxaquecas estava crescendo.

E Prophet tratando-o como um estranho, recusando-se a reconhecer o que havia acontecido na noite anterior, piorou as coisas.

O que você esperava que ele fizesse? Um afago?

Prophet ainda não estava dizendo muito. Ele comeu em pé, olhando para a tela do computador como se contivesse os segredos do universo. Tom cutucou seu lábio dolorido - agravado pelo beijo, mas era uma maldita boa dor. Ainda assim, o gelo não seria uma má ideia. Ele enfiou a mão no balde de gelo ao lado da cama, embrulhou um par de

cubos em um guardanapo e segurou-o contra o lábio. Pelo menos o curativo continuava no lugar.

Se Prophet notou o que ele estava fazendo, ele não indicou. Tom ouviu um ding e, em seguida, Prophet começou a digitar com uma mão.

— Quem é? Natasha?

O rosto de Prophet segurava o fantasma de um meio sorriso quando ele balançou a cabeça.

— Apenas um fantasma.

— O encontrou em uma de suas missões?

— Na verdade, ele mora no lugar abaixo do meu.

— Acolhedor. Então vocês dois fazem pipoca e assistem filmes juntos?

— Engraçado. Mas eu nunca o conheci.

A expressão no rosto do Prophet não era para um cara que ele nunca conheceu.

— Não achei que você fosse do tipo de sexo por chat.

Prophet bufou, balançou a cabeça e continuou digitando. Ele parecia mais jovem. Feliz. O que irritou Tom quase tanto quanto Prophet tentando fingir que a noite passada não tinha acontecido.

Porra, ele odiava a ressaca da enxaqueca ainda mais do que a maldita enxaqueca.

Finalmente, Prophet soltou o celular e disse:

— Recebi uma ligação de alguém que disse que conhecia Chris. Vou me encontrar com ele e seus amigos a algumas quadras.



— Você não vai sozinho.

— Tem que ir.

— Eu sou seu lutador - não faria sentido que eu estivesse lá, mostrando que não estou ferido? Fingindo que não sou? Se ficarem sabendo que estou bem, é melhor para a luta de sangue.

Prophet pareceu considerar isso enquanto comia outro sanduíche. Mas a paciência natural de Tom estava desgastada, já havia sido esticada até o ponto de ruptura. Juntamente com a lembrança do quanto ele perdeu o controle na luta, ele começou a suspeitar que Prophet pensava nele como uma responsabilidade.

Bem, foda-se isso. Ele saiu da cama e foi para o chuveiro. Esperava que Prophet saísse sem dizer a ele, mas ele não o fez. Ele esperou que Tom se vestisse. Ele observou atentamente, até que as bochechas de Tom se ruborizaram e ele se virou para Prophet.

— As coisas vão ser estranhas por causa da noite passada?

— Surpreso por você se lembrar.

— Lembro-me de tudo.

— Você me fodeu por causa das drogas, Tom. Você teria fodido qualquer um na noite passada.

Tom bateu Prophet contra a parede antes que ele pudesse se conter.

— Vá se foder se você acredita nisso, — ele disse enquanto seu corpo implorava por misericórdia.

Ele recuou, pegou sua arma, carteira e sapatos e saiu pela porta.



A reunião foi inútil. Prophet sentou-se na lanchonete ao lado de Tom, que parecia querer arrancar o rosto de todos, enquanto três jovens contavam a eles que cara legal Chris tinha sido. Não tinha inimigos. Lutava de forma limpa. Até os gerentes gostavam dele e eles não gostavam de ninguém.

— E quanto as lutas de sangue? — Prophet perguntou finalmente.

— De jeito nenhum, — o cara chamado Rally disse. — De jeito nenhum. Ele não precisava fazer essa merda.

Os outros dois caras estavam concordando:

— Ele estava ficando famoso... ele não tinha desejo de morrer... Era um bom rapaz.

— Ele estava fodido com a morte de seu irmão, — acrescentou Rally. — Disse que estava fazendo isso para honrar sua memória.

A garganta de Prophet se apertou com a menção de John. Ele olhou por cima dos ombros dos outros homens porque não conseguia encontrar seus olhos, meio que esperava ver o corpo magro de John encostado na parede do restaurante, um sorriso sarcástico no rosto.

Ele não tinha certeza se estava desapontado ou aliviado quando a imagem não apareceu.

Talvez você esteja ficando louco.

Ou talvez ele sempre tenha estado lá.

— Vocês podem me ligar se descobrirem mais alguma coisa?

— Sim, nós vamos. Fodendo assustador, cara. Nós só queremos lutar, — disse Rally. Ele hesitou, como se quisesse dizer algo mais, mas se conteve.

Tom colocou a mão no antebraço do Rally.

— Diga.

Maneira de ser sutil, Tommy.

— É só que ... na última semana, ele parecia realmente... — Rally balançou a cabeça. — Eu não sei - fodido. Ele estava esquecendo as práticas e ele estava sempre em seu telefone, verificando seus correios de voz. E Chris odiava o telefone. Metade do tempo, ele deixava em seu quarto.

— Eu chequei seu quarto no motel, não encontrei seu telefone, — disse Prophet.

— Ele gostava de pagar em dinheiro por tudo - não é exatamente um negócio de pagamento de impostos. Ele usava um descartável, — explicou Rally, que não era algo que Prophet já não soubesse.

— Ele tinha uma conta de e-mail?

Os três homens riram um pouco e Rally disse:

— Ele odiava toda essa merda. Ele disse que se alguém quisesse muito entrar em contato com ele, deveria encontra-lo face a face.

Como se percebendo o que ele disse, Rally amaldiçoou baixinho, e Prophet jurou ter visto o reflexo de John na janela de vidro ao lado dele.



— Temos que obter uma lista dos caras com quem Chris lutou. E seus familiares. Registros hospitalares também. Isso só pode ter sido vingança, — Prophet estava dizendo quando virou o carro alugado em uma esquina em duas rodas e Tom se segurou pela porra da sua vida.

— Quer me deixar dirigir? — Ele perguntou quando bateu na janela pela terceira vez em apenas alguns minutos.

Prophet o ignorou em favor de gritar:

— Alguém o queria fora do jogo - eles provavelmente o espancaram para fazer parecer uma luta de sangue, — a janela estava aberta e eles estavam indo tão rápido que parecia um túnel de vento no carro. E Prophet estava gesticulando com as mãos. Ambas as mãos. Nenhuma estava no volante.

— Acho que é um não. Cuidado com o... — Tom olhou para trás. — Sinal vermelho.

— Você não acha que foi o que aconteceu? — Prophet exigiu.

— Aqueles caras disseram que Chris era bem querido.

— Ninguém é tão amado assim, — disse Prophet, e Tom teve que concordar com isso. — Preciso parar e verificar a caixa postal.

Ele empurrou o carro em um espaço em frente ao local da caixa de correio, e Tom pegou a chave dele.

— Eu vou dirigir.

— Vamos dar uma olhada. — Prophet estava fora do carro, indo em direção à loja, e as pessoas saiam instintivamente do seu caminho. Tom abriu a caixa.



Vazia.

Prophet olhou para ele e Tom disse:

— Proph, deixe que eu pergunto— mas já era tarde demais. Prophet já estava no balcão, assustando o jovem que trabalhava lá.

— Senhor, eu não posso te dizer nada disso. Eles são protegidos por-

— Foda-se a lei, — disse Prophet com calma. Muito calmamente. — Você pode me dar a informação ou eu vou descobrir, mas de qualquer forma...

— Eu não sei. O cara pagava pela caixa a cada dois meses. Em dinheiro. Ele nunca recebeu muita coisa aqui. No mês passado, um cara entrou e me pediu para colocar algo na caixa-

— O que?

— Apenas uma carta!

— E você lembra disso? — Tom perguntou duvidoso.

O cara parecia envergonhado.

— Ele me pagou cem dólares, porque não devemos fazer isso.

Prophet jogou as mãos para o ar.

— Isso, ele faz.

Tom permaneceu focado.

— Você tem a filmagem de segurança? — Ele apontou para a câmera.

— Temos apenas três dias de fita e depois é apagado.



Tom anotou seu número, deu para o garoto e agradeceu.

— Se alguém vier por aí perguntando sobre aquela caixa em particular, me ligue, ok?

Ele deu ao garoto cinquenta dólares para que ele fosse lembrado também. Prophet acenou com aprovação, mas ele ainda estava resmungando sobre fodidas leis postais arcaicas e fitas de segurança idiotas e estúpidas que não ajudavam em nada.

E então Prophet ficou atrás do volante novamente, antes que Tom pudesse detê-lo, e houve outra rodada de condução como o Passeio Selvagem do Sr. Sapo.

Ele suspirou aliviado quando Prophet entrou no estacionamento do motel e parou em um local, embora por um segundo parecesse que ele poderia passar pela porta em frente a eles.

— Mas e a checagem constante do telefone e outras coisas? Isso é estranho.

— Ameaças, — disse Prophet quando saíram do carro. Tom estava mais perto das escadas, mas Prophet estava em seus calcanhares. Ele abriu a porta da sala e deixou Prophet entrar antes que o homem o atropelasse. Ele estava intenso e decidido a descobrir tudo isso imediatamente.

Era difícil ficar com raiva do homem quando o caso estava lhe causando dor, então Tom deixou qualquer ressentimento sobre os comentários anteriores de Prophet sobre transar com alguém quando ele estava drogado, por enquanto, fechou a porta atrás dele e disse:

— Vou investigar, Prophet. Vou examinar esses registros agora e talvez descubramos mais na luta de sangue.



— Você não vai lutar hoje à noite.

E ding, a raiva estava de volta, com uma vingança.

— O inferno que eu não vou. É a única maneira de entrar - essa é a sua melhor chance de encontrar os homens por trás das lutas de sangue e descobrir mais.

— Acabou.

— É tudo o que podemos fazer, e você sabe disso. Só porque você não aguenta ser contrariado.

E tanto para deixar a merda ir.

— Eu posso lidar com qualquer coisa que você tenha. Não é sobre isso. — A voz do Prophet era baixa e perigosa, correndo pela espinha de Tom. — Você deveria ter me dito que não tinha certeza se conseguiria manter o controle.

— Você teria dito?

— Não.

— Bem, lá vai você. Você não tem a última palavra sobre isso, Prophet. Você não é meu chefe, você é meu parceiro, caso tenha esquecido.

A voz de Prophet gotejava com sarcasmo quando ele disse:

— Não, eu não esqueci o seu sacrifício pela causa.

— Eu te dei sua principal pista e agora você está agindo como se eu tivesse estragado tudo, — disse Tom, incapaz de manter a fúria fora de sua voz. Ele não estava falando apenas com Prophet agora, mas com uma voz do passado e tudo isso estava fodendo com a sua cabeça.

Você fodeu isso, garoto.



O caso estava indo bem até você se envolver, Tom.

Ninguém vai escolher sua má sorte.

Prophet teve a coragem de dar de ombros e virar as costas. Tom o atacou, silenciosamente, mas Prophet deve ter esperado que isso acontecesse. Tom não tinha sido exatamente sutil sobre sua raiva.

Seu corpo atingiu Prophet com força, sem restrição, arrastando o homem contra a parede. Prophet deixou-se acertar com uma graça que não deveria ser permitido, se orientou e, antes que Tom soubesse o que o atingiu, Prophet o havia imobilizado.

Não deveria ter sido tão fácil. Mas Tom deixou a raiva cegá-lo para os perigos de irritar seu parceiro e impedi-lo de avaliar a situação com mais cuidado.

Enquanto Prophet segurava o gesso do outro lado do pescoço de Tom, seu corpo prendendo o de Tom no chão, Tom finalmente percebeu o que Prophet era capaz de fazer. Havia uma violência cuidadosamente contida enrolada dentro dele que seria muito pior do que qualquer coisa que Tom pudesse desencadear - e o que Tom era capaz quando empurrado era assustadoramente fodido.

Agora, estar no final de sua raiva... talvez ele devesse ter medo. E ter corrido como o inferno quando o homem se afastou dele com uma maldição abafada.

Em vez disso, Tom se levantou e o atacou novamente. Foda-se a desistência. Ninguém jogava merda nele.

— Afaste-se, parceiro. Eu não quero te machucar, — disse Prophet calmamente.

— Eu não sou seu companheiro do exército.



Prophet mostrou os dentes inconscientemente, e Tom deu um soco. O punho encontrou o alvo. A dor sacudiu seu braço como se ele tivesse batido em uma placa de aço ao invés da bochecha do cara, mas assim como no ringue, ele não daria ao seu oponente a satisfação de descobrir isso.

Prophet bateu-lhe no peito e, em seguida, antes que Tom pudesse se proteger do que ele sabia que estava por vir, levou dois socos no diafragma, efetivamente impedindo-o de respirar ou ficar de pé. Ele colocou a mão na nuca de Tom quando Tom viu estrelas nadando na frente de seus olhos. Prophet não havia se esforçado para fazer isso.

— A raiva deixa você fraco, Tommy, — o Prophet disse a ele em um tom que o avisou que hoje era o seu sortudo.

— Eu venci minha luta com Ivan.

— A que custo?

— Diga-me você.

— Melhor você não saber, — Prophet disse a ele.

— Foda-se você.

Ele parou de lutar, no entanto, o que fez Prophet afrouxar o aperto. Isso permitiu que Tom girasse e fugisse. Foi um movimento que ele aprendeu cedo na vida e continuou a servi-lo bem. Ele conseguiu alguns socos antes que Prophet o subjugasse novamente, e que porra estava errada com ele? O homem era rápido, por amor de Cristo.

Será que a raiva realmente poderia atrapalha-lo tão facil?



— Você não vai voltar para o ringue. — Disse Prophet, em uma voz que deixou espaço zero para discussão. — Eu não vou ser responsável por você novamente.

Com essas palavras, ele caiu e Prophet o soltou. Ele se pegou antes de bater no chão, agarrou a mesa para se equilibrar. Tentando respirar.

Por mais que ele não quisesse admitir isso - ou falar sobre isso - ele era uma responsabilidade para seu parceiro. Exatamente o oposto do que ele vinha tentando provar.

Talvez ele tivesse que parar de tentar se provar para todo mundo. Mas não poderia ser assim tão simples.

Ele ouviu o telefone de Prophet. Um alerta de mensagem de texto.

Prophet simplesmente disse:

— A luta foi cancelada — e jogou o telefone para Tom.

Tom pegou com uma mão, leu as mensagens na tela.

— Você teve algo a ver com isso? — Ele perguntou

— E se eu tiver?

— Eu pensei que você queria descobrir quem matou Christopher?

— Não às suas custas.

— Eu não achei que você se importasse.

— Eu não me importo. Eu só não preciso de outra maldita coisa em minha consciência.

— Nem eu. — Ele sentiu vontade de dar um soco na parede e, naquele momento, percebeu como Prophet estava certo sobre o quão fodido Tom era. Totalmente derrotado por isso, ele afundou na cadeira



mais próxima. — Eu vou consertar isso de alguma forma. Ok? Eu posso controlar isso. Quando for reprogramado, estarei pronto e poderei ajudar.

— Tom. Tommy, — Prophet começou, sua voz mais suave do que antes. — Não é sua culpa.

— Então de quem ele?

— Quem fez você ter que lutar assim para começar.

Não vai lá.

— Se Chris morreu em uma luta de sangue, — ele disse, voltando sua mente para a missão onde deveria estar. — Ele não pode ter sido o único. Alguém saberia. Alguém teria associado as mortes.

— Essas crianças são novas demais para a cena, jovens demais para saber.

Tom discordou.

— Eles são exatamente aqueles que estão mais conectados.

— Que tal uma busca pelas mortes no ano passado e ver quais combinações nós fazemos? — Prophet perguntou. — Eu estou supondo que você pode entrar nos bancos de dados relevantes.

— Eu pensei que deveríamos deixar Natasha fazer tudo isso?

— Você sempre segue as regras, Cajun?

— Ultimamente, tenho tentado.

— Como isso está funcionando para você?

— Foda-se você. — Tom pegou seu laptop e tentou não gemer de dor.



— Esse é o espírito.



CAPÍTULO QUINZE

— Não há nada que corresponda, — disse Tom depois de quatro horas de busca por mortes por espancamento próximo ao jogo de sangue - ou pelo menos a área geral. Mas o prédio era abandonado, pertencente à cidade, o que significava que qualquer um poderia entrar, lutar e sair sem consequências. Outro beco sem saída.

Enquanto ele estava olhando para o computador, Prophet havia alternado entre olhar por cima do ombro, andar de um lado para o outro, e entregar-lhe gelo embrulhado em toalhas para suas costelas.

— Como diabos você fez recon[14]?

Prophet olhou para ele.

— Eu ainda posso quando preciso. Mas agora, eu não preciso.

Tom suspirou, esfregou a nuca. Prophet afastou suas mãos e usou as pontas dos dedos para massagear os músculos amontoados.

Ele se endireitou para dar melhor acesso a Prophet, e tinha certeza de que o homem bufaria e pararia.

Mas ele não fez, então Tom perguntou:

— Por quê?

— Porque o que? — Os dedos do Prophet eram como mágica, cavando os músculos e os pontos doloridos em seu pescoço, resolvendo a tensão.

— Por que você está sendo legal?

---

[14] Missão de reconhecimento



— Tenho que manter você na ponta dos pés.

— Ou me jogar completamente fora de equilíbrio.

— Só para o seu próprio bem.

Talvez isso fosse verdade. Prophet não o ameaçou com Phil nenhuma vez. Mas isso não significava que tudo estava perdoado, pelo menos onde Tom estava preocupado.

Depois de mais alguns minutos de massagem, Tom estava convencido de que Prophet estava literalmente drenando toda a briga dele e transformando-o em uma garota, porque ele se ouviu perguntar:

— Você realmente acredita que eu teria fodido qualquer um na noite passada?

Ele estremeceu depois de ter dito isso.

— Eu não te conheço muito bem, Tommy.

Não, ele não conhecia. Mas Tom não conseguia afastar a provocação de sua mente.

Te incomoda que ele esteja certo?

Prophet ainda não parou a massagem, passando por cima de suas têmporas, descendo pelos ombros.

— Sou melhor sem os gessos.

— Eu não sei se eu sobreviveria a isso.

Prophet deu uma risada, sua respiração quente na parte de trás do pescoço de Tom. Ele estava traçando a tatuagem que Tom tinha lá, mas não foi isso que ele comentou. Seus dedos se arrastaram até as penas expostas do apanhador de sonhos em seu bíceps direito.



— Você tem pesadelos, Tommy.

Tom não respondeu, porque não parecia ser uma pergunta. Não realmente, porque Prophet estava arrancando a camisa de Tom por cima da cabeça.

— Você é bom em acalmar as pessoas.

— Eu sou bom em muitas coisas. — As mãos de Prophet deslizaram pelo seu peito, os dedos sacudindo seus piercings. — Não posso fazer muito com minhas mãos. Vou ter que usar minha língua em vez disso.

Oh, sim. A submissão de Prophet havia desaparecido há muito tempo. O homem atrás dele era uma pantera que espreitava, e ele não ia parar até conseguir o que queria.

— Se nós fodermos agora, então você saberá que eu te fodi porque queria e não por causa as drogas, — Tom disse, se levantando e virando-se para encarar Prophet.



— Nós vamos foder agora. E você pode tentar provar para mim o que diabos você quiser, — Prophet rosnou antes de colocar a boca na boca de Tommy. Porque chega de conversa. Era maldita hora de beijar, duro e rápido e suave e lento e todo e qualquer meio termo entre isso, até que Tommy começou a se esfregar em coxa.

Ele permitiu, imaginando se deveria continuar beijando Tommy e deixá-lo gozar assim, porque, porra, isso seria excitante. Mas ele estava excitado demais para isso. Em vez disso, ele se afastou e virou Tom,



empurrando-o para baixo, peito contra a mesa. Afastou as coxas de Tom e caiu de joelhos porque ele não estava brincando sobre o uso de sua língua. Tom saltou, e quase caiu da mesa, mas depois parou. O corpo inteiro de Tom estremeceu, e Prophet enterrou a língua profundamente, espetou-a para dentro e para fora, abrindo o homem para que ele pudesse cavalgá-lo com força. Tom começou a se esfregar na mesa, mas Prophet o manteve firme, então ele não conseguiu continuar.

Tom estava amaldiçoando. Implorando.

Prophet rapidamente pegou o preservativo do bolso, abriu o jeans e vestiu-se enquanto Tommy se virou para olhá-lo. Prophet segurou uma mão no cabelo, segurando a bochecha do homem na mesa enquanto entrava nele, duro e rápido. Ele não parou, balançou a pélvis para frente e para trás, observando seu pênis entrar e sair de Tommy. Tommy, que levantou as mãos sobre a cabeça para agarrar a parte de baixo da mesa. Tommy, cujos músculos e tinta formavam as linhas masculinas perfeitas ao longo das costas, a pele brilhando de suor.

— Mais forte, Proph.

Sim, ele poderia fazer isso. Isso era apenas o aquecimento.

Tom tentou toca-lo. Quando ele não conseguiu alcançá-lo, ele aceitou seu destino e colocou as mãos de volta à mesa, segurando firme enquanto Prophet o fodia, mais forte, mais rápido. A mesa tremeu, o corpo de Tom tremeu, e ele gritou, um cruzamento entre uma maldição e o nome de Prophet, rosnando ferozmente. Especialmente quando Prophet parou de se mover quando soube que Tommy estava quase gozando.



— Idiota. — Tom se esforçou para se levantar, balançando os quadris, tentando fazer Prophet se mover novamente. Mas Prophet ainda estava segurando o cabelo dele, segurando-o no lugar. — Foda-me agora.

Prophet não pôde resistir ao apelo na voz do homem, bateu nele, ouvindo Tommy gemer como se Prophet estivesse batendo em cada um dos pontos doces de uma só vez. Empurrando contra ele, fodendo-se no pênis de Prophet, embora ele não estivesse na posição correta para fazê-lo.

Prophet o deixaria fazer todo o trabalho, gostava de vê-lo perder completamente o controle.

Ele confia em você.

A maioria dos homens fez. Ora, Prophet não entendia, já que ele mal confiava em si mesmo a maior parte do tempo.

— Proph. — Foi um pedido. Ele tirou a mão do cabelo de Tommy, tocou sua bochecha enquanto batia a próstata do homem sem parar, dando-lhe exatamente o que ele precisava. A bunda de Tom se apertou ao redor dele quando ele mostrou os dentes e gozou com um rugido.



O corpo de Tom relaxou com o clímax enquanto Prophet continuava por cima dele. Ele estava malditamente indefeso e amava isso.



Odiava que ele amasse, que Prophet pudesse libertar seus segredos tão facilmente.

Prophet era tão bom, ou Tom tinha desistido deles sem perceber?

Seus músculos gradualmente relaxaram, seus olhos focados, e ele percebeu que Prophet ainda não havia gozado. O homem permaneceu pairando sobre ele com a semi-paciência de um predador, ainda duro dentro dele.

— Porra.

— Sim, — Prophet concordou, sua voz rouca. O único conforto de Tom era que o próprio Prophet estava meio fora de controle. Pendurado por um fio.

Usando a pouca força que havia sobrado, ele empurrou a bunda para trás, puxando o pênis de Prophet mais fundo em seu corpo. Ele já estava superestimulado e isso fez a linha de dor/prazer ser mais fina, o que o fez empurrar de volta uma e outra vez até que Prophet rosnou e empurrou os dedos no cabelo de Tom novamente.

— Você gosta disso, Proph?

— Sim. Me faça gozar, Tommy. Vamos.

Ele aceitou esse desafio, trabalhou tão duro quanto podia, apesar de sua posição, para se foder no pau de Prophet. Logo, ele sentiu que gozaria novamente antes de Prophet, embora o homem estivesse perto, tão perto. Três golpes forte e Prophet perdeu, quase uivando quando ele começou a gozar, apertando com força no cabelo de Tom, o que fez Tom estremecer com um pequeno orgasmo, mas ainda tão perto do primeiro que ele sentiu que poderia morrer feliz.



Ele não sabia quanto tempo ficou lá, Prophet parcialmente inclinado sobre ele, a mesa rangendo. Finalmente, Prophet o arrastou para a cama. Quando Tommy deitou, Prophet estava bem atrás dele, empurrando os dois embaixo das cobertas com um gemido satisfeito.

Tom se virou para ele, não se importando se Prophet não quisesse isso. Ele se levantou com um grunhido. Envolveu-se em torno de Prophet, precisando desse contato. Prophet reconheceu, passando o braço pelas costas de Tom, seus dedos traçando a pele pintada. Sentindo as cicatrizes levantadas que as tatuagens cobriam.

Tom endureceu. O primeiro instinto foi se afastar.

— Eu sei que elas estão lá, T. Não precisa correr.

— Eu não estou.

— Bom. Eu fodi a luta fora de você?

— Nunca. Isso não significa que você deva parar de tentar, — ele murmurou sonolento.

— Você está com tantos problemas, Tommy.

— Diga-me algo que não sei.



CAPÍTULO DEZESSEIS

Tom acordou sozinho na cama. Ele se mexeu para ver a porta do banheiro aberta e Prophet de pé nu do lado de fora do chuveiro, lutando para colocar sacolas de plástico em seus gessos.

Ele estava xingando, baixo o suficiente para Tom não ser capaz de distinguir frases distintas, mas ele conhecia bem a expressão do rosto do homem naquele momento. Ele só podia imaginar o quão frustrado ele estava com toda a coisa do gesso.

Tom o observou por um segundo, adivinhando que, se o homem pôde imobiliza-lo sem suar a camisa, ele poderia tomar banho com as coisas desajeitadas em suas mãos. Ele apoiou os cotovelos, tentando não rir quando o elástico que Prophet tentava colocar em volta do pulso quebrou, estalando no dedo.

Às vezes, são as coisas mais fáceis que acabam sendo as mais difíceis.

Finalmente, depois do que pareceram horas, Prophet arrumou tudo e entrou no chuveiro.

Foi então que algo impulsionou Tom para fora da cama e para o banheiro. Ele puxou a cortina para trás, ignorou o olhar surpreso e os murmúrios de Prophet:

— A fodida privacidade foi um direito dado por Deus, — e em vez disso espremeu um pouco de xampu nas palmas das mãos, entrou na metade do chuveiro e enfiou as mãos no cabelo molhado de Prophet.



Por um longo momento, o homem ficou em silêncio chocado enquanto Tom massageava o caminho através das mechas loiras. E então Prophet inclinou a cabeça um pouco para trás, colocando-a nas mãos de Tom. Foi um movimento sutil, mas manteve as mãos de Tom em seu cabelo.

— É bom? — ele murmurou.

Prophet deu um gemido suave que soou como um sim. Tom continuou esfregando e massageando, depois o levou para debaixo do chuveiro, enxaguando o shampoo do cabelo.

— Precisa de ajuda para lavar outros lugares?

— Sim. Estou muito sujo.

— Eu não posso acreditar que você disse isso com uma cara séria.

— Eu não posso acreditar que você vai fazer isso de qualquer maneira.

— Eu sinto muito por você.

— Ok, certo. — Prophet sorriu, um olho abrindo preguiçosamente. — Você vai se juntar a mim aqui? Ou você não quer se molhar?

— Agora, é tudo sobre você.

— Exatamente como eu gosto. — A respiração de Prophet engatou quando Tom passou uma mão ensaboada sobre seu pênis. Grunhiu outro par de maldições quando Tom o puxou para um orgasmo que ele provavelmente não tinha planejado ter. Pelo menos não tão depressa.

Ele não tinha sido capaz de se preparar, provavelmente contava com Tom para segurá-lo, mas Tom estava surpreso que o homem



pudesse permanecer tão firme quanto ele no clímax. Ele observou o sorriso de olhos arregalados se espalhar pelo rosto de Prophet enquanto ele o limpava novamente.

O homem ainda estava duro, mas relaxado. Isso lhe deu uma chance de estudar o corpo de Prophet novamente, porque ele não conseguia obter o suficiente disso. Como se ele estivesse tentando guardar o homem à memória. Sua pele era castanha, como se tivesse visto recentemente algum sol. Sem tinta. Muitas cicatrizes, velhas e novas, e Tom se perguntou se chegaria um dia em que conheceria a história por trás de todas elas. Ou qualquer uma delas.

— Gostaria de falar sobre isso? — Prophet perguntou.

— Sobre o que? O orgasmo que acabei de te dar?

— Com quem você estava lutando? — A voz de Prophet não tinha nenhum julgamento. Ele parecia relaxado como o inferno, e isso, por sua vez, permitiu que Tom permanecesse calmo.

— Aproveitando que minhas defesas estão para baixo?

— As minhas não estão? — Prophet perguntou ironicamente. Tom sorriu, embora os olhos do homem ainda estivessem fechados. Sabia que ele ficaria aqui deixando Prophet encostar nele enquanto Prophet permitisse.

E ele esperava que Prophet ficasse lá por muito tempo.

— Então eu sou violento. Lide com isso.

— Eu lidei, — disse Prophet com os dentes cerrados. — Você quer continuar isto? A qualquer momento.

— Calma, seja legal Prophet.



— Não é uma escolha. Eu apenas escondo melhor que você. — Ele fez uma pausa e abriu os olhos. — Foi isso que te irritou? Ou foi porque que você estava se segurando?

— Nenhuma das alternativas acima.

— Estou tentando ajudar, T. Fale comigo.

Ele pensou em dizer para Prophet se foder, que ele não podia empurrar Tom para fora e esperar todas as respostas.

Mas ele não fez.

—Foi a premonição. Meu ultimo parceiro acabou morrendo. — Ele esperou para ver algo no rosto de Prophet, mas não havia desgosto ou raiva.

Por que você quer tanto deixa-lo com raiva?

— Como é essa sua merda?

— Eu deveria ter estado com ele.

— Onde você estava?

— Atrás de um suspeito, quebrei uma das regras. Eu tive uma sensação. Pensei que poderia segui-lo. Pensei que deveria ser permitido.

Prophet observou-o com cuidado.

— Seu instinto estava errado?

— Não.

— Você acha que poderia ter salvado seu parceiro se estivesse lá?

— Eu também teria morrido.

Prophet franziu a testa.



— Você disse ao seu parceiro para não ir lá?

— Eu disse. Mas ele não queria ficar em apuros. Estávamos sempre com problemas por minha causa, e ele era um cara mais direto.

Pelo menos Prophet entendia. O homem tinha os mesmos instintos, os mesmos problemas de seguir ordens sobre o bom senso.

Juntos, eles poderiam ser perigosos. Perigosos, mas eficientes, em mais de uma maneira. Eles se entendiam e Tom se perguntou se Phil sabia de tudo isso antes de fazer a parceria.

Ele duvidava que qualquer coisa que Phil fizesse fosse por sorte.

— Me conte algo. Se seu parceiro tivesse seguido seu instinto em vez das regras, ele estaria vivo?

— Sim.

— Você disse a ele?

— Sim.

— Então, como vocês eram parceiros? Parece que você estava em um concurso de mijo, não uma parceria.

— Eu deveria ter tentado mais.

— Morrido com ele, certo, Tommy?

Tom não podia nem fingir que não tinha pensado isso.

— No avião, você acreditou em mim.

— Sim. — Prophet fez uma pausa. — Phil sabe tudo isso.

— Eu não contei a ele.

— Não foi uma pergunta. Phil sabe tudo isso. Ele recebe todas as nossas informações. Tudo. Ele é a única pessoa em todas as nossas vidas



que conhece todas as malditas coisas que já fizemos. Então, se ele sabe disso e te contratou, por que você está tão fodidamente nervoso?

— Você não está me ouvindo? Tive três parceiros mortos. Além disso, meu mentor foi morto depois de eu ter me tornado um agente, — mas mesmo que Tom usasse toda a sua culpa, ele não podia levar o crédito por isso.

— Eu ouvi. E eu ainda estou vivo.

— Porque você me ouviu, — disse Tom decididamente enquanto ele desligava a água.

Os lábios de Prophet se curvaram. Ele estava segurando a risada.

— Então, se eu quero continuar vivo, tudo que eu preciso fazer é ouvir você. Entendido.

— Seu filho da puta. — Ele empurrou-o, mas Prophet segurou seus pulsos, mesmo com as mãos envoltas em plástico.

— O que você está procurando? Minha atenção? Porque você tem isso. Você a tem desde que você entrou na EE.

Tom estreitou os olhos, não podia acreditar que Prophet estava admitindo isso.

— Mesmo.

— Está bem então.

— Tudo bem se você me contasse sobre John.

Prophet não disse não, mas estremeceu. Tom queria supor que era por causa da súbita perda de água morna, mas ele não estava totalmente convencido. Ele bateu levemente no homem, esfregou o cabelo. Suas bochechas tinham uma barba áspera.



— Precisa que eu faça sua barba? — Tom perguntou.

— Depende.

— De que?

— Você gosta assim?

Jesus. Ele corou. Porra corou, e Prophet assentiu.

— Não se barbei hoje. E a propósito, tudo bem se você gosta de lutar.

— Eu não gosto disso. Não mais do que qualquer outro.

Prophet bufou.

— A maioria das pessoas não gosta de lutar. Correção - a maioria das pessoas normais.

— Acho que isso exclui você.

— Sim.

— Eu não gosto de lutar. Eu sou bom nisso. Há uma grande diferença, você não acha?

— Não.

— Eu não sei o que você quer que eu diga, mas você está agindo como um psiquiatra.

— Eu tive muita prática com eles. Eles são divertidos de irritar.

— Como eu?

— Na verdade? Você não é tão divertido. — Mas ele estava sorrindo quando disse isso.



Depois que Prophet se vestiu e Tom tomou banho, imaginou que o homem encontraria uma maneira de não falar sobre John. Mas, para sua surpresa, Prophet sentou-se contra os travesseiros na cama que ainda precisava ser feita e disse:

— O que você quer saber?

Tom se esticou de bruços diante de Prophet, sem se preocupar com roupas, e as palavras “John Senior” saíram de sua boca, surpreendendo até ele.

— O que tem ele?

— Diga-me você.

— Eu posso fazer isso. — Ele fez uma pausa. — Você acha que ele pode ser o motivo.

— Não tenho certeza.

— Cajun voodoo? — Prophet perguntou, com zero sarcasmo.

— Tentando todas as vias possíveis. — Porque eles não estavam mais perto de descobrir quem havia matado Chris. Havia muitas pistas e falsos começos e pistas falsas. Eles tinham descoberto como Chris estava vivendo, que sua morte tinha sido um final malicioso para um garoto que era bem querido, que ele tinha jogado pelas regras em uma profissão onde havia poucas ou nenhuma, que ele ajudava a sua mãe.

Prophet estava olhando para seus gessos. Ele olhou para Tom e admitiu:



— Recebi um telefonema dizendo que a luta foi remarcada para amanhã à noite.

— E?

— E eu espero que tenhamos outra vantagem antes disso.

Tom não questionou se isso significava ou não que Prophet iria deixá-lo lutar. Em vez disso, ele perguntou:

— Suponha que eu veja alguma coisa quando estamos falando que eu não acho que seja algo de que você queira falar?

Prophet olhou para ele, seus olhos cinzentos afiados.

— Então não mencione isso.

— Ok.

— Mas as coisas do caso...

— Eu vou te dizer. E você vai ouvir.

— Eu vou, T. Eu só não compro a coisa da luta de sangue. Não porque eu não quero que você lute, o que eu não quero. É apenas ... por que Chris concordaria em fazer isso? Para matar alguém com as próprias mãos por dinheiro? Porque o Chris eu conhecia...

— Eu sei que você não quer acreditar, mas a morte de John o mudou. Você mesmo disse. O mesmo aconteceu com os amigos de Chris.

— Eles não eram seus amigos. Eles não o conheciam naquela época. E ninguém muda muito.

— Talvez ele quisesse morrer.

— Não. Ele não faria isso. Ele estava ajudando sua mãe. Ele não teria abandonado ela.



— Então, talvez alguém - algo - forçou-o a entrar naquela gaiola. Não lhe deu escolha. E então eles não fizeram uma luta justa. — Tom fez uma pausa. — Você está escondendo alguma coisa.

— Eu não tenho que dizer a você qualquer merda que não tem a ver com o caso.

— Nem mesmo a parte do segredo que você está carregando, Proph?

Os punhos do Prophet se apertaram e Tom se preparou para o soco que provavelmente quebraria alguma coisa em seu rosto. Como havia sido quebrado antes, ele não se preocupou muito. Tudo iria voltar ao lugar depois mesmo que não como antes.

Mas Prophet respirou fundo e apertou a mandíbula com força. Tom não disse mais nada, porque havia um demônio atrás dos olhos do homem que estava perigosamente perto da superfície. Tom tinha atingido um nervo e se amaldiçoou por causa da dor de Prophet, mesmo que essa não tivesse sido sua intenção.

Então qual era?

Para ver o que está por trás da máscara.



Prophet suspirou, olhou para o teto, porque ele não podia olhar para Tom enquanto ele falava sobre isso. Mal conseguia falar de qualquer maneira, então ele simplesmente foi rápido, pensou nisso como tirar um Band-Aid.



— John e eu viajamos por todo o verão, começou quando tínhamos quinze anos. A sra. Morse achava que estávamos trabalhando com paisagismo estranho. Porra, era perigoso e assustador e todo dia nós estávamos bem convencidos de que íamos morrer. Não havia regras. Não que existam muitas agora, mas naquela época as lutas eram realizadas em prédios abandonados onde você não podia levar nenhuma identificação.

— Vocês deveriam ser bons então.

— John foi muito maltratado nas primeiras vezes, mas ele aprendeu rapidamente.

— E você? — Tom solicitou.

— Eu nasci com violência dentro de mim. É só uma questão de onde ou quando eu deixo sair. — Ele se resignou a isso - e chegou a um acordo com isso - há muito tempo.

— Você nunca poderia ser um homem abusivo, Prophet.

— Você não sabe de nada.

— Talvez, mas eu sei disso.

— Mais besteira cajun, — disse Prophet, mas ele não conseguia parar de sorrir. — Era principalmente John quem lutava de qualquer maneira. — Ele finalmente olhou para Tom, que estava olhando para ele como se tivesse revelado algo extremamente importante. Isso o fez querer explicar mais, o que ele raramente fazia. — John precisava lutar mais do que eu.

— Por que isso?



— Era apenas algo dentro dele. Na época, foi o que pensei. E então, quando eu descobri contra o que - quem - ele estava lutando, fez sentido. Então, novamente, talvez estivesse dentro dele o tempo todo de qualquer maneira. Talvez até mesmo se o seu pai não o tivesse machucado, ele teria sido assim.

— Abuso?

— Sim, físico. — Prophet parou, porque ele não conseguia dizer mais nada. Ele imaginou John no quarto de hotel depois que eles se formaram. Eles saíram, festejaram a noite toda, tropeçaram bêbados em casa, e talvez fosse o estresse do acampamento - porque o sargento deles tinha sido um idiota completo - juntamente com o álcool, mas John começou a falar sobre seu pai, como ele não tinha sido capaz de impedi-lo. Ele disse a Prophet sobre o abuso, sobre o fato de que John Senior regularmente ia ao seu quarto desde que ele era um pré-adolescente e fodidamente o estuprava, dizendo a Prophet como se não importasse para ele, como se tivesse tirado um peso de suas costas. Como se ele estivesse tentando provar que ele era muito forte para deixar isso incomodá-lo. Assim como eles tinham feito toda a porra de suas vidas.

Prophet não se incomodou em tentar falar com ele sobre isso. Mesmo que John tivesse falado sobre isso, era evidente que era apenas isso - palavras, como se John estivesse contando uma história, não sua história. Depois, John encerrou, se fechou em uma parede, e Prophet teve a sorte de estar do lado de dentro dela, na maior parte do tempo.

E John o amara. John poderia amar, então Prophet achou que isso era o mais importante.



— Tanto para a família perfeita, certo? — Prophet acrescentou. Ele havia contado a Tom sobre os Morses mais cedo, porque ele queria tanto que fosse assim, e porque, se jogasse Tom fora da pista, ele não teria que enfrentar Carole Morse. — Eu era o único com a mãe fodida. Eu achei que John fosse perfeito. Queria que eles fossem.

— Exceto que eles não eram. — Tom fez uma pausa. — Foi sobre isso que você e Carole brigaram?

— É difícil para mim voltar lá, sabendo o que sei. Eu disse a ela no funeral de John. Eu tive que dizer a ela, apenas no caso. E depois disso, ela ameaçou John Senior com uma faca. Uma porra de faca de cozinha.

— Ela realmente não sabia?

— Eu tenho que acreditar que não. De outra forma... Porra... — Ele balançou sua cabeça. — John era um mestre em esconder coisas. Mas é por isso que John Senior raramente vai para casa - depois de tudo isso, ela não o deixou. Talvez ela estivesse com medo de como ficaria ou talvez ela precisasse dele para apoiá-la e então ela segurou isso sobre a cabeça dele. E talvez fosse por isso que Chris estivesse enviando dinheiro. Tenho certeza de que o abuso não começou e terminou com John.

— Então você acha que Carole também foi abusada?

Prophet deu de ombros.

— Parece mais que provável. Eu não coloquei dois e dois juntos na época, mas sim, havia sinais. Contusões misteriosas. Talvez eu apenas tenha enfiado a cabeça na areia naquela época. E uma vez que descobri sobre John, percebi que teria mais simpatia se ela não tivesse arrastado seus filhos para essa merda também. Se John Senior tocou ou não seus

filhos, não importa. Eles já teriam visto o abuso com Carole e isso também teria estragado tudo.

Prophet mudou, odiando o redemoinho de emoções que o assunto trazia de volta para ele. Pelo menos, Tom não estava olhando para ele com pena no rosto, porque ele teria enlouquecido. Não, Tom estava apenas ouvindo, absorvendo tudo, e assim Prophet continuou.

— A única razão pela qual eu disse a Carole foi para garantir que John Senior não pudesse se safar com essa merda com Christopher. Eu sabia que John o tinha ameaçado quando ele partiu para a Marinha. Da última vez que John falou com Christopher, Chris disse que seu pai mal olhava para ele, nunca mais o tocou nem Carole.

— Você o ameaçou também, — Tom disse baixinho.

— Tenha maldita certeza disso. Eu queria que ele soubesse que nada havia mudado, mesmo com John tendo ido embora, disse a ele que eu o mataria se ele tocasse Chris. Ele não estava totalmente satisfeito com isso, então ele e eu fomos além das palavras. Ele foi para o funeral do filho com um olho roxo. Ele tem sorte que foi tudo que ele conseguiu. — Prophet olhou para ele. — Eu estava tão chateado que John não tinha me dito antes. Fazia muito sentido, fez sua raiva ter sentido.

— Então ele era um cara zangado.

— Vamos apenas dizer que eu entendo de caras zangados.

— Por causa dele?

— Por minha causa.



Porra, a repentina honestidade de Prophet desarmou Tom com sua simplicidade inesperada. Talvez Prophet estivesse cansado de ser o guardião do segredo. Tom sabia que ele estava.

— Perder John realmente fodeu Chris, mas ele nunca soube sobre o que aconteceu com John quando ele era mais jovem. Tenho certeza que ele viu o pai bater em John, mas isso não é tão ruim quanto poderia ter sido.

— Parece que ele estava bem ajustado quando saiu daquela casa.

— Ele deveria ter feito mais em sua vida. John teria empurrado ele para fazer mais.

— Por que você não fez?

— Tentando me fazer sangrar, Tommy? — Prophet perguntou, mas continuou antes que Tom pudesse dizer mais alguma coisa. — Carole me disse que cuidaria de Chris. Ela sabia que não pode proteger John e prometeu que não deixaria acontecer de novo. E eu saí por dois anos, procurando por John, para que eu pudesse leva-lo de volta para sua família. Quando eu não pude... eles estavam se curando. Eu era um lembrete de coisas ruins. Entende isso?

— Melhor do que você sabe, — Tom disse baixinho.

— Você é um bom parceiro, T.

— Só não para você.



— Eu não sou o parceiro ideal de ninguém. Tem que confiar em mim nisso. — Não havia auto piedade por trás dessas declarações, apenas uma simples declaração que Prophet acreditava com todo o seu coração e alma.

Tom não sabia como responder a isso. Ele também não era o parceiro ideal de ninguém, mas imaginou que talvez fosse por isso que eles funcionassem tão bem juntos.

— Então a última vez que você viu John Senior foi no memorial de John?

— Sim. Eu não o conhecia bem antes disso. Eu fiquei pensando, houve sinais que eu perdi? Mas eu sempre mantive minha distância dele quando ele estava por perto. O cara quase nunca aparecia. Ele é um caminhoneiro de longa distância, então ele nunca esteve muito em casa.

— Você acha que ... se ele tivesse se encontrado com Chris...

Prophet suspirou como se doesse considerá-lo. Como ele já tinha.

— Chris tinha um metro e oitenta e dois. Tinha um monte de juventude e força do seu lado.

— Mas a raiva pode cegar alguém. — Quando Prophet não fez nenhum comentário malicioso, ele continuou: — Se ele o acertou na cabeça e derrubou Chris...

— Ele poderia tê-lo espancado até a morte, e Christopher não poderia ter feito nada sobre isso, — Prophet terminou completamente.

— Talvez seja por isso que ele não estava em casa? Talvez a culpa seja demais para ele? — Tom perguntou.



— Eu não sei se o homem é capaz de sentir culpa ou remorso. Podemos retirar as suas faturas de transporte? Recibos de gasolina e pedágios?

— Ainda melhor, posso encontrar algumas imagens das câmeras. — Ele não se mexeu embora. Ainda não. — Por que você não queria um parceiro?

Prophet esperou um pouco antes de dizer enigmaticamente:

— Eu parei depois de uma.

E então ele olhou para Tom com os olhos sombrios.

— A propósito, você deveria ter me contado sobre seus parceiros imediatamente. Porque eu não tentaria te assustar.

— Você afasta a todos?

— Eu não estaria vivo hoje se não fizesse.

— Prophet, o que está acontecendo aqui?

— Com o que?

— Conosco.

— Nós vamos trabalhar neste caso. E vamos foder, se você ainda quiser. E parar se isso for interferir com um de nós.

— Certo. Porque nada é pessoal. — Tom fez uma pausa. Tomou um fôlego.

— Eu acho que se fui forçado a ter um parceiro, é melhor ter um com benefícios. Se você está me irritando, então foder será mais satisfatório do que socar você. — Prophet sorriu, então acrescentou maliciosamente, — E eu sempre posso socar você depois.



Tom mentalmente chamou-o de idiota e depois perguntou:

— Você ganhou suas lutas na gaiola?

— Claro —. Prophet conseguiu parecer ofendido com a pergunta.

— Todas elas?

— Você não acha que eu sei lutar, Cajun?

— Então todo esse tempo, eu brigando, você cuidando de mim, é o que você fez por John.

Algo indiscernível passou pelo rosto de Prophet.

— Um papel em que eu sou bom.

— Então quem cuida de você?

Prophet abriu a boca para dar o que parecia ser uma resposta engraçadinha, mas nada saiu. Seus olhos escureceram, e surgiu uma expressão perigosa no lugar. Finalmente, ele disse:

— Quando eu precisar de um psiquiatra, eu vou ver um. Já passamos por isso antes e não acabou bem.

— Acabou com você saindo e fodendo estranhos aleatórios, — Tom lembrou a ele. Não importava que Prophet não tivesse respondido a sua pergunta. Tom teve a resposta.

Ninguém cuidava de Prophet. Prophet cuidava de si mesmo. Deve ter sido exaustivo esperar que os parceiros não reconhecessem que ele precisava do mesmo. Só porque parecia que não significaria nada para ele.

E você fez um ótimo trabalho sozinho.

Mas ele estava aqui agora. Ele poderia compensar isso. Ele começaria verificando o paradeiro de John Senior na noite em que Christopher foi morto.



Por dez minutos, a digitação de Tom foi o único som na sala, e Prophet não tinha certeza do que diabos esperar.

Finalmente, Tom disse:

— Eu tenho as fotos dele nos semáforos daqui para Oklahoma nas doze horas antes de Chris ser morto. Mesmo com o caminho de volta para casa. Mesmo que a hora da morte fosse além desse horário, não há como ele ter feito isso.

— Então ele está limpo.

— Você se sente culpado?

Prophet deu de ombros. Não sabia o que sentir. Ele falhou com John, falhou com Chris, falhou com a Sra. Morse. Foi por isso que ele queria trabalhar sozinho. Ele não podia aguentar deixar ninguém mais para baixo.

— E agora? — Tom perguntou.

— Foda-se se eu sei.



CAPÍTULO DEZESSETE

Horas depois, quando o sol se punha e o quarto esfriava, Prophet ainda estava do lado oposto do quarto, quando começou a cantarolar a melodia agora familiar.

Tom levantou os olhos do computador e não se impediu de perguntar:

— O que é essa música? — mesmo sabendo que ele tinha acabado de andar por um caminho que ele não deveria ter.

Prophet parou abruptamente, como se ele tivesse sido pego. Talvez ele nem tivesse percebido que estava cantarolando. Ou talvez fosse apenas que ninguém nunca perguntou a ele sobre isso.

— É de um grupo celta. Flogging Molly, — foi tudo o que ele disse.

Tom entrou no iTunes e encontrou a música com bastante facilidade:

— If I Ever Leave This World Alive[15].— Quando as barras de abertura começaram, um calafrio passou por ele, mas ele não conseguiu pressionar para parar.

Prophet sim. Não foi difícil perceber que foi preciso toda a sua restrição para não bater a tampa do computador ou jogá-lo do outro lado da sala enquanto ele simplesmente o fechava com um clique firme.

Tom tinha muitas perguntas.

---

[15] Se eu deixar esse mundo vivo



— Que porra você está fazendo? — Prophet perguntou em tons medidos.

Tom poderia ter dito, “Ouvindo uma música”, ou algum outro comentário inteligente como Prophet teria tentado. Mas ele não fez. Em vez disso, ele abriu o computador novamente e entrou em seu e-mail. Encontrou o que ele escondeu e apertou o play no arquivo de vídeo.

Quando Prophet viu a tela de abertura, Tom o observou revertendo para o homem no vídeo. Seus olhos mudaram - endureceram do jeito que tinham quando o homem arrancou as plaquetas dele - e ele mostrou os dentes e cerrou as mãos, seu corpo inteiro tenso como um arco. Ele parecia feroz. Primal. Disposto a fazer qualquer coisa que fosse necessária para sobreviver.

— Há quanto tempo você tem isso? — Sua voz era calma, o que só o deixou mais assustador. Isso tinha que ser uma enorme invasão de privacidade para ele, e uma traição da parte de Tom também.

Ele se forçou a manter o tom neutro.

— Você ficaria chateado, não importa quando eu te contasse.

— Eu teria muito mais respeito por você se você tivesse me contado no segundo que você me conheceu.

— Você iria? Ou você teria usado isso como desculpa para desconfiar de mim?

— Eu tenho uma razão para ser? Como diabos você conseguiu isso? — Prophet perguntou, sua voz ainda controlada.

— Eu não sei. Eu tenho tentado descobrir isso para que eu pudesse te dar essa resposta.



— Quantas vezes você assistiu?

— Mais de uma vez.

— Desde que você me conheceu?

— Mais de uma vez, — ele repetiu enquanto se levantava. Prophet deu-lhe um soco no plexo solar que derrubou Tom, ofegando por ar.

— Você se divertiu com isso, Tommy? Ou foi o fato de você ter um segredo meu que tornou divertido pra você?

— Não ... foi ...assim. — Tom disse. Ele tinha que se defender contra o ataque. Mas isso foi diferente da gaiola. Prophet nunca iria ataca-lo.

Porque Prophet não podia perder o controle. Porque Prophet não se permitia perder o controle.

Ele deveria admitir a derrota agora. Talvez Prophet o deixasse em paz. Mas era tarde demais. Prophet estava empurrando contra ele, enrolando um braço atrás de suas costas. Batendo-o no chão.

— Eu não aprendi nada com esse vídeo que eu não teria depois de alguns dias trabalhando com você.

Prophet se afastou, então o empurrou. Ele tropeçou. Bateu na parede. E com a dor no rosto, tudo clicou.

— Prophet, o que aconteceu com John?

— Cala a boca, Tom. — A fachada tinha rachado, só por um momento, e então sua calma assustadora estava de volta, e Tom decidiu que ele odiava isso ainda mais, especialmente porque sua expressão não correspondia ao seu tom quando ele disse: — Só... já chega.

Tom levantou as mãos.



— Desculpe. — Tom agarrou o moletom e saiu do quarto do motel sem olhar para trás.



Prophet soltou algumas respirações. Ele bateu com o gesso contra a mesa, quase derrubando o computador no chão.

Ele parou. Encarou a imagem congelada dele de horas depois de ter matado Azar. Aquele maldito bastardo. Ele ainda podia sentir o cheiro dele.

Ele nunca tinha visto esse vídeo, nunca. Por que diabos ele precisaria, desde que ele tinha sobrevivido?

Ele sabia que havia uma câmera pendurada em algum lugar. Ele se tornou parte da investigação depois de ser resgatado. Mas quem quer que tenha enviado isso para Tom, fez isso antes que Tom soubesse quem seria seu parceiro.

Não foi Phil - ele não trabalhava assim. E nem mesmo Phil sabia metade da merda que acontecera durante aquele tempo.

Seus dedos coçaram para pressionar o botão, embora uma voz dentro de sua cabeça o avisasse para não ir para lá. Que nova descoberta ele poderia ter? E quem iria querer machucá-lo usando isso?

Muita gente.



Ele se inclinou, pronto para fazer as pazes com isso. Sua mão tremeu um pouco quando ele apertou o botão e ouviu a voz acentuada do homem. E ele estava de volta dentro daquele quarto. Sozinho.

Ele tinha ido de capturado para resgatado para enjaulado novamente, por sua própria gente.

Ele abafou o volume e assistiu a versão mais jovem de si mesmo na tela. Jovem, mas não mais inocente.

Enquanto ele observava, inconscientemente esfregou os pulsos cicatrizados. Durante a tortura, seus pulsos haviam sido feridos, sim, mas aquele movimento com a mesa lhe custara, enfraquecera seus pulsos. Eles se fraturavam facilmente agora. O dano iria assombrá-lo para sempre. E se ele soubesse disso, ele ainda não teria mudado nada.

Quando o vídeo foi interrompido, Prophet se viu congelado na mesa, ouvindo a conversa alta e clara, depois ouviu o que havia acontecido antes de a câmera começar a rodar.

— Onde está Azar? — O agente Lansing perguntara.

— Eu o matei com minhas próprias mãos nuas.

— Não há corpo.

— Eu o comi.

— Onde está seu especialista?

— Ele não está aqui.

— Você o matou?

— Eu fiz o meu trabalho—, Prophet disse.



— Não há sinal de Hal Jones, vivo ou morto. Se não temos corpo, temos razões para acreditar que você é cúmplice em permitir que ele tenha escapado para as mãos erradas.

Ele olhou para o agente Lansing.

— Eu mesmo o matei, seu idiota.

E foi aí que as coisas ficaram difíceis. Prophet lidou com isso até que o idiota arrancou suas tags, e então ele prendeu o cara. Tudo o que teria sido feito era uma simples pedra da mesa e o agente Lansing não teria feito mais perguntas. Como foi, Prophet acabou por deixá-lo. Ele foi interrogado por mais uma semana até que eles o liberaram.

E então a CIA o contratou. Porque aparentemente, o lema deles era: se você não pode matá-lo, contrate-o.

Ele rebobinou e assistiu duas vezes antes de fechar o laptop e procurar por Tom.

Ele o encontrou no andar térreo, em pé perto das máquinas de venda automática, as mãos nos bolsos, olhando para o céu. Um cigarro pendia de sua boca - cheirava a um daqueles enrolados à mão. Cheirava como o apartamento de Tom e sua pele.

Não deveria estar mexendo com Prophet. Não agora quando ele estava vindo para cá...

O que? Soquei o cara por saber merda que não era culpa dele?

Sua raiva desapareceu. Ele abriu a boca para dizer algo como: “Vamos lá, Cajun, vamos jantar”, ou algo igualmente estúpido, o que seria praticamente o mais perto de um pedido de desculpas que Prophet jamais faria.



Mas antes que ele pudesse pensar em alguma coisa, a parte de trás do pescoço arrepiou. Em seguida, ele ouviu o guincho de pneus quando um carro virou na esquina, uma arma na janela apontada para Tom.

— Abaixa! — ele gritou enquanto mergulhava para Tom, derrubando-o no chão enquanto balas choviam ao redor deles. Isso foi tão instintivo quanto seu xingamento quando percebeu que tinha sido atingido.



CAPÍTULO DEZOITO

Tom estava meio enterrado sob o peso do corpo de Prophet quando o carro se afastou e o disparo cessou. Ele mudou o suficiente para ver o sangue no chão, mas Prophet estava de pé e em movimento. Gritando ordens enquanto ele tirava sua camiseta e colocava no ferimento de bala no seu lado.

— Eu estou indo para o carro. Pegue nossas coisas. Novo hotel. — Ele estava mandando mensagens enquanto falava, sem olhar para a tela, mas sim para Tom.

Tom subiu as escadas, deixou a porta do quarto do motel aberta para vigiar Prophet - ele podia ver que Proph tinha entrado no lado do passageiro do caro segurando o braço sobre a ferida e, Tom tinha certeza, sua arma.

À distância, ele ouviu uma sirene. Ele também estava ciente de que, na escuridão, as pessoas tentavam começar a espiar de seus quartos. Em menos de dois minutos, ele empacotou suas coisas, jogou-as na parte de trás do carro e os colocou na estrada.

Uma vez que eles tinham feito o check-in sob nomes falsos, o anonimato não deveria ser um problema, mas Prophet ainda insistiu que ele parasse e trocasse as placas no carro. Prophet acabou por ter várias disponíveis. E então ele apontou para o GPS que estava direcionando Tom para um hotel a vinte minutos de distância. Se Tom dirigisse como Prophet.

— Hospital, — Tom disse com firmeza.



— Não, — Prophet disse enquanto pressionava as toalhas do motel que Tom tinha levado em seu lado. — Confie em mim. Vá para lá. Me leve para dentro sem que ninguém me veja.

— Sim, isso vai ser fácil.

— Pensei que você acreditasse em magia, Cajun? — As palavras do Prophet arrastaram um pouco.

— Foda-se, — ele disse ao homem que salvou sua vida.

Prophet bufou.

— Já ... aconteceu. — E então ele fechou os olhos.

— Acorde, caramba. Você não pode me salvar e depois morrer.

— Não morrendo. Com sono.

— Abra seus olhos.

Mas Prophet balançou a cabeça. Tom notou o telefone de Prophet zumbindo e respondeu enquanto seguia as instruções da cadela do GPS.

— É Doc. Como ele está?

— Desmaiado.

— Dormindo—, Prophet insistiu.

— Alguém vai encontra-los no hotel. Ele manterá Prophet estável até que eu possa chegar lá.

Antes que Tom pudesse dizer mais alguma coisa, Doc desligou. Ele amaldiçoou e continuou dirigindo. Ele ouviu o GPS enquanto tentava acordar Prophet.

— Eu não estou dormindo. — Disse Prophet, com uma voz extremamente sonolenta.



Tom deu uma olhada e viu o sangue se infiltrar no branco das toalhas. Suas mãos apertaram o volante e ele se recusou a deixar o pânico tomar conta dele. Ele ligou o rádio - em volume alto – em alguma música country.

— Que porra é essa? —, Prophet conseguiu gritar sobre a música.

Tom abaixou um pouco.

— Fique. Acordado.

— Desligue essa... merda... primeiro. Cristo.

— Eu sabia que ia te acordar.

— Torturando alguém... que foi baleado. Isso é baixo, T. — Os olhos de Prophet se fecharam novamente, sua respiração acelerada, sem dúvida de dor e talvez até um pouco de choque.

Tom estendeu a mão e apertou sua coxa. Olhou de novo, e Prophet estava olhando para ele.

— Você pode... me levar até lá. Por que eu vou fechar meus olhos.

Porque ele confia em mim.

Porra.

Tom dirigiu como um completo maníaco o resto do caminho, alimentado apenas pelas palavras de Prophet. Quando ele finalmente estacionou em frente ao hotel, em tempo recorde, havia um cara esperando na frente que parecia pertencer a uma gangue de motoqueiros, todo de couro preto e tatuagens. Seu cabelo era escuro e curto e parecia que ele queria mijar no mundo. Ou pelo menos foder alguém.



Tom acenou da caminhonete, e o sujeito lhe deu um aceno e fez sinal para que o seguissem, sacudindo o cigarro para o lado enquanto caminhava na direção deles.

— Acho que ele é nosso contato. — Disse Tom. Sua voz deve ter tido dúvidas o suficiente para fazer Prophet abrir suas pálpebras e dizer:

— Ele é Mal. Mais ou menos ... um idiota. Você vai gostar dele.

— Ah, foda-se você, Proph.

— Esse é o espírito.

Tom se perguntou por que o homem ensanguentado estava falando isso para ele, mas que seja. Estava funcionando. Entre ele e Mal, eles colocaram Prophet na metade de uma jaqueta para cobrir o sangue, depois empurraram e puxaram para colocá-lo em pé.

— Pessoal, eu consigo... ficar de pé, — ele disse e quase caiu de cara no chão.

Mal acabou pegando ele e bufando o que parecia ser uma risada silenciosa. Tom olhou para Mal e enfiou o braço sob o de Prophet. Mal caminhou um pouco na frente deles, bloqueando o lado do sangramento, porque estava se tornando mais difícil de se esconder, e Prophet se pendurou em Tom e tropeçou, de cabeça baixa, parecendo muito com um homem bêbado.

Uma vez na segurança do quarto de hotel que Mal havia alugado, era evidente que o homem tinha treinamento médico. Ele tinha IVs e sangue correndo e estava cobrindo a ferida, dando antibióticos e fluidos. Tornando Prophet confortável. Monitorando seus sinais vitais.

Ele fez tudo em silêncio enquanto Tom assistia.



— Ele está bem?

Mal olhou para ele e de volta para Prophet. Tom repetiu-se mais duas vezes, não obteve resposta e finalmente agarrou o ombro de Mal.

— Você vai me responder? — Ele exigiu, em seguida, avistou a cicatriz espessa e longa que atravessava a garganta de Mal.

Mal assinalou algo que parecia ter terminado com uma maldição e depois apontou para as orelhas.

— Não pode falar. Mas ouve bem, — Prophet murmurou.

— Poderia ter me dito mais cedo, — Tom disse com os dentes cerrados.

— Não seria divertido assim.

— Eu acho que você está bem.

— Disse a você, — disse Prophet, sua voz quase inaudível.

Mal revirou os olhos e olhou para eles como se fossem idiotas. Neste ponto, Tom concordou com a avaliação de Mal. Minutos depois, Mal apontou para a porta, e Tom olhou para ele, porque ninguém havia batido.

Segundos depois, alguém bateu, e Mal tinha a expressão de *porra*. Tom checou o olho mágico e encontrou Doc do outro lado. Ele conheceu o homem em sua primeira turnê pela EE, e ele teve a sensação distinta de que Doc não gostava nem confiava em novos recrutas.

— Tom, — Doc disse com um aceno de cabeça. — Mal, você pode ir.

Mal fez o que lhe foi dito sem olhar para trás para nenhum deles. Tom o viu levantar o dedo do meio enquanto saía. Ele adivinhou



que era como o seu sinal de gangue. Ou sua mensagem para o mundo inteiro.

— Boudreaux, você vai ficar aí ou ajudar? — Doc perguntou.

Ele se perguntou o que aconteceria se dissesse: “Ficar aqui parado”, mas decidiu não pressionar ainda mais sua sorte. Prophet estava gemendo um pouco e definitivamente passando o sono e acordando de vez.

Doc apressou isso junto com um tiro injetado no IV. Dois minutos depois, a cabeça de Prophet virou para o lado, a respiração mais fácil, mas seu rosto ainda estava alarmantemente pálido.

— Não quero que ele esteja acordado enquanto estamos fazendo isso, — Doc disse.

— E a bagunça?

— Temos uma equipe de limpeza, — Doc garantiu. — Não é o nosso primeiro rodeio. Vamos fazer isso.

O doutor mandou que Tom limpasse o sangue enquanto inspecionava a ferida. Prophet fora atingido perto de suas costelas, com outra carne ferida perto do diafragma, o que tornava a respiração dolorosa.

— Eu não gosto de onde aquela bala está, — Doc murmurou e Tom se perguntou como ele sabia onde estava a bala sem raios-X, mas o homem sem dúvida executara medicina suficiente no campo de batalha para saber. — Muito perto dos pulmões. Eu prefiro não arriscar algo acontecendo enquanto estamos voando de volta para EE.



Em vez de tirar a bala, ele abriu a ferida, depois entregou a Tom um curativo e o fez segurá-lo enquanto o fixava.

Através de tudo isso, a respiração de Prophet permaneceu firme. Tom traçou as outras cicatrizes mais antigas no corpo do Prophet com os olhos e, em resposta, Doc passou a mão sobre algumas delas.

— Eu sempre tento não deixar uma cicatriz. — Disse Doc. — Ele não se importa, mas eu sim. Ele estará modelando minha obra para o resto de sua vida. — Ele olhou para as mãos de Tom. — Você pode ir se lavar. Estou quase terminando. Tire a camisa também.

Tom tirou a camiseta e jogou na pilha de coisas ensanguentadas, depois foi até o banheiro e fechou a porta atrás de si. Ele esfregou o sangue de seus braços e mãos, debaixo de suas unhas. Quando ele olhou no espelho, viu que havia um pouco em seu queixo e pescoço também.

— Foda-se. — Ele se despiu e pulou em um banho quente por cerca de cinco minutos. Ele saiu e se enxugou rapidamente, colocou o jeans de volta. Quando ele voltou para a área do quarto, ele realmente esperava ver Prophet acordado e rindo, tirando sarro de Tom por estar tão preocupado.

Mas o cara ainda estava desmaiado, uma grande bandagem do lado dele. Tão quieto. Ele parecia inocente, o que era estranho.

— Merda. Proph. — Ele passou as mãos pelos cabelos úmidos enquanto se movia em direção à cama.

— O idiota vai ficar bem, — Doc disse a ele com uma careta. — Observe ele por mim enquanto eu me lavo e faço algumas ligações.

Ele balançou a cabeça, moveu uma cadeira para mais perto da cama, sem ter certeza do que ele deveria estar olhando. Além da



respiração de Prophet, que ainda estava leve. Mas os dedos do homem estavam enrolados em punhos – mas não tanto quanto minutos antes.

Ele adivinhou que seu metabolismo deveria queimar os analgésicos rápido. Isso fazia sentido, dada a constante necessidade de movimento de Prophet.

Ele queria segurar a mão de Prophet, mas resistiu.

— Eu quase fiz você ser morto, caramba.

Ele já esteve nessa posição antes, mas não assim. Não tão intimamente. Seu último parceiro foi baleado e morto por um traficante de drogas, morreu no concreto enquanto os transeuntes tentavam ajudar. Tom estava a três quarteirões de distância, impedindo que o grupo de traficantes explodisse um prédio de apartamentos. Salvando várias vidas. Perdendo uma.

Não é uma relação ruim quando você não era o único envolvido.

A terceira vez quebra o encanto, ele disse a si mesmo antes de sair.

— Não é sua culpa, — ele ouviu uma e outra vez, mas ele nunca acreditaria nisso. Quando três parceiros morrem em seu relógio, você costuma levá-lo para o lado pessoal.

Bad Loque.

É o que eles diziam em suas costas quando ele voltou da agência e assumiu o cargo de vice. Ele sabia que o xerife mantinha distância, porque, como o homem disse:

— Eu só tenho dois anos antes da aposentadoria. Parece tolice morrer agora.



Ele tinha feito isso. E Tom subiu para a eleição, sabendo que ele perderia. Mas o inferno, autoflagelação se tornou sua coisa.

— Você disse que John morreu em combate. Você nunca disse... Porra, Proph. — Ele não sabia mais o que dizer. Baseado na reação do Prophet, Tom tinha pouca dúvida de que a morte de John estava conectada ao vídeo de alguma forma. O que significaria que John havia sido morto na missão sobre a qual Prophet estava sendo interrogado. Ele pegou a mão do homem na sua e tinha certeza que Prophet a apertou de volta.

Por que Prophet saiu? Para gritar com ele um pouco mais? Deixa-lo?

Sua garganta se apertou.

Se controle.

— Se você vai desmoronar, agora é a hora, — Doc observou. — Ele não vai lidar bem com essa merda quando estiver acordado. Mas eu estou supondo que você já sabe disso.

Tom não o ouviu sair do banheiro ou fazer ligações telefônicas.

— Ele pulou na frente de uma bala por mim.

— Soa como ele. E ele vai usar isso para sempre. — Doc brincou com o IV. — Você sabe quem era?

— Eu não vi nenhum rosto, mas tem que ser o pessoal do ringue de luta.

— Phil não quer que você volte sozinho. É muito perigoso agora.

Muito perigoso para um caso que era pessoal.

— Prophet não vai deixar isso passar.



— Provavelmente não. Mas ele não vai a lugar nenhum por um tempo. E Phil quer você no escritório.

Claro que sim, para demiti-lo.

Doc continuou:

— Você irá em outra missão, se você passar no teste físico.

— Mas a missão não acabou.

— Acabou por agora. Phil não acha que isso valha a pena agora – já aguentou o máximo que pode.

— É importante para Prophet.

— Sim. E é por isso que às vezes você precisa de alguém para te afastar.

De acordo com as novas ordens que Doc entregou a ele, ele estava sendo transferido imediatamente para a Eritréia. E fazia sentido, porque ninguém estava em perigo iminente no círculo de luta. Não era algo urgente.

Apenas para Prophet.

Ele sabia melhor do que tentar questionar Phil sobre isso. Era onde ele era necessário, e ele supôs que Phil retribuia os parceiros a curto prazo, quando algo assim acontecia.

Ele foi até a varanda e queimou os papéis, como deveria. Ele estava voando em um avião de EE, então ele não precisava de nada além do tempo. Quando ele voltou para dentro, Doc estava pegando uma serra pequena, que Tom não entendia para que até que ele foi para o lado da cama onde Tom não estava e disse:

— Segure o braço dele enquanto eu faço isso.



Ele queria protestar, e Doc deve ter visto o olhar em seu rosto antes que ele pudesse expressar sua opinião. Ele voltou imediatamente para a noite anterior, quando desenhou o apanhador de sonhos. Teria protegido Prophet?

E quem, o que, iria protegê-lo agora?

Ele não precisará de proteção se você não estiver por perto.

Doc parou, como se estivesse esperando por Tom dizer alguma coisa. Mas o que ele poderia dizer? Eles eram de gesso, não permanentes. Talvez ele tenha se enganado em pensar que qualquer um poderia ser.

— Ele está chateado comigo.

— Você merece isso?

Ele viu seus desenhos serem cortados ao meio.

— Sim.

Havia sangue nos gessos de qualquer maneira. Eles tinham sido arruinados antes que Doc os removesse. Arruinados desde o momento em que Tom parou de ouvir seu instinto e esqueceu sua promessa a Prophet.

Bad Loque.

Só então, Prophet se moveu. Ele estava lutando contra as drogas, seu corpo movendo-se sem descanso, como se ele estivesse chateado que eles o colocaram para dormir e estava fazendo tudo o que podia para acordar.

— Ele é sempre assim, — Doc comentou. — Odeia ser derrubado.

Eu conheço a sensação.



— Então, por que fazer isso?

— Ele reclama demais do contrário. — Doc sorriu, mas quando Tom não disse nada, ele continuou: — Você sabe que ele vai ficar bem, não é?

Só então, Prophet conseguiu sair da inconsciência - era a única maneira que Tom poderia descrevê-lo. Era frenético, como se estivesse se arrastando para fora das águas profundas, lutando contra qualquer um e qualquer coisa em seu caminho.

— Dê um passo para trás, — Doc disse a Tom enquanto Prophet se debatia. Antes que Doc pudesse segurá-lo o suficiente, Proph arrancou o soro. Doc falou com Prophet em voz baixa, cheio de preocupação. Era óbvio para Tom que Doc e Prophet eram próximos. Então Doc colocou as mãos nos dois ombros de Prophet enquanto Prophet abria os olhos. Ele agarrou os pulsos de Doc, com força, mas Doc permaneceu onde estava, sem se intimidar.

— Proph, está tudo bem. Você está bem. Estou aqui.

E então Prophet finalmente piscou. Focado. Olhou em volta e, depois de um longo momento, concentrou-se no doutor.

— Seu maldito bastardo.

— Nenhuma escolha, Proph.

Prophet olhou para tudo como se estivesse vendo pela primeira vez. Como se estivesse se tranquilizando, poderia ser outra coisa, Tom não fazia ideia. Tudo o que ele sabia era que ele queria ir se sentar ao lado dele. Apenas ficar lá.

Tom sorriu e disse:



— Ei, — e Prophet olhou para ele como se estivesse memorizando-o. — Você está bem?

— Dói, — ele admitiu, e ficou olhando para Tom.

— É melhor você não ter aberto mais o seu lado, — Doc disse a ele, e então Prophet quebrou o olhar e olhou para Doc.

— Então você não deveria ter me derrubado, idiota.

E então ele era Prophet novamente.



Entrando e saindo da consciência, Prophet estava ciente de Tommy falando com ele. Confessando coisas. Agora, Tom parecia que alguém tinha atirado em seu cachorro, e foda-se tudo, o cara não podia estar pensando que isso era culpa dele.

Sim, claro que ele estava.

E então, mais dor, enquanto Doc verificava o curativo, o que o fez cerrar os dentes e amaldiçoar como um marinheiro, só porque podia.

— O que quer que te faça aguentar a noite toda, — Doc disse, completamente indiferente à enxurrada de novos e, como Propeht disse, combinações inventivas de palavras amarradas juntas para uma longa frase de efeito.

Até fez Tom dar um pequeno sorriso, mas o cara ainda parecia um inferno.



— Estamos fora daqui as dez, — Doc disse a Prophet. — Tom vai pegar carona conosco, mas ele está pegando um voo diferente.

Prophet olhou para Tom.

— Phil está colocando o caso em espera. Mandando-me para a Eritreia, — ele disse em um tom que soou como se Prophet deveria magicamente fazer isso não acontecer.

Porra, ele não estava em condições de ir contra Phil. E se Tom era necessário, então Tom era necessário. O que mais ele faria, interpretar a babá de Prophet?

— Vá onde você é necessário, — ele murmurou.

— Obviamente, isso não é com você, — Tom disse baixinho - com raiva - antes de se virar para pegar sua merda.

Prophet também se virou e fingiu que o doutor não estava assistindo a maldita troca. Porque algo sobre este caso foi realmente fodido, e ia além de Tom como parceiro.

Tom ajudou a colocar Prophet no carro, levou-os até o aeroporto e ajudou a colocá-lo no avião com o Doc. Antes que o Prophet pudesse dizer qualquer outra coisa, Tom disse adeus a ele e a Doc, uma despedida que soou mais como uma maldição, antes de sair do avião.

Prophet ficou olhando para ele por um longo momento, depois se voltou para Doc, que estava observando-o.

— Sem julgamento, — Doc disse.

— Apenas me apague para dormir, — ele disse a Doc, que resmungou baixinho e depois obedeceu. Quando Prophet despertou

novamente, ele estava na enfermaria de EE, ligado a tubos e monitores, e ele queria se virar e dormir por dias.

Mas Phil estava invadindo então, checando-o, falando sobre ele para Doc como se ele não estivesse lá, enquanto Prophet ouvia o prognóstico e a longa reabilitação que Doc queria. E finalmente, Doc saiu e Phil puxou uma cadeira para junto da cama.

— Quem atirou em você?

— Amigos de Ivan. Eu os reconheci - eles vieram atrás de nós na noite em que Tom lutou. Ivan é um dos principais lutadores.

— O que você fez para irritá-los?

Prophet deu de ombros.

— O que eu não faço?

— Você vai precisar me dar mais do que isso.

— Eu forcei muito para obter informações.

Phil o encarou, e Prophet deu seu melhor olhar indignado.

— Eu não tenho nenhuma pista. Mas baseado em Ivan tentando nos matar... talvez Chris fosse muito popular. Porra, eu não sei, Phil.

— Não pode se culpar. — Ele fez uma pausa. — Voltar para lá é um beco sem saída?

— Eu gostaria de descobrir o que aconteceu. — Disse ele.

Phil olhou para ele.

— Eu não acho que seja a melhor ideia, mas vamos revisitar quando você estiver curado.



Phil não sabia muito sobre essa missão. Simplesmente que Prophet perdeu John e saiu dos trilhos.

Prophet sabia que Phil não queria mergulhar em merda profundamente classificada em seus agentes, porque isso iria acabar com todos eles. Ele conhecia seus limites, mas também esperava que seus agentes compartilhassem quando - mas não necessariamente o que - eles achavam que algo poderia estar voltando para mordê-los.

Agora, Phil deu um tapinha no ombro do Prophet antes de sair. Prophet olhou para o teto, murmurando para si mesmo.

— Eu não acho que isso esteja ligado a John.

— Besteira, — John disse a ele de seu poleiro perto da janela.

Prophet levantou as mãos.

— Fodidas drogas.

— Você chegou muito perto, Proph. Acalme-se. Olhe para o quadro geral, — John aconselhou.

— Eu acho que é uma coincidência. Uma horrível. — Ele pegou o texto todo de Gary com o código correto no telefone particular naquela manhã, assegurando-lhe que as coisas estavam bem naquela semana.

— Isso não existe.

Ele se recusou a olhar para qualquer lugar, menos para o teto, com medo de ver John sorrindo para ele novamente. Mas ele ainda precisava ter a última palavra.

— Às vezes uma coincidência é só isso.



CAPÍTULO DEZENOVE

Tom iria direto do Texas para a Eritréia sem parar. Pelo menos o voo era no avião da EE, o que significava que ele não precisava lidar com outra revista de seguranças. No asfalto, ele observava os pilotos e a tripulação fazendo checagens de última hora enquanto esperavam o mais novo parceiro de Tom, Jason Copeland, também conhecido como Cope, aparecesse. Tom o conhecera brevemente quando estava treinando para EE - Cope tinha sido tranquilo e prestativo. Natasha havia explicado no telefone que Cope estava vindo da Califórnia, então era mais fácil se encontrar aqui na pista de pouso privada que Phil tinha acesso, em vez de voltar para a EE.

— Phil quer saber se você está bem sobre encarar outra missão, — Natasha também disse.

Ele não tinha escolha senão ficar bem. Prophet queria isso. Phil queria isso. E Tom precisava disso, então ele disse a Natasha que ele estava bem quando tudo o que ele realmente queria era perguntar sobre Prophet.

Agora, ele andava de um lado para o outro, esperando que ele ficasse entorpecido.

A essa altura, Prophet estava de volta à EE, mas ele não teve notícias dele. Ele pensou em ligar, mas o que diabos iria dizer? Ele não sabia se ele havia sido definitivamente transferido ou não, mas tudo isso parecia um grande teste. Novamente.

Pensou no tiroteio de novo, revirando-o repetidas vezes em seu cérebro, e ainda não conseguia encontrar nenhuma explicação para o



motivo a qual não sabia que o perigo estava se aproximando. Por mais que às vezes odiasse o conhecimento, ele passou a confiar nisso.

Talvez esse fosse o problema.

— Eu estava despreparado. Parado ali como um idiota, — ele disse. Ele estava envolvido naquele maldito vídeo, a expressão no rosto de Prophet, o vazio de sua voz quando ele perguntou sobre isso.

Ele não estava pensando em segurança, sua própria ou de seu parceiro. Então ele teve seu primeiro fracasso na EE Ltd.

Ele tinha muito a provar. Ele tinha uma segunda chance com Cope, quando o que ele realmente queria era uma com Prophet. Ele tinha que se contentar com o fato de que Prophet estava vivo e se recuperando. Porque, enquanto ele estava realmente agradecido que Prophet parecia ter quebrado sua maldição de parceiro, sobrevivendo ao tempo juntos, quanto tempo duraria se eles permanecessem parceiros?

Com isso, ele se pegou esfregando o braço onde o filtro de sonhos era tatuado.

Você tem pesadelos, Tommy.

— Toda a maldita vez, — ele disse, seu temperamento subindo quando ele pensou sobre as razões para esses pesadelos. Por sua vez, ele jogou a bolsa violentamente sobre o ombro enquanto Cope atravessava a pista.

Cope era um pouco mais baixo do que ele, o cabelo raspado quase até o couro cabeludo escuro. Seus olhos eram escuros também. Tom não podia ver as pupilas do cara.

— Bom te ver de novo, Tom. — Cope deu-lhe um tapa caloroso no ombro.



— Você também, Cope.

— Eu tenho alguns equipamentos extras. Você ainda não esteve na Eritréia, certo?

— Não.

— E você não fez nada assim antes, se eu estiver me lembrando corretamente? Seu histórico era doméstico - FBI, certo?

— Sim. — Ele tinha sido oferecido alguns trabalhos de força-tarefa conjunta no FBI, mas ele recusou, da mesma forma que para qualquer coisa relacionada à trabalho em equipe.

— Eu vou ajudar com isso. Deve ser tranquilo. Durante o tempo de inatividade, vamos passar por cima de algumas merdas. Armas. Treino. Você sabe, as coisas boas.

— Obrigado.

Cope fez uma pausa e disse:

— Ouvi dizer que você teve dificuldade hoje.

— Um pouco.

— Todos nós já tivemos. Phil não mandaria você para a Eritreia se ele não fosse mantê-lo por perto. — Eles começaram a andar para o avião enquanto Cope continuava: — Eu trabalhei com Prophet na época em que Phil começou a levar a sério essa coisa de parceria para todos. Nós tivemos algumas boas missões. Ele disse a Phil que éramos incompatíveis. — Cope encolheu os ombros. Não parecia que estava mantendo segredos. — O que aconteceu com você?

Eu fiquei muito próximo.

— Eu o fiz levar um tiro.



— Isso será o suficiente.

Tom bufou e Cope lhe disse:

— Olha, Prophet me apoiou em vários momentos desde que fiz parceria com ele - sem ressentimentos. Ele trabalhou com quase todos os agentes atuais em EE várias vezes, assim como alguns que não estão mais aqui.

— Mas sempre temina por causa dele?

Cope encolheu os ombros enigmaticamente.

— Variedade de razões. Phil não deveria se incomodar em tentar associar esse cara permanentemente. Ele não é construído dessa maneira.

— Não é um jogador de equipe?

— Veja, essa é a coisa... ele é. Apenas não para sempre. Ou qualquer coisa perto disso. Ei, ele é um cara legal. Eu confiaria nele com minha vida. Eu gosto que ele vá assumir EE quando Phil se aposentar. — Cope desapareceu no avião e Tom seguiu seus pensamentos cambaleando.

Tom absorveu isso, mas não conseguiu entender a relação entre Prophet sendo preparado para assumir EE e Phil forçando um parceiro nele. Mas Tom sabia, por experiência própria, que todos tinham segredos. Forçar Prophet a dizer a ele, significaria que Prophet também poderia conhecer Tom. E de jeito nenhum, porque a maldição pode não estar realmente quebrada. E ele não iria colocar Prophet em risco.

Mas, mesmo com isso, ele percebeu que deixar Prophet para trás não seria fácil, principalmente porque, por mais que ele não quisesse deixá-lo como parceiro, ele realmente não queria deixar o homem.



Cope colocou o cinto de segurança quando o avião se ergueu mais rápido do que qualquer voo comercial.

— Pronto para sair?

Tom não se incomodou em dizer que não tinha escolha.



Prophet odiava o tempo de recuperação. Isso o deixava mais nervoso do que o habitual, e ele era nervoso mesmo em um bom dia. O médico o havia liberado em casa vários dias depois de ter sido operado para remover a bala, mas insistiu naquela merda completa de repouso na cama. Ele deixou Prophet com apenas um aperto nos pulsos e a promessa de que os gessos voltariam na próxima semana. Esse seria seu grande maldito dia para voltar a fazer papelada. Até então, ele era um leão enjaulado.

E ele não podia nem usar esse tempo para roubar nada de Cillian. Bem, talvez algo leve. Ele checou a casa de Cillian, examinando tudo, seus olhos atraídos para o sofá.

Provavelmente muito pesado, mas com a alavancagem certa...

Com as mãos nas teclas do computador, ele pensou em chamar o cara. A última vez que eles tinham mandado uma mensagem, ele reclamara do novo parceiro.

Seu novo parceiro, que agora era o novo parceiro de Cope. Droga. Ele digitou, ***Todas as suas merdas estão do jeito que você deixou,*** não esperando obter uma resposta.



Mas o ding de uma mensagem veio segundos depois.

Casa?

Sim, me recuperando. Forçado.

Ferida de bala?

Apenas uma pequena.

O suficiente para te impedir de roubar meu sofá?

Como diabos Cillian sabia que Prophet queria o sofá?

Nesse momento sim.

Como está o novo parceiro?

Prophet foi digitar algo e percebeu que não tinha ideia de como responder a isso. A pausa foi apenas por um segundo, mas foi o suficiente para fazer Cillian escrever, **Interessante.**

Eu não disse nada.

Eu não achei que alguém poderia deixar você sem palavras.

— Definitivamente vou roubar seu sofá, — disse Prophet em voz alta, depois digitou: **Ele está bem. Ele não levou um tiro**.

Você levou uma bala por ele. Que romântico.

— Eu vou matar esse cara.

Não foi assim. Ele está bem

Onde ele está agora?

Com outro parceiro em uma missão diferente.

Ouviu falar dele?

Nem estou esperando.



Não foi o que eu perguntei. Parece que nenhum de vocês lutou para ficarem juntos. Não deve ter sido uma grande parceria.

Prophet considerou isso. Mas ele não podia concordar.

Eu não sou do tipo de parceiro. Não foi algo que ele fez.

Certo. Caras como nós são feitos para ficar sozinhos.

Prophet se perguntou qual deles Cillian estava tentando convencer.



CAPÍTULO VINTE

Uma semana depois de sua estada na Eritreia, Tom encontrou-se em uma das muitas casas seguras ao longo da rota que partia de Mogadíscio. Ele poderia dizer com segurança que nunca teve muita vontade de ir para a Somália, e certamente não assim, com Cope e o general americano Shawn Breen, que eles resgataram de sequestradores exigindo resgate e a libertação de presos políticos. Eles também resgataram a filha de dezoito anos de idade de Breen, Amy, que estava visitando.

Visitando.

Tom não entendia isso, mas aparentemente ela veio visitar antes de ir para a faculdade e, assim como seu pai, queria viver uma vida de serviço.

Ela era uma criança durona, mas definitivamente mais em risco. Cope a vestira com sua jaqueta e um chapéu para disfarçá-la o máximo possível. Ela estava tremendo, mas controlando-se melhor que o esperado. Como a posição oficial dos EUA em um caso como este era - nós não negociamos com terroristas - esse era exatamente o tipo de coisa que a EE foi criada para lidar.

Porque EE também não negociava. Eles usavam medo e pavor nos sequestradores e tomavam de volta os seus. Então a CIA ligou para Phil e Phil enviou Tom e Cope.

Cope era o ex-Delta, ótimo de tiro. Ele deu a Tom várias dicas de improviso durante seu tempo de inatividade, ensinou-lhe que os

federais treinavam de forma diferente dos soldados. E Tom definitivamente precisava ser um soldado agora.

Quando as balas voaram, Tom percebeu que poderia estar fora de seu alcance.

— Está bem, Tommy. Esse é o julgamento por fogo —. A voz de Prophet em seu ouvido. Ele tinha sido chamado por Natasha, diretora de sua casa, a fim de ajudar a guiá-los quando Cope percebeu o quanto eles estavam enrascados. — Apenas fique com Cope e tente não atirar nele.

— Espertinho.

Prophet passou a latitude e a longitude do LZ[16] no telhado de um prédio quatro portas abaixo, e Tom o imaginou, deitado na cama, gritando ordens. Ele dava ordens naturalmente, e agora não era hora de pensar em Prophet e cama e ordens.

Prophet o guiou enquanto observava as ruas entre os esconderijos - porque não era seguro ficar em um por mais de duas horas seguidas -, já que ele tinha satélite e podia ver de que lado o perigo estava vindo. Embora parecesse que eles estavam cercados. Eles estavam sendo caçados e sair da cidade nunca fora tão importante.

— Vamos lá, — disse Cope, e os quatro dispararam correndo pelas vielas, Prophet era silencioso em seus ouvidos pelo momento. Mas um minuto antes de estarem prestes a chegar ao seu destino, Prophet amaldiçoou e disse-lhes para voltarem pelo beco e saírem dos limites da cidade.

---

[16] Na terminologia militar, uma zona de pouso (LZ) é uma área onde as aeronaves podem pousar.



Era uma ideia incrivelmente arriscada, mas Tom percebeu por que Prophet lhes disse para fazer isso imediatamente. As RPGs[17] voavam pelo ar como fogos no 4 de julho, e o helo[18] estava saindo. A única coisa boa sobre isso foi que chamou toda a atenção dos homens que de outra forma teriam atirado neles. E eles ficaram para trás apenas o suficiente para não serem vistos. Ele e Cope arrastaram Breen e Amy de volta pelas ruas, evitando moradores e soldados rebeldes, porque não podiam se envolver em um tiroteio que chamaria atenção para eles. Eles continuaram até que estavam fora da cidade e no matagal do deserto, seu objetivo final era a costa.

Só que agora eles estavam no meio do nada na escuridão e eles simplesmente teriam que continuar andando pelo terreno irregular.

Foi isso que Prophet disse a eles. Uma caminhada de 19 quilômetros até o próximo ponto de extração que poderia ser executado com mais segurança do que dentro dos limites da cidade.

Com mais segurança. O que significava que não era realmente seguro.

Depois de 8 quilômetros - ou oito klicks[19], como Prophet e Cope chamavam - eles fizeram uma pausa por várias razões, sendo as duas primeiras Breen e Amy. Cope estava ajudando-os, dando-lhes uma conversa estimulante, hidratando-os. Mas a outra razão era porque, em menos de um quilômetro, eles caminhariam por uma área pontilhada de soldados rebeldes. Soldados rebeldes escondidos. Significava que

[17] Rocket-propelled grenade, ou RPG (em português: granada lançada por foguete)
[18] Helicóptero militar ou do governo
[19] Gíria militar para quilometro



furtividade e completo silêncio seria necessário para levá-los até a última parte desta missão.

Mas por enquanto, Tom estava conversando com Prophet. O homem estava apenas em seu ouvido, não no de Cope. Cope tinha Natasha nos seus, e as duas perspectivas diferentes eram destinadas a dar-lhes duplo apoio.

Tom sabia que ao único motivo para ele ainda estar continuando era a voz de Prophet.

— A melhor coisa sobre missões é a desconexão—, Prophet estava dizendo a ele agora. — Você quase pode identificar quando isso acontece. Você está no helicóptero e um minuto, sua mente está em toda a besteira no chão - contas, amantes, o que seja. E então, de repente, todo o barulho do helicóptero sacode a merda do seu cérebro e você só passa a se preocupar com o que está bem na sua frente e nada mais. Tudo o que importa é vida e morte.

Tom entendia. Suas missões geralmente eram de menor escala, com menos derramamento de sangue.

— Para mim, com o FBI, era a caçada.

— Bem, sim, — disse Prophet, como se fosse óbvio. — Você é um rastreador nascido.

Tom era. Crescendo no terreno pantanoso, tudo era uma questão de caçar, rastrear e perseguir.

— Que tipo de casos você trabalhou?

— Principalmente atiradores. Alguns outros.

— Você estava no caso da Rua Steele.



O estômago de Tom se apertou. Prophet lera seu arquivo e ele sabia que isso estava prestes a acontecer. Ele esperou que Prophet elaborasse, mas o homem deixou passar, dizendo em vez disso:

— Entrar em um helicóptero no meio da floresta é um pouco diferente do que você está acostumado. Apenas não hesite em disparar. Eles irão até você de todos os ângulos e você tem uma enorme proporção de inimigos sobre os amigos.

— Phil me fez treinar com Bob.

— Merda, ele é durão.

— Me fale sobre isso. — Tom nunca esteve tão mentalmente ou fisicamente exausto em toda a sua vida. Tinha valido a pena - a falta de treinamento militar poderia ter sido usada contra ele. O treinamento do FBI era intenso, mas o foco era diferente. — Isso deveria ser recon. Vigilância. Merda chata. — Ele ouviu a incerteza em sua voz e estava certo de que Prophet iria chamá-lo de algo pouco lisonjeiro.

Em vez disso, Prophet, que estava a milhares de quilômetros de distância e ao mesmo tempo tão íntimo em seu ouvido, disse-lhe:

— Você pode fazer isso, Tommy. Foda-se suas cicatrizes. Foda seu passado. Tudo só faz você mais forte.

Tommy. Jesus. Ele engoliu seu medo.

— Você realmente acredita que as cicatrizes deixam você mais forte?

— Diz-me você. — Ele jurou que podia sentir Prophet passando a mão nas costas nuas, como se estivessem no quarto do motel. As tatuagens escondiam as cicatrizes a olho nu, e um toque casual também não as revelava. Mas não havia nada de casual em Prophet - não em seu

porte, seus toques, seu olhar - eram todos deliberados, não importava o quanto Tom tentasse fingir o contrário.

— Ainda de pé, — ele disse a Prophet agora.

— Isso é tudo que importa. Use esses instintos, Tom. Eu te disse que iria ouvir, mas você precisa ouvir você também.

— Muito bem.

— Bem, o que diabos aconteceu naquele dia? Porque você perdeu o foco?

Você.

— Não tenho certeza.

— Ok, você tem que ficar seguro agora.

— Eu sei.

— Eu continuarei falando. Cope está à sua frente. Fique de olho nele. Eu te dou cobertura. — Ele estava prestes a agradecer quando Prophet disse: — Cale a boca.

Tom mentalmente deu a ele o dedo, e sim, de volta ao normal.

O terreno era implacável. Enquanto Prophet os guiava, ele poderia facilmente imaginar o homem aqui. Prophet obviamente andara por esse caminho antes, e suas instruções eram melhores do que as NVs que Tom usava.

Mas, de repente, Tom parou de se mexer.

— O que há, T? — Prophet perguntou, então acrescentou: — Siga a porra do seu instinto, cara.

Tim fez. Ele moveu alguns passos rápidos para agarrar Cope, que se virou e olhou para ele.

— Vá na direção que você precisa. Estou com você, — disse Prophet. Cope não argumentou quando Tom os levou para o oeste ao longo de uma trilha estreita.

Prophet o guiou ao longo do novo caminho.

— Seis pontos, quatro klicks, T, — que Tom rapidamente calculou em seis quilômetros, e foi exatamente esse tempo até que viu o helicóptero ao longe, o gigantesco pássaro de aço vindo na direção deles como um farol.

Prophet escolheu então dizer a ele:

— Eu verifiquei o caminho que você evitou enquanto andava. A Intel confirmou que havia rebeldes esperando a meio quilômetro de distância de onde você se virou. Você estava certo. Você conseguiu, T.

Tom acenou com a cabeça como se Prophet pudesse vê-lo, e então deixou Cope cobri-lo e a Breen e Amy enquanto corriam para embarcar no helicóptero que os levaria para fora do inferno.



Foi como um show de terror, os fantasmas do passado sentados ao redor dele. Olhando para ele.

John estava lá. Hal também. E agora Chris, olhando para ele quase com tristeza.



Prophet piscou e o quarto se inclinou novamente. Chris foi embora e eles estavam de volta ao deserto. Hal estava lá, sentado ao lado dele na tenda, bebendo uma cerveja quente, observando John preparar o Land Rover para o outro lado dos desertos do Sudão.

— Cinco minutos antes de sairmos, — John disse.

Prophet estava suando e olhando entre os dois homens, e mesmo sabendo que isso não era real, porque o maldito sofá de Cillian não estava no meio do maldito deserto, era tão real quanto possível. E ninguém - nada - poderia tirá-lo disso.

— Você é fodidamente patético. — John sorriu para ele.

Ele se virou para ver Hal, observando-o com aquele olhar onisciente enquanto dizia a Prophet:

— Estou pronto.

— Eu não estou, — Prophet disse quebrado, e ele não queria estar quebrado.

Você nasceu um Drews. Nascido para quebrar e quebrar em um milhão de merda de peças, e quem iria junta-las?

Quem iria querer?

Ele conheceu Hal há quatro dias. Tinha passado esse tempo trabalhando em um plano com sua equipe para transportar Hal em segurança pelo deserto. Também passou esse tempo com Hal falando em sua maldita orelha. Querendo que Prophet o conhecesse.

— Não faça isso, Proph, — John disse a ele, e Prophet não sabia se era John no flashback ou o fantasma sardônico de John, mas isso não importava - sua mensagem era sempre a mesma advertência. *Não*.



— Não, — Prophet repetiu agora, a palavra ecoando por uma sala vazia e não por uma tenda. Ele piscou e observou enquanto o deserto clareava, enquanto Hal desaparecia, ainda vivo, e então ele estava no chão do quarto, segurando os joelhos contra o peito e balançando.

Sim, você está realmente pronto para voltar ao jogo.

— Você fez o seu trabalho, — ele disse a si mesmo em voz alta, repetidamente, enquanto ainda se balançava, porque mesmo sabendo que era a verdade, isso não impediu de ser uma das coisas mais difíceis que ele já havia feito. Ele não sabia que seria tão dolorosamente difícil.

Na verdade, ele nunca pensou que ele, John e o resto da equipe do SEAL eram invencíveis, mas pensar e conhecer eram duas coisas completamente diferentes. E mesmo que ele tenha feito vários trabalhos escoltando especialistas antes, a missão com Hal tinha sido diferente.

Hal havia feito Prophet sentar com ele antes de sair. Tinha feito Prophet ouvi-lo. E ele fez Prophet prometer-lhe várias coisas.

Ele se arrependeu de fazer aquelas fodidas promessas desde então.

Finalmente, quando seu balanço se acalmou, ele se arrastou do chão e para o telefone, para se certificar de que Tom não tinha ligado novamente. Suas mãos ainda estavam tremendo, desde quando ele desligou o telefone de guiar Tommy pela Somália. Ele colocou o telefone para baixo e a cabeça sobre a mesa e ele acordou no meio do deserto novamente.

— Porra. — Ele balançou sua cabeça. Os tremores e a tontura tinham que ser causados por sua lesão, certo? Certo. Porque se você não pudesse mentir para si mesmo, pra quem você mentiria?

Ele era um incrível mentiroso.



Ele assistiu o vídeo do interrogatório, estudou-o novamente pela milésima vez, olhou para o telefone que acabara de falar com Tom. Duas coisas separadas, mas de alguma forma, elas se entrelaçaram. Impossível.

E Prophet não acreditava em coincidências.

Foi quase um alívio descobrir que Tom estava com Cope. Quase, e tinha aquela pequena parte que não deixaria isso ser um alívio, tinha irritado tanto Prophet quanto estar emparelhado com um parceiro em primeiro lugar.

Ou talvez fosse porque Phil não tinha sequer empurrado a questão de sua permanência em parceria com Tom. Talvez Phil estivesse dando um tempo para ele, supondo que ele reclamaria de levar um tiro para sair de qualquer maneira?

Você sempre foi um problema gigantesco e de alta manutenção?

Falando nisso, Prophet discou o número de cor para a ligação bimensal de que não havia como escapar.

Sua voz estava grogue quando ela disse olá.

— Merda, desculpe, eu acordei você.

— Tudo bem, bebê.

Bebê? Jesus. Ele segurou o telefone com mais força.

— Tudo certo?

— Mesma velha merda.

— Fazendo amigos?

— Você quer dizer, além dos que estão na minha cabeça?



— Você disse isso, não eu.

— As pessoas aqui são legais. Melhor que o último lugar, eu acho. Como é seu trabalho?

Ela estava mentindo. Então ele também iria. Era a história de suas vidas.

— Ótimo.

— Eu ainda não consigo acreditar que você está trabalhando na construção. Há muito mais que você poderia estar fazendo.

— Os tempos são difíceis.

— Não deveria ser para você.

Ele esteve ouvindo isso toda a sua vida, então ele não respondeu, deixou ela continuar.

— Eu recebi uma ligação de um cara. Ele estava procurando por você.

— O que você disse para ele?

— Que você não me deu seu número. — Tosse sufocante. — Eu preciso de mais comprimidos.

— Eles são regulados.

— Foda-se você.

— Sim, eu sei. Essas foram minhas primeiras palavras, mãe. — Ele disse isso sem nenhum traço de ironia. — Você está bem. Os médicos dizem que você está indo muito bem.

— E como você está?

— Bem. Bem.



— Aquele cara que ligou parecia bravo.

— Aposto que sim, — disse o Prophet tão ironicamente quanto podia. — Se ele ligar novamente, desligue.

— Sim. Sim. — Ela fez uma pausa e perguntou: — Você vem visitar em breve?

Nunca.

— Sim.

— Você sempre diz isso.

— Eu sei. — Ele não sabia mais o que dizer porque não havia mais nada a dizer, então desligou.

Chamar Phil estava fora de questão. Prophet estava sozinho, e embora ele normalmente gostasse desse jeito, o desejo de ligar para Tommy era quase esmagador.

Ele mandou uma mensagem para Cillian. Porque esse relacionamento fictício era muito mais saudável.



CAPÍTULO VINTE E UM

Tom bateu com o punho contra a pesada porta de aço industrial, recuou e esperou. Ele não ouviu passos, mas ele sabia quando o Prophet o viu pelo olho mágico. Ele podia sentir isso.

Ele ouviu as fechaduras se moverem e então a porta se abriu rapidamente, Prophet não demonstrou sinais de estar sofrendo qualquer tipo de dor enquanto ele empurrava.

— Como diabos você passou pela segurança na porta da frente? — Prophet exigiu. — E foda-se, não lembro de lhe dar meu endereço.

— É bom ver você também, Proph. — Tanto pelos sentimentos calorosos e confusos que haviam compartilhado semanas atrás em um fone de ouvido durante a incursão da Eritreia na experiência da Somália. — Eu usei um dispositivo de rastreamento. Você pode estar familiarizado com isso.

— Você plantou um rastreador em mim?

— Sim.

— E você não acha que isso estava errado?

— Eu não me importo.

Prophet piscou.

— Porra. Isso é algo que eu diria. Você me acompanhou por muito tempo. Mas isso ainda não explica o que você está fazendo aqui. Você não tem mais uma casa?

— Você apontou que o meu lugar não é uma casa.



Prophet deu de ombros enquanto ele descansava contra a pesada porta de metal.

— Você disse que funciona para você.

— Não mais. Você vai me deixar aqui ou me convidar?

— Você nunca foi convidado.

— Deus, eu quero bater em você. — Tom passou por Prophet, sem tocá-lo.

— Phil me disse que eu deveria tatuar isso na linha na minha testa para me salvar do problema de constantemente ouvir isso.

Tom ouviu a porta fechar e trancar, continuou examinando o local. Tudo era espaço aberto. Industrial. Moderno. Limpo, com algumas peças legais de escultura e móveis e fotos, tudo provavelmente obtido durante as viagens de Prophet.

Prophet caminhou em sua direção, mas deixou um amplo espaço - e uma mesa que mostrava várias peças de escultura em pedra - entre eles.

— Por que você veio aqui?

— Terminar a missão.

— Não há missão. Tenho certeza que Phil te contou.

— Ele fez.

Prophet olhou para ele.

— Deixe-me adivinhar, você tem uma premonição.

— Algo parecido. — Era melhor do que dizer que estava preocupado com ele. — Sobre o que aconteceu...



— Esqueça isso, — disse Prophet, depois parou. — É sobre o que aconteceu? O tiro ou a outra coisa?

— O tiro.

— Como eu disse, — esqueça.

Tom deu alguns passos em direção à mesa e Prophet perguntou:

— E a outra coisa? Você quer esquecer isso? — *Porque eu tentei. Não consegui.*

Prophet passou um dedo sobre uma das estátuas entre eles.

— Não.

Quer que isso aconteça novamente? ele queria perguntar, mas não o fez. Em vez disso, ele disse:

— Nem eu.

— Você está de volta porque quer foder ou porque quer ajudar?

— Ambos.

— Não é uma resposta ruim.

Tom começou a andar em volta da mesa que os separava.

— Eu tenho algumas perguntas primeiro.

— Então você está sem sorte, porque eu não tenho respostas. — Prophet foi embora antes que os passos lentos e deliberados de Tom pudessem alcançá-lo.

Mas ele andou de costas, na verdade, seus olhos nunca deixaram o rosto de Tom. Tom quase sorriu com isso, mas não o fez, simplesmente continuou sua implacável perseguição para a frente, incapaz - sem vontade - de se conter.



— Eu não vim aqui para mais de sua fuga de merda.

Prophet deu uma risada sem alegria e parou.

— Você está com EE há três meses e já está quebrando regras. Tanto para ficar longe de problemas e manter o nariz limpo.

— Sim, foda-se isso. — Tom estava na frente dele agora, e a distância diminuiria facilmente se qualquer um deles tentasse tocar o outro.

Nenhum tentou.

— Eu aprecio o sentimento, mas não podemos voltar porque não posso protegê-lo. — Disse Prophet.

— Mesmo? Porque eu acho que você fez um ótimo trabalho quando levou uma bala para mim.

— Você está chateado por eu ter te salvado? — Prophet perguntou, aparentemente incrédulo.

— Estou chateado por você acreditar que eu não posso cuidar de mim, — Tom corrigiu. — Estou chateado que você não tenha me dado a chance de cuidar de você.

Prophet sacudiu a cabeça.

— Você cuidou de...

— Sexo não conta! — Tom gritou.

— Sexo sempre conta, — Prophet informou a ele, cutucou seu peito com um dedo apontado. — E você deve ter um desejo de morte.

— O que eu tenho é um desejo de ficar com a EE. E terminar este trabalho, mantendo você fora de problemas como eu fui aconselhado a fazer.



— Eu fui o único a mantê-lo longe de problemas.

— Eu sei. Isso não vai acontecer novamente.

Prophet suspirou, olhando para o teto como se tudo isso estivesse o matando.

— Tanto faz. Você já me encontrou. Eu te convidei para entrar. O que mais você quer?

— Por que você empurra todo mundo?

— Porque eu sou um indivíduo altamente danificado com tendências psicóticas? — O tom de Prophet era esperançoso, e Tom não pôde impedir que sua boca se curvasse em um sorriso.

Ele não acreditava que Prophet acreditasse no que ele disse. Ele queria uma reação. Talvez uma garantia.

Ou talvez ele só queira afastar você como ele faz com todo mundo.

— Você não é um homem fácil.

Prophet riu um pouco, o som baixo indo direto para o pênis de Tom.

— Você só está entendendo isso agora?

— Primeira vez que estou dizendo isso em voz alta.

— Você murmurou algumas vezes.

— Eu não me lembro disso.

— Você fala enquanto dorme, T.



— Só desde que comecei a trabalhar com você, — caramba. Tom jurou que, embora nenhum dos dois homens tivesse dado um passo, eles estavam mais próximos. — O que mais eu digo?

— Eu solicito a quinta[20].

— São meus segredos de sono, e você nem vai me dizer o que eu disse?

— Você disse que eu sou o cara mais gostoso que já transou com você. Com o maior pau também.

— Hrmph, — Tom disse, enfiou a mão no bolso e lutou contra o desejo de esfregar seu pênis. — Fodido passado.

— Ah, não seja assim, Tommy.

— Tom. E está quente aqui, certo? Você pode abrir uma janela ou algo assim?

O sorriso de Prophet foi fácil. Preguiçoso.

— Você não se importa quando eu te chamo de Tommy quando estou transando com você. Por que isso?

— Porque eu não dou a mínima para nada quando estamos fodendo.

— Parece que há algo errado com isso. — Prophet esfregou os dedos ao longo de sua própria mandíbula.

Ele gostava de ser beijado lá, Tom sabia. Beijado e lambido e chupado e marcado...

---

[20] Quinto artigo da Constituição dos Estados Unidos dá ao preso o direito de permanecer calado e o direito de não produzir provas contra si.



Como se Prophet soubesse o que Tom estava pensando, ele moveu a mão para passar pelo cabelo de Tom e, pela primeira vez, Tom viu que seus braços estavam livres.

— Doc disse que você está curado?

— Não.

— Ah, Proph- — ele começou, mas Prophet gentilmente colocou um dedo em sua boca, em seguida, passou o polegar pelo lábio inferior de Tom enquanto dizia:

— Eu estou bem, não posso mostrar fraqueza, Tommy. Eu espero que você entenda isso.

Ele entendia, e decidiu que era um momento tão bom quanto qualquer outro para abordar o assunto que ele temia, a coisa que os colocara em problemas em primeiro lugar.

— Você assistiu o vídeo?

Ele se arrependeu instantaneamente, porém, quando Prophet tirou a mão de seus lábios e simplesmente disse:

— Sim.

— Aprendeu alguma coisa com isso?

— Por que você não me conta o que aprendeu? — Prophet perguntou.

— Como eu disse antes, coisas que eu teria descoberto depois de te conhecer por cinco minutos.

— Eu acho que isso deveria ser reconfortante.

— Interprete como quiser. — Tom resistiu ao desejo de passar os dedos pelo cabelo de Prophet, como Prophet havia feito antes. E então

ele repensou sua decisão e enrolou os dedos nos fios loiros. Trouxe seus rostos perto. — Foda-me, Prophet.

Prophet piscou. A mandíbula se contraiu, as narinas se abriram, tudo por um breve segundo no tempo, durante o qual Tom se esforçou, pronto para uma rejeição que nunca veio.



Desde o segundo em que ele abriu a porta, Prophet sabia que isso aconteceria. Ele agarrou a frente da camisa de Tommy e puxou-o com força para ele. Ele soltou o tecido no último segundo enquanto seus peitos batiam juntos, e ele pegou a parte de trás do pescoço de Tom em sua mão enquanto esmagava a boca de Tom contra a sua.

Foi um beijo bagunçado, uma mistura de línguas, e o gemido de Tom deu a Prophet uma onda de poder e calor que fez seu pau mais duro.

As mãos de Tom esgueiraram-se entre eles. Ele estava abrindo o jeans de Prophet, esfregando seu pênis, mesmo quando as mãos de Prophet puxaram a camisa de Tommy e brincaram com os anéis nos mamilos do homem. Puxando, provocando, fazendo-o pular.

Tom puxou o jeans de Prophet com cuidado, já que Prophet não estava usando cueca. Por sua vez, Prophet puxou a camisa de Tom por cima da cabeça.

Nu era a única palavra que pulsava em sua mente. Obviamente, na de Tommy também.

— Quarto? — Tom perguntou contra a boca de Prophet.



— Último andar.

— A menos que você não esteja pronto ainda, — disse Tom, uma mão roçando o lado de Prophet onde a bala havia atingido.

— Eu não pareço pronto para isso? — Ele teria que estar morto antes que desistisse de uma oferta de sexo com Tommy, especialmente agora que o homem o tinha tão malditamente excitado.

— Eu não quero te machucar, — Tom disse a ele.

— Então não machuque, — foi tudo o que Prophet disse antes de parar mais preocupações com a língua dele na boca de Tom. Ele colocaria seu pênis lá também se isso impedisse o cara de pensar e fazê-lo sentir.

Além disso, a porra do beijo... sim, era gostoso com Tommy. A voz de Tommy contra seu ouvido, sua respiração quente e doce, suas mãos - suas mãos - tocando os ombros de Prophet, arrastando-se por suas costas, estendendo-se por baixo da camisa.

Pele a pele.

Eles tropeçaram pelas escadas juntos. O sol havia se apagado e o quarto andar estava banhado em quase escuridão, com apenas um raio de luz dos postes de luz brilhando através das janelas. Não importava. Ele não precisava de luzes para ver Tommy.

Ele se derreteu contra Tommy, e Tommy sabia disso. E pela primeira vez, Prophet não se importou, deixou Tom tirar as roupas até que finalmente Tom sussurrou:

— Quero suas mãos em mim.



Ele poderia fazer isso. Não havia tocado Tommy com as mãos livres. Então ele estendeu as mãos ao longo da pele tatuada de Tom, sabia que passaria o resto da noite, contra todo o seu melhor julgamento, traçando-o com a ponta dos dedos e a língua.

Se ele queria ou não. Uma canção de sereia.



Prophet leu seu corpo como se estivesse lendo braile. No escuro, Tom podia ver o brilho do cabelo loiro de Prophet, sentir a língua de Prophet em sua pele enquanto o homem conquistava cada centímetro dele e plantava sua bandeira.

Nunca seria assim com mais ninguém. Nunca foi antes. Hoje à noite, Prophet iria arruína-lo para qualquer outra pessoa, e Tom se perguntou se Prophet também sabia disso.

Prophet estava entre seus joelhos, passando a língua ao longo dos piercings de Tom. Tom apoiou os cotovelos para assistir, um suspiro agudo escapando quando Prophet estendeu a mão e apertou o piercing no mamilo com força.

E então Prophet o impediu de voltar à Terra. Seu corpo inteiro era um completo escravo da sensação, e ele estava principalmente incoerente, exceto por algumas palavras bem escolhidas, como *porra*, e o nome de Prophet, que ele disse mais como uma maldição, o que fez o homem realmente rir.

— Faça de novo, — ele implorou.



— Isso?

— O ... o riso.

Prophet fez as duas coisas e depois deslizou o pau de Tom dentro da boca até a maldita raiz. E Tom gozou em sua garganta com algo parecido com um uivo.

Ele ofegou. Agarrado os lençóis enquanto Prophet segurava seus quadris firmemente na cama, drenando tudo dele.

— Você vai gozar de novo.

— De jeito nenhum. Não por algum tempo.

— Quer apostar?

— Contra você? Não pensar, cher[21].

— Eu gosto quando você me chama de nomes de animais.

— Sim, eu vou te chamar de algo melhor, — Tom ameaçou, mas os dedos de Prophet estavam de volta, fazendo coisas indescritíveis para ele.

Ele deixou cair os joelhos para o lado quando Prophet disse a ele:

— Eu sou uma puta por você.

— Eu também sou uma puta por você, — ele murmurou, e Prophet o ouviu.

Ele estava balbuciando.

— Nada de errado com isso.

[21] querido



Não, não parecia nada errado. E isso poderia ser um problema, mas não foi quando a língua de Prophet dançou sobre seu mamilo, em seguida, mordeu-o, um grunhido saiu da parte de trás de sua garganta quando ele fez isso.

Não havia raiva em Prophet, mas sim uma selvageria inerente que Tom não desejava domesticar. Não, ele queria montá-lo, absorvê-lo, foder sem sentido e vê-lo ficar mais selvagem. Este Prophet estava no controle, mas mal. Engatinhando, como Tom tinha sido.

Mas então Prophet recuou, do jeito que ele sempre fez. Foi tão sutil que Tom quase não percebeu, provavelmente porque não queria. E então Prophet o virou para transar com ele e não havia dúvidas sobre o porquê.

Assim ele não precisa ver seu rosto. Assim ele não precisa estar totalmente aqui.

Quer fosse culpa ou não, Tom não sabia, não se importava. Ele se certificaria de manter o homem sobre ele o mais firme que pudesse, porque não era a hora de empurrar Prophet para isso. Tom trabalharia com isso, e não contra isso.

A cabeça de pau de Prophet violou o traseiro de Tom, fazendo-o inspirar com os dentes pressionados. Ele empurrou de volta contra a cintura de Prophet, não querendo esperar.

— Não importa se doer.

Prophet apertou o pircieng no mamilo.

— Não, imaginei que não importava, — ele murmurou.



E então ele empurrou, e o delicioso prazer inundou o corpo de Tom. Ele aceitou tudo. Ficou de joelhos e deixou Prophet montá-lo com força, não se importando com o quão suado ele estava.

Ele gozou duas vezes antes de Prophet.

O orgasmo do Prophet bateu contra Tom, empurrou-o para baixo no colchão. Ele sentiu Prophet pulsar dentro dele e jurou que poderia gozar novamente. Se ele não estivesse completamente desossado e contente.

Prophet saiu, e ele mordeu o ombro de Tom quando rolou um pouco para jogar o preservativo no sexto ao lado da cama antes de se deitar e cobrir parcialmente Tom.

Tom virou a cabeça para ver Prophet, a bochecha no travesseiro, o ombro no de Tom, o braço jogado nas costas de Tom. Uma de suas pernas estava na parte de trás das coxas de Tom.

— Você tem resistência.

— Eu gozei quando estava chupando você. — Admitiu Prophet. E isso fez Tom grunhir fracamente, e ele se deslocou para onde ele poderia alcançar a mão de homem antes de perceber o que estava fazendo.

Para sua surpresa, Prophet entrelaçou os dedos para combinar com o aperto de Tom e adormeceu em seu ombro, os lábios tocando sua pele.

Tom não queria dormir, pelo menos para poder encarar mais o rosto de Prophet, e se maravilhar com a maldita inocência que o homem parecia ter quando a paz do sono o dominava. Ele queria acariciar o rosto dele, traçar a cicatriz, beijá-lo. Mas ele também não queria quebrar



esse momento, então resolveu memorizá-lo enquanto tentava descobrir aonde diabos eles iriam a partir daqui.



CAPÍTULO VINTE E DOIS

Prophet lhe deu cerveja e batatas fritas. Encomendados de um lugar chinês, e eles comeram na cama com a TV no fundo. Foi um silêncio confortável, até que Tom mencionou o assunto sobre o qual ele tinha vindo aqui.

Bem, o segundo assunto. O primeiro já foi mais do que realizado, e ele tinha o rabo dolorido para provar isso.

— Eu sei que você não vai desistir deste caso. Apenas me diga, é sobre fechamento ou vingança?

— Não pode ser sobre ambos?

— Você nunca vai ouvir o que precisa. Nunca vai absolver você. Mas, novamente, não acho que exista algo de que precise ser absolvido.

— Muito doce de você, Tommy.

— Não há nada doce em mim. Você, por outro lado... — Ele parou quando Prophet bufou. Mas Tom jurou ter visto o leve rubor de vermelho em suas bochechas antes de se virar.

— Eu tenho que fazer isso sozinho.

— Não.

Prophet suspirou, olhando para o teto.

— Eu quase te matei.

— Eu acho que foi mais minha culpa.

— Que eu levei um tiro?

— Sim. — Tom fez uma pausa, deixando seus pensamentos juntos, do jeito que ele fazia quando finalmente parava para respirar e deixava sua intuição assumir. Ele estava finalmente descobrindo coisas. — Este não é o caso que começamos.

— Não, não é, — concordou Prophet, então pareceu contente em deixar a conversa parar pra lá.

— Então essa é a parte em que você explica as coisas para mim, — Tom solicitou em uma voz lenta e firme, como ele usaria para uma criança. — Talvez Phil precise de um manual para comunicação entre parceiros.

— Dentro ou fora da cama? — Prophet atirou de volta.

— Querido, eu te entendo bem na cama.



— Eu não sou seu querido, — Prophet murmurou. Ele era? Ou Tom estava sendo sarcástico? Jesus H. Cristo. E justamente quando ele estava se recuperando disso, Tom disparou:

— Você realmente vai assumir EE quando Phil se aposentar?

— Por quê? Você acha que foder com o futuro chefe garantirá um emprego?

— Só quando penso que você não foi criado por lobos...

— Mas eu fui.

— Esqueça que eu perguntei.



— Você não tem senso de humor, né?

Tom mostrou o dedo a ele.

— Certo, tudo bem. Sim, é verdade.

— Isso não te tiraria do campo?

Prophet fechou os olhos e descansou as mãos sobre eles. Tão fácil de explicar porque, mas não havia jeito. E se Tom ainda estivesse por perto, quando acontecesse, o que ele duvidava, então ele saberia.

Todos saberiam.

— Eu vou atravessar a ponte quando chegar a ela. O que é realmente tudo isso? A missão com o Cope te fodeu? Porque você se saiu bem.

Tom esfregou a nuca, sua linguagem corporal se contraindo.

— Foi intenso.

— Deveria ser.

— É diferente lá. Sem regras.

— Torna interessante.

Tom deu uma risada e disse:

— Cope disse que trabalhou com você.

— Sim.

— Com quem mais ele trabalhou?

Prophet se perguntou por que Tom não tinha perguntado isso a Cope, mas depois achou que talvez ele tivesse feito isso e agora estava usando como algum tipo de teste. Tom estava aprendendo demais com ele, e era sua própria culpa.



— Cope trabalhou muito com Mick. Ainda faz e ainda vai, mas Mick tem um parceiro permanente. — Um parceiro em todos os sentidos da palavra. Mick e Blue juntos eram uma coisa tão fodidamente bela. Fazia muito sentido que um cara como Mick acabasse amando um ladrão. Às vezes a vida acertava. — Você conseguiu o que queria - provou-se a Phil. Talvez até para você mesmo.

— Quem é psíquico agora? — Tom perguntou, mas ele não negou que era onde seus pensamentos o estavam guiando. — Phil me designou para você na Somália porque ele queria que você me checasse?

— Muito paranoico? Eu acho que o trabalho tem sido duro com você. Acho que você está lidando com muita coisa velha que deveria ter desenterrado e jogado fora anos atrás.

Tom bufou.

— Como você?

— Faça o que eu digo, não o que eu faço. Olha, eu não disse nada ao Phil sobre você ter se perdido durante a luta e nem vou. Ele está impressionado com você.

— Obrigado, chefe.

Prophet lhe deu um olhar.

— Eu não estou tentando fazer você se preocupar que não será cortando falando sobre onde as coisas deram errado. Mas entendo que o que aconteceu na Somália foi um grande negócio. E você deveria estar com ele.

— Ok. E sim, eu sou... Porra.

— Apenas respire. Você foi bem. Você fez o trabalho com Cope.



— Porque eu deixei você me guiar lá.

— Porque você trabalhou com um parceiro. Porque você utilizou todos os seus recursos, incluindo seus instintos. Mas você sabe disso, então o que é isso tudo, T?

Tom não se incomodou em negar o que o incomodava.

— Phil disse que provavelmente vou ter que fazer uma escolha... sobre o meu parceiro. Uma escolha permanente.

— Então faça isso.

— Estou aqui, não estou?

— Não há caso, T.

Tom olhou para ele.

— Se formos parceiros na EE, estaríamos juntos por mais de um caso. Mas sim, ainda há um caso. Não me engane.

— Seu Cajun voodoo tem trabalhado horas extras?

— Sim, — Tom disse seriamente.

Porra. A última coisa que Prophet queria era que Tom investigasse isso ainda mais.

— Você veio aqui por mim ou pelo caso?

— Isso importa? Eles são um e o mesmo.

Prophet riu com força.

— Não, eles não são. Em absoluto.



Então faça isso. Como se fosse assim tão fácil.

Tom não queria apontar que Prophet não estava pressionando Tom para pegá-lo. Então, em vez de perguntar mais alguma coisa, ele olhou para o teto, notando o apanhador de sonhos pendurado na luz do teto pela primeira vez. Ele estava prestes a comentar sobre isso quando o telefone de Prophet tocou. Prophet olhou para ele e digitou algo.

— Me dê um segundo aqui.

— É Phil?

— Não. É a conversa contínua e interminável com o fantasma. Esse é o sofá dele. — Prophet acenou em direção a ele, as linhas cinzentas e elegantes parecendo perfeitas aqui. Como se tivesse sido feito para ele.

— Ele te deu o sofá dele?

— Deu é um termo tão amplo.

Tom bufou uma risada e olhou para o apanhador de sonhos novamente. Entre o sexo e o colchão confortável, ele podia dormir facilmente.

Mas ele veio aqui para descobrir sua escolha. Queria a resposta de Prophet.

Você sabia que ele não ajudaria você a decidir.

— Há quanto tempo você tem isso?

Prophet sentou na beirada da cama, de costas para ele, e não levantou os olhos do telefone.

— Alguns anos.



— Você tem pesadelos, Proph?

— Por quê? Você quer ser o único a mudar isso?

— Eu devo.

— Um trabalho ingrato.

Prophet dorme com quem ele precisar para completar o trabalho, Cope disse a ele uma noite quando eles estavam falando merda, bebendo cerveja quente e discutindo os melhores pontos de dormir com os alvos para o trabalho. Ele não estava tentando provocar Tom, não sabia que havia algo entre Tom e Prophet. Em vez disso, ele simplesmente estava explicando a vida sexual completa e variada de Prophet e sua admiração pelo quão bem o cara fazia seu trabalho. Aquele trabalho agora incluía Tom como um ponto na cabeceira de Prophet.

Prophet desligou o telefone e se virou para ele.

— Você está pensando demais.

— Você tem certeza que dar informações a esse cara é uma boa ideia?

— Ele não sabe onde eu trabalho.

— Você sabe que ele é um fantasma. Ele tem que saber o que você faz.

— Provavelmente.

— Isso não te preocupa?

— Nunca.

— Porque ele flerta com você?

— Eu não estou comprometido, T.



— Acho que não —. Tom encolheu os ombros. — Muitos homens em sua vida, Proph. Está ficando lotado. — Prophet franziu a testa, sacudiu a cabeça e Tom continuou. — John. O fantasma. Doc...

— Doc?

Foi a vez de Tom sacudir a cabeça.

— Você é mais íntimo com eles

— Que diabos, T? Eu não estou dormindo com eles.

Isso piorou as coisas, exceto que Tom não tinha certeza do que o incomodava mais: o fato de que Prophet não era íntimo daqueles homens e ainda podia revelar mais a eles do que ele jamais revelara a Tom, ou que Prophet poderia estar transando com ele apenas para mantê-lo afastado.

Ou o fato de que ele pode te ler tão facilmente.

Ou o fato de que ele sabia muito sobre Prophet, mas também sabia que ele mal havia arranhado a superfície de um homem muito complicado.

Ele nunca quis alguém para si mesmo assim. Era o sentimento mais estranho e maldito.

Prophet suspirou.

— Olha, eu conheço o Doc há mais tempo. E o único contato que tenho com Cillian é através do ciberespaço. Embora você ficaria surpreso com o quanto você pode aprender sobre alguém através de mensagens instantâneas e textos.

Tom agarrou-o e puxou-o de volta para a cama.



— Se você está tentando me deixar com ciúmes, está funcionando. Vou transar com você no sofá dele. Nas suas costas. Nos seus joelhos. Inclinado sobre as costas da maldita coisa. E espero por Deus que tenha tudo gravado em fita.

— Você realmente é uma porra bizarra, T.

— Você traz isso para fora em mim. E quanto a Mal? Qual é o seu negócio?

Prophet piscou um olhar sobre ele.

— Por quê? Você quer foder com ele?

— Eu não quero foder todo cara sobre qual eu perguntar.

— Bom saber. — Prophet fez uma pausa. — O negócio de Mal é o negócio de Mal. Se ele decidir deixá-lo entrar um dia, você saberá.

— Sua garganta foi cortada em uma missão para EE?

— Preocupado com o seu pescoço, T?

— Eu me preocupo com muitas coisas.

— Eu sei. — Prophet traçou um dedo pelo pomo de Adão de Tom. — E não, não foi em uma missão de EE.

Tom supôs que todos que trabalhavam na EE tinham um passado, algo que colocou seu caminho em movimento em direção ao mercenário de aluguel.

—Está tudo bem eu ter vindo aqui?

— Você quer dizer, está tudo bem você grampear meu telefone?

— Sim.

Prophet olhou para ele com firmeza.



— Teria sido tão fácil não atender a porta.

Houve um novo silêncio, desta vez transbordando de tensão.

— Tom, nós conversamos sobre isso. Fizemos uma parceria para um caso e concordamos em não deixar o sexo atrapalhar. É só uma foda.

Tom se afastou dele e sentou-se então, porque ele não podia tocar Prophet enquanto o homem estava tentando se separar dele.

— Você está se enganando, se pensa isso. E se você acha que é tudo.

— Isso é tudo que pode ser.

— Você ainda não respondeu o que eu perguntei. E eu não queria isso também. Eu estava com medo de matar outro parceiro. E eu nunca tinha dormido com nenhum dos meus outros parceiros, então eu nunca tive que equilibrar o trabalho com dormir juntos, então estou ainda mais assustado com o que está acontecendo aqui.

— Talvez, para você, tudo isso seja menos sobre dormir comigo e mais sobre você querer que eu o ajude.

Ele olhou para Prophet sem acreditar, mas Prophet não estava brincando. E a julgar pelo olhar guardado de Prophet, ele estava pensando isso por mais tempo do que hoje à noite.

— Foi isso que você pensou sobre John e seu temperamento?

— Às vezes, sim.

Do modo como Prophet disse isso, Tom sabia que era mais do que apenas às vezes.

Tenha coragem, Tom, você está realmente contra muitos fantasmas aqui.

Finalmente, Prophet perguntou:



— Você sentiu algo com seu voodo?

Ele estava prestes a mandar o homem se foder quando percebeu que Prophet estava falando sério, e sem dúvida falando sobre o caso e não o que estava acontecendo entre eles. O que o fez querer dizer a ele para se foder ainda mais. Mas havia aquele brilho nos olhos de Prophet que não permitia. Talvez porque ele quisesse ajudar Prophet... e talvez porque ele sabia que Prophet estava certo sobre Tom precisar - querer - a ajuda dele.

— Nada além de saber que este caso está longe de terminar.

Prophet franziu a testa e Tom continuou:

— Nunca fez sentido porque eu recebi aquele vídeo.

— Quando foi enviado?

— Semanas antes que eu soubesse que faria parceria com você. Antes que Phil soubesse, talvez.

— Talvez eles estivessem apenas tentando avisá-lo que a parceria comigo era uma má ideia. — Prophet deu um sorriso irônico, depois deu de ombros. — O tiroteio não está ligado ao vídeo, T.

— Certo. Você disse a Phil que eram amigos de Ivan.

— Eles estavam tentando ensinar-lhe uma lição. Você foi longe demais com Ivan.

Você perdeu o controle. Eram as palavras não ditas de Prophet.

Tom soltou um suspiro severo. Seu peito doía. Eles estavam de volta ao seu temperamento, novamente. E ele sabia que não queria ser nada parecido com John, porque toda vez que Prophet falava sobre



John, havia dor em seus olhos. E, porra, Tom não queria trazer mais dor ao homem. Ele queria ser o único que poderia apagá-la.

Mesmo assim, uma explosão irracional de ciúme floresceu.

— Quão próximos você e John era?

— Muito.

— Como irmãos?

Prophet olhou-o com cautela.

— Onde você está indo com isso?

— Você transou com ele?

— As vezes. E às vezes, ele me fodeu, — disse Prophet com facilidade. — Isso desperta sua curiosidade?

Tom teve que se virar. Era como ele esperava. Ele não sabia por que foi como se tivesse levado uma maldita bala. Prophet estava usando-o como substituto para se sentir melhor, e ele alegremente foi junto para o passeio.

— Tommy, que porra você quer de mim? Um resumo de todos que eu comi?

— Não. Você não me deve nada.

— E aqui eu pensando que fosse o durão da parceria. — Disse Prophet.

— Você é.

— Bem, não queria perder meu status. Se isso faz você se sentir melhor, você está bem próximo em segundo lugar, T.



Tom tocou a fina pulseira de couro que Prophet havia colocado nele antes da luta. Ele não tinha sido capaz de retira-la. E então ele viu sua própria raiva ficar branca na frente dele, antes de se estabelecer em algo estranhamente calmo e totalmente novo para ele.

— Mas você vai me ajudar com isso, certo, Prophet?

Prophet franziu o rosto com as palavras dele, depois deu de ombros e disse:

— O que quer que te excite, T.

A farpa casual das palavras foi o catalisador, mas foi a porra daquele encolher de ombros que empurrou Tom pela borda, com as duas mãos. E ele estava muito bem em levar Prophet com ele desta vez.



— Sim, você vai me ajudar. — Disse Tom, sua voz baixa e enganosamente calma, seu corpo desenrolando-se para se aproximar de uma maneira que provocou o medidor de perigo de Prophet. Era como se Tom tivesse acabado de processar tudo o que tinham falado, e Prophet sabia que o seu golpe fora o ponto de inflexão. Ele tinha visto muita gente se irritar antes em sua presença - na maioria das vezes, por causa dele - mas nenhum reagiu assim.

— Cristo, Tommy, tome uma bebida ou algo assim.

— Por que, então você pode cuidar de mim um pouco mais?

— Ah, faça o que quiser. — Prophet tentou encerrar o assunto, mas Tom não deixou isso passar.



— Isso é o que você está fazendo - você está cuidando de mim, do jeito que você costumava cuidar de John. Você está me fodendo do jeito que você costumava transar com ele também.

— Tecnicamente, você também tem me fodido, — Prophet apontou, e Tom sorriu, um sorriso impiedosamente perverso que fez Prophet simultaneamente suar e ficar duro, como se seu corpo não tivesse certeza de qual reação seria apropriada.

Antes que ele pudesse sair, Tom colocou todo o seu peso nele. Agarrou seus braços e puxou-os sobre sua cabeça. Manteve-os lá. Olhou para ele até que Prophet quis desviar o olhar, mas foda-se tudo, ele não desviou. Nem mesmo quando Tommy lhe disse:

— Esta noite, só há espaço para nós dois nesta cama - e você vai saber quem está fodendo você.

Era uma ameaça, uma promessa, tudo junto, o suficiente para fazê-lo sofrer com a realidade.

Tom atingiu seu ponto de ruptura. Todos eles fizeram, por diferentes razões. Isso só serviu para mostrar a Prophet, repetidamente, o que ele já sabia. Que ele estava destinado a ficar sozinho, que ele tendia a afastar as pessoas sem nenhuma razão real que ele pudesse imaginar, embora agora - agora - ele tivesse uma razão.

Ele pensou em dizer a Tom que ele não estava competindo contra ninguém, não realmente, mas isso não era inteiramente verdade. Ele afundou no passado quando Tom o fodeu, porque era mais fácil do que sentir. Tom - o bastardo intuitivo que ele era - havia notado várias vezes, sempre conseguira puxá-lo de volta por um tempo.

Agora, Tom não ia deixar isso passar.



— Será que vou ajudar você a tomar sua decisão sobre qual parceiro escolher? — Prophet perguntou a ele, já que ele já havia empurrado sua sorte e perdido.

— De quem é a cama em que estou? — Tom rosnou em resposta.

— Minha. Por enquanto.

— Continue empurrando, Proph.

— O que eu faço de melhor, Tommy. — Ele tentou ganhar a força para se virar, mas Tom sorriu, balançou a cabeça, e o estômago de Prophet deu um salto. Isso ia acontecer. Ele nunca pensou que estaria nessa posição novamente, literalmente ou de outra forma, mas ele estava cansado de lutar.

Continue tentando se convencer de que isso não tem nada a ver com Tommy. Finja que é tudo sobre o passado.

Tom estava decidido a desnudá-lo, parecia um pouco surpreso com sua apresentação.

Junte-se ao clube.

Seu lado ainda doía. E Tom tinha seu peso nele. Prophet poderia sair de debaixo dele, se sua vida dependesse disso, mas seria necessário um esforço substancial. E dor, em ambas as partes.

Sua vida dependia disso? De certa forma... mas ele ficou hipnotizado quando Tom gentilmente deslizou a mão sob seu pulso e endireitou o braço. Tomou uma mão, depois a outra, e fez com que Prophet segurasse uma das barras de metal frio da cabeceira da cama com os punhos.

— Não solte, — Tom ordenou. — Eu usarei algemas se você não acha que pode mantê-las lá.

Seu corpo inteiro estremeceu e Tommy viu e sorriu de novo.

— Porra, — Prophet bufou, mas ele não moveu as mãos. Se qualquer coisa, ele agarrou com mais força, como de alguma forma isso poderia ajudá-lo quando Tom estendeu a mão para o lubrificante e preservativos. — Você gosta de dar comandos, T? Acho que você poderia ter entrado no exército depois de tudo.

— Acho que você gostaria disso, — Tom respondeu. Ele levantou seu corpo o suficiente para acariciar o pênis de Prophet, mas manteve os joelhos firmemente plantados em ambos os lados dele, segurando-o no lugar. Então ele abaixou a cabeça para morder um dos mamilos do Prophet, e Prophet reprimiu um gemido, mas quem diabos ele estava enganando?

Ele fechou os olhos, mas Tom mordeu de novo e de novo até que ele os abriu e olhou para o rosto do homem.

— Olhos abertos, Proph. Todo o maldito tempo. Entendeu?

Ele engoliu em seco. Com força. Como se ele tivesse um tijolo na garganta.

— Sim, eu vou jogar o seu jogo.

— Isto não é um jogo. Quanto mais cedo descobrir isso, melhor.



Ele não estava dando a Prophet a chance de fugir. Desta vez seria tão diferente, a primeira vez que eles estariam cara-a-cara, a primeira vez que Prophet perceberia quem estava sobre ele, nele... e o que exatamente ele estava fazendo nessa cama e por quê.

Tom cobriu-o com seu corpo, mas se Prophet realmente quisesse sair, ele poderia fugir. Tom sabia que eles não eram tão equilibrados para uma luta, mesmo que ele fosse maior, tivesse treinamento.

Prophet havia sido treinado para matar de muitas maneiras diferentes por várias organizações diferentes. Por alguma razão, sabendo que ele estava à mercê de Prophet, mesmo que ele estivesse no topo, deixou Tom mais duro. Ele apertou a pélvis contra a de Prophet, cobriu a boca do homem com a sua e beijou-o até que ambos mal conseguiam respirar. Seus dedos pressionaram os quadris de Prophet com força. Ele queria machucá-lo, marcá-lo. Fazer com que Prophet não pudesse simplesmente esquecê-lo, mas também saber com quem ele realmente estava na maldita cama.

Prophet afastou sua boca e Tom o mordeu no ombro. Com força.

— Fazendo lembranças?

— Eu não sou apenas uma lembrança, — Tom disse a ele, sua voz muito mais firme do que ele sentia. — Você vai entender isso hoje à noite.

Ele aliviou o suficiente para pegar os dois pênis juntos na mão. Ele fez uma lenta captura e arrastou, puxando e acariciando.

— Isso assusta você.

Prophet não respondeu a ele.

— Você não vai me impedir, vai bebê? — ele murmurou.



Os olhos de Prophet continuavam zangados, mas também estavam com as pálpebras pesadas. Não havia como negar sua excitação. Ele não foi capaz de impedir que os gemidos escapassem de sua garganta, não importava o quanto ele tentasse. Ele mordeu o lábio inferior como se estivesse se forçando a segurar uma resposta, e suas mãos estavam segurando a barra de metal com tanta força que parecia doloroso.

Tom não se importou - não agora. Ele observou o corpo de Prophet, um antebraço apoiado no peito do homem para que ele pudesse afastar a coxa de Prophet, dando acesso a sua bunda. Ele tirou a tampa do lubrificante com uma mão, espremeu um pouco e pressionou em Prophet com dois dedos.

Ele torceu-os um pouco enquanto empurrava, e Prophet disse algo como *"Jesus Cristo, Tommy"* e Tom não esperou antes de adicionar um terceiro.

A tensão curvou o corpo inteiro de Prophet. Ele estava suando. Mas ainda olhando para Tom, embora seus olhos estivessem ficando vidrados agora.

— Você gosta disso, Proph? — Ele deslizou os dedos para dentro e para fora em um padrão implacavelmente errático que não deu a Prophet uma chance de alívio ou controle.

As piadas haviam parado. As respirações de Prophet eram em ofegos ásperos, incapaz de fazer qualquer coisa além de reagir enquanto seu corpo respondia inconfundivelmente sob o de Tom. A resistência de Prophet havia desaparecido, mas essa não era a questão. Tom precisava se certificar de que Prophet permanecesse com ele.

— Diga meu nome, caramba.



— Tom.

— Diga meu maldito nome.

Prophet moveu a cabeça de um lado para o outro. Então, quebrado, ele disse:

— Por favor... Tommy... não pare. Ok?

— Você está comigo?

— Sim.

— Eu gosto de você obediente.

— Não se acostume com isso.

Por um longo momento, os dois homens se entreolharam. Ele tinha certeza de que Prophet iria expulsá-lo, quebrar o controle. Mas ele não fez. Em vez disso, ele tirou uma das mãos do trilho de metal e colocou-a perto de Tom. Tom colocou a palma da mão contra a de Prophet e eles juntaram os dedos.

— Eu vou te foder forte. Rápido. Bagunçado.

— Assim como eu gosto, — Prophet respondeu.

Tom posicionou seu pênis contra ele, e com Prophet empurrando, Tom entrou nele, embainhando-se dentro do buraco apertado e quente.

Prophet tirou a outra mão dos trilhos de metal, estendeu a mão e apertou-a contra a garganta de Tom.

— Foda-me agora.

— Você quer lutar comigo, Proph? — ele perguntou sem fôlego.

— Não é isso que estamos fazendo agora?



Talvez. Mas era tão malditamente certo. Sua mão livre agarrou o cabelo de Prophet em um punho e o segurou no lugar, enquanto Prophet continuava a segurar a garganta de Tom, seu pomo de Adão pressionando no oco da palma de Prophet enquanto Tom batia nele. Prophet gritou, enganchou os tornozelos atrás das costas de Tom e cavou os calcanhares contra o traseiro do homem, forçando-o mais para dentro. Seus gemidos se elevaram acima do som das coxas batendo quando Tom se inclinou contra o domínio de Prophet, a palma de Prophet pegando o peso de sua parte superior do corpo.

O pescoço de Prophet estava tenso, e ele nunca tirou os olhos do rosto de Tom, nem mesmo quando ele se separou e gozou com tanta força que era como se estivesse quebrando.

— Tommy... — Um suspiro, até um sussurro, quando Tom chegou aos pés do clímax de Prophet como um grito na noite, quente e rápido como um choque elétrico que o deixou sem sentidos. A mão de Prophet se soltou, enrolou-se no pescoço de Tom, puxando-o para baixo para que seus rostos estivessem próximos, seu corpo estremecendo quando os quadris de Tom se sacudiram erraticamente.

Seu último pensamento foi que suas mãos ainda estavam apertadas juntas.



CAPÍTULO VINTE E TRÊS

O calor veio em ondas. O ar condicionado não funcionava, e você não podia abrir as janelas, então você estava preso em uma porra de caixa móvel, prendendo a respiração até que você passasse pelos postos de controle.

Nada estava seguro até o Land Rover estacionar na base militar. Por enquanto, John os conduziu pela deserta estrada em um caminhão com amortecedores ruins e freios piores, o resto de sua equipe SEAL seguindo a trás em um caminhão similar a uma distância segura o suficiente.

O resto da equipe não deveria segui-los. A cópia de segurança não foi fornecida, permitida ou necessária nesta operação, disseram a Prophet e John. Então, Prophet, como sempre fazia, ouviu, concordou e fez exatamente o que quer que quisesse de qualquer forma.

Ele olhou para o relógio e notou a hora: 16:52.

Em mais um minuto, toda a sua vida mudaria para sempre. Uma semana e um dia atrás, ele nunca tinha ouvido falar de Hal, e agora, Hal era a razão pela qual dois caminhões blindados avançavam sobre eles, as balas atingindo a frente de seu veículo, passando pela grade e matando o motor. Prophet olhou para trás, viu a fumaça saindo da caminhonete e percebeu que eles estavam presos em ambas as direções.

Ele gritou para John se abaixar, puxou Hal para baixo quando o vidro quebrou. E esse instinto puro e absoluto foi talvez a coisa mais ridícula que ele já fizera. Até mesmo Hal sabia, ficou olhando para ele,



obviamente se perguntando por que Prophet acabara de salvar sua maldita vida.

John se virou para ele.

— Isso não é real, Proph.

Você sabe disso. Deixe isto passar.

Mas o filme continuou tocando na frente dele, não importa o quanto ele quisesse desligá-lo. Isso era o pior, e ele sabia que aconteceria, deveria ter se preparado para isso.

Ele mal conseguia respirar, certo de que a qualquer momento ele iria hiperventilar.

Acorde, Drews.

Mas o pânico também estava dentro do Land Rover. John tinha sua semi-automática e ele estava atirando para fora da janela, tentando ligar o caminhão, por instinto, mais do que tudo, porque a maldita coisa estava morta.

Prophet olhou através da janela quebrada usando o alcance de seu rifle. Os caminhões do inimigo haviam parado a cerca de nove metros de distância após o disparo inicial, mas agora estavam se aproximando rapidamente. Confiantes de que o Land Rover não ia a lugar nenhum.

John estava atirando para segurá-los, tentando ligar o carro, mas o motor estava queimado. Uma chama subiu e era óbvio que eles teriam que abandonar o veículo.

Hal estava olhando duramente para John, que não era mais um fantasma casual. Então.



— Ninguém deveria saber sobre isso, — disse Hal a Prophet com urgência. — Ninguém deveria saber onde estou. Existem chamarizes!

Haviam. Mas obviamente, eles não tinham sido suficientes. Prophet segurou a arma apontada na frente dele para o inimigo que se aproximava rapidamente.

Ele estava tremendo. Suando.

Porque tudo estava acontecendo na porra do seu quarto e ele não conseguia parar, mais do que ele era capaz de fazer.

Ele se recusou a virar a cabeça, não queria ver o rosto do homem que iria matar.

— Não faça isso, Proph! — John gritou, a raiva e a confusão em sua voz eram inconfundíveis, e por baixo disso tudo estava o medo.

E isso era um inimigo pior do que qualquer homem vindo na direção deles.

Eles estavam perto.

Não há lugar para correr.

— Nós vamos lutar contra isso, — John gritou novamente.

Sim, eles tentariam.

No último minuto, Hal realmente tentou tirar sua arma dele. Agarrou seu pulso, e por um segundo, Prophet considerou não passar por isso...

Até que ele se virou e viu Hal olhando para os homens que vinham até eles. John também estava observando os homens, depois se virou e olhou para Hal. E então Prophet atirou em Hal, duas vezes na cabeça.



Ele levaria o sangue do homem durante todo seu tempo no cativeiro.

— Isso não é real, Proph, — John disse a ele agora. Ele estava em pé no lado oposto da cama de Prophet, olhando para um Tom adormecido enquanto o deserto se desvanecia.

Prophet enterrou a cabeça nas mãos até sentir os lençóis frios contra a pele úmida, até que a suavidade o trouxe de volta ao seu quarto.

Graças a Cristo Tom dormiu como um maldito tronco depois do sexo, ou então ele veria Prophet ajoelhado no chão ao lado da cama, segurando um rifle invisível, olhando através de um espaço inexistente para um alvo do passado.

Ele não tinha certeza de quanto tempo ele esteve nessa posição, não tinha certeza se um barulho do lado de fora o havia acionado. Mas depois de vinte minutos de John dizendo a ele que não era real, depois de vinte minutos de raciocinar com ele mesmo que isso não é real, caramba, então ele se levantou, Prophet finalmente limpou a cabeça o suficiente para se arrastar para o banheiro.

Ele ainda podia sentir o cheiro do sangue. E ele doía nos lugares que ele havia sido espancado durante o cativeiro, como sempre fazia depois de um episódio como esse. Desfocada a linha entre real e imaginário. Seria fascinante para um psiquiatra, porque era para Prophet, mas seria ainda mais se não estivesse realmente acontecendo com ele.

Ele parou de dormir por mais do que sonecas curtas, porque os sonhos eram piores. Ele esteve tão desesperado uma noite que tomou pílulas para dormir que Doc havia fornecido. Mas aqueles simplesmente



o haviam trancado em uma prisão de sua própria conta, paralisando-o. Suspenso entre o flashback e o presente, ele reviveu o que havia acontecido muito antes de a CIA alcançá-lo e fazer aquela maldita fita de vídeo. Pensar nisso sempre fazia seus pulsos doerem com dores de simpatia.

Prophet não deveria ter ficado surpreso com o flashback, deveria ter visto isso depois desse tipo de sexo. Ele achou que valeria a pena no momento, mas agora, com a bochecha pressionada no azulejo do banheiro, ele não tinha certeza.

Então, novamente, ele foi levado ao passado depois que Tom lutou. Fale sobre foder sua mente.

E havia muito poucas pessoas que ele conhecia que eram boas - tão boas - em foder sua mente.

Um deles estava morto com certeza - Prophet esteve coberto de sangue por semanas. O outro ...

O sangue de Prophet ficou frio enquanto pensava naquela noite. Azar e seus homens haviam jogado o gás do nocaute no Land Rover. Ele e John tinham matado pelo menos dez dos homens de Azar quando de repente eles estavam lutando pelas malditas máscaras de gás que eles sempre traziam, mas nunca usavam.

Quando Prophet despertou, ele estava pendurado pelos pulsos, o corpo de Hal abaixo dele. Azar dizendo:

— Diga-me o que você sabe sobre o homem que você matou ou o seu companheiro de equipe morre.

A voz de John gritou: — Não se atreva a dizer-lhe, merda.

Uma semana e um dia antes, você não sabia que Hal existia.



Ele pulou e quase caiu. Agarrou o caminho até a escrivaninha no andar de baixo e folheou a agenda até verificar o que perdera.

Encontro com Hal. Dez anos depois, o dia que Chris foi morto.

Às vezes uma coincidência não era apenas uma coincidência.

— Eu não posso voltar lá, — ele disse em voz alta. Pensou em ligar para Mick, dizer que ele tinha que entrar e lidar com isso. E Mick não faria perguntas. Mick lhe devia.

Mas ele não faria isso. Porque esta era a batalha dele, a guerra dele, desde que ele atirou em Hal.

Ele tinha sido espancado e eletrocutado, na maioria dos dias ele sabia que morrer seria muito mais fácil. Muito teimoso para morrer, o homem que fazia a tortura lhe contara todos os dias. Prophet odiava que ele estivesse certo, odiava que o ataque de pânico pairasse sobre ele agora, ameaçando afundar suas garras nele.

Ele enrolou seu corpo contra a parede de azulejos do banheiro, deixando o frio impedi-lo de desaparecer. Forçou-se a respirar, a permanecer presente e toda aquela porcaria da nova era que ele tinha sido forçado a ler, graças a Doc e sua obsessão em como o corpo precisava que a mente se curasse primeiro. Ou algo assim. Ele nunca prestou muita atenção em nada disso.

E talvez você devesse, idiota.

Depois que a CIA o libertou, ele ficou de licença por dois anos. Foi preciso a melhor parte para superar os ataques de pânico e o medo de pequenos espaços, o tempo gasto viajando sozinho e implacavelmente expondo-se às próprias coisas que o aterrorizariam. Mas ele não tinha escolha, porque precisava procurar por John. Porque ele pediu para ver



o corpo de seu amigo uma e outra vez e foi dito que nenhum corpo tinha sido recuperado.

Não de John. Nem de Hal.

Porque, durante a sua captura, a maior maluquice de todas foi Azar provocando-o que John poderia estar morto... mas ele também poderia estar vivo. Vagando pelo Oriente Médio ou pela Europa ou quem sabe onde, sozinho, talvez drogado ou sofrendo de amnésia.

Recusando-se a dizer-lhe se John estava vivo ou morto, Azar tinha assumido que Prophet não o mataria, precisaria mantê-lo vivo. Prophet raramente fazia o que se esperava dele. Matar Azar não teria feito John mais morto ou vivo do que ele já estava.

Levantou-se do chão, pegou algumas roupas e puxou-as enquanto caminhava até o computador e digitou para Cillian, **Indo para o trabalho.**

Precisa de alguma ajuda?

Não percebi que você era um contratado.

Eu não sou. Mas eu não me importaria se você me devesse um favor.

Prophet considerou isso por um longo momento, o cursor piscando. Então ele digitou com cuidado: **Você já se sentiu como se nunca fosse esquecer o seu passado?**

O passado não é para ser esquecido. É para ser tratado e aprendido.

— Não somos filosóficos, — ele resmungou. E foi quando ele viu que o telefone que ele usava para Gary estava piscando em vermelho.

Uma mensagem no correio de voz. E Gary nunca deixou mensagens para ele. Ele ouviu Gary dizendo: — Por favor, venha me buscar. — Ele também mandou um SMS com o código de emergência



para Prophet um minuto depois de ter deixado o correio de voz, depois outro texto com o que deveria ser sua posição.

Ambas as mensagens chegaram há uma hora. Talvez Prophet tivesse ouvido o maldito telefone e isso desencadeou os flashbacks. Mas isso não mudava o fato de que ele estava uma hora atrasado.

Ele ficou sentado por mais alguns minutos, olhando para o telefone em sua mão, repetindo a mensagem de Gary em sua mente.

Ele deveria se recusar a ir. Não havia nada que ele pudesse fazer por Gary, além de morrer. Porque parecia uma armadilha, e mesmo que não fosse...

Gary era uma ameaça à segurança nacional?

Esse pensamento roeu nele.

E quais eram suas opções?

Porque ele fez uma promessa para Hal, sobre seu único filho. Mas ele nunca pensou que ele realmente teria que cumpri-la até que recebeu a mensagem de Gary.

Ele piscou. Piscou novamente. Viu um flash de escuridão passar por sua visão e lutou contra o pânico. Ele manteve os olhos fechados por um longo tempo, buscando clareza no escuro.

Quando ele finalmente os abriu novamente, a escuridão se dissipou.

Se você for agora...

Melhor queimar do que desaparecer.



Phil iria matá-lo por pensar assim. Porra, ele se odiaria se essa fosse a única razão pela qual ele estava planejando entrar em uma armadilha.

Mas não era. Havia uma promessa envolvida. E o fato de que ele não podia contar a mais ninguém só tornou o que ele precisava fazer muito mais difícil.

Era hora de lidar com esse albatroz de seu passado, e ele faria antes que Phil pudesse lhe dizer que não e, especialmente, antes que Doc pudesse engessar seus braços novamente.

Como uma concessão, ele os envolveu firmemente com talas e bandagens ACE, que eram muito mais tolerantes e permitiam melhor uso de suas mãos.

Antes de ir embalar, ele digitou: **Quanto tempo alguém pode sobreviver como prisioneiro?**

Enquanto eles quiserem viver, Cillian respondeu.

Prophet considerou a verdade nisso.

Por quanto tempo alguém teria um prisioneiro?

Depende do seu valor. Qual é o nível do seu conhecimento? O que ele pode fazer pelo outro time.

O cara que eu estou falando nunca iria mudar de lado.

Qualquer um pode trair- não se engane. Uma pausa e depois, **você está falando de alguém específico.**

Sim. Ele não ficaria tanto tempo assim sem entrar em contato. Estive observando.

Você tem certeza?

Ele não percebeu que tinha parado até que fosse tarde demais.

O que eu posso fazer, Prophet?

Seus dedos pararam sobre as teclas. E então, antes que ele pudesse se conter, ele digitou os números de série das dog tags de John e apertou o botão enviar.

Cillian respondeu, **eu farei o que puder. Você está em apuros?**

Em vez de responder à pergunta de Cillian, ele apenas digitou, **eu vou embora por um tempo,** e fechou o computador antes que o cara pudesse dizer qualquer outra coisa.

— Você pode viver de novo essa tortura, ou esse suicídio é terrorista? — John perguntou.

As alucinações eram um dos sinais de que a doença estava progredindo? E importava quando, foda-se tudo, o fantasma poderia estar certo? Mas Prophet devia a Chris.

E você?

— E quanto a mim? — ele perguntou em voz alta. Ele pegou todos os seus três telefones, enfiou-os em vários bolsos de sua roupa e foi se certificar de que Tom o deixasse sozinho.



Tom acordou com Prophet fazendo as malas.

— Está bem?



— Fui chamado, — disse Prophet, e o homem estava mentindo. E como ele geralmente era bom nisso, isso tinha que ser uma grande mentira para Tom ver isso tão claramente quanto uma luz neon no escuro. — Você pode sair se quiser.

Tom saiu da cama e ficou entre Prophet e seu equipamento.

— O que eu quero é saber o que realmente está acontecendo. Deixe-me entrar, Proph.

— Como você fez comigo?

Tom olhou para ele, odiando-o por sua besteira calma, fria e controlada. Ele queria Prophet selvagem. Feroz. Mesmo bravo.

— Eu deixei você entrar.

— Não, você não fez. Na verdade não. Você apenas pensa que você fez. Você me disse apenas o suficiente para me impedir de fazer mais perguntas.

— Eu sei por que você está fazendo isso, — Tom disse baixinho, e algo dentro do Prophet parou.

— Certo. O vodu.

— Eu sabia que isso aconteceria antes que eu te fodesse assim, Proph. Isso é como voltar atrás. Não faça... Não após...

— O que? Todo o progresso que fizemos? — Prophet deu-lhe um sorriso fácil. — Eu te disse antes, é só uma foda. Não tem nada a ver com o nosso trabalho. Esse é o meu sustento.

Prophet não tinha sido o único vulnerável na noite passada, e a raiva que Tom conseguiu reprimir e redirecionar naquela época estava agora na frente e no centro.



— Eu não sei o que mais posso fazer... Eu não sei o que diabos você quer de mim, Prophet.

— Nada.

Tom sentiu aquela palavra como um tapa físico, rosnou: — Você é inteligente demais para mentir para si mesmo assim.

— E você é muito inteligente para não saber quando voltar atrás.

— É exatamente por isso que não vou.

Prophet ficou quieto, seus olhos ficaram frios e sua voz era firme e áspera quando ele falou.

— Eu não posso me responsabilizar por você com isso.

Isso cortou Tom, mais fundo do que ele pensava, mais profundo do que deveria. Isso significava que toda a conversa de Prophet sobre o bom trabalho que Tom estava fazendo era besteira.

— Você não quer nada? Então é isso que você vai conseguir. — Tom puxou a calça jeans, pegou a camisa e os sapatos e desceu as escadas e saiu pela porta em menos de um minuto. Ele colocou os sapatos do lado de fora, vestiu a camisa com raiva. Tentou o seu melhor para não olhar para trás porque ele sabia que Prophet não o seguiria.

O homem era possivelmente mais teimoso do que ele. E isso era alguma coisa.

Ele subiu em sua moto, bateu as mãos no guidão e soltou um suspiro frustrado.

O que? Você achou que as coisas seriam diferentes? Achou que Prophet te trataria como um verdadeiro parceiro?



Ele acelerou a moto, o familiar pop-pop soando muito parecido com o fogo da metralhadora que ele tinha ouvido na Somália, e as palavras de Prophet voltaram para ele.

— Talvez eles estivessem apenas tentando avisá-lo que a parceria comigo era uma má ideia.

— Desde quando você quer um parceiro? — ele perguntou ao eco de Prophet e decolou.

Ele estava a vários quarteirões de distância, parado no sinal, quando puxou as mangas da camisa para cima e viu a pulseira de couro. E foi quando ele percebeu que tinha sido enganado.

— ...Não podemos voltar porque não posso te proteger.

— Eu quase fiz você ser morto.

Prophet era uma responsabilidade tão grande para Tom quanto Tom era para ele. E isso não era uma acusação, mas sim um fato inescapável.

Seu instinto gritou para ele voltar, e ele fez, desviou-se em uma curva em U ilegal no meio do tráfego que se aproximava, mas já era tarde demais. O caminhão de Prophet tinha sumido do beco que seu prédio usava para a entrada de carros.

Ele pegou seu telefone, grato que o rastreador de que ele havia plantado em Prophet tinha passado despercebido.

Que diabos está fazendo? Ele não é problema seu.

Mas algo estava errado. Muito errado.

E você prometeu a Prophet que seguiria seus instintos.



E por que diabos ele deveria fazer promessas a esse idiota? Sempre?

Ele ficou na rua como um idiota apaixonado, preocupado. O desconforto transformou-se rapidamente em um pânico esmagador enquanto observou o rastreador por dez minutos. Ele estava na avenida, indo para o sul.

E então o rastreador foi cortado.

— Droga.

A única coisa que poderia parar esse rastreador era adulteração humana. Aparentemente, Prophet não confiava nele depois de tudo.

Ele ligou para o telefone e, claro, foi direto para o correio de voz.

— Prophet, sou eu. Diga-me onde diabos você está indo.

Três horas, muitos palavrões e andar de um lado para o outro sem rumo depois, Prophet mandou uma mensagem para ele. Ele olhou para ela por um longo momento antes de entrar em seu carro e configurar o GPS.

Algo estava muito errado. A única coisa que ele sabia com certeza era que Prophet estava naquele endereço. Ele também estava bastante certo de que não tinha sido Prophet que enviou a mensagem.



CAPÍTULO VINTE E QUATRO

As coordenadas que Prophet havia recebido de Gary, eram a vinte e cinco quilômetros do último lugar em que ele se mudara, depois da faculdade. Depois da morte da mãe de Gary, foi mais desafiador acompanhá-lo. Mas com o encorajamento de Prophet, Gary tinha sido zeloso sobre o check-in - embora de má vontade. Prophet simplificou - um texto semanal utilizando um código simples. Se o código não mudasse semanalmente ou a quantidade de números fosse variada em um, Prophet saberia que Gary estava com problemas.

Eles nunca conversaram sobre o que o pai de Gary realmente tinha feito para ganhar a vida. Mas até onde Prophet sabia, a mãe de Gary lhe contara tudo. O garoto era brilhante, teria um futuro na agência, se não fosse pelo fato de que havia um alvo nas costas por causa do que ele pode ou não saber sobre o trabalho de seu pai. E se não fosse pelo fato de que nenhuma agência jamais confiaria nele, um fato que Hal perfurou em Prophet quando ele o fez ele prometer manter Gary em segurança, não importando o quê. E Prophet não podia discutir com Hal sobre isso, porque Hal tinha vivido isso por anos - ser necessário e ainda considerado perigoso o suficiente para ser morto, era um fardo que Prophet não podia imaginar carregando por muito tempo.

— Você tem que ter certeza que ele está escondido. A todo custo. Não importa o quanto ele te odeie por isso, — Hal enfatizou. — E ele vai te odiar. É assim que você saberá que está fazendo a coisa certa.



Havia muito mais para essa promessa, no entanto. Ele não sabia como um pai poderia tomar essas decisões por um filho, mas ele esperava que ele nunca tivesse que descobrir.

O armazém abandonado estava no meio do maldito lugar nenhum. Havia bosques de um lado, do outro um gigantesco campo aberto que se estendia por quilômetros. Não havia carros estacionados ao redor da área, mas, diabos, eles sabiam que ele estava vindo, então ele parou cerca de dez metros do prédio e foi em direção a ele, procurando por perigo na forma de atiradores ou bombas. Ele poderia praticamente ser um fantasma se ele precisasse, mas desta vez, ele sabia que alguém estava esperando por ele. Quanto mais tempo ele dirigia, mais certo ele se tornava de que tudo aquilo era uma armadilha, mas não havia como voltar atrás.

Nenhum resgate. Nenhuma exigência. Apenas Gary, pedindo-lhe para vir busca-lo e usando o código de emergência pela primeira vez em dez anos, tudo bem próximo da morte de Chris.

A porta dos fundos do prédio abandonado estava destrancada. Ele se moveu para dentro cautelosamente. O lugar era como um labirinto de túneis e ele não sabia onde qualquer um deles dava.

Ele entrou já preparado para o pior. Ele permaneceu no meio de uma sala escura, incapaz de ver, mas sentindo tudo.

É assim que vai ser. Você pode lidar com isso?

Se ele saísse vivo, ele supostamente poderia lidar com qualquer coisa.

Então um som soou. Ele colocou os braços sobre as orelhas em uma tentativa fútil de suavizar o golpe e caiu de joelhos. Depois de um



minuto, ele foi embora, mas seus ouvidos zumbiam - quase como uma granada de flashbang, que temporariamente ensurdecia qualquer um ao alcance. Ela também causava cegueira temporária, então Prophet imaginou que ele deveria ser grato por pequenos milagres.

Falando nisso, uma tela na parede em frente a ele brilhou. Prophet piscou rapidamente, levou a mão aos olhos para ajudá-lo a se ajustar à súbita enxurrada de luz. Ele reconheceu imediatamente o irmão de Azar, Sadiq; ele vinha acompanhando-o há anos. O refinamento de terno e gravata de Sadiq estava muito longe do amor de Azar por BDUs e barbas cheias.

Toda a missão tinha sido uma armadilha. Uma grande viagem de foda pela estrada da memória, e Prophet se apaixonou por ela, pulou com os dois pés em um poço de melancolia e sentimentalismo que o deixou afundando no maldito ralo.

— Como você o encontrou? — Prophet perguntou.

A expressão de Sadiq era ilegível, como sempre.

— Essa é sua preocupação? Saber onde você errou?

Prophet cerrou os dentes e assentiu, tentando impedir que seus olhos lacrimejassem contra as luzes dolorosas.

— Sim.

— Você não fez. Gary nos procurou.

Seu pior medo, confirmado, porque Gary sempre foi o curinga nessa situação. E, no entanto, ele não conseguia acreditar que isso era verdade.

— E o que você disse a ele?



Sadiq sorriu. Em todos os anos que ele observou o bastardo de longe, Prophet nunca o viu sorrir, nunca o tinha visto capturado em uma imagem parecendo qualquer coisa exceto estóico. Isso tornou a sua próxima palavra especialmente arrepiante.

— Tudo.



Tom dirigiu como um maníaco, fez uma viagem de três horas em duas, quase se matando várias vezes no processo. Ele pensou em ligar para Phil, até para Cope, mas decidiu contra.

Isso era entre parceiros. E ele devia a Prophet, mesmo que ele quisesse matá-lo.

Ele tinha superestimado tudo, exceto sua falta e sua vontade de ajudar seu parceiro. Isso era vida ou morte. Esta era a missão. Ele podia sentir isso.

Ele também pode sentir a arma na parte de trás de sua cabeça enquanto se movia pelo estacionamento, com a arma desembainhada. Ele parou e esperou, sabia que poderia agarrá-lo facilmente, mas não sabia quantos outros haviam.

— Estou contente que você pôde se juntar a nós.

— Estou emocionado, — disse Tom com os dentes cerrados.

— Coloque a trava de segurança em sua arma e lentamente abaixe-se e coloque-a no chão. Chute para longe de você, por favor. Qualquer truque que você usar será retribuído no seu parceiro, — disse o homem.



Tom queria dar uma olhada em seu rosto, queria saber como tudo isso estava ligado a Christopher, mas ele não estava em condições de fazer perguntas. Ainda. Ele fez o que o cara mandou.

— Alguma outra arma?

— Sim.

— Onde?

Tom listou os lugares que estava carregando, e outro homem se adiantou e o desnudou de todas as armas, dando-lhe mais atenção do que o agente da TSA no aeroporto. A essa altura, ele estava dentro do antigo armazém, com quem sabia quantos andares. Havia calor e eletricidade, o que significava que não era abandonado. Eles o levaram a uma sala grande e vazia, com paredes de concreto e pisos sujos, amarraram suas mãos acima da cabeça, e acorrentaram os tornozelos ao chão. Seu armamento estava uma pequena pilha na frente dele.

O homem de cabelos escuros, vestido com o BDU preto, olhou-o impassível.

— Impressionante, senhor Boudreaux.

— Por favor, me chame de Tom. E você é ...?

— Você é tão esperto quanto o seu parceiro, — disse o cara com os BDU preto, e ele não estava feliz com isso.

A camiseta de Tom estava aberta, mas pelo menos suas calças estavam puxadas para cima.

— Onde está meu parceiro? — ele perguntou, e foi recompensado com um soco no rosto.

— Cale a boca, — o homem disse. — Estamos nos certificando de que seu parceiro se divirta muito. Agora é hora de você se divertir um pouco também.



Assim que a tela ficou preta, o mesmo aconteceu com Prophet. Quando ele acordou, sentiu-se tonto e enjoado pelo gás que deveriam ter usado. Ele também estava meio pendurado por seus pulsos, que estavam algemados ao redor de um cano em cima. Como uma concessão, seus pés estavam em uma cadeira plana, mas assim que ele abriu os olhos foi substituída por um banquinho que mal o mantinha de pé. Ele tinha que se equilibrar em seus dedos para não quebrar seus pulsos. Novamente.

Foi bom saber que eles não esperavam que ele se equilibrasse durante o sono.

A tela brilhou novamente, machucando seus olhos, e Sadiq estava emoldurado no centro, o fundo de uma parede pintada com uma imagem que Prophet reconheceu da casa do homem em Cartum.

— Você dormiu bem?

— Foda-se, Sadiq.

— Ainda o mesmo.

— Você também, — Prophet deu o cortou. Enquanto ele estava caçando Sadiq, Sadiq passou aqueles mesmos dez anos assombrando-o... insultando-o, dando-lhe apenas o suficiente de uma pista sobre a possibilidade do paradeiro de John e depois recuando.

Ele supôs que ele conseguiria algumas respostas agora.



— Apenas me diga, Sadiq - por que Chris? O resto de nós estava envolvido nisso, nós nos inscrevemos para isso. Nós fodidamente sabíamos o que estávamos fazendo - Azar incluído. Mas Chris era inocente. Eu acreditei que você fosse melhor do que isso.

Sadiq encolheu os ombros.

— Ele não quis fazer sua parte. Teria sido tão fácil. Tudo o que ele tinha que fazer era chamar você para vir resgatá-lo. Ele recusou. Eu dei a ele uma opção - disse a ele que ele poderia lutar contra os meus homens. Eu disse a ele que, se ele ganhasse, eu o deixaria ir.

O peito de Prophet apertou com culpa. Mesmo depois de todo esse tempo, mesmo que isso tenha custado sua vida, Chris ainda foi leal ao melhor amigo de seu irmão.

— E você o drogou.

— Depois de um tempo. Ficou chato vê-lo vencer.

— Foi você que procurou por ele... antes de mata-lo.

— Sim. Eu disse a ele que tinha algumas informações muito interessantes sobre o irmão dele e as circunstâncias a cerca de sua captura. Pelo que entendi, seus militares se recusam a divulgar essa informação para a família. Mas Christopher disse que ele não precisava saber nada disso. Como ele não veio até nós, tivemos que recorrer a outras medidas.

Eu disse a ele que, se ele ganhasse, eu o deixaria ir.

Chris, foi espancado até a morte e drogado demais para fazer algo a respeito. E Prophet não tinha dúvidas de que ele foi esperto o suficiente para perceber que como tinha sido drogado, ele provavelmente estava em sua última luta.



Droga. Ele fechou os olhos por um segundo, a dor da culpa anulando qualquer dor física.

— Eu também mencionei a Chris que você se recusou a dar informações que teriam impedido John de se machucar. — Sadiq fez uma pausa e então disse: — Claro, eu tive que compartilhar o fato de que ninguém nunca encontrou o corpo de seu irmão, e que você também sabia disso.

Jesus Cristo.

— Seu filho da puta. Sabia que você não ganharia uma luta justa.

— Eu não gosto de justo. Eu gosto de ganhar. O mesmo acontece com o seu parceiro, Tom.

Alerta de fodedor de mente. Prophet não iria lá, perguntou em vez disso: — Onde está Gary?

— Ele está ocupado.

— Se você machucá-lo...

— Eu pensei que você fosse mais esperto do que isso, suboficial Drews.

— Vamos fingir que não sou.

— Mas você é. A Marinha não recruta homens para uma missão tão rigorosa, a menos que sejam excepcionais. E homens excepcionais recebem trabalhos especiais. Você foi escolhido - escolhido a dedo - por causa de suas qualidades de liderança, sua incrível capacidade de avaliar, analisar e tomar as medidas necessárias sem perder de vista o objetivo. — Sadiq usou frases que Prophet sabia que estavam em seu arquivo militar original, que deveria estar enterrado profundamente.



Esta foi a versão mais fodida de This is Your Life ever[22].

— Mas você não se perguntou por que você recebeu um papel tão importante tão cedo em sua carreira? Por que eles confiaram em você a vida ou morte de Hal Jones?

— Você sabe? — Prophet deu um fora.

— É porque eles sentiram que você era capaz de realizar o trabalho com eficiência, sem apego emocional. Outra maneira de dizer que sua consciência é, talvez, defeituosa?

Prophet olhou para ele, recusando-se a deixar sua expressão mudar, mesmo quando uma bola se formou na boca do estômago.

— Mas você e eu sabemos que apenas um homem com mais compaixão e empatia do que a maioria poderia realmente fazer um trabalho como esse. — Sadiq assentiu, obviamente satisfeito consigo mesmo, o bastardo. — Eu contei com essa empatia para trazê-lo à minha porta.

— Eu não estava sendo compreensivo quando parti o pescoço de seu irmão, — disse Prophet, viu os homens em sua visão periférica se aproximarem dele e se preparou para os golpes.

— Não! — Sadiq disse, e os homens recuaram. — Nós não terminamos de falar. — Ele inclinou a cabeça e olhou para o Prophet. — Você me lembra dele. De Azar. Apressado. Bravo. Disposto a enfrentar o mundo.

— Eu não sou nada assim idiota.

[22] “Essa sempre foi sua vida”. É uma música



Os olhos de Sadiq queimavam com uma raiva sombria, mas sua voz era calma quando ele disse:

— Toda ação tem uma consequência. Você terá que viver com as consequências de tirar meu irmão de mim. Agora, eu continuarei a tirar as coisas de você. Gary ficou mais do que feliz em compartilhar as informações de seu pai conosco. Eu sabia que levaria anos, mas felizmente sou paciente. Especialmente quando se trata de vingar as pessoas que eu amo.

— Eu também. Especialmente quando tenho ajuda.

A expressão de Sadiq mudou ligeiramente. Era quase imperceptível, mas havia uma vacilação lá, porque ele conhecia a reputação de Prophet bem o suficiente para acreditar que poderia ser verdade.

Eu posso estar pendurado, mas eu ainda posso foder sua vida. Um dos provérbios favoritos de Joe Drews.

Prophet não tinha pensado ativamente sobre o velho em anos. Mas ele supôs que o cara esteve sempre lá, do mesmo modo que Prophet preferia lembrar-se dele, o jovem soldado que tinha saído quando Prophet tinha dez anos e que perdera a visão e se matara seis anos depois. Ele ouviu isso através dos vilões que sabiam e trabalhavam com ele, que checavam Prophet e sua mãe de tempos em tempos.

Conning foi quem ajudou Prophet a permanecer vivo até que ele pudesse ter uma vida honesta. E Conning muitas vezes ajudou a mantê-lo vivo durante aquela coisa de vida honesta.

Mas agora, o que Joe Drews faria? Parecia um ditado em um banner na frente dele. Porque poderia ser a única saída.



— Se você me matar, Gary não poderá tirar a arma nuclear do chão.

Mas Sadiq não estava olhando diretamente para ele por mais tempo. Em vez disso, ele estava olhando além de Prophet, que não podia se virar sem grandes dores. Ele esperou pacientemente para ver que tipo de tortura viria a seguir.

Quando Tom foi arrastado e jogado na frente dele, amarrado, amordaçado, e olhando para ele do pé de seu banco, Prophet se encolheu.

Droga.

Ele controlou sua expressão rapidamente, mas tanto Sadiq quanto o homem que trouxe Tom a pegaram. Ambos sorriram para Prophet.

Prophet não gostou quando Sadiq sorriu.

— Ele se inscreveu para isso? — Sadiq perguntou, apontando para Tom. — Eu posso dizer com segurança que Gary sim.

Prophet fechou os olhos e pensou em um telefonema que ele teve com Gary, talvez cinco anos atrás, quando ele estava entrando em seu último ano de faculdade, pouco antes de sua mãe morrer.

— Eu quero ser normal.

— Você tem uma mãe. Um teto sobre sua cabeça. Você está recebendo uma boa educação, — Prophet tinha atirado de volta. — Você deveria ter conseguido ver essa merda agora.

— Você está me dizendo para crescer?

— Hal te disse a mesma coisa.

— Porque você o conhecia tão bem.



— Sim, eu o conhecia bem. Uma semana, vinte e quatro horas por dia sete dias por semana. — Prophet tinha sido o confessor de Hal. Era como se ele soubesse que não sobreviveria à viagem, e não importa quanto Prophet tentou dizer a ele que estava seguro, Hal não iria calar a boca.

— Você quer voltar atrás? — John perguntou no início da tarde, antes de partirem para Hal, no dia em que tudo terminou.

— Eu quero. Mas já foi colocado em movimento. Voltar não vai mudar nada.

Ele acreditava nisso cem por cento, mesmo agora. Ele não estava errado - e isso era provavelmente o mais difícil de aceitar.

Quando as rodas são colocadas em movimento, não há maneira de desligar a máquina sem causar grandes retrocessos. Isso só piora as coisas.

E quando ele matou Hal, todos os fardos do homem caíram nos ombros do Prophet. E Hal sabia que isso aconteceria.

Uma parte de Prophet - uma parte não tão pequena - odiava Hal por isso.

Agora, ele olhou para a imagem de Sadiq na tela na frente dele.

— Você matou Chris no aniversário do meu encontro com Hal. Que merda sentimental você é.

Sadiq sorriu.

— Muito. E é por isso que você receberá a mesma tortura que recebeu sob os cuidados de Azar. Por que seu amigo receberá o mesmo



castigo que John. Vocês americanos são muito ligados a simbolismo, sim. Eu acho isso ... Divertido.

— Você vai levar Tom e não me deixa saber se ele está vivo ou morto? — Prophet o desafiou, e aquele maldito bastardo sorriu, porque sim, esse era exatamente o seu maldito plano.

Porra. Porra. Ele abaixou a cabeça, mais irritado com ele do que com Sadiq por ter vencido aquela rodada. Puto por ele mesmo ter entrado em pânico e revelando seu pior pesadelo maldito.

Deus, se Tommy fosse levado e Prophet não soubesse onde ele estava...

Ele olhou para Tom, que o observara o tempo todo, e desejou faze-lo entender. De alguma forma, ele iria bater a merda fora de qualquer um e todos que se aproximassem dele. Acima de tudo, ele desejou que Tom acreditasse que Prophet poderia salvá-lo, independentemente do custo.

E Tom... fodidamente assentiu. Imperceptível para a maioria, mas não para Prophet.

Sadiq desligou o vídeo, e o guarda arrastou Tommy para longe.

Depois disso, a tortura começou. Ele manteve o controle das horas contando os minutos, mesmo quando tudo começou a se misturar. Era a única maneira de se impedir de sufocar ou apagar. Ele fez o último várias vezes de qualquer maneira, apesar de seus melhores esforços. Ele calculou que perdeu cerca de cinco horas no máximo, o que ainda o deixava com quarenta e oito horas depois de ser capturado, e ele ainda estava nos Estados Unidos. Não tinha certeza do porquê, mas isso mudaria bem rápido.



Ele estava treinando seus outros sentidos desde que ele se juntou ao exército - isso salvou seu traseiro várias vezes, mas também tornou as coisas muito mais torturantes para ele em momentos como este. Ele manteve os olhos fechados propositalmente, não teve dúvidas de que o atingiram com mais força e com mais frequência por causa disso.

Ele contou. Cantou. Riu, quando eles queriam que ele gritasse. Tentou deixá-los zangados, porque isso lhe daria algo para fazer além de se concentrar na dor.



Tom não conseguia tirar a imagem de Prophet pendurado pelos pulsos algemados acima da cabeça. Eles sabiam a fraqueza do homem, um calcanhar de Aquiles que ele realmente tinha dado a si mesmo. E ele ouviu tudo, primeiro encostado na parede, ouvindo as palavras de Prophet através de um alto-falante, depois o resto quando o jogaram na frente de Prophet.

Agora ele estava em uma sala. Uma porta de aço sem fechadura no interior. Trancada por fora. Sem janelas. Apenas uma tela grande na parede, como a da cela onde Prophet estava sendo mantido.

A tela permaneceu escura, mas eles tiveram a certeza de ligar o som, então Tom ainda ouvia tudo.

Tom sabia que era importante fingir que ele não dava a mínima para o que estava acontecendo com Prophet - se Sadiq não acreditasse que eles eram próximos, seria mais difícil usa-los um contra o



outro. Mas Tom tinha visto a expressão no rosto de Proph quando eles o trouxeram e se ele tinha visto...

Porra. Ele entendeu, porque era quase impossível permanecer sem expressão enquanto ouvia a chuva pesada de socos em um corpo. De vez em quando, ele ouvia um grunhido involuntário de Prophet, mas na maioria das vezes ele estava estranhamente silencioso quando estavam realmente batendo nele. Quando eles pararam, foi quando Prophet começou a murmurar, cantar e cantarolar. O que parecia fazer os homens baterem mais forte na próxima vez. Ele podia imaginar a expressão no rosto de Prophet, e isso o fez continuar suas tentativas de libertar-se das cordas pesadas ao redor de seus pulsos.

De repente, a tela acima dele ganhou vida, e ele estava olhando para um homem de cabelos escuros que nunca tinha visto antes, mas reconheceu a voz imediatamente. Ele tinha sido o único a falar com o Prophet. O homem a quem Prophet tinha chamado de Sadiq.

— Vamos conversar, Sr. Boudreaux, — Sadiq disse.

— Certo. Que tal, foda-se você?

— Eu vejo que você está aprendendo com o oficial Drews. Isso não funcionou para seu amigo.

Sadiq deveria estar se referindo a John.

— Desta vez, é para você que não vai funcionar.

— Eu gosto da sua confiança. Mas será de curta duração. — O homem fez uma pausa. — O quão bem você realmente conhece o oficial Drews? O suficiente para morrer por ele?

Tom olhou para o homem.



— O suficiente para matar você por ele.

O homem balançou a cabeça tristemente, como se essa fosse a resposta errada. Quando a tela ficou escura, a porta à sua frente se abriu. Ele observou dois guardas arrastarem Prophet para dentro. Ele estava sem camisa, seus pulsos estavam amarrados juntos atrás das costas, a cabeça abaixada, e levou tudo o que Tom tinha para fingir que não dava a mínima.

Os guardas o jogaram no chão com força suficiente para ele rolar duas vezes antes de bater no corpo de Tom.

Prophet acabou deitado de peito para baixo. Ele levantou a cabeça e Tom deu uma olhada em seu rosto batido. Sua bochecha esquerda estava inchada, os olhos negros, mas seu rosto não tinha sofrido o impacto dessa surra.

— Seu amigo, — um dos guardas disse para Tom. Tom cuspiu na direção do guarda que trouxe Prophet, que franziu o cenho. Ele deu um passo em direção a Tom, mas o outro homem o agarrou.

— Não toque na mercadoria. Só Sadiq pode fazer isso, — ele lembrou.

Tom sorriu e o cuspiu novamente, e então os dois homens saíram da cela com o barulho da porta.

Tom tinha pouca dúvida de que esta reunião foi orquestrada para tornar mais difícil para Prophet. Como se isso fosse possível.

Prophet piscou, rolou de lado, de costas para a câmera ao lado da tela.

— Estou vendo vários de você agora.



— Melhor do que não me ver de jeito nenhum.

Por alguma razão, isso fez Prophet rir um pouco.

— Você não tem uma maldita ideia.

Tom não perguntou o que ele queria dizer, achava que deveria agradecer que Prophet estivesse semi-coerente.

— Você tem que fugir daqui, — Prophet murmurou, seu rosto virado para Tom para que as câmeras não pudessem ver, as palavras quase inaudíveis.

— Ambos.

— Não vai acontecer.

— Lutar?

— Não podem atirar em mim. Ele me quer vivo.

Tom olhou para o chão, falou sem mexer os lábios.

— O cara na tela... matou John?

— Sadiq é o irmão do cara que me torturou e a John. — Ele fez uma pausa. — O vídeo que você viu não foi feito por ele. Esse foi o resultado. A CIA

Tom olhou para a frente, controlando suas feições. Qualquer um que estivesse assistindo pensaria que ele e Prophet se odiavam, e era isso que ele queria que acontecesse. Prophet falava tão baixo que Tom duvidou que o áudio o captasse.

— Eles vão continuar me torturando, pelo amor dos velhos tempos.



Tom queria tocar Prophet, segurar sua maldita mão no mínimo, mas mostrar qualquer fraqueza ou afeição aos seus captores tornaria as coisas piores para os dois. E as coisas já eram muito ruins.

— Por quê?

Prophet balançou a cabeça, e a raiva de Tom aumentou, mesmo agora, ele não contaria a Tom porque estava arriscando tudo.

— Minha merda, não sua.

— Um pouco tarde para isso agora.

Prophet apenas olhou para Tom. Ele estava aceitando seu destino, entregando-se ao inevitável? ...ou havia algo mais acontecendo que Tom estava perdendo?

— Por que não matar você?

— Ele irá, eventualmente. Mas isso ... isso é uma provocação. Ele não terá que me procurar mais. Ele sabe que vou gastar o tempo que for preciso para caçá-lo. Ele sabe que eu vou encontrá-lo, então eu posso te encontrar. Assim como eu procurava por John.

— Foda-me, — Tom murmurou.

— Apenas dê o fora. De qualquer maneira, — Prophet disse a ele quando a porta se abriu e os guardas voltaram. Eles jogaram água gelada nos dois homens, e Tom se levantou para lutar.

— Não, Tommy, — ele ouviu Prophet dizer quando um dos homens o agarrou e arrastou para fora.

Mas ele estava furioso e Prophet tinha que saber que era uma questão de tempo antes que seu temperamento explodisse, quente e



incontrolável. E a única coisa que importava era dar o fora daqui e levar Prophet com ele.

Minutos depois, o cara do BDU preto e outro homem entraram com algemas e correntes, e ele ouviu um deles dizer: — Preparem o avião.

Eles vai me mover. E ele pensou sobre o que sempre foi ensinado, desde aulas básicas de autodefesa até o campo de treinamento do FBI: se você se deixar levar para um segundo local, pode se considerar morto.

Se planejavam levar tanto ele quanto Prophet, ele não tinha a mínima ideia.

Ele estava com dor, mas ele tinha aprendido há muito tempo a ignorar isso, empurrar para baixo para que ele pudesse funcionar e continuar salvando a si mesmo. Isso não era diferente do que ele tinha sobrevivido quando criança.

Ele atacou os homens de frente, preparado para lutar e permanecer vivo.



CAPÍTULO VINTE E CINCO

— Gary, você está bem? — Prophet perguntou quando Gary foi escoltado para o quarto. Embora ele não tivesse visto Gary desde seu após seu décimo sexto aniversário, ele era capaz de lembrar. A semelhança com Hal estava em toda parte, de seus olhos escuros a seus encaracolados cabelos escuros e o conjunto de seus ombros, a construção leve, e o sorriso que puxava muito para a esquerda. Gary empalideceu quando viu Prophet suspenso pelos pulsos no conjunto de tubos, equilibrando-se na ponta dos pés em um banquinho muito curto. Ele abriu a boca e deu um passo à frente antes de ser puxado de volta por um dos guardas.

A expressão no rosto de Gary - arrependimento e medo, orgulho e raiva - foi o suficiente para que Prophet soubesse que Sadiq havia dito a verdade sobre Gary ter traído ele - e seu país. Prophet sabia que quaisquer promessas que ele tivesse guardado até agora acabariam ficando mais escuras antes que tudo fosse dito e feito.

— Não diga nada, — ele avisou Gary.

— Você ainda acha que faz as regras, — Gary disse furiosamente. Ele se moveu em direção a Prophet e, desta vez, os guardas não o impediram. Todos sabiam que qualquer pretensão se foi. — Você não tem mais nenhum controle.

— O controle está na mente tanto quanto no corpo, Gary. Estou mais no controle amarrado do que você está livre. E você é livre, não é? — Ele manteve a voz quieta, tom medido. Era o jeito que ele sempre falava com Gary.



— Meu filho é nervoso, — Hal havia explicado a ele na tenda naquela tarde antes da captura. — Brilhante. Facilmente balançado. A bondade vai longe com ele.— As palavras de Hal sobre seu filho enquanto eles dirigiam por aquela estrada poeirenta. Quando as milhas se desdobraram, ele expôs a história de sua vida como se soubesse que seu tempo estava acabando. Ele precisava de uma testemunha, e usou Prophet como um padre para sua confissão.

Foi o mínimo que o Prophet pôde fazer. Agora ele era forçado a enfrentar outra obrigação que havia saído de suas conversas com Hal.

— Gary.

— Não é meu nome verdadeiro, — o homem mais jovem gritou. Ele pareceu surpreso quando sua voz cresceu ao redor deles em um eco pesaroso.

— Seu nome não é o mais importante aqui.

— Você está certo. É o meu conhecimento. E finalmente posso usá-lo bem.

— Você não pode.

— Não posso? — O riso de Gary foi amargo. — Depois de todo esse tempo, você ainda não está pronto para admitir que o governo dos Estados Unidos matou meu pai porque se recusou a resgatá-lo. Aquele 'nós não negociamos com terroristas' parece ótimo, até que seu pai esteja em perigo.

Gary andava de um lado para o outro, parecendo um pouco com aquele adolescente desengonçado que ele escondia. A raiva sem dúvida estava se construindo dentro dele todo esse tempo, apodrecendo, até que ele fez o que o Prophet supôs ser inevitável.



— O governo tem uma linha dura com os terroristas por um motivo, Gary.

— Bem, foda-se eles e foda-se você. Eu responsabilizo você e eles pela morte lenta e dolorosa de minha mãe também. E isso tirou qualquer chance que eu tivesse na vida que eu queria. Ou devo dizer, quase tirou essa chance. Eu tive a oportunidade de recuperá-la, então eu a peguei.

— Eu não posso deixar isso acontecer.

— O que você vai fazer? Me matar como você fez com meu pai? — Gary respondeu.

Prophet olhou para ele, em seguida, exalou, como se com toda a história a céu aberto tivesse libertado algo nele.

— Sim, eu sei, — Gary disse a ele. — Eu finalmente conheço toda a verdade.

— Se você está trabalhando com Sadiq, você não sabe nada. — Prophet fez uma pausa. — Você vai ter que trabalhar com ele, Gary. Contra os Estados Unidos.

— Ele disse que eu poderia sair depois de falar com você. — Disse Gary, tentando ser presunçoso, mas um lampejo de dúvida brilhou. Ficou mais forte quando os guardas o cercaram. — Eu terminei de falar, — ele disse a eles, aparentemente tentando recuperar seu controle tênue. — Eu quero ir.

Um dos homens sorriu. O outro agarrou os braços de Gary e os levantou atrás dele.

Gary começou a lutar a sério, aparentemente percebendo a finalidade - a estupidez - de sua birra temperamental ao longo da vida.



— Eu não posso fazer isso.

— Mas você já fez.

— Você não pode me fazer construir as armas! — Gary gritou, mas a risada silenciosa de Sadiq através dos alto-falantes do computador, do outro lado do oceano, rolou sobre eles como uma névoa misteriosa.

Gary ficou quieto quando Sadiq disse: — Há tantas maneiras que posso e vou usar para você fazer exatamente isso. Você não tem ideia, Gary. Mas você irá.

— Deixe-o ir, — disse Prophet com os dentes cerrados. — Você me pegou em vez disso.

— Que nobre de sua parte, — Sadiq disse secamente. — Que conhecimento você tem para mim?

— Muitos.

Sadiq estudou-o.

— Eu acredito que você tenha. Mas eu tenho um uso específico para você e envolve muita dor. Uma morte rápida é boa demais para você.

Prophet acreditou nisso. Era tarde demais para conseguir que Sadiq deixasse Gary ir. O garoto sabia demais. No segundo em que pisou no mundo de Sadiq, ele vendeu sua alma. Não havia como voltar atrás.

— Prophet? — Gary parecia inseguro, do jeito que ele tinha quando o Prophet havia movido ele e sua mãe naquele dia de neve no meio de fevereiro. Gary se recusou a deixar a foto de seu pai e Prophet teve que arrancá-la de suas mãos, porque a esposa de Hal não tinha sido capaz de se forçar a fazê-lo.



— Apenas faça o que eles dizem, Gary, ok? Vou te encontrar.

— Você quer que eu os ajude?

— Eu não quero que você se machuque, garoto. — Era assim que Hal o chamava. Esse era o código entre Prophet e Gary para: *eu vou te encontrar mesmo se custar o resto da minha vida.*

Gary parou por um segundo, mas Sadiq não pegou. Ele estava muito ocupado assistindo à reação de Prophet.

— Aqui está sua chance, suboficial Drews, — Sadiq disse. — Uma questão de moralidade. Como eles chamam isso? Uma última concessão de bondade? De qualquer forma, você tem tempo para chegar a apenas um dos dois homens. Um pode causar destruição maciça do seu país. O outro? Um simples mercenário, morrendo em algum lugar por este corredor. Uma vida por incontáveis milhões. Quem você vai escolher, suboficial Drews? Ah, e deixei uma coisinha para ajudá-lo a fazer sua escolha.

A tela ficou preta. O homem do BDU negro tirou o banco debaixo de Prophet enquanto arrastava Gary para fora do quarto. Gary ficou olhando por cima do ombro o tempo todo. Mas até a porta se fechar, Prophet não se permitiu gritar sua agonia.

Ele tentou pegar o banco, para não cair, mas não havia como fazer isso. Ele foi capaz de segurar o tubo com a mão e deslizar os dedos ao longo dele até sentir o metal afiado. O pequeno presente de Sadiq.

Não importava como ele fizesse isso, ia doer como o inferno, então ele balançou as pernas para empurrar a corda para frente. O metal afiado havia sido deixado na posição perfeita para deslizar e cortar as cordas que prendiam suas mãos sobre a cabeça. Mas o passeio seria uma



cadela. Enquanto ele trabalhava, ele olhou para a tela preta até que ela voltou à vida. Não era mais Sadiq. Em vez disso, metade da tela mostrava imagens de Gary, do lado de fora, amarrado e sendo arrastado pelos guardas. Um helicóptero esperava ao fundo. A outra metade veio à vida segundos depois. Através de uma névoa espessa de gás, ele viu Tom, desmaiado no chão de uma cela.

Quem você vai escolher?

Como se houvesse realmente uma escolha. Isso era para foder sua mente, não sobre as escolhas, e Prophet gritou novamente para a sala vazia apenas para ouvir sua própria voz ecoar pelas paredes.

Quando a corda começou a se desgastar, seus pulsos se separaram e, por um segundo, houve uma dor ofuscante antes que a corda misericordiosamente se quebrasse. Ele bateu no chão, tentou mover os pulsos e quase gritou. Eles estavam, é claro, quebrados de novo. Mal funcionamento, mas ele já tinha lutado e sobrevivido com pior.

Ele nem teve que adivinhar sua escolha. Ele bateu a porta trancada com o pé, que lascou o suficiente para que um segundo chute a abrisse. Ele então fez a mesma coisa em cada sala trancada no corredor de onde ele tinha sido mantido, porque não conseguia segurar as maçanetas, gritando no caso de Tom poder ouvi-lo.

Se ele soubesse que tipo de gás era, se ele tivesse tido tempo para identificar, ele salvaria Gary e depois desintoxicaria Tom. É o que Tom gostaria. Além disso, é o que Tom esperaria dele.

Mas o tempo acabou. Ele chutou a segunda porta para o último quarto e nem sequer deu tempo para notar que seu coração começou a bater de novo, porque Tom mal estava respirando. Ele puxou a camiseta



por cima da boca e do nariz, prendeu a respiração e chutou as duas janelas traseiras para permitir que o gás escapasse. Um sopro rápido de ar fresco, e ele se virou para Tom.

A tela do quarto de Tom tremeluziu, permitindo a Prophet ver os homens arrastando Gary para o helicóptero. A última coisa que viu foi o rosto de Gary, o olhar assustado de um garoto ainda congelado em sua expressão, antes que os guardas o levassem.

Você falhou com ele. Novamente.

Prophet empurrou esses pensamentos de seu cérebro impaciente enquanto empurrava seus braços sob os braços de Tom, curvou os seus próprios nos cotovelos apesar da dor gritante e arrastou Tommy para fora do quarto antes que ele desmaiasse dos gases também. O tempo todo que ele estava arrastando Tommy, os momentos mais lentos de sua vida, ele não podia deixar de pensar que eles não deixariam Tom viver, mesmo que eles tenham permitido que Prophet o salvasse.

Ele tirou Tom do quarto, fechou o gás atrás da porta e quase desmoronou na frente dele, suando e tremendo.

Uma sombra caiu sobre ele. Ele olhou para cima, visão nebulosa do gás que ele inalou, para ver um dos guardas. Ele se forçou a ficar de pé e derrubou o homem no chão com a cabeça no estômago do cara.

Mesmo assim, sua cabeça começou a girar e então o mundo ficou escuro.



CAPÍTULO VINTE E SEIS

Prophet despertou. Ele ainda estava no corredor, mas Tom tinha desaparecido.

Porra.

Ele parou quando ouviu passos. Preparou-se para uma luta e encontrou uma. Manobrou de joelhos e usou as pernas para se impulsionar para a frente, de modo que ele bateu no homem que virou a esquina. Lutou por sua maldita vida, porque ele não iria perder. Não importava que seu ombro estivesse deslocado ou seus pulsos estivessem fraturados.

Ele bateu o homem no chão, seu cotovelo prendendo-o. Imediatamente, ele foi jogado de lado e encontrou-se com a bochecha no chão.

— Você pode querer não matar seu salvador.

Aquela voz, murmurada em seu ouvido, não soava familiar, mas o sotaque britânico era suficiente para fazer Prophet perguntar: — Cillian?

— Tom está seguro. Pare de lutar comigo e finja estar inconsciente. Eu vou te levar pra fora. Ainda há guardas deixados aqui.

Prophet havia imaginado que não seria tão fácil para ele escapar com Tom - e era exatamente como ele temia. Se Cillian não estivesse aqui...

Mas ele estava. E Prophet aceitaria qualquer ajuda, desde que isso significasse que Tommy ficasse seguro. Ele fechou os olhos, ficou flácido e permitiu que Cillian o pegasse e o carregasse.



Ele ouviu outro guarda chamar Cillian, que respondeu: — Eu o peguei - ele estava desmaiado no corredor. Por que diabos você o deixou chegar tão longe? — Ele fez um sotaque americano muito bom.

O outro guarda argumentou de volta, e então Prophet ouviu um gorgolejar familiar e depois o silêncio.

— O resto deles está no helicóptero, — Cillian disse baixando. Prophet tinha os pés perto do guarda deitado no chão com a garganta cortada. — Eles têm Gary.

Ele olhou para o rosto do homem de cabelos escuros e olhos escuros que era mais alto do que ele esperava, e tão bonito quanto sonhou.

— Me leve para lá.

Cillian o segurou no lugar.

— Esqueça.

— Vamos, cara, você e eu, podemos parar isso.

— Já está feito.

Foi quando Prophet soube que Cillian não estava apenas aqui em uma missão de misericórdia.

— Você manipulou o helicóptero para explodir.

— Sim.

— Você não pode fazer isso.

— Eu tive. Eu faço as mesmas escolhas difíceis que você.

— Não foi culpa dele, — Prophet rosnou. E ainda assim ele sabia que esse era o resultado certo. Afinal de contas, ele vendeu sua alma

duas vezes, fazendo a mesma promessa a Hal sobre Gary que ele havia feito a seu país sobre Hal.

Cillian sacudiu a cabeça, mas o cara entendia. Talvez um pouco bem demais.

— Isso não importa e você sabe disso. Eu não vou deixar você ir. É tarde demais.

Prophet não queria acreditar que isso era verdade. Ele sabia que lutar contra Cillian não o levaria a lugar nenhum. Ele se encostou na parede, mas Cillian ainda não o soltou. Disse: — Você sabe que esta é a coisa certa.

— Seria, mas Gary sabe que fez a coisa errada. Ele está sendo forçado agora.

— Às vezes você não pode tomar de volta suas escolhas, — Cillian disse a ele.

— Eu não acredito nisso. Eu não acho que você acredite, não importa o quão cínico você tente ser.

Cillian respondeu: — Você não quer acreditar nisso, — com uma voz estranhamente gentil, como a mão que tirou o cabelo dos olhos do Prophet. Cillian olhou para o rosto machucado e inchado, depois disse: — Sinto muito, Prophet, — quando a explosão abalou o prédio.

Prophet fechou os olhos, e o aperto de Cillian se afrouxou, mas o homem ainda era a única coisa que o segurava. — Não era culpa dele, — ele repetiu.

Cillian sacudiu-o um pouco, forçando o Prophet a abrir os olhos.

— É culpa dele. E você viveu para lutar outro dia.



— Como você me achou?

— Rastreadores.

Porra, por que diabos todo cara em sua vida o estava rastreando?

— Invasão de privacidade, — ele resmungou.

— E aqui eu pensando que pelo menos teria um obrigado por salvar sua bunda.

Ele encorajou Prophet a se apoiar nele quando começaram a andar pelo corredor. O cara cheirava bem, mesmo com o cheiro metálico de sangue em suas narinas.

— Onde está Tommy?

Cillian olhou para ele.

— Eu te disse, seu parceiro está bem. Ele está com os médicos. Ele está consciente. Eu o tirei primeiro porque achei que você insistiria nisso.

Prophet não discutiu, concentrado em mover um pé na frente do outro, tentando fingir que Cillian não era a única coisa que o impedia de cair no chão de cabeça.

— Para o registro, ele se recusou a sair até que eu tirasse você primeiro. — Cillian disse a ele.

— Como você conseguiu que ele mudasse de ideia?

Um pequeno sorriso satisfeito brincou nos lábios de Cillian.

— Eu dei um soco nele.

— Você o que?



— Relaxe. Estou quase certo de que não haverá danos permanentes.

— Ele vai matar você.

— Como se eu não ouvisse isso todos os dias da minha vida. — Cillian baixou Prophet em uma velha cadeira dobrável de metal ao lado da porta da frente. — Outro helicóptero está chegando em breve. Eu não acho que você esteja em condições de dirigir, então vou me certificar de que seu caminhão chegue em casa.

Prophet observou o rosto do homem enquanto ele verificava Prophet, dedos correndo ao longo de seu rosto e pescoço... sentindo o ombro deslocado.

— Eu posso cuidar disso agora.

Ele tinha feito isso antes. Ele se preparou o melhor que pôde. A dor excruciante fez com que ele parasse de respirar temporariamente. Ele estava ciente de Cillian estabilizando-o, falando com ele... Finalmente, ele soltou um suspiro, e a dor passou do nível de foda sagrada para uma dor suportável.

Com cuidado, ele moveu o ombro para cima e para baixo. Ele estaria dolorido, mas melhor que antes. Cillian levantou uma seringa.

— Remédios para dor?

— Bem.

Cillian fez uma pausa antes de lhe dar a injeção.

— Você não achou que fosse escapar.

Não foi uma pergunta.



— Não percebi que você passou de fantasma para se importar com os outros. — Porra, era muito mais fácil falar com Cillian em mensagens instantâneas sem os olhares curiosos e oniscientes.

— Por que a missão suicida? E não me diga que eu não entenderia. Mas seu parceiro talvez não entenda.

— Ele é um cara legal.

— Eu acredito.

— Então qual é o problema?

— Bons rapazes nem sempre são bons parceiros, Prophet.

— O que aconteceu é apenas outro capítulo.

— E ainda não acabou.

— Não.

— Então, por que morrer agora? — Cillian cutucou quando Prophet ouviu o zumbido das hélices ao longe.

— Eu não estava tentando morrer, — foi tudo o que ele disse. — E ninguém pediu para você vir aqui atrás de mim. Esta missão já estava obviamente no seu radar, então não puxe sua merda de herói comigo, seu filho da puta. Não era sobre mim.

As sobrancelhas de Cillian se ergueram, mas seu rosto ainda exibia uma expressão ligeiramente divertida. E se Prophet pudesse dar um soco nele, ele teria, especialmente quando Cillian disse: — Acredite no que você quer, mas você está errado. Você acha que foi fácil invadir seu computador e todos os seus telefones?

— Provavelmente.

— Sim. Mas esse não é o ponto. Eu arrisquei minha vida vida.



— Você ama isto. Viver essa merda.

— Mais uma vez, também é verdade.

— Está fazendo uma missão na EE?

— Acho que não. Eu tenho emprego. — Cillian olhou para ele. — Eu quero meu sofá de volta.

— Desgraçado. Porra, eu odeio dever as pessoas.

— Eu sei. E você me deve duas vezes.

— É melhor você se apressar e cobrar. Eu não vou deixar essa merda pairar sobre a minha cabeça para sempre.

Cillian riu baixinho, olhou para a frente. O bastardo não estava se comprometendo com uma coisa maldita.

— Você pode fechar os olhos agora, — ele disse ao Prophet.

Ele queria, mas sua experiência de vida se recusou a permitir. Doc o teria sedado ainda mais; Prophet tinha certeza disso. Seu corpo estava latejando - não do tipo bom.

Cillian observou-o com cuidado, finalmente perguntou: — Você quer me dizer o que é realmente isso?

— Não posso.

Cillian aceitou isso com uma facilidade que Tom provavelmente nunca teria. O cérebro de Prophet estava muito abalado para descobrir qual era o melhor caminho, mas com certeza Cillian facilitou as coisas. O fantasma entendia que esta não era sua missão, sua luta.

— Eu vou cuidar disso, — ele disse a Cillian. — Tudo isso.

— Eu não tenho dúvidas. — Cillian ficou de pé. — Espere aqui, vou organizar o que falta.

Ele não se incomodou em discutir. Ele já estava balançando na cadeira.

— Só porque ele facilita as coisas para você não torna tudo melhor, — John disse da sua postura normal. Desta vez, ele estava perto, encostado na parede, examinando a situação e balançando a cabeça. — Você sempre foge das perguntas. Isso foi uma grande idiotice.

— É preciso um idiota para reconhecer outro, — disse Prophet.

— Isso é tudo que você tem?

— Você ... precisa calar a boca, — Prophet disse a John. Ele piscou e ele estava sozinho novamente. E ele estava enlouquecendo. Completamente certificável, e ele esperava que as drogas que Cillian lhe deu fossem as culpadas.



Depois que ele foi conduzido a um helicóptero, Tom observou com os dentes cerrados enquanto Cillian cuidava de Prophet. Seu parceiro parecia um inferno, embora Tom não estivesse surpreso que ele ainda estivesse lutando contra a inconsciência com tudo o que ele tinha. Ele iria cair em breve. E então talvez Tom matasse Cillian. Ou, pelo menos, devolver o favor de um nocaute.

Ele esfregou a mandíbula - estaria dolorida por semanas, embora não estivesse quebrada. Mas isso não foi realmente o que o fez



desmaiar. Enquanto ele estava caído, Cillian usou pontos de pressão para colocá-lo para dormir. O soco foi desnecessário.

Idiota.

— Tudo o que você tinha que fazer era seguir minhas ordens. — Cillian disse por cima do ombro, sem dúvida porque ele sentiu o olhar mordaz de Tom sobre ele.

— Eu não tenho que seguir qualquer ordem sua ou qualquer um dos seus malditos funcionários. Eu não sei quem você é, — Tom gritou de volta.

Cillian se virou então, seus olhos brilhando.

— Eu sou o único com quem Prophet estava falando quando você estava na cama dele. Precisa de mais uma introdução?

— Você precisa deixá-lo sozinho.

— Eu não percebi que você o tinha marcado como seu, — Cillian comentou.

— Ele é meu parceiro.

Tom se afastou quando Prophet abriu os olhos, olhou diretamente para ele e disse:— Tommy?

Tom não pôde deixar de sorrir. Cillian se afastou do helicóptero, o que estava bem para Tom. Ele foi até Prophet, inclinou-se para poder ouvi-lo claramente sobre o rugido do helicóptero.

— Hey, estamos voltando para EE agora.

— Bom. — Seus olhos pareciam fora de foco. — As drogas estão me fodendo novamente.

— Sim, eles também me deram.



O helicóptero estava pronto. Tom se sentou ao lado de Prophet, segurando enquanto o pássaro se levantava e se afastava do armazém. Ele colocou a mão sobre a de Prophet, e eles permaneceram em silêncio durante a jornada até o heliporto de EE. Quando eles pousaram, Prophet recusou a maca que o esperava, em vez disso, pediu para Tom ajudá-lo a sair do pássaro e ir para a enfermaria.

Enquanto eles mancavam ao longo do asfalto e atravessavam a grama em direção ao prédio da EE, Tom finalmente disse:

— Sadiq disse que você escolheria errado. Ele disse que você escolheria errado todas as vezes.

— Ele está errado. Foi tudo uma armadilha de qualquer maneira. Eles não teriam deixado nenhum de nós sair.

Tom não disse nada por mais alguns metros, tentando descobrir o que a escolha de Prophet lhe custara. Ele sabia que Prophet havia feito a escolha errada, mas ele também sabia que nenhum deles se arrependia.

— Então essa é a única razão pela qual você me salvou?

— Armadilha dupla. Não importa o caminho que escolhesse, eu acabaria fodendo alguém.

— O que agora?

— Agora nós dois temos recompensas por nossas cabeças. Bem-vindo ao meu mundo, T. Flutue pelo rio de lixo junto comigo.

De alguma forma, isso acabou sendo o pensamento mais reconfortante do dia.



CAPÍTULO VINTE E SETE

Doc liberou Tom depois de vinte e quatro horas.

— Prophet vai ficar, — foi tudo que Doc disse a ele. — Vá para casa. Descanse. Você vai ouvir de Phil sobre o seu próximo trabalho em breve. Eu vou deixar você viajar em uma semana.

Uma semana para sentar e pensar.

— Eu quero ir mais cedo.

— E eu quero um milhão de broches ilimitados, mas não podemos todos ter a vida perfeita.

— Foda-se você.

Doc riu.

— Eles dizem que você não é oficialmente parte da equipe da EE até que você diga isso para mim.

Tom estava se perguntando se Phil iria mantê-lo depois de tudo isso. Uma coisa era Prophet desobedecer a uma ordem direta, mas Tom era novo e não provado. Não esperava ter o mesmo tipo de margem de manobra, ou qualquer outra, para esse assunto. Ele tinha conseguido mais do que jamais imaginara do ponto de vista da autonomia da empresa, e sabia que tinha tido sorte, talvez pela primeira vez, com um parceiro.

— Você ainda tem um emprego.

— Todo mundo aqui lê mentes? — Tom perguntou, exasperado.



— Sim. Agora vá para casa. Assista a um filme. Pare de pensar. — Doc disse. — Ele ficará bem.

— Ele levou uma surra.

— Ele não quer ver ninguém.

— Qualquer um ... ou só eu? — A não-resposta do doutor era a única que Tom precisava. — Eu não dou a mínima para o que ele quer.

Ele passou por Doc, surpreso e aliviado quando o homem largo o deixou passar. Prophet não pareceu surpreso quando Tom invadiu seu quarto. Ele parecia muito melhor do que a última vez que Tom o viu.

— Ouvi dizer que você está indo para casa, — disse Prophet.

— Sim. — Tom se aproximou da cama. — E você?

— Outra semana, me disseram. É uma merda.

Tom assentiu e perguntou:

— John foi morto antes do vídeo ser feito?

Prophet olhou para ele com firmeza. Por um momento, Tom teve certeza de que ia mentir, mas depois disse:

— Não sei se John está morto. Eu nunca vi um corpo. Foi-me dito que ele morreu durante a tortura.

— E porque você sobreviveu, você acha que ele poderia ter.

— Passei dois anos seguidos AWOL[23], procurando por ele. Sem pistas. Ninguém poderia me dar uma resposta.

[23] Ausência sem Licença Oficial: Um termo usado nas Forças Armadas dos Estados Unidos para descrever um soldado ou outro membro militar que tenha deixado seu posto sem permissão (geralmente em desacordo com uma ordem particular).



— Você parou de procurar?

— Eu mantenho olhos lá fora. Eu continuo quando posso. Mas se ele estiver lá, até eu encontrar um corpo... — Prophet fez uma pausa. — Ele nunca me deixaria para trás.

— Ah, Proph. — Tom o teria puxado para um abraço se ele achasse que o homem iria deixá-lo. Mas Prophet não iria, não agora.

— Obrigado por não me dar essa merda de a culpa não é sua.

— Prefiro apenas ajudar você a descobrir o que aconteceu com John.

Prophet assentiu.

— Cillian está investigando isso para mim. Fora do registro.

Ele olhou para as mãos de Tom, que ele inadvertidamente cerrou a menção do nome do fantasma.

— Tem certeza que é uma boa ideia envolver esse cara e sua equipe?

— Cill trabalha sozinho.

— Você o conhece tão bem? — Tom perguntou, então suspirou. — Ele não estava trabalhando sozinho quando me agarrou.

— Sim, ele disse que havia médicos com você no armazém.

— Houve no começo. Eu acordei um pouco enquanto eles estavam me dando oxigênio e um soro de alguma coisa, então apaguei de novo. Quando acordei pela segunda vez, havia outro cara comigo.

A testa do Prophet franziu-se.

— Como ele se parecia?



— Foi como um borrão. Ele tinha uma calota craniana preta, então eu não conseguia ver o cabelo dele. Olhos verdes. Caucasiano. Não tão alto quanto eu, mas não muito menor. Ele também tinha essa grande vigilância. Parecia caro, mas resistente. Ele não disse nada, mas ele estava me observando. Como um maldito diretor da prisão.

— Nada mal pra quem viu um borrão, — disse Prophet ironicamente. — Você disse alguma coisa sobre isso para Phil?

— Está no meu relatório, sim.

Prophet fechou os olhos.

— Não me preocuparia com isso.

Tom não estava. Porque havia muitas outras coisas para se preocupar, incluindo Prophet.

— Você sabe onde Sadiq está?

— Eu tenho uma ideia.

— Então nós vamos procura-lo quando você estiver bem.

Prophet sacudiu a cabeça.

— Não é uma missão de EE. É minha. Porque não acabou, T. nunca vai acabar, mas pelo menos eu sei o que aconteceu com Chris, e não teve nada a ver com a luta e tudo a ver comigo. — O rosto de Prophet parecia feroz e de alguma forma bonito, gravado com toda aquela raiva.

Tom passou a palma da mão sobre o lençol branco, desejando poder simplesmente pegar a mão de Prophet em seu lugar. Mas ele não fez.

— Segredos são necessários. Eu acredito nisso mais do que ninguém. Mas você ainda vai puxar essa merda em mim, mesmo



agora? Porque Cillian é o único que tem permissão para ajudá-lo? O que eu tenho que fazer, Prophet? O que diabos eu tenho que fazer para —... Ele sufocou a última palavra. — Esqueça. Foda-se.

A testa de Prophet franziu e sua mandíbula se apertou um pouco antes de ele perguntar quase com relutância:

— Você me quer mais porque não quer que ele me queira? — Ele parou quando Tom olhou para ele. — Eu não acho que você possa responder honestamente.

— Foda-se, Prophet. Não me diga como eu posso responder. Você não sabe o suficiente sobre mim. Você pensa que sim, mas está errado.

Prophet apertou os lábios, testa franzida.

— Eu não quero que o que eu perguntei seja verdade, Tommy.

— Acredite no que quiser. — Porque Tom não estava apenas competindo com um fantasma que poderia não ser um fantasma, e também um fantasma que nem estava morto. — Você é cego se não consegue ver o que está acontecendo aqui... — Ele parou de falar quando viu o olhar estranho nos olhos de Prophet e teve um flash de memória que ele simplesmente não conseguia ver claramente, como uma foto subexposta. — O que?

— Nada. Apenas continue sendo cego. Isso é tudo.

— Foda-se, Prophet. E por que sempre voltamos a isso?

— E foda-se mais forte, Tommy.

— Você vai ficar sozinho pelo resto da sua vida.

— Eu sei, — disse Prophet, sem emoção por trás de suas palavras.

— E você merece, porque não é culpa de ninguém, além de você.



— Eu também sei disso. Você pode fechar a porta no seu caminho para fora? — ele perguntou suavemente.

Tom fez mais que isso. Ele bateu com tanta força que quebrou. A equipe da EE parou para ficar olhando por 0,5 segundos, mas depois voltou ao trabalho.

Tom sabia que isso era parte do curso para quem trabalhava com Prophet.

Ele não saiu, no entanto. Ele ficou em um dos quartos vazios até se acalmar. Porque se Prophet estava propositalmente tentando afastá-lo - novamente - por que diabos ele continuava caindo nisso?

Ele se moveu para voltar ao quarto de Prophet, olhou através do pequeno painel de vidro e viu Prophet sentado na beira da cama, recebendo seus gessos novamente. A porta estava parcialmente aberta e Prophet estava realmente quieto. Não quieto e mal-humorado, mas como quieto na escuridão. Tom já podia reconhecer a diferença.

Os braços de Prophet estavam na frente dele, um parcialmente embrulhado já. Doc parou, colocou a mão na parte de trás do pescoço do Prophet. A cabeça de Prophet estava pendurada, e Tom ouviu o médico dizendo: — Respire, então, vou deixar o máximo que puder e vou me certificar de que você possa cortá-los se for preciso. — E finalmente, — Ninguém poderá te prender de novo.

Ele não tinha ideia do que Doc estava falando, mas obviamente, Prophet tinha problemas maiores do que ele imaginava. Principalmente porque Prophet havia passado tanto tempo cuidando dele que Tom apenas começou a perceber quão profundamente as feridas de Prophet iam. Depois de alguns minutos, e justamente quando Tom ia entrar na

sala, Doc deu um abraço com um braço em Prophet e a barriga de Tom se contraiu de ciúmes.

Mas era mais que isso. Prophet só deixava algumas pessoas se aproximarem dele, e aqueles homens eram suas muralhas, sua fortaleza. Ele os usava para manter as pessoas fora, e isso não iria mudar tão cedo.

Tom se afastou e ele não olhou para trás.



Doc estava babando ele novamente e Prophet o deixou, porque ele não podia colocar os gessos sem ele. O fato de que o ataque de pânico que ele deveria ter tido durante sua captura tivesse acontecido aqui, em vez disso, era uma boa notícia para Prophet. Melhor ainda para Tom.

— Seu parceiro está preocupado com você, — disse Doc.

— Bom para ele. — Prophet virou-se e estremeceu. O IV estava emaranhado em volta do peito, era difícil se mover com o gesso e a ferida de bala do mesmo lado do corpo - e tudo isso para nada.

Ele falhou com sua promessa a Hal. E essa promessa significava tudo. Às vezes parecia que aquilo era tudo o tinha restado.

— Você é realmente muito perigoso quando está quieto. Você sabe disso, certo?

— Sim.



Ele conhecia o doutor desde os dias da marinha. Mesmo que eles nunca tivessem trabalhado juntos como agentes, Prophet tinha muito respeito por alguém que reconheceu que seus próprios ferimentos (braço e ombro) eram extensos o suficiente para colocar seus companheiros de equipe em risco e desistir. Agora Doc ministrava aos agentes, dizendo-lhes como e quando os ferimentos poderiam afetá-los. Incitando-os a pensar em opções, maneiras de usar seus conhecimentos em vez de se machucar além do reparo.

— Você sabe que ele nos viu, certo? — Doc perguntou.

— Sim.

— E você quer deixá-lo com a impressão de que você e eu estamos transando?

Prophet deu de ombros. A coisa toda tinha tirado muito dele - até mesmo Doc sabia disso, e foi por isso que ele parou de empurrar a questão.

— Eu o deixei entrar.

Doc não exigiu mais informações. Para a maioria, deixar alguém entrar era bom. Para Prophet, nem tanto. Ele fechou os olhos e os viu juntos, enrolados nos lençóis. O peso de Tom sobre ele. Tom, sussurrando seu nome, depois gritando.

— Você entendeu mal, — Doc disse.

— Cale-se.

E Doc fez, até que os gessos estavam no lugar.

— Eu vou te dar um minuto. Então Phil quer ver você.



Ele assentiu. Colocou a cabeça de volta no travesseiro, sentiu como se estivesse quebrando, do jeito que ele tinha quando estava com Tommy na cama, com a respiração forçada para fora dele, os olhos rolando para trás, tudo se desfazendo até que ele sabia que nunca seria capaz de ficar inteiro novamente. Não que ele estivesse antes, de qualquer maneira.

Teria sido realmente tão bom assim? Confortável? Na verdade, não.

Mas ele não ia ser aquele homem quebrado por muito mais tempo. Ele não tinha escolha no assunto.

Você poderia desistir de sua missão agora. Fazer a sua escolha novamente.

Mas não era apenas sua decisão a tomar.

Phil entrou, parecendo sombrio.

— Você está bem?

— Eu vou ficar.

— Bom.

Prophet esperou por mais, porque sabia que desobedecia às ordens de Phil com demasiada frequência - e se safara com isso com mais frequência do que qualquer um tinha direito. Pelo menos a limpeza do armazém e o helicóptero explodido foram de Cillian, de modo que não voltaria para a EE. Mas de alguma forma, Prophet sabia que não confortaria muito seu chefe.



Phil estava olhando para ele. Ele fez o melhor que pôde para não desviar o olhar, imaginando quantos jovens fuzileiros haviam quebrado e chorado por sua mãe na vida de Phil.

Quando o homem falou novamente, seu tom era mais duro do que havia sido momentos antes.

— Você quase conseguiu um agente morto.

— Ele me seguiu.

— Em uma missão não autorizada.

— Isso fazia parte da missão de Chris, — disse Prophet.— Não há como rastrear o que aconteceu naquele armazém para a EE.

— Isso você sabe.

— O que você quer, Phil? Minhas bolas em uma bandeja?

— Eu quero que você me mantenha informado, droga.

Ele assentiu em vez de fazer promessas que não podia cumprir.

— E você estava de licença médica. Espero que você não assuma outros trabalhos durante o período em que estiver sob cuidados médicos.

Prophet assentiu novamente.

— E agora, você está oficialmente de licença médica. Novamente.

Prophet cerrou os dentes e assentiu, porque era infinitamente mais seguro do que abrir a boca.

Phil baixou a voz.

— O que diabos aconteceu realmente, Prophet? O que realmente está acontecendo?



— Muita merda.

— Você sabe quem matou Chris.

— Sim. — Ele estremeceu internamente quando disse: — Danos colaterais. — Sabia que Phil entenderia que ele não quis dizer isso insensivelmente.

Phil entendeu, mas ele provavelmente estava mais cansado disso do Prophet já tinha visto. E quando Prophet abriu os olhos, notou que os músculos do pescoço de Phil estavam tensos, como se ele estivesse se esforçando muito para permanecer sob controle.

— Eu não sei o que diabos está acontecendo, Prophet, mas se eu vou confiar em você para liderar este lugar, você vai precisar deixar sua cabeça muito mais limpa do que isso.

Prophet não confiava em sua voz, mas Phil não parecia querer uma resposta.



CAPÍTULO VINTE E OITO

Prophet permaneceu na enfermaria por mais dois dias. Doc relutantemente o soltou, com novos gessos nos pulsos, mais apertados, e seus braços doíam, o mesmo com as costelas e a cabeça dele, mas ele fingiu que estava completamente bem só para ir para casa.

Tudo estava quieto aqui. A codificação de luzes no sistema de vigilância de Cillian deixou-o saber que o fantasma deixara o prédio de novo.

Ele ficou aliviado e ligeiramente desapontado.

Ele entrou nas mensagens instantâneas e encontrou uma mensagem de dias antes.

Eu tenho as informações necessárias.

Os dedos de Prophet congelaram acima das teclas. Ele se abaixou na cadeira e apenas olhou para aquelas palavras até que elas ficaram embaçadas. Finalmente, ele digitou:

Diga-me.

Ele só teve que esperar meia hora pela resposta.

Desculpe, na estrada. Eu tenho provas de DNA.

Você encontrou um corpo?

Não houve resposta para isso. Prophet digitou:

Quanto tempo?

Tanto quanto o legista pode dizer, ele morreu naquela prisão como eles lhe disseram. Você pode parar de se preocupar agora.



Sim, como se isso fosse acontecer. Quem encobriu isso?

Você está fazendo perguntas que sabe que não posso responder. Pare.

Prophet bufou. Era ridículo como dizer para fazer sua teimosia sumir. Ele cavaria até o fundo disso. Ele não tinha escolha.

Ele também não tinha como saber se Cillian estava dizendo a verdade, mas o que o cara teria a ganhar mentindo?

Todo mundo tem algo a ganhar mentindo, Proph. As palavras de John ecoaram em seus ouvidos. E pela primeira vez, o fantasma de John estava no local.

Prophet iria jogar junto. Ele digitou para Cillian: **eu te devo**.

Eu sei. E eu gosto de colecionar favores.

Foi só então que Prophet notou que o sofá estava de volta no meio de sua sala de estar. Filho de uma ... **Por que diabos você brigou por isso no depósito em vez de me dizer que foi você que o trouxe?**

Queria ver do que você era feito.

Alguma coisa te surpreende?

Você é exatamente o que eu esperava.

E isso é bom ou ruim?

Houve uma longa pausa e depois Cillian digitou: **Melhor.**

Prophet riu alto até perceber que o cara estava falando sério. Ele tamborilou os dedos na mesa à sua frente, sem saber o que dizer em seguida.



Como se Cillian sentisse isso, ele continuou: **acho que colocaremos o sofá em bom uso quando estivermos na cidade ao mesmo tempo.**

Os pensamentos de Prophet se voltaram para Tommy, e ele amaldiçoou em voz baixa. E então ele digitou, **eu vou cobrar isso** e fechou o notebook como se isso fosse apagar as provas. Ou o fato de que Cillian o intrigava mais do que ele queria admitir.

Para alguém que não queria se envolver com ninguém, ele certamente estava envolvido como o inferno. E ele ainda não sabia a decisão de Tom sobre um parceiro. Não que ele fosse a qualquer lugar em breve - não que isso importasse. Não depois do que acabara de acontecer...

Ele apertou os punhos em torno de seus gessos enquanto pensava sobre esta manhã. Ele terminou com Doc, depois se encontrou com a psiquiatra da empresa, que lhe perguntou sobre como ele iria lidar com o tempo livre.

— Como você lidará com isso diferentemente de sua última licença médica, — Sarah corrigiu. — Por exemplo, você pode aproveitar esse tempo para atualizar sua papelada.

— Por que você tem que me machucar tanto?

— É muito divertido. — Ela sorriu, então ficou sóbria. — Prophet, isso é sério. Phil quer você de volta lá fora, mas...

— Deixe-me adivinhar, você não pode me liberar.

— Não, não posso.

— Por que isso?

Ela sentou-se e olhou para ele.



— Até que você possa me dizer, você definitivamente não vai voltar lá.

— Lidar com um psiquiatra é pior do que uma negociação de reféns, — ele disse a ela, então ele parou no escritório de Phil para ver se ele poderia convencê-lo a sair dessa merda de licença. E esse provavelmente foi seu maior erro.

— Pensei que você tivesse dito que não existem erros na vida, apenas oportunidades. — O fantasma de John zombou dele agora do outro lado da sala.

Prophet fechou os olhos para bloqueá-lo, e sua última conversa com Phil se repetiu, do jeito que estava fazendo o dia todo.

— Você está de licença médica até que eu diga o contrário, — Phil tinha começado no segundo que Prophet tinha entrado.— E só para ficar claro - você receberá um novo parceiro, não porque você pediu ou forçou o assunto, mas porque Tom não deveria tem que lidar com um idiota totalmente não profissional por mais um dia.

Prophet sorriu como se não desse a mínima, mas as palavras de Butler o cortaram rápido. Além disso, elas caíram em cima de sua consciência já muito culpada.

— Nunca é necessariamente de mais ninguém, — ele disse cuidadosamente.

— O que você está dizendo?

Ele queria que Phil fizesse a escolha por ele, mas Phil era esperto demais para isso, não daria a Prophet essa satisfação.

— Estou dizendo, estou cansado de sempre ser a minha escolha.



Phil assentiu devagar.

— Bem, então, mesmo que eu não esteja dando a você, eu vou deixar você saber qual é a escolha de Tom.

— Sim, você fará isso, — Prophet murmurou com um encolher de ombros. Assim que ele fez isso, ele sabia que tinha ido longe demais. E a pior parte era que ele não achava que dava a mínima.

O ar no quarto mudou em uma fração de segundos. Phil estava de pé, segurando a mesa com tanta força que Prophet pensou que a madeira ou os dedos do homem iriam se quebrar.

— Sempre tem que empurrar isto, certo, Prophet?

— Eu faço.

— Você acha que eu não sei você está fazendo todo o possível para evitar a liderança deste lugar? Porque nós dois sabemos as circunstâncias em que você estará. Eu cheguei a um acordo com isso.

— Bom pra você, Phil. — Prophet não tinha percebido quanto veneno o tom dele tinha até que Phil deu um passo para trás, como se tivesse sido esbofeteado. Mas Prophet não pôde parar. — Estou feliz que você tenha aceitado minha doença como algo que vai me tirar do campo por um tempo. Mas até lá, tenho trabalhos a fazer.

— Não aqui, você não tem.

Prophet olhou para ele.

— Você vai. Você faz o que quer e depois volta. Esta última missão, você não quer me dizer o que aconteceu, seu relatório é ruim e incompleto, e a história de Tom é pior. E sim, eu sei quem mais apareceu naquele armazém - Tom pode não saber quem era, mas eu sei.

— Eu não pedi a King para ir lá - isso não tinha nada a ver comigo.

— Nunca pede, Prophet, — Phil disse, e sim, isso doeu pra caralho. — O que aconteceu, não acabou. Mas o seu trabalho aqui sim. Esqueça o que eu disse antes e considere isso uma licença indefinida.

"Foda-se, Phil", era o que ele queria dizer, mas o olhar em seu rosto deve ter dito tudo, porque Phil se abrandou.

— Prophet...

Mas Prophet tinha terminado. Ele deu tudo para Phil. Tudo. Mais uma vez, ficou provado que ele era demais para qualquer um, pelo menos por longos períodos.

Ele levantou a mão para impedir que Phil dissesse mais alguma coisa, tirou sua carteira de identidade da carteira e estendeu a mão para o homem, desafiando-o a pegá-la.

— Acabei.

Depois do que pareceu uma eternidade, Phil pegou o cartão dele, mas depois disse:

— Prophet, espere...

Mas Prophet tinha saído pela porta antes que ele pudesse ouvir qualquer outra coisa.





Phil Butler ligou para Tom cinco dias depois de ele sair da enfermaria. Cada minuto desses cinco dias sem fim e chatos, ele teve que se forçar a não chamar Prophet. Agora, de pé no escritório de Phil, seu estômago estava apertado. Ele meio que esperava ver Prophet aqui.

— Por favor sente-se.

Tom fez.

—Prophet está em casa.

— Ok.

Butler olhou para ele.

— Você se apegou.

— Você parece surpreso.

— Embora a maioria concorde que ele é um homem bom de se ter ao seu lado e nunca solicitassem uma mudança, eles sempre ficam aliviados quando ele segue em frente.

Tom digeriu isso por um segundo.

— Ele não quer nenhum parceiro a longo prazo.

— Não.

— Alguma razão em particular?

— Você teria que perguntar a ele.

O que significava que havia uma razão. Sempre houve. Tom teve que decidir o quão profundamente cavar.

— Quando você me colocou com Cope, isso foi um teste, certo?

Phil assentiu.



— Queria ter certeza de que vocês dois se davam bem.

— Não importava com Prophet.

— Ninguém se dá bem com Prophet.

— Então por que se preocupar em tentar?

— É uma questão de sobrevivência.

Tom sabia que Phil não iria elaborar sua declaração enigmática, então ele não se incomodou em perguntar. Porque a pergunta na mente de Tom era sobrevivência de quem, dele ou de Prophet? E no final, isso realmente importava?

Saia enquanto pode. Enquanto Prophet ainda pode.

Talvez Prophet tivesse razão em não ficar com nenhum parceiro o tempo suficiente para causar qualquer dano.

Dano permanente. Ele teve sorte, e ele nunca tinha pensado sobre si mesmo e com sorte na mesma frase, mas quando ele olhava para Prophet, ele não pode deixar de se perguntar se sua sorte estava prestes a mudar.

Phil colocou duas pastas na mesa na frente de Tom.

— Duas missões, — ele disse.

Tom olhou para os nomes nas pastas. Um era Prophet, o outro Cope. E aqui estava a escolha que Phil queria que ele fizesse semanas atrás, antes de fugir e se meter com Prophet na missão que não foi sancionada.

— Eu entendo por que você foi atrás de Prophet, — Phil disse a ele quando ele entrou pela primeira vez na enfermaria de EE com a maca de



Prophet ao lado dele. — Eu entendo a lealdade. Eu procuro isso em todos os operativos que emprego.

Agora, Tom engoliu em seco ao pensar em Prophet, imaginou-o pendurado pelos pulsos, os flashes dele do vídeo, o sorriso feroz. A maneira como ele dizia o nome de Tom quando ele gozava.

Não é como se você nunca fosse vê-lo novamente. Vocês apenas não serão mais parceiros, o que significa que Prophet estará seguro.

E depois de um momento de deliberação, ele pegou a pasta de Cope. Phil assentiu, como se ele entendesse.

— Boa escolha.

E era, por amor a Prophet.

Porque você não pode fazer sua própria sorte. Você nascia com ela ou não.

FIM



SOBRE A AUTORA

Eu estou tendo um ótimo tempo trabalhando nesta série com Riptide, então primeiramente eu tenho que agradecer a fabulosa Sarah Frantz pelo seu chute na bunda (e sim, há um duplo significado), sua visão brilhante e infinita paciência e por amar o livro tanto quanto eu. O mesmo vale para Rachel Haimowitz e o resto do time Riptide - sou uma escritora sortuda por estar trabalhando para editoras, autores e artistas tão grandes e dedicados.

Como sempre, para os meus incríveis leitores, por virem para o passeio, por me darem seu tempo, confiança e entusiasmo para cada novo lançamento. A série Hell or High Water começou com Prophet, um personagem que não parava de aparecer na minha cabeça e nos meus outros livros. Quando o apresentei a Tommy, percebi que esses homens - e seu relacionamento - eram muito maiores do que qualquer outro livro poderia fazer justiça. Não teria sido justo para eles, ou para meus leitores, não tentar. A série será um passeio selvagem, mas por favor, tenha uma coisa em mente - eu escrevo romance. Eu escrevo esse gênero em particular por muitas razões, a mais importante das quais é que eu acho que todo mundo merece um final feliz, não importa o quão difícil o caminho possa ser.

E para minha família, por sempre apoiar meus sonhos mais loucos. Eu nunca posso agradecer o suficiente.



SE Jakes escreve m / m romance. Ela acredita em finais felizes e luta pelo que quer na ficção e na vida real. Ela mora em Nova York com sua família e na maioria dos dias, ela pode ser encontrada feliz escrevendo (na cama).